CPAD

A CAUSA DENTRO DE VOCÊ

Encontrando seu grande objetivo nesse mundo



MATTHEW BARNETT

CPAD

A CAUSA DENTRO DE VOCÊ

Encontrando seu grande objetivo nesse mundo



MATTHEW BARNETT

A

CAUSA

DENTRO DE VOCÊ

A

CAUSA

DENTRO DE VOCÊ

Matthew Barnett

com George Barna

Traduzido por

Luís Aron de Macedo

1ª Edição



Rio de Janeiro

2012

Todos os direitos reservados. Copyright © 2012 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: The Cause within You

Tyndale House Publishers, Carol Stream, Illinois, EUA

Primeira edição em inglês: 2011

Tradução: Luís Aron de Macedo

Preparação dos originais: Elaine Arsenio

Capa: Wagner Almeida

Projeto gráfico e editoração: Fagner Machado

CDD: 248 - Vida Cristã

ISBN: 85-263-0380-5

eISBN: 978-85-263-1157-2

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 30.401 - Bangu - Rio de Janeiro - RJ

CEP: 21.852-002

1ª edição: Outubro 2012

Tiragem: 3.000

Dedicatória

Gostaria de dedicar este livro ao meu Senhor e Salvador Jesus Cristo, que inspirou esta causa; à minha deslumbrante esposa, Caroline; meu "anjo" Mia; meu pequeno companheiro, Caden; à família Barnett e à maior geração de causa-motivadora de voluntários no Centro dos Sonhos. Eles estão mudando o mundo.

Agradecimentos

MATTHEW gostaria de agradecer às seguintes pessoas:

Ao incrível George Barna, que passou horas e horas me ouvindo divagar sobre a minha causa, enquanto sorria o tempo todo e ouvia com muito interesse. Seu desejo de recompilar essa história desde o início, fazendo giros incessantes pelo Centro dos Sonhos e entrevistando pessoas, evidenciou claramente que este não era apenas um livro para você, leitor. É uma missão de vida, um reflexo de valores fundamentais.

À minha linda esposa Caroline, que está mais entusiasmada por esta causa do que eu e irradia mais amor do que ninguém jamais compreenderá. Você balançou meu mundo quando veio ser voluntária e derramar seu coração para as pessoas das ruas. Amo você!

Aos meus filhos pequenos Mia e Caden, por sempre virem correndo pela casa quando chego em casa e gritaram: “Papai, papai!”. Amo vocês, meus filhos! (Façam o favor de serem maravilhosos assim quando ficarem adolescentes!)

Ao meu irmão Luke, o mais dinâmico construtor de igreja e o meu melhor amigo! Um dia, terei a revanche da minha vida e vencerei você no golfe.

À minha irmã Kristie, minha outra melhor amiga, cuja energia e entusiasmo pela vida pode ser sentida a quilômetros de distância. Você mostra a todos nós como ter uma vida cheia de vida.

À minha mãe Marja Barnett, a mais legal mãe de todos os tempos. Lembra-se quando costumava visitar casas comigo e meus amigos para alugarmos? Você sempre foi a mais doce e descolada mãe de todas e nunca deixou de orar por mim.

Ao meu pai Tommy Barnett, que andou comigo pelo fogo todos os dias no

Centro dos Sonhos. Você sempre será “o padrinho do Centro dos Sonhos”.

Aos maravilhosos membros do Templo dos Anjos, igreja que dirijo e a mais animada congregação conhecida pela humanidade. Agradeço a Deus por vocês sempre estarem prontos a começar outro ministério. E sou grato à família Quadrangular por investir na reforma do templo.

Aos voluntários de um ano, aos voluntários de uma semana, às pessoas que aos milhares deram a vida para viver em um antigo hospital e levantar-se todas as manhãs para pagar o preço de servir.

Ao meu assistente Todd. O que posso dizer? Você é o nerd que preciso na minha vida para fazer as coisas. E você é o radical que encontrou a causa dentro de você.

A Esther Fedorkevich, você se arriscou comigo ao representar este projeto. Você é absolutamente a melhor!

À família Tyndale: Uau, vocês não só acreditaram neste projeto, mas sua equipe veio do outro lado do país para servir aqui com a gente! Que organização de classe.

A Michael e Dru Hammer, obrigado por oferecerem generosas doações que literalmente pagam para que centenas de pessoas voltem a ter o rumo certo na vida, especialmente através do seu custeio para a reforma da Torre Hammer. Vocês são uns anjos!

A toda a diretoria da Fundação do Centro dos Sonhos. Vocês são as pessoas mais generosas do planeta!

A todos os meus amigos em recuperação que estão a caminho das vinte e quatro horas de vitórias continuadas: Prossigam! A todas as famílias sem-teto no Centro dos Sonhos. A todos os adolescentes que estão em recuperação. Aos meninos e meninas que estão no Movimento: todos vocês são absolutamente incríveis!

A cada doador que acredita nesta causa. Dê uma olhada agora, dezesseis anos depois, e veja que não estamos parando!

E há mais...

GEORGE é grato:

A Matthew Barnett, pela disposição em trabalhar comigo, pela paciência com o processo trabalhoso, pela generosidade de espírito e por tudo que você faz. Aprendi muito com você durante esta jornada sobre liderança, ministério, relacionamentos, confiança e fé. Deus usou você e seu pessoal para intensificar minha própria transformação.

À minha família, por fazer o máximo para evitar a caverna, na qual eu estava sequestrado durante as duas semanas intensas enquanto escrevia. Vocês podem estar acostumados com este exercício de escrita após quarenta e seis livros todos esses anos, mas isso não torna mais fácil para vocês. Obrigado pela paciência, sacrifício, orações e amor contínuo.

À minha família editorial na Tyndale, por verem a importância deste livro e movimentar-se sem demora para o início de sua produção. Jan Long Harris, obrigado pelas viagens de avião para se juntar a nós no Centro dos Sonhos e, depois, a San Diego para se encontrar com Matthew e comigo enquanto estabelecíamos as trajetórias do livro. Doug Knox, obrigado por arranjar tempo de seu horário apertado, apesar da inconveniência, e vir de avião ao Centro dos Sonhos para certificar-se de que esta história chocante é verdadeira. É incrível, hein? Obrigado por acreditar. E a todos os demais integrantes da equipe, essas dezenas de pessoas que nunca recebem muito crédito, mas que fazem grande parte do trabalho nos bastidores. Muito obrigado pela parceria de vocês neste projeto.

A Esther Fedorkevich, minha agente e grande amiga, este livro ainda seria uma ideia sobre a qual eu falaria em todas as reuniões, se você não o tivesse promovido à realidade. Obrigado pelo apoio e incentivo e por fazer as coisas acontecerem. Agora você pode desarrumar as caixas em Austin...

Aos meus bons amigos que oraram por mim ao longo deste projeto, leram partes do manuscrito, opinaram e me incentivaram de inúmeras maneiras. Este grupo inclui (mas não se limita a) Terry Gorka, Steve Russo, Sharon Leavitt e David Kinnaman, e meus colegas do Grupo Strategenius: Connie DeBord, Robert Hawkins e Joel Tucciarone.

Às dezenas de pessoas que entrevistei, mandei e-mail, telefonei e geralmente incomodei para obter informações sobre a causa dentro de vocês e como o Centro dos Sonhos os ajuda (e outros) a otimizá-la. Sou grato pela franqueza, honestidade e tempo.

A Marcia Zimmerman e Jan Schuhmacher, que prontamente e com precisão providenciaram transcrições das conversas, partilhando comigo o prazo tresloucado. A ajuda de vocês foi inestimável. Obrigado por estarem à altura para a ocasião.

À Cameron e Mariela Hubiak, que me apresentaram ao Centro dos Sonhos, Adote um Quarteirão, e todas as coisas incríveis que acontecem no Centro dos Sonhos em Los Angeles. Que Deus abençoe vocês dois por abrirem as portas e os meus olhos, e pela fidelidade a Deus.

A Jesus Cristo, que não apenas me salvou, mas também abriu o caminho para eu buscar a causa dentro de mim por meio da escrita de livros como este. Graças lhe dou por responder numerosas orações em relação a este livro. Matthew e eu recebemos os créditos da autoria, mas oramos para que Tu recebas a glória!

Prefácio

EXISTEM TRÊS COISAS QUE você precisa saber sobre o meu filho Matthew.

A primeira coisa é que cada dia, cada oportunidade, cada nova pessoa que ele conhece o deixa empolgado. Nunca vi ninguém amar mais a vida do que ele. Ele mal pode esperar para se levantar de manhã. Por causa disso, as pessoas gostam de estar perto dele. Ele é como o flautista de Hamelin, distribuindo alegria, por onde quer que vá. Sempre está incentivando as pessoas por meio de sua atitude positiva.

A segunda coisa é que ele pode manter mais bolas no ar ao mesmo tempo, e o faz bem, do que qualquer pessoa que conheço. Basta dar uma olhada no Centro dos Sonhos, um ministério na região área pobre do centro da cidade que oferece incrível quantidade e variedade de programas. Contra toda a probabilidade, um rapaz de vinte anos de idade começou na obra, porque permitiu que Deus trabalhasse por meio dele. Hoje, porque persevera com o mesmo espírito, Matthew mantém todos os programas em andamento e obtém êxito.

A terceira coisa é que ele tem um espírito generoso. Matthew é a pessoa mais mão-aberta que conheço. Não só é liberal com o seu tempo e encorajamento, mas em nível prático não pode carregar muito dinheiro consigo, porque no momento em que chega para onde vai, ele já deu tudo para as pessoas necessitadas que encontrar pelo caminho!

Agora me deixe perguntar: Não seria esse o tipo de vida que você quer viver? A ideia de toda essa paixão e propósito o empolga? Quer que as pessoas falem sobre você desse jeito? Isso é mais do que possível; é o sonho de Deus para você.

A razão de Matthew viver dessa maneira é porque é impulsionado pela causa especial que Deus plantou dentro dele. Quando vê alguém com uma necessidade, se sente chamado para atendê-la. Foi assim que ele construiu o ministério Centro dos Sonhos, sobre o qual você lerá neste livro. No Centro dos Sonhos, seguimos

o exemplo de Jesus de encontrar uma necessidade e atendê-la, encontrar uma ferida e curá-la. Jesus edificou sua igreja curando, ajudando e alcançando pessoas. Então, quando Matthew vê um sofrimento, ele não desanima. Vê como grande oportunidade de fazer algo para Deus.

Se há algo que posso lhe dizer com certeza é: todo mundo tem de ter uma causa se deseja ser feliz na vida. Você precisa de algo que o faça querer acordar de manhã, animado, pronto para enfrentar o dia. Matthew é assim, porque descobriu a sua causa, a qual é o que lhe dá o prazer de viver. Se você vive para algo que não é a sua causa, talvez realize seu sonho, mas se sentirá iludido, como quem teve uma decepção. A diversão está na escalada, na busca de sua causa. E a razão por que a causa move a sua vida é que a causa nunca acaba. Você sempre terá algo para dar. Então, se a felicidade para você é palmas para cima, ou seja, vivendo somente para o que você recebe, então só será feliz no seu aniversário e no Natal. Mas se você tem uma causa, a felicidade é palmas para baixo, ou seja, o que você pode dar para as pessoas, porque sempre haverá necessidade.

Matthew descobriu sua vocação em tenra idade. Deixe-me dizer, no entanto, se você estiver sentindo o ímpeto de descobrir a sua causa, o que quero lhe dizer é que nunca é tarde demais. Vejo isso o tempo todo na minha igreja. Você segue vivendo a vida e, então, recebe um tapinha nas costas, um estímulo, dizendo que talvez Deus esteja lhe dirigindo para tomar outro caminho. Pode ser que você seja bem-sucedido em suas atividades de trabalho. Talvez tenha uma boa renda e esteja muito bem de vida, mas descobre que isso não ameniza a coceira em seu coração. Garanto que pode ter mais a contribuir para a sua causa do que até mesmo alguém que, desde jovem, sabe por que causa vive. Vejo pessoas idosas começando a exprimir suas causas mais tarde na vida. Em muitos casos, têm muito mais qualificações do que alguém como eu que entrei diretamente no ministério. Têm paixão, ânimo, habilidades profissionais e, o mais importante, a frescura que vem com ter um novo começo.

Deixe-me contar uma história sobre Matthew e eu que mostra como é perfeito o funcionamento do plano de Deus. Veja como ele nos coordena para estarmos exatamente onde ele quer que estejamos, ou seja, no centro de sua vontade, expressando nossa causa.

Quando os líderes da minha denominação me abordaram com a sugestão de abrir um ministério pioneiro em Los Angeles, disseram que não havia nada lá, exceto um sonho. Esperavam que eu pastoreasse o Templo Betel, uma pequena igreja

histórica da denominação, de forma que voltasse a ser saudável. Quando me pediram que orasse acerca da oportunidade, já me encontrava impossibilitado de dizer exatamente não! E secretamente, o meu coração saltou dentro de mim. Não lhes contei, mas quando eu tinha vinte anos de idade e estava a caminho para o Templo Betel, a fim de realizar um reavivamento, passei de carro em frente do Templo dos Anjos. Tive a forte sensação, a qual creio que foi inspirada pelo Espírito Santo, de que um dia eu seria pastor de uma igreja ali por perto. Escondi esse sentimento em meu coração todos esses anos.

Quando decidi aceitar a oportunidade, sabia que precisava de alguém com quem trabalhar. Comecei a conversar com candidatos em potencial. Eram muito efusivos ao telefone, mas quando iam a Los Angeles para ver a região em ruínas onde estariam ministrando, de repente mudavam de ideia.

Agora, um dos meus mais conhecidos sermões na época intitulavase “O Milagre em Casa”. Estava baseado na ideia de que tudo que você precisa para construir uma grande igreja está em sua casa. E um dia, um irmão em minha igreja que sabia que eu estava à procura de um companheiro de ministério disse:

— Pastor, é tolice! Você está procurando e procurando a pessoa certa para ajudá-lo quando o milagre está dentro de sua casa!

— Matthew é apenas um menino de vinte anos — retorqui.

— Sim, mas já ouvi você pregar: “Não desprezem a juventude de uma pessoa”.

Odeio quando usam a minha própria pregação contra mim.

Depois que outros irmãos me abordaram com o mesmo conselho, e depois de muito pensar, pedi que Matthew se juntasse a mim em Los Angeles como co-pastor. Ele aceitou. E o Templo Betel mais tarde se fundiu com o Templo dos Anjos. Mas o que Matthew não me contou, o que eu não soube senão anos mais tarde, foi isto:

— Quando eu tinha dezesseis anos — contou-me ele por fim —, eu estava olhando as estrelas um domingo depois do culto. Enquanto orava, o Senhor colocou em meu coração que aos vinte anos de idade eu estaria pastoreando uma igreja em Los Angeles.

Olhei para ele, chocado. Eu não fazia ideia de que ele desejasse ir para Los

Angeles, e com essa idade, ele não sabia de minha chamada para o Templo dos Anjos.

— Não quis lhe dizer isso em um primeiro momento, pai, para não influenciar sua decisão de me pedir para ir. Eu sabia que Deus teria de ser o único a dizer, não eu.

E ele disse. E você está prestes a saber o que aconteceu por conta disso.

O mais importante é que você aprenderá como descobrir a causa que Deus tem para você, assim como Deus dirigiu Matthew para as pessoas em Los Angeles nas áreas pobres do centro da cidade que precisavam de esperança e cura. Faça assim para construir uma vida: encontre pessoas com necessidades para atendê-las, e você verá o quanto isso deixa você feliz. Viva vicariamente através delas. É a mais alta forma de vida, porque dá um pouco de algo que você quer para que outras pessoas tenham um monte dessa mesma coisa. É o que Matthew tem feito. Ele deu um monte de sua vida para que um monte de pessoas pudesse transformar a vida que vive.

Leia este livro e descubra qual é a sua causa. Confie em mim: saber disso vai lhe revolucionar a vida.

Pastor Tommy Barnett

Primeira Assembleia de Deus em Phoenix

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

1. Uma Noite nas Ruas

2. Achados e Perdidos em Los Angeles

3. Comemoração na Calçada

4. A Razão para Sair da Cama

5. Descobrindo a Causa para toda a Vida

6. Não Deixe nada em seu Caminho

7. O Poder de uma Atitude Adequada

8. Faça Acontecer

9. Forme sua Equipe para Mudar o Mundo

10. A Hora Certa de Desistir

11. Os Prazeres de Realizar a sua Causa

Qual É a Única Grande Causa para a qual Você Foi Criado?

Guia de Debate

Passagens Bíblicas Relacionadas

Notas

Sobre os Autores

Capítulo 1

UMA NOITE NAS RUAS

ALGO ME ACORDOU. LUTEI para abrir os olhos. Meu ambiente lentamente entrou em foco. Estava escuro, com raios de luz mortiça ao lado que mal penetravam minha visão periférica. Ouvi barulhos indistintos nas proximidades, uma espécie de murmúrio baixo vindo de alguns metros de distância. E senti uma presença. À medida que as coisas entravam em foco, descobri que alguém estava olhando bem nos meus olhos. Recuei a cabeça e percebi que não era uma pessoa — era uma coisa.

Semicerrei os olhos para aclarar a imagem e percebi que era um gato. Não, espere, era um... rato. Um rato do tamanho de um gato! Extremamente grande. Seus olhos estavam talvez a uns dez centímetros do meu, os bigodes ainda mais perto. Exceto pelo movimento de suas narinas enquanto catalogava o meu cheiro, estava perfeitamente imóvel, estudandome com hostilidade óbvia.

Agora eu estava acordado, consciente de onde eu estava e o que estava acontecendo. Lembrei-me de ter colocado cuidadosamente o meu grande pedaço de papelão na calçada deste beco, talvez uns vinte minutos atrás, esperando ter uma hora de sono tranquilo nas ruas de Los Angeles. Que horas eram? Quatro, talvez cinco horas da manhã? Uma série de gemidos desarmoniosos enchiam o ar. Vinha dos outros moradores de rua deitados mais acima no beco, fazendo o melhor que podiam para conseguir dar um cochilo. Cochilei por alguns minutos antes que este roedor dentuço invadisse meus três metros quadrados de meu bem imóvel.

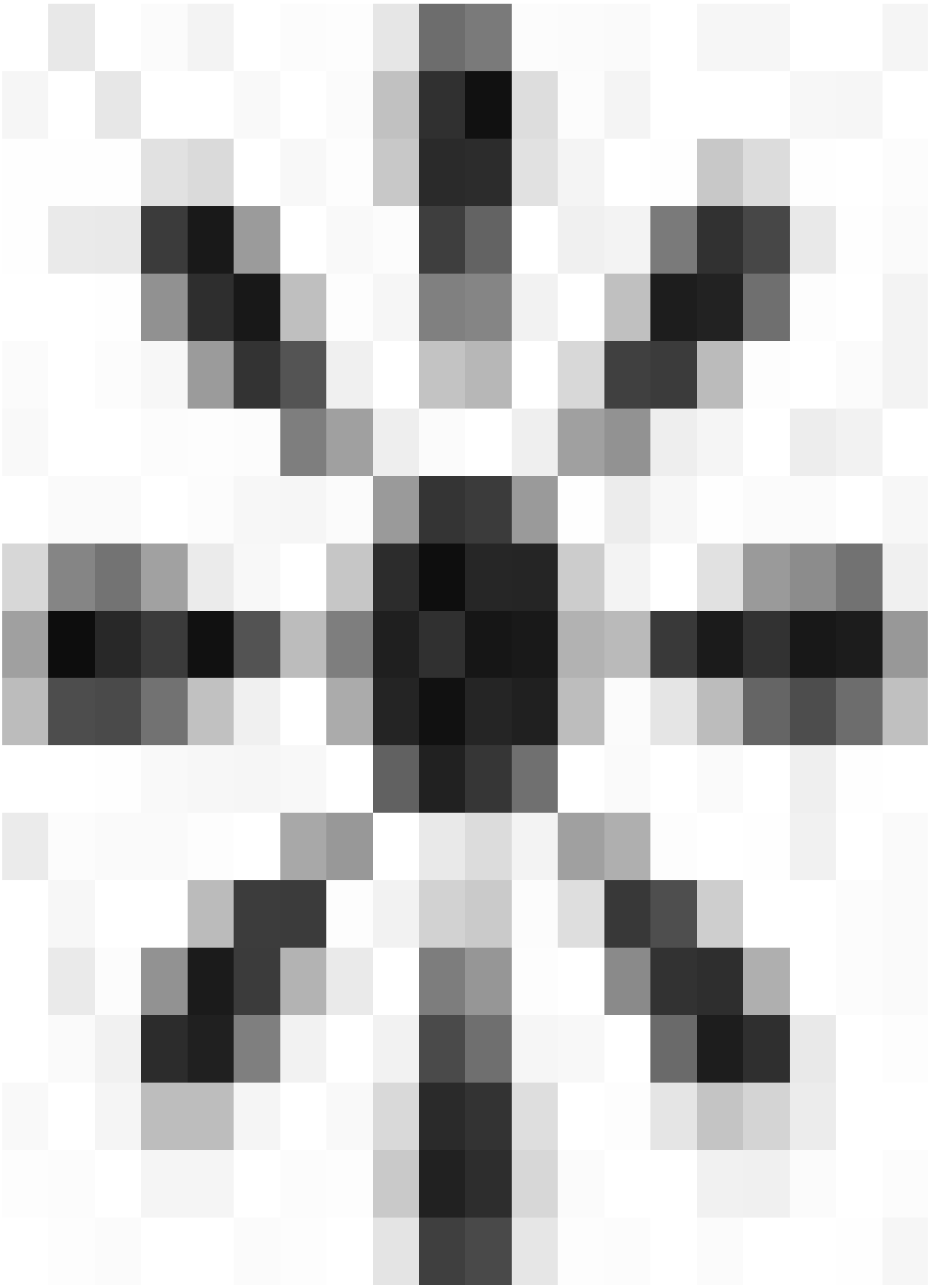
Levantei-me com dificuldade, peguei minha cama de papelão e lentamente arrastei-me para fora do beco entrando na rua principal. Meu relógio marcava 2:13 da manhã. O tempo estava, obviamente, em férias esta noite. A luz dos postes era a única iluminação nesta parte da cidade.

Passei por uma loja com as janelas tampadas com compensados e senti o fedor

forte e constante de urina. Isso parecia ser o cheiro da nação dos desabrigados: não havia banheiro para nós na calada da noite ou durante grande parte do dia. Quando tinha de ir, encontrava um muro em um local ermo de um beco e fazia o que tinha de fazer. Os porta-banheiros distribuídos estrategicamente pelo governo por todo este lado da cidade, feitos para os desabrigados, não nos eram de nenhuma utilidade, visto que foram tomados pelas prostitutas e traficantes de drogas, que faziam seus negócios dentro desses escritórios móveis. Eram as únicas atividades comerciais abertas vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, traficando corpos e drogas. Nenhum sem-teto em seu perfeito juízo iria entrar naquelas caixas de fibra de vidro crivadas de doença, a menos que estivesse fazendo alguma dessas transações comerciais.

Meus companheiros vagabundos passavam por mim a passos dificultosos, indo em direção oposta. Uma mulher com uma jaqueta esfarrapada e uma saia envolvente, cuja bainha esfiapada caía sobre os pés calejados e descalços, andava mancando. Os cabelos eram um tufo emaranhado, os olhos afundados, as rugas vincavam a testa, enquanto andava arrastava os pés. Um homem frágil, que aparentava cinquenta e poucos anos, mas que provavelmente estava na casa dos trinta, vinha alguns passos atrás dela, carregando uma mochila esfarrapada, que, suspeito, continha todas as suas posses terrenas. Outro companheiro de aparência abatida estava a uns três metros mais distante na calçada, apoiado em um dos parquímetros, olhando distraidamente a rua. Não tinha para onde ir, nem tempo por que tinha de estar lá. Estava apenas fazendo uma pausa de sua marcha noturna para sabe-se onde.

Estes amigos habitantes das ruas eram mortos ambulantes, cuja experiência os ensinara a manterem-se em movimento, a ficarem alertas. A escuridão era o flagelo da vida; a inatividade era um convite ao perigo. Enquanto marchava para cima e para baixo pelas ruas do submundo, ocasionalmente olhava esses transeuntes diretamente no rosto, em busca de sinais de esperança. Mas, aprendi a baixar meu padrão e procurar uma simples expressão de vida. Muitos poucos devolviam o meu olhar. Estas pessoas estavam no piloto automático, vagando para a frente sem vida, silenciosamente repetindo para si mesmas o mantra da canção dos semteto a cada noite: Tenho de ficar firme até que amanheça. Tenho de ficar firme até que amanheça...



Eu estava no submundo por opção. Esta era minha representação voluntária por apenas uma noite entre as pessoas que passei a vida inteira servindo.

Quando um grito horripilante irradiou da esquina em frente, corri para o vão da porta de uma loja e me encostei na tela metálica da porta de segurança para me proteger. Senti uma mistura indescritível de emoções: sim, havia medo, mas estava temperado por alegria, fascínio, excitamento e compaixão. Veja bem, eu estava no submundo por opção. Esta era minha representação voluntária por apenas uma noite entre as pessoas que passei a vida inteira servindo.

Sou pastor de uma “mega igreja”, um bastião impressivo do cristianismo no coração do centro de Los Angeles. Esta noite era o décimo quinto aniversário do início do ministério, conhecido como o Centro dos Sonhos, no qual ajudamos a restaurar os sonhos destruídos e a vida vazia de pessoas arruinadas. Para o horror dos meus colegas de ministério e contra o conselho de muitos, decidi que era onde eu queria passar esse aniversário: vivendo entre as pessoas que aprendi a amar durante estes últimos quinze anos.

Tivesse eu optado pelo plano estratégico original, teria ficado em casa em minha cama confortável, deitado ao lado de Caroline, minha esposa bela e amorosa, descansando em paz em nossa casa unifamiliar, enquanto nosso casal de filhos dormia em segurança no outro quarto. Eu teria sonhado com a comemoração incrível que teria ocorrido pouco antes no jantar especial previsto para aproximadamente cem pessoas importantes que faziam o Centro dos Sonhos funcionar. Teríamos assistido a vídeos de vitórias ministeriais passadas, cantado alegremente louvores a Deus, comido uma deliciosa e bem preparada refeição e ouvido a história de pessoas de como Deus fizera milagre após milagre em nosso meio e nos inspirara a continuar enfrentando grandes adversidades durante estes quinze anos. Teria sido uma noite inesquecível.

Agora, quase cinco horas em minha “festa alternativa”, eu sabia que essa era, sem dúvida, uma noite da qual eu nunca esqueceria.

Algumas semanas antes, conforme a comemoração planejada se aproximava e os

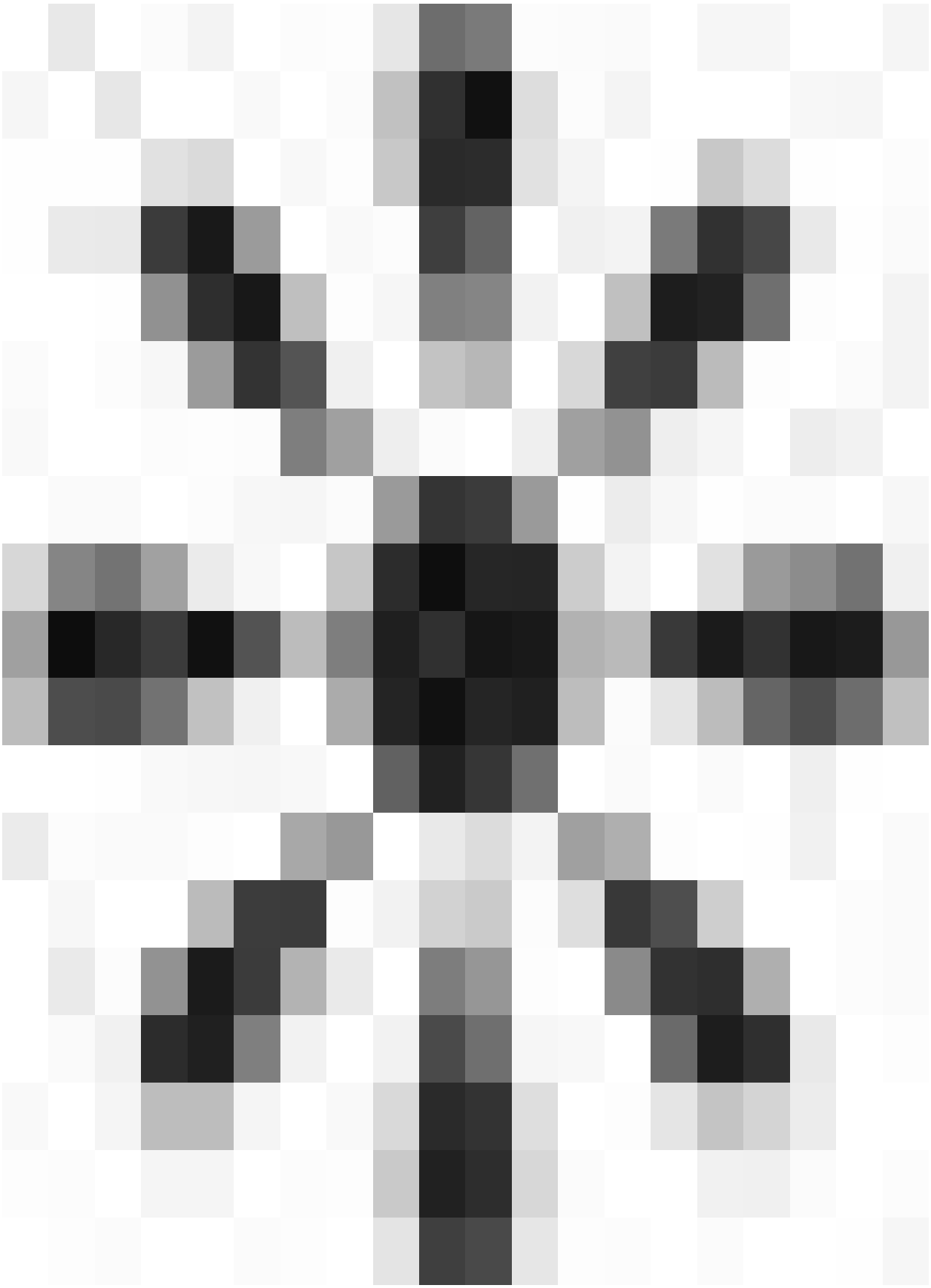
preparativos se intensificavam, senti-me desconfortável interiormente. É assim que Deus muitas vezes prende a minha atenção. Em resposta, passei um tempo orando para Ele esclarecer o que queria. Logo ficou claro para mim que uma festa para comemorar a nós mesmos não era o que Deus tinha em mente. Eu podia sentir que Ele esperava que eu fizesse algo radical, não algo confortável e em causa própria. Sem saber o que poderia ser, escalei várias pessoas da minha equipe para juntarem-se a mim na oração e esperar mais orientações divinas.

Por fim, a solução entrou em foco: eu deveria passar a noite de aniversário nas ruas do submundo de Los Angeles. Por quinze anos, tenho trabalhado lado a lado com pessoas pobres e sofridas. Tenho passado incontáveis horas nas ruas da cidade oferecendo-lhes ajuda e até mesmo transporte do submundo para o nosso campus, onde fazemos uma parceria com eles para quebrar o cativeiro da pobreza e escolhas ruins. Mas nesses quinze anos nunca passara uma noite dormindo no meio deles, sobre o concreto. Sinceramente, nunca sequer me ocorrera fazê-lo. Já não estava fazendo o suficiente?

Talvez não. A clara impressão que tive foi que Deus estava decidido a empurrar-me para fora da minha zona de conforto, orquestrando algo que me mudaria para sempre. De novo.

A pura magnitude da ideia assinalou-a como de autoria de Deus; o absurdo da opção ressaltou-lhe a necessidade.

Ficou óbvio que nos lançar em dar uma festa era apropriado para os padrões do mundo, mas não para Deus. Uma festa de aniversário seria sinal de arrogância ingênua. Desde o dia em que este ministério começou, foi construído para ir contra a corrente, fazendo o inesperado. Uma festa? A maior comemoração seria demonstrar solidariedade com aqueles a quem sirvo, conhecer mais de perto o seu mundo para que eu possa atendê-los mais profundamente.



Assim, depois de nosso culto noturno de quinta-feira na igreja, vesti as roupas que escolhi especialmente para esta noite: uma camiseta suja, um moletom comum cinza com capuz, uma calça cargo larga e mal ajustada e tênis.

Havia na minha equipe de preparação um afro-americano alto e esbelto chamado Lawrence*, que era um de nossos guardas de segurança. Lawrence veio originalmente para o Centro dos Sonhos das mesmas ruas em que estávamos indo. Estivera desesperadamente precisando de ajuda, completara com sucesso um dos nossos programas de recuperação e agora tinha a vida em equilíbrio. Quando ficou sabendo o que estávamos fazendo, correu ao meu lado e me implorou para não ir. Vendo minha resolução, mudou de tática e insistiu em preparar-me para a odisseia que estava por vir.

— Você não sabe o que está fazendo, pastor — disse ele, respeitosamente. — Deixe-me prepará-lo a fim de poder sobreviver à noite. Há coisas que não sabe sobre as ruas, e essas ruas são perversas, pastor. Posso ensinar algumas coisas que vão ajudar.

Em retrospecto, acredito que as dicas de sobrevivência de Lawrence podem ter me salvado a vida.

Como pastor “bem-sucedido”, era para eu estar me acomodando com o que agora era um processo de rotina que me isolava do sofrimento e tragédias que desencadearam meu ministério tantos anos atrás?

Depois de passar graxa no meu rosto e despentear meus cabelos, embarquei na van da igreja e fui levado para o distrito comercial central de Los Angeles. Em meio a arranha-céus no centro da cidade, desembarquei e fiz rápida oração com os membros da equipe na van. Então, armei-me com meu grande pedaço de papelão e caminhei penosamente as seis quadras do paraíso corporativo até a borda do submundo. Não tinha dinheiro no bolso. Queria mesmo saber qual era a sensação de ser um desabrigado. Minha única proteção, por insistência de

Lawrence, era uma Bíblia usada.

Enquanto andava em direção ao meu destino, voltei a refletir sobre o que estava prestes a fazer. Será que é loucura?, perguntava-me. Sou o marido de uma mulher que me ama, o pai de dois filhos que dependem de mim, o pastor de uma igreja próspera que recebe sua direção de mim. Não sou indispensável, mas será que esta aventura urbana demonstra a sabedoria de um homem temente a Deus? Será que esta decisão exibe o discernimento de um verdadeiro líder? Estou me engajando em um ato de coragem ou é mera tolice? Estarei eu humilhando os sem-teto, vestindo-me e fingindo ser um deles? Qual é a probabilidade de eu sobreviver à noite?

Minha insegurança foi interrompida pela visão de um genuíno semteto, não um impostor como eu, andando em direção ao submundo cerca de seis metros à frente na calçada deserta. Chamei-o e expliquei quem eu realmente era e perguntei-lhe se ele achava que eu conseguiria sobreviver à noite. Sua resposta veio sem emoção ou hesitação.

— Não — disse ele calmamente, olhando-me nos olhos. — Você está muito limpo. Eles vão detectar você num piscar de olhos. Não vai dar certo. Vá para casa.

Assentiu a cabeça num adeus silencioso e retomou sua marcha capenga em direção à borda do desamparo.

Por um momento parecia a confirmação devidamente convincente de que eu precisava. Talvez Deus o enviara para me encontrar, um anjo de misericórdia, para entregar um aviso final, uma palavra de sanidade para quebrar o feitiço de loucura que estava me impulsionando para o desastre. Talvez fosse hora de cancelar esta farsa. Quem eu estava enganando?

Mas enquanto estava ali parado, tentando obter um paliativo de minhas emoções, minha confiança voltou. Eu não estava aqui para fazer um número de circo ou para obter a atenção do público: “Ouçam todos! Venham ver o pastor que viveu por uma noite no submundo! Venham ouvir narrativas de bravura e histórias do lado negro!”. Não, eu estava nas ruas, porque vim amar os não-amáveis. Descobri que Deus pode amar as pessoas que mais ninguém quer. E francamente, depois de quinze anos, eu estava preocupado por estar perdendo o rumo.

Como pastor “bem-sucedido”, era para eu estar me acomodando com o que agora era um processo de rotina que me isolava do sofrimento e tragédias que desencadearam meu ministério tantos anos atrás? Será que fiquei demasiado confortável no que fizemos em termos de servir os pobres e necessitados? Era eu agora um mero palestrante motivacional, um angariador de fundos, uma figura decorativa organizacional, um especialista em ministério, fazendo boas obras, mas tendo uma existência segura e esterilizada?

Virei-me para ver o sem-teto afastando-me de mim a passos dificultosos. Naquele momento, ficou claro que Deus queria que eu fizesse algo radical. Ele queria que eu fizesse isso. Eu não conseguia imaginar nada mais radical do que me humilhar dessa forma, aceitando os mesmos riscos que Jesus Cristo adotara quando viveu e ministrou entre os intocáveis de seus dias.

Passar um ou dois dias no submundo, com a mente e o coração abertos, não era para ser uma aventura incomum ou inteligente que “pegasse bem”. Era uma calibração necessária para colocar-me de volta nos trilhos, em sincronia com a causa que Deus instilara em mim quinze anos antes.

---

* Em vários lugares deste livro, o nome das pessoas foi alterado para proteger-lhes a privacidade. As histórias são verdadeiras, apenas os nomes foram mudados.

Capítulo 2

ACHADOS E PERDIDOS EM LOS ANGELES

FUI CRIADO EM CASA de pregador. Papai e vovô eram pastores bem conhecidos e de sucesso. Desde os meus dezesseis anos, soube que Deus estava me chamando para ser pastor também.

Talvez isso explique meu entusiasmo ingênuo, mas genuíno, quando, em setembro de 1994, segui para Los Angeles com papai, Tommy Barnett, que fora solicitado a ajudar a recuperar uma congregação batalhadora de uma região perigosa do centro de Los Angeles. Papai já estava pastoreando uma igreja muito grande, bem conhecida e influente: a Primeira Assembleia de Deus em Phoenix. Os líderes da denominação esperavam também que, enquanto continuasse a pastorear a igreja em Phoenix, também desse o tipo de liderança que restaurasse a saúde espiritual da igreja decadente em Los Angeles. Aceitou a atribuição e decidiu que esta seria uma boa oportunidade para me dar maior experiência em liderança de igreja.

O plano era meu pai e eu sermos co-pastores. Ele viria de avião de Phoenix nas manhãs de quinta e ficaria comigo até sábado bem tarde, apenas a tempo para pegar o último voo de volta para Phoenix para os cultos matinais de domingo. Entrementes, eu ficaria no Templo Betel em tempo integral, aprendendo sob a orientação hábil e qualificada de papai.

Na época, eu tinha vinte anos. Nunca estivera em Los Angeles, mas estava confiante quando carreguei minhas coisas no carro e dirigi até lá com papai, ansioso para aceitar a oportunidade de levar saúde espiritual para essa igreja em declínio. E não era uma igreja qualquer. Era o Templo Betel, uma das primeiras igrejas que surgiram do histórico reavivamento na Rua Azusa. A denominação estava determinada a não deixar essa igreja histórica morrer, e eu, de minha parte, estava igualmente determinado que, se morresse, não fosse no meu pastorado.

Preguei com todo o fervor do meu coração, mas em nenhum momento a igreja aumentara; na verdade, diminuíra de trinta e nove pessoas para zero.

O que eu não compreendia muito bem quando saímos de Phoenix era o estado atual da igreja. O Templo Betel estava localizado em um bairro difícil de encontrar e perigoso. Era uma região étnica. Logo descobri que eu era o único branco nas proximidades. A igreja precisava de um novo pastor, porque o atual ia se aposentar. Estava com oitenta anos de idade. Isso significava que a igreja passaria pela transição de ter o mais velho pastor ativo na denominação para o mais novo! A congregação, outrora vibrante, diminuíra para apenas trinta e nove membros, dos quais a idade média estava próxima à do pastor que se aposentava. Ah, e mencionei que a maioria deles só falava filipino? Eu sequer imaginava como era a língua filipina.

Apesar do tamanho mínimo da igreja, fiquei animado. Imagine ter apenas vinte anos de idade e receber uma igreja para pastorear na segunda maior cidade do país! Eu estava absolutamente determinado a edificar para Deus uma grande igreja. De fato, essa se tornou a missão de minha vida: edificar para Deus uma grande igreja.

As coisas não ocorreram exatamente como eu esperava. Preguei com todo o fervor do meu coração, mas em nenhum momento a igreja aumentara; na verdade, diminuíra de trinta e nove pessoas para zero. Não quero dizer doze pessoas ou cinco. Quero dizer que havia cultos quando sequer uma pessoa aparecia! Você conhece a velha questão: se uma árvore cai na floresta e ninguém está ali para ouvir, fez barulho? Bem, posso lhe contar o barulho que fez em uma igreja, quando ninguém aparece para os cultos: é o choro de seu pastor desesperado.

Desde o dia em que cheguei, meu tempo foi consumido em fazer todas as coisas que eu acreditava que um pastor piedoso e bem-sucedido faria. Minha vida fora gasta em preparar-me para esta oportunidade. Eu lera livros sobre crescimento de igreja. Participara de inúmeras conferências, onde ouvi com atenção extasiados pastores de grandes igrejas falarem sobre suas estratégias. A parede

do meu quarto em casa estava rebocada de cartazes de citações motivacionais e fotos inspiradoras. Eu não via o Templo Betel como uma igreja moribunda. Via-a como igreja nos primeiros estágios de ser restaurada à grandeza.

Quando a igreja continuou tendo uma morte lenta e dolorosa, não conseguia entender o que Deus estava fazendo. Tinha plena certeza de que sabia o que ele não estava fazendo. Não estava respondendo minhas orações. Não estava trazendo pessoas para a igreja. Não estava restaurando uma igreja histórica à grandeza. Não estava me ajudando a edificar uma grande igreja. E claro que não estava preocupado com meu desejo de ser um pastor bem-sucedido.

Um domingo, cerca de três meses de meu pastorado, depois de mais outro desastroso culto na igreja, voltei para o meu apartamento minúsculo, joguei-me sobre a cama e extravasei, saturando meu travesseiro com lágrimas de frustração e choro abafado de angústia e desespero. Sentia-me como um completo fracassado, um completo idiota. E claro que quando fracassa no serviço a Deus, a culpa é tão grande quanto o oceano. Não só tinha falhado, mas tinha falhado com Deus! No meu luto solitário, ficava perguntando para Deus por que isso estava acontecendo e o que ele queria de mim.

Nenhuma resposta.

Meu vazio não conhecia limites. Sentia que estava sendo fiel a Ele. Então, não devia Ele ser fiel a mim? O que Ele queria?

Por fim, Ele estava pronto para me dizer. Enquanto me virava e revirava na cama aquela noite, não conseguindo obter um descanso real, senti sua presença. Era muito tarde da noite, pouco mais da meia-noite, mas me senti levado a andar alguns quarteirões até ao Parque Echo. Fica bem no meio de nossa parte do centro de Los Angeles. Confie em mim, tinha de ter sido um sentimento firme da direção de Deus, porque nenhum jovem branco se sentiria seguro no Parque Echo em plena luz do dia, muito menos na calada da noite. Mas, em obediência, caminhei penosamente até lá, ainda orando silenciosamente para que Deus desse clareza à minha confusão.

Cheguei ao parque. O que outrora era um belo oásis de vegetação exuberante em torno de cisnes graciosos nadando pacificamente pela lagoa clara com uma fonte cintilante no centro, agora era uma ruína coberta de musgo de água estagnada com lixo flutuante e detritos distribuídos em torno de seu perímetro. O barulho e

atividade na área deixaram-me extremamente chocado. Afinal de contas, era mais de meia-noite de um domingo, mas o lugar estava agitado.

Claro que a atividade não era o que se poderia esperar. Era como uma gigantesca cena de crime urbano. Foi como imaginei que seria um set de filmagem, caso um estúdio estivesse fazendo um filme retratando o pior pesadelo da força policial. À minha esquerda, havia três carros de polícia com as luzes vermelhas girando. Atrás dos veículos, cinco policiais armados cercavam dois jovens ostentando algemas e inclinado com os braços estendidos contra a parede de um prédio de apartamentos. À minha direita, havia um bando de bêbados sentados na calçada e nos degraus da frente de alguns edifícios, com sacos de papel marrom nas mãos ou junto aos pés, o eterno acessório da multidão alcoólica. Dois bêbados cambaleantes estavam insultando um ao outro em tons de voz ininteligíveis, colocandose em posição para brigar ou talvez desmaiar, o que acontecesse primeiro. Havia um helicóptero cujo potente holofote apontava determinado lugar em um bairro próximo, presumivelmente ajudando os policiais na rua a localizar um criminoso em fuga. Havia sem-teto com carrinhos de compras, traficantes de drogas andando pelas sombras e adolescentes grávidas olhando assustadas e muito sozinhas.

Honestamente, era como uma charge, um desenho exagerado de todos os males que você tenta evitar na cidade grande, todos agrupados em uma única área adjacente ao parque. Se eu não estivera tão angustiado quanto à minha situação desesperadora, eu teria rido da magnitude da calamidade e depois fugido para salvar a vida!

Em vez disso, ali estava eu, captando tudo. Então, foi para este lugar que me trouxestes, Senhor, dos subúrbios seguros de minha criação no deserto para a miséria e desesperança de Los Angeles. Não para Beverly Hills ou certas partes de Malibu em Los Angeles, mas para este marco zero da depravação humana. Já não é bastante ruim me dares uma igreja moribunda, mas também um bairro moribundo?

Fitei a cena e silenciosamente gritei para Deus mais uma vez.

Olha para essa bagunça, Senhor! Tu me trouxeste aqui. Eu vim de boa vontade, cheio de esperança, entusiasmo e paixão. Vim aqui para edificar para ti uma grande igreja.

Naquele momento, ouvi Deus falar comigo. Não era uma voz audível, mas a mais clara das impressões. Era uma resposta inequívoca: Eu não trouxe você aqui para edificar uma grande igreja. Trouxe você aqui para edificar pessoas — essas pessoas. Você edifica as pessoas. Eu edifico a igreja.

Esbofeteado por Deus! E havia mais.

Não quero que fale ou mesmo pense sobre "sucesso". Pense sobre abençoar. O sucesso é a obediência ao seu chamado. Chamei-o para abençoar essas pessoas. Para amá-las. Curá-las. Ajudá-las. Servi-las.

Houve uma pausa enquanto eu absorvia esse pensamento. Depois veio seu argumento conclusivo.

Eu amo essas pessoas. Se alcançar as pessoas que ninguém quer, vou mandar para você as pessoas que todo mundo quer.

Atordoado, sentei-me em um degrau alguns metros perto. Edificar pessoas. Era como se tivéssemos estado em um ringue de boxe e meu oponente tivesse me batido no estômago com força e persistência. Servir às pessoas. Queria que Deus falasse comigo e Ele falou. Como acontece muitas vezes, não foi o que eu esperava ou talvez nem mesmo quisesse ouvir. Alcançar as pessoas que ninguém quer. Mas era exatamente o que eu precisava ouvir. Abençoar essas pessoas.

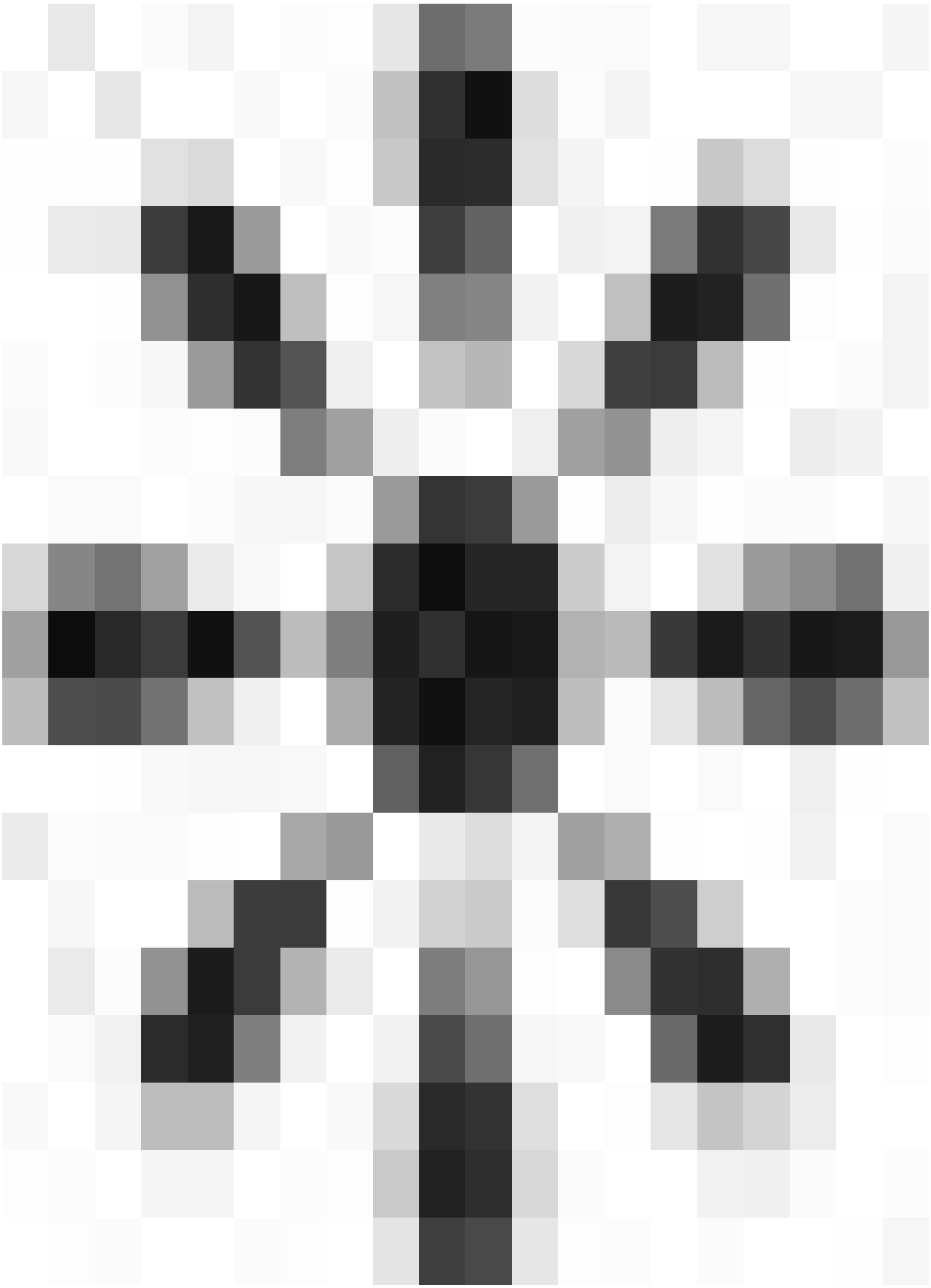
Queria que Deus falasse comigo e Ele falou. Como acontece muitas vezes, não foi o que eu esperava ou talvez nem mesmo quisesse ouvir.

Agora via com novos olhos todas as coisas acontecendo ao redor. Conforme ia me adaptando, podia sentir a emoção de uma grande causa começando a formar-se dentro de mim. Já não importava que eu tivesse apenas vinte anos ou que eu fosse branco em um bairro de nãobrancos. Que ninguém comparecesse aos cultos na igreja ou que a denominação tivesse algo diferente em mente parecia menos importante agora. O que importava era o que eu tinha ouvido da parte de Deus. E sabia que se estes párias e perdedores sociais tinham de ser abençoados,

algo grande estava para acontecer. Era inevitável. Afinal, Deus estava do meu lado.

Eles eram a minha congregação. Só ainda não sabiam.

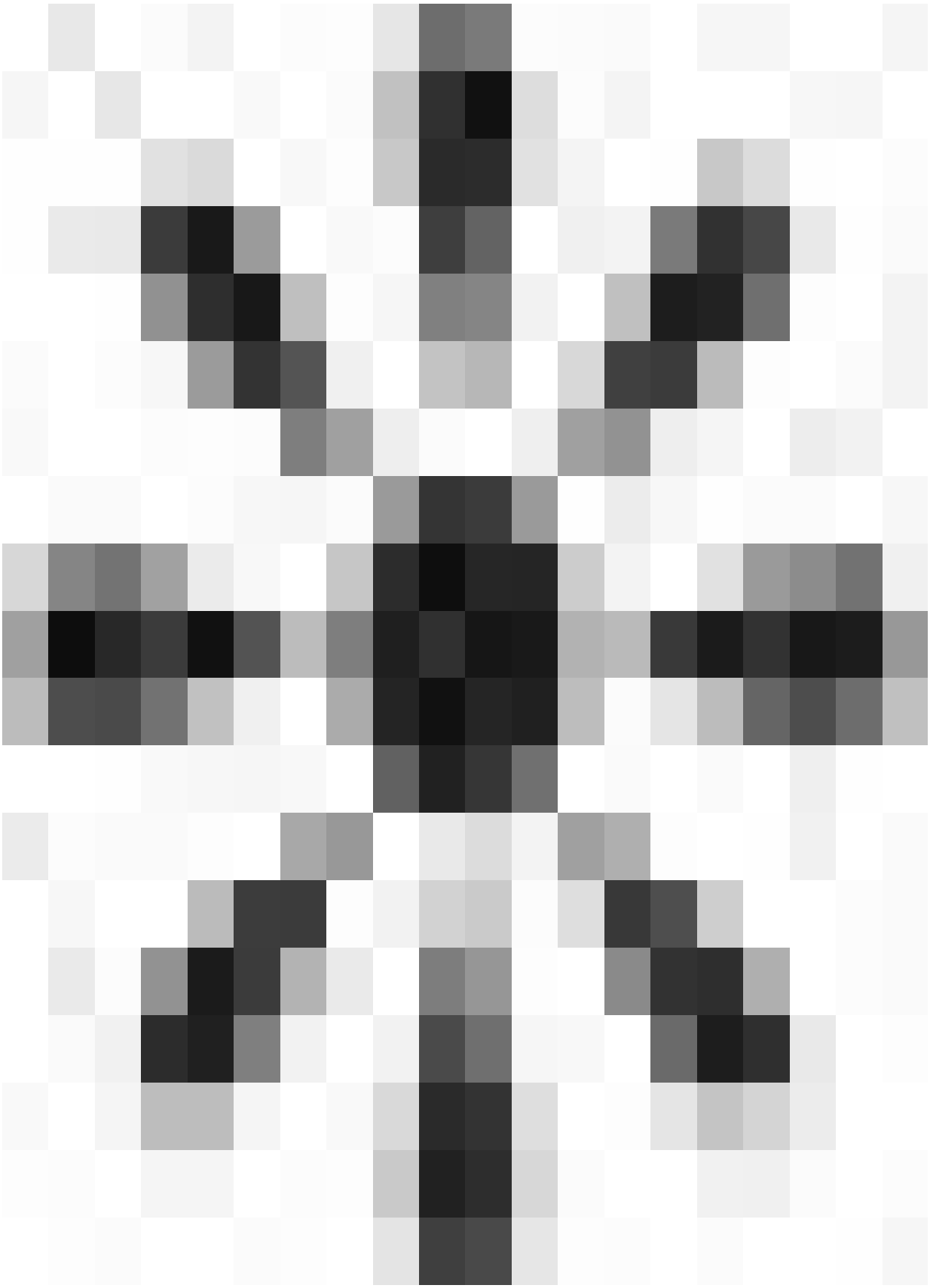
De alguma forma, meu pior pesadelo se transformara em minha maior empolgação. Depois de um começo falso e bem-intencionado, eu estava a caminho de cumprir a minha causa. Deus estava nisso. É lógico que esta seria uma aventura intensa.



Todo ano hospedamos milhares de visitantes no Centro dos Sonhos. Olham para a amplitude de atividades, o número de pessoas envolvidas, os cento e vinte mil metros quadrados de construção que domina nossa propriedade e o tamanho do nosso orçamento e presumem que sempre foi assim ou que tudo surgiu da noite para o dia. A verdade é que o Centro dos Sonhos começou como atividade assistencial muito pequena para uma pequena parte de Los Angeles.

Começamos com uma igreja pequena e algumas casas que a igreja possuía em uma rua adjacente. Depois do meu encontro com Deus no Parque Echo, comecei intencionalmente a ocupar as propriedades imediatamente vizinhas de nosso prédio. Logo algumas pessoas começaram a aparecer para os cultos. Começamos a servir as pessoas de diversas maneiras e alugamos uma casa após outra no bairro à medida que vagavam, permitindo-nos abrigar viciados em drogas em nosso programa de recuperação. Assim que atingimos a capacidade desses edifícios, soubemos de um hospital abandonado de quinze andares, com oito edifícios adjacentes em um campus de nove hectares, que a Igreja Católica estava vendendo. Não tínhamos dinheiro, mas Deus operou milagrosamente, dando-nos um campus grande com espaço para crescer. Mas depois, atingimos a capacidade do ginásio naquele campus, no qual realizávamos os cultos de adoração, e Deus operou nossa fusão com o Templo dos Anjos, o edifício histórico, onde a lendária Aimee Semple McPherson pastoreou.

A visão do Centro dos Sonhos hoje é fazer com que milhares de pessoas necessitadas tenham uma nova vida graças aos esforços de nossos funcionários, voluntários e indivíduos recentemente reabilitados, cuja vida foi radicalmente transformada. Quer seja pelo fornecimento de alimento, vestuário, abrigo, reabilitação de vida, educação, capacitação profissional quer pelo treinamento bíblico, atingimos a cada semana milhares de crianças, famílias e adultos maltratados e necessitados de todas as raças e culturas.



Assim, nos últimos quinze anos, a causa que Deus me dera no Parque Echo crescera muito além da pequena igreja que eu viera ajudar a restaurar. Para comemorar a ocasião, nossa inclinação fora dar uma festa para rever todas as grandes obras que havíamos feito, uma noite durante a qual fugiríamos dos desafios e dificuldades de servir os pobres, os perturbados, os viciados, os doentes, os abusados.

Mas na privacidade do meu coração naquela semana, Deus me questionara como um promotor interrogando os acusados em um tribunal: Como você pode abandonar e rejeitar aquilo que ama? Como pode levar o crédito por resultados que foi incapaz de produzir? Como pode fugir daquilo que lhe dá a maior alegria e satisfação na vida?

Descobri que às vezes você precisa ser radical para acertar, para voltar a ter contato com os batimentos do coração da causa que está dentro de você. Minha noite no submundo foi um desses momentos.

Capítulo 3

COMEMORAÇÃO NA CALÇADA

MINHA PRIMEIRA HORA NAS ruas foram os sessentas minutos mais assustadores de minha vida. Eu estava apavorado. A atmosfera é mais assustadora do que qualquer coisa que você veja em um filme de terror.

Assim que cheguei ao centro do submundo, parei no esforço de absorver tudo. O som de tiros ecoa pelas ruas. Gritos e berros são comuns. São dependentes tóxicos tentando largar o vício, alcoólatras esbravejando na rua, prostitutas exigindo seu dinheiro, cafetões batendo nas prostitutas para tirar esse dinheiro. É uma zona de guerra. Eu chegara tendo uma imagem do submundo como um lugar onde pessoas anoréxicas e carentes vagavam sem rumo, à procura de alimento e abrigo, muito frágeis ou absortas no próprio pensamento ou com medo de incomodar os outros. Errado! As ruas podem ser o melhor exemplo do darwinismo, onde os fortes aproveitam-se dos fracos e quase todos são fracos em algum momento durante sua sentença no submundo. Logo descobri que este não era meramente um estudo de caso intrigante para sociólogos analisarem e discutirem. Deste lado da cidade, viver para ver o dia amanhecer já é uma vitória.

Conforme viajava ao centro do inferno, alguns dos avisos de Lawrence ganharam novo significado.

— Seja um cara legal — me advertira, preocupado com minha ideia maluca. — Quando chegar lá, continue andando. Eles vão cercá-lo, olhálo mais de perto, sentir seu cheiro. Saberão que você não é de lá. Você não pode esconder este fato deles. Eles têm um sexto sentido quanto a isso. Tudo que os preocupa é se você é algum tipo de ameaça para eles: um policial ou agente antidrogas ou caçador de recompensas. Então, continue andando, não pare, não se importe com eles. Apenas fique focado. Faça o que tiver de fazer. Quando estiver pronto para deitar e dormir, encontre um lugar bom e durma. Deixe que andem à sua volta e olhem para você. Cuide de sua vida e não incomode ninguém. E certifique-se de

levar uma Bíblia para que eles a vejam.

— O quê? — quase gritei, incrédulo. — Como é que vou me misturar com eles se eu tiver uma Bíblia? Não quero que saibam que sou um pastor vivendo no mundo deles por uma noite ou duas. Quero ser contado como um deles, ser invisível. Preciso sentir como é ser um sem-teto.

Lawrence fez uma pausa antes de responder respeitosamente.

— Pastor Matthew, isto não é um jogo. É perigoso nas ruas. Você carrega a Bíblia. As ruas são más, mas eles ainda têm respeito pela Palavra de Deus. Muitas dessas pessoas estão feridas, e no fundo sabem que Deus é a única esperança. Não vão à igreja ou Escola Dominical, mas muitas têm fé. Na mente delas, ninguém carregando a Bíblia está procurando briga ou irá invadir-lhes o espaço pessoal agressivamente. Você não precisa pregar, mas a Palavra será a sua proteção. Carregue a Bíblia.

Foi assim que durante a primeira hora mantive a cabeça baixa e segui a trilha das pessoas à minha frente. Continuei andando, andando e andando, mesmo sem saber para onde, só para ficar em movimento. Agarrei o meu "colchão" de papelão com uma mão e coloquei a Bíblia debaixo do braço. Exatamente como Lawrence havia prometido, as pessoas da rua foram me examinar. Isso me lembrou de uma matilha de cães me farejando, seguindo a pista do meu cheiro.

O que eu não esperava era o zumbido. Enquanto andávamos arrastando os pés, eles me olhavam e comentavam. "Você não é daqui", um ou outro dizia em voz alta, não chegando a ser um grito, mas em tom mais alto do que o normal. Depois, seguiam em frente, resmungando algo ininteligível. As pessoas que seguiam faziam um tipo de ruído sob a respiração, um zumbido, som murmurante não melódico, mas parecido como uma cantinela, um tanto quanto assustador se você não estiver acostumado. Então, um ou dois minutos depois, outro cara me dizia em voz alta que eu não era de lá, que era melhor eu ir embora, voltar de onde viera. Em seguida, ele também continuava sua andança dificultosa em direção a um local indefinido, resmungando sob a respiração, somando-se ao zumbido da rua. Tenho de admitir que eu estava orando para que tudo valesse a pena durante esses primeiros minutos.

As coisas melhoraram quando, quase por engano, coloquei a Bíblia em minha mão livre. Imediatamente a cena mudou. Foi notável. Era como um lugar escuro

no qual a luz de repente apareceu. Até mesmo o tom do zumbido pareceu subir uma nota ou duas. Talvez fosse minha imaginação, mas deu à rua um som diferente. Agora que a Bíblia era visível, algumas pessoas paravam e faziam perguntas sobre a Bíblia, minha fé ou se eu acreditava em Deus. Foi uma mudança extraordinária.

Depois que o terror daquela primeira hora desapareceu e senti que poderia atravessar a noite, uma estranha paz tomou conta de mim. Deus estava nisso! Permaneci alerta, ainda cauteloso com o que estava acontecendo ao redor, mas minha emoção primária passou do medo para a compaixão. Veio-me à mente o texto bíblico que diz que o perfeito amor lança fora o medo.[1] Conforme o meu coração se partia um pouco mais a cada momento que passava, percebendo que o que eu estava observando era a experiência de vida normal e plena para estas centenas de pessoas espalhadas por todos os lados dessas ruas imundas e implacáveis, meu amor por elas ficou mais forte.

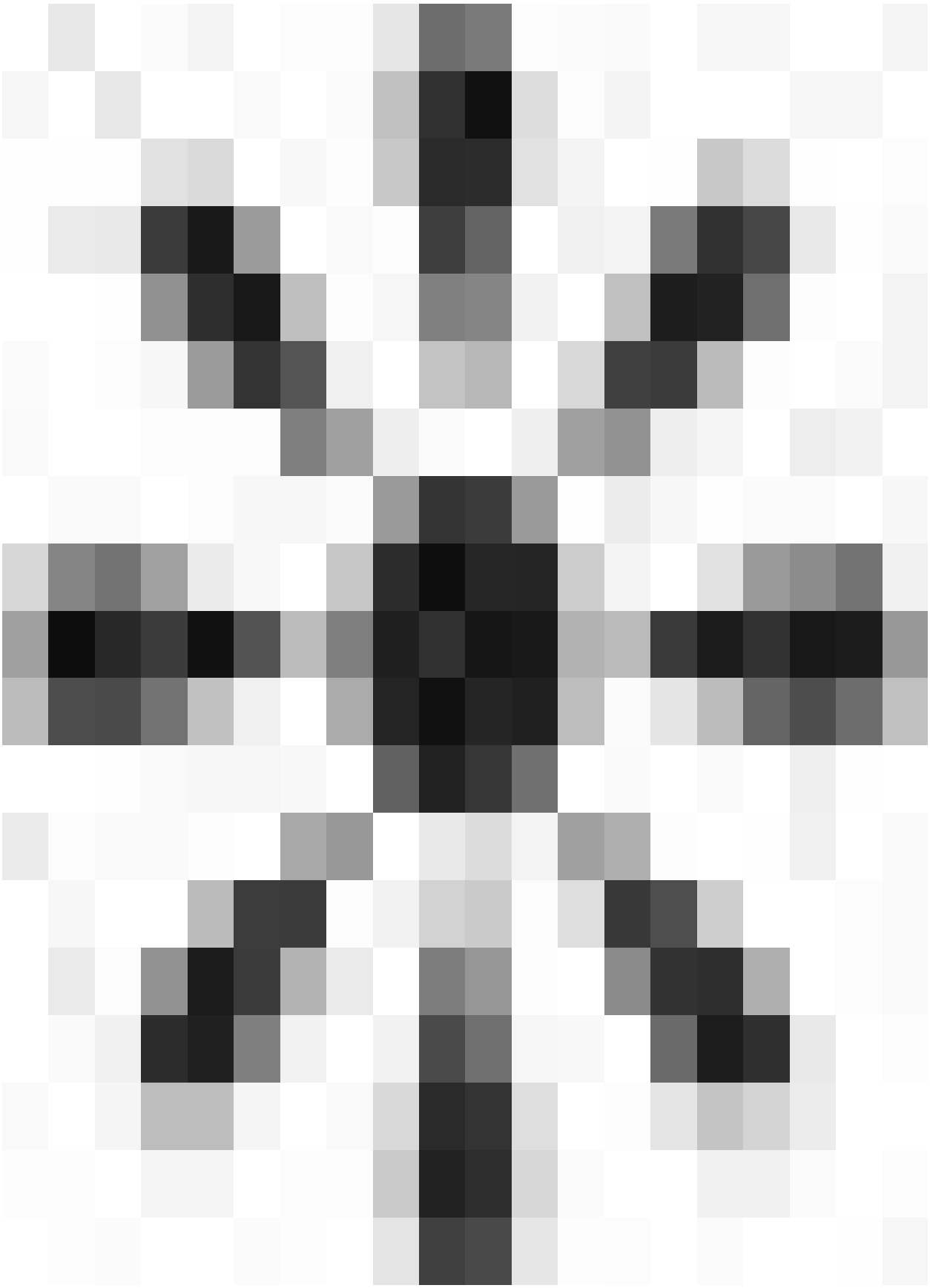
Essas pessoas são a minha causa. São a razão de eu me levantar da cama de manhã, a esperança que tenho de fazer a diferença no mundo. Eu não morava ali, mas era dali. Fui chamado para servi-las.

O medo não pode dominá-lo quando uma grande causa rege o seu coração. O medo que senti há poucos minutos mudou para a convicção de que era aqui, de fato, onde Deus me queria, onde Deus precisava de mim esta noite para o meu bem. Com certeza não era o paraíso. O fedor de urina e o odor corporal me davam vontade de vomitar, a iluminação era apenas suficientemente turva para ser irritante, a fumaça de cigarro me envolvia, o grito constante e a ladainha incoerente me enchiam os ouvidos, o caos de corpos em movimento em todos os lugares para lugar nenhum era confuso.

O medo não pode dominálo quando uma grande causa rege o seu coração.

No entanto, em meio a esta realidade monótona e ilógica, senti como se eu tivesse sido quebrado e renascido mais uma vez. Deve ser para isso que eu estava aqui, para avivar as chamas da minha paixão por estas pessoas a quem

Deus tanto ama que deu o seu único Filho para morrer por eles a fim de que tenham um futuro.[2] O título do livro de Al Gore Uma Verdade Inconveniente passou-me pela mente. Essa era sem dúvida uma vida inconveniente em exibição pelas ruas de Los Angeles. Mas Deus é bom, de fato. No meio da sujeira e do perigo, Ele estava me dando o dom da inconveniência para que eu me tornasse um canal cada vez mais capaz de demonstrar seu amor por essa tribo de pessoas sofridas.



Por fim, acabei dizendo que se chegarmos muito tarde à missão, não encontraremos lugar para dormir dentro das instalações. Por isso, junteime a um grupo de pessoas que se dirigia a uma das maiores missões do ramo. Chegamos, mas os melhores lugares já estavam ocupados. As camas dentro das instalações estavam todas ocupadas para a noite. Havia uma área excedente, um ginásio, repleto de cadeiras nas quais poderíamos dormir, sentados, mas estas, também estavam ocupadas. O único espaço que restava era um grande pátio perto da frente da propriedade da missão. Era ao ar livre, mas era uma noite morna de setembro e, pelo menos, a área era bem iluminada e tinha guardas de segurança postados. Fui para lá.

Enquanto circulava pelo interior do pátio, avaliando minhas opções, um dos guardas de segurança me viu e ficou estupefato. Reconheceu-me da igreja, mas lhe dei um olhar que ele entendeu de imediato. Ele foi bacana, e não me entregou. Apenas me deu um leve sorriso e uma piscadela e manteve a ronda. Acho que entendeu o que eu estava fazendo, e talvez até respeitou. De qualquer forma, manteve os olhos em mim enquanto eu estava lá. Outra pequena bênção de Deus.

O piso de concreto do pátio estava apinhado de corpos. Havia um caminho estreito pelo qual poderíamos pisar pé ante pé para andar através do pátio. No demais, havia corpo contra corpo, todos os tipos de homens e mulheres tentando dormir um pouco neste santuário. Já era tarde, e os altos e baixos emocionais da noite estavam cobrando seu preço de mim. A energia que sentia uma hora atrás me abandonara. Agora, os meus pés estavam começando a doer e minha energia estava diminuindo. Olhei para o pátio inteiro, esperando divisar um canto desconhecido onde eu pudesse me deitar. Tudo o que vi foi uma pequena área ajardinada ao longe, rodeada por um banco de cimento. Ninguém estava na parte mais distante do banco. Estendi meu papelão, ajeitei-o sobre o cimento e fizme o mais confortável possível. Senti-me bem por me deitar.

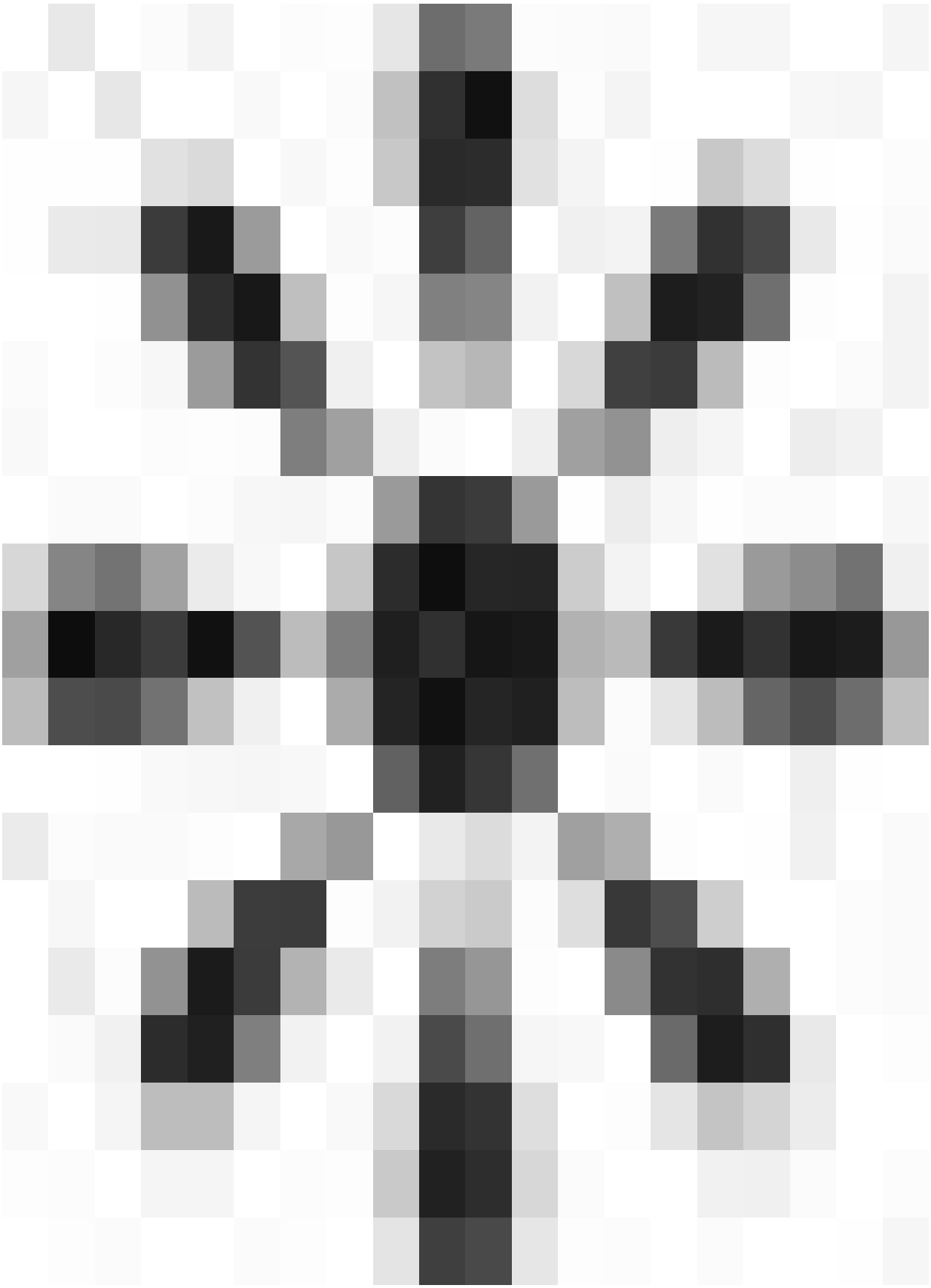
Em segundos, o cara à minha direita virou-me para o meu lado e começou a falar sem parar. Sem parar e sem sentido. Tentei seguir o discurso por alguns minutos, mas achei muito desgastante. Divagava sobre o racismo. Suas palavras me lembraram que o submundo era segregado. Um beco pode abrigar uma dezena de pessoas procurando dormir, mas todos seriam da mesma raça ou etnia. Negros grudados com negros, hispânicos com hispânicos, brancos com brancos. Não

havia muitos asiáticos; pelo menos, não os encontrei. Mas os pensamentos desordenados do meu vizinho não me levavam a lugar nenhum, e eu o desliguei.

Infelizmente, seu corpo estava realmente quente, o que me deixou desconfortável, e seu hálito cheirava a álcool. Movi-me um pouco para abrir um espaço entre nós, e colidi com o companheiro idoso à minha esquerda. Considerei-o um veterano de guerra. Seu rosto escabroso estava coberto com uma barba grisalha, o cabelo ralo gorduroso sob um boné de beisebol. Estava cochilando, mas a cada poucos segundos começava a tremer descontroladamente e a gemer baixinho, como se estivesse tendo pesadelos das façanhas de uma guerra passada.

O medo não pode dominá-lo quando uma grande causa rege o seu coração.

Sentei-me entre estes dois, pensando mais uma vez que estas eram pessoas que poderíamos ajudar. Este lugar estava cheio de pessoas que precisavam ser amadas. Enquanto estudava os rostos e corpos espalhados por todo o canto, parecia que era o Reino de Deus: pessoas de todas as raças, idades e sexos representadas; um lugar cheio de pessoas arruinadas precisando de muito amor prático e incentivo genuíno. Orei novamente para que Deus expandisse os limites do meu amor por seu povo e me desse a força para fazer o que precisava ser feito. Ele trouxe-me à mente milhares de pessoas que tiveram a vida mudada pelo Centro dos Sonhos. Esta pode ser nossa próxima onda de graduados. Suas vidas também seriam transformadas algum dia pelo amor de Deus e do seu povo. Recostei-me e sorri, ignorando a fala descontrolada do homem à minha direita e as convulsões do cara à minha esquerda. Estaríamos de volta para ajudá-los. Eu sabia.



Depois de algumas horas voltei para as ruas, curioso demais para ficar dentro dos limites seguros da missão. Esta era minha chance para absorver todos os sons, visões, cheiros e experiências que Deus tinha reservado para mim. Andando rua após rua, estudei a vida noturna no submundo. Fogueiras brilhavam ardentemente nas ruas e becos em que as pessoas se amontoavam em busca de calor ou para aquecer restos de comida que tinham guardado ou vasculhado das lixeiras.

À medida que o tempo se arrastava (as noites são agonizantemente longas no submundo), o nível de ruído aumentava e a intensidade dos berros e gritos subia também. Mais de uma vez estremeci quando um grito ou gemido particularmente horripilante irrompeu. Era assustador. Não acho que já estive tão ansioso para ver o sol nascer.

Eram entre três e quatro da manhã quando eu estava de pé ao lado de um poste de luz e uma voz surgiu das sombras da calçada atrás de mim. Não senti medo. Foi mais curiosidade para ver quem Deus estava colocando no meu caminho. Era voz de homem. Vagamente lhe divisei a silhueta contra a parede de tijolos do prédio em que ele estava encostado. A única parte do corpo que estava na luz era os pés, presos pela borda da luz lançada pelo poste. Tinha sandálias nos pés, e até mesmo sob a luz imperfeita dava de ver que os pés tinham crostas e estavam inchados. Não parecia bêbado, apenas cansado. Tinha minha atenção, então fez um pedido.

— Ei, cara! Homem da Bíblia. Venha até aqui, cara. Leia a Bíblia pra mim.

Aproximei-me, e suas feições se mostraram. Dei uma olhada pelo restante do acesso de carros, que acabava cerca de seis metros mais acima. O lugar todo estava repleto de pessoas dormindo de uma forma ou de outra, muitos em pedaços de papelão como o meu, alguns amontoados na calçada nua.

Abri a Bíblia e sorri para o homem.

— O que você quer que eu leia? — perguntei, sentindo-me um pouco tonto pelo privilégio de compartilhar território com este homem e dividir a Palavra de Deus com ele. Pediu alguma coisa edificante. Li alguns salmos para ele, e acrescentei algumas palavras de encorajamento. Agradeceu-me.

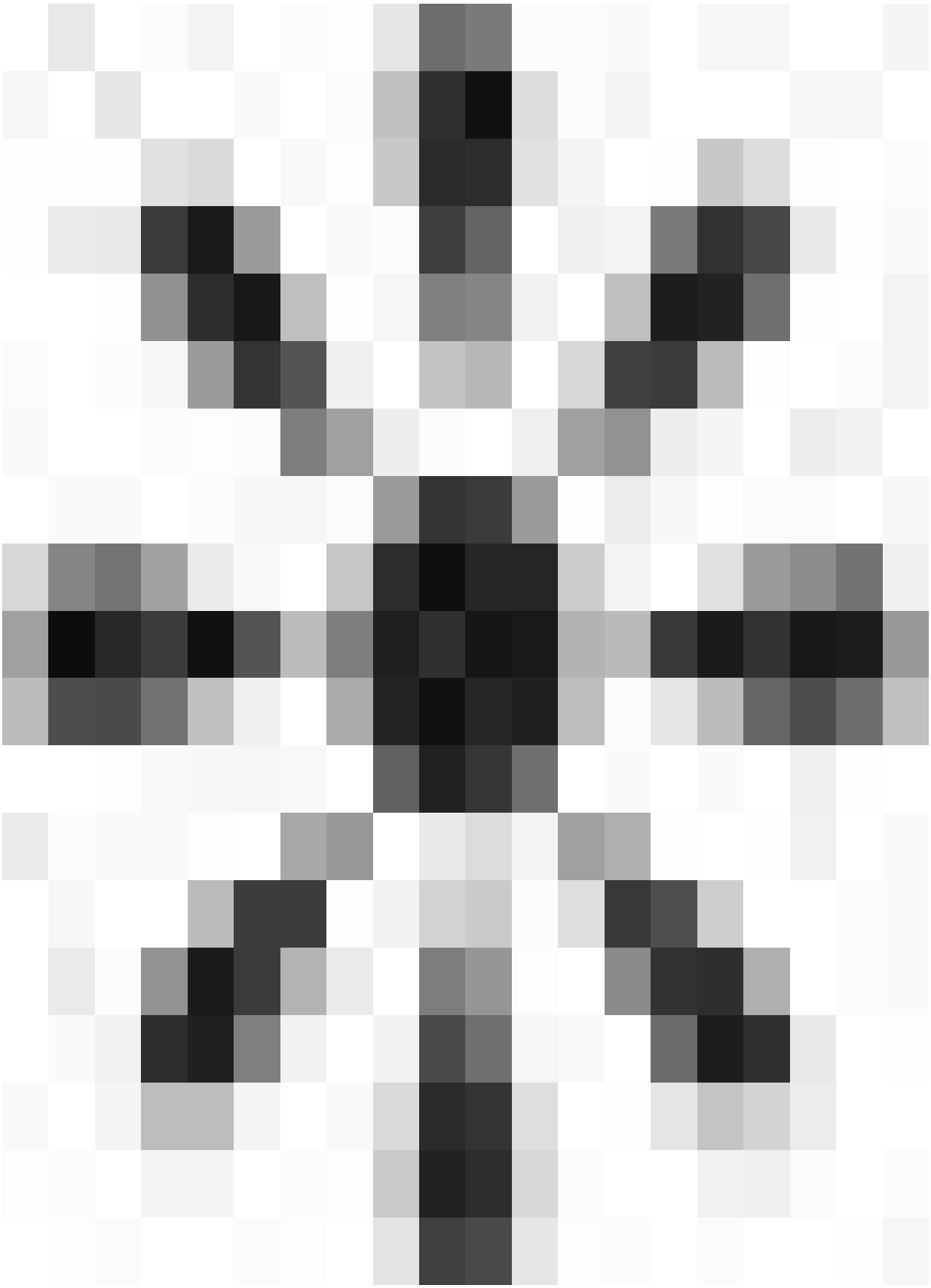
Depois da segunda passagem, alguém mais acima no acesso de carros me chamou do escuro.

— Será que ainda posso ser salvo?

Tão direto! Talvez quando a vida estiver tão perto de acabar a qualquer momento, você vá direito ao ponto, sem rodeios, sem ressalvas, querendo apenas o ponto principal. Falei suavemente, mas com confiança sobre o amor de Deus, o perdão que Ele oferece a todos nós, que Jesus veio para que ninguém tivesse de morrer sem a garantia do seu amor incondicional, que Jesus era a única esperança que alguém em Los Angeles tinha, quer morasse em Beverly Hills ou no submundo. Alguém do outro lado da rua gargalhou e cuspiu uma resposta que não consegui entender. Destemido, garanti a eles que havia esperança para a vida deles, que o amor de Deus poderia capacitá-los a vencer as dificuldades até da noite mais longa e mais escura.

Um homem começou a extravasar sua história de vida para mim, para todos nós, descrevendo em detalhes agoniantes como tinha saudades de seus filhos, mas não podia ir para casa vê-los, porque o seu antigo traficante de drogas o mataria se ele voltasse para casa. Tinha deixado de pagar o traficante, por isso fora forçado a se esconder. Depois de um tempo, acabou no submundo. Sua família não sabia nem se ele ainda estava vivo, mas ele sabia que se mostrasse a cara em seu antigo bairro, seria um homem morto. Discutimos suas opções, sua fé, sua esperança para o futuro. Outros começaram a entrar na conversa, colocando para fora detalhes escabrosos de suas experiências, tentando encontrar uma conexão com Deus, ou com a verdade, ou com a esperança, com algo que desse sentido a tudo isso. A vulnerabilidade e a dor dessas pessoas tocaram-me profundamente.

Assim que a conversa acabou, coloquei meu papelão no chão no fim do acesso de carros, à beira da luz, e procurei tirar uma soneca. Precisava de alguns minutos de descanso. A falta de moradia cansa. O tempo parece passar mais lentamente do que no resto do mundo. Em questão de segundos, eu estava dormindo.



Por volta das 5 da manhã, fui acordado por uma sensação de cócegas. Encolhi-me contra a parede atrás de mim e com um safanão me pus sentado, tentando descobrir o que estava acontecendo. Então, me dei conta de que era uma barata que estava subindo pela perna esquerda da minha calça. Pulei e me balancei freneticamente, tentando me libertar da pestinha dentro de minha roupa. Então, caiu no meu tênis, saltou para o cimento e, em seguida, correu para longe. Era das grandes!

Agora acordado, plenamente alerta, depois do pequeno exercício, percebi que poderia muito bem seguir em frente. Ainda estava escuro, o cheiro de urina ainda era dominante (será que alguém se acostuma?), choros estranhos e gritos ininteligíveis ainda perfuravam o ar da noite, fogueiras ainda tremulavam aqui e ali. E as pessoas ainda estavam subindo e descendo as ruas, talvez andando um pouco mais lentamente do que no início da noite, visto que a fadiga apanhava aqueles que ficavam parados. Recolhi meu precioso pedaço de papelão, todo sujo de graxa e óleo absorvidos do pedaço de chão que, até agora, eu chamava de lar naquela noite e retomei minha caminhada para o esquecimento.

Dentro de um minuto ou dois, uma mulher deu uma guinada em minha direção e silenciosamente perguntou:

— Ei, cara, você é hétero?

Pelas conversas com as pessoas no programa de reabilitação do Centro dos Sonhos, eu sabia que era uma abordagem sexual. Cinco da manhã no submundo, e o pastor recebe uma proposta para o sexo! Suspirei, sentindo-me muito triste por ela. Imagine o desespero para ela abordar homens ao acaso e perguntar se gostariam de comprá-la por um breve interlúdio sexual para depois terem de pagá-la pelo serviço. Meu coração se partiu mais uma vez.

Tão delicadamente quanto pude, disse-lhe que não, não estava interessado. Eu era pastor, e mostrei-lhe a Bíblia. Imediatamente sua atitude mudou. Passou da aparência dura e de quem está no controle para o olhar de pura vergonha. Recuou lentamente, desculpando-se e pedindo-me para perdoá-la. Avancei com cautela e tentei acalmar seus medos, assegurando-lhe que não me ofendi, que eu entendia sua situação e que queria ajudá-la. Ela olhou para mim e uma lágrima desceu no seu rosto. Chorou enquanto contava sua história, explicando que

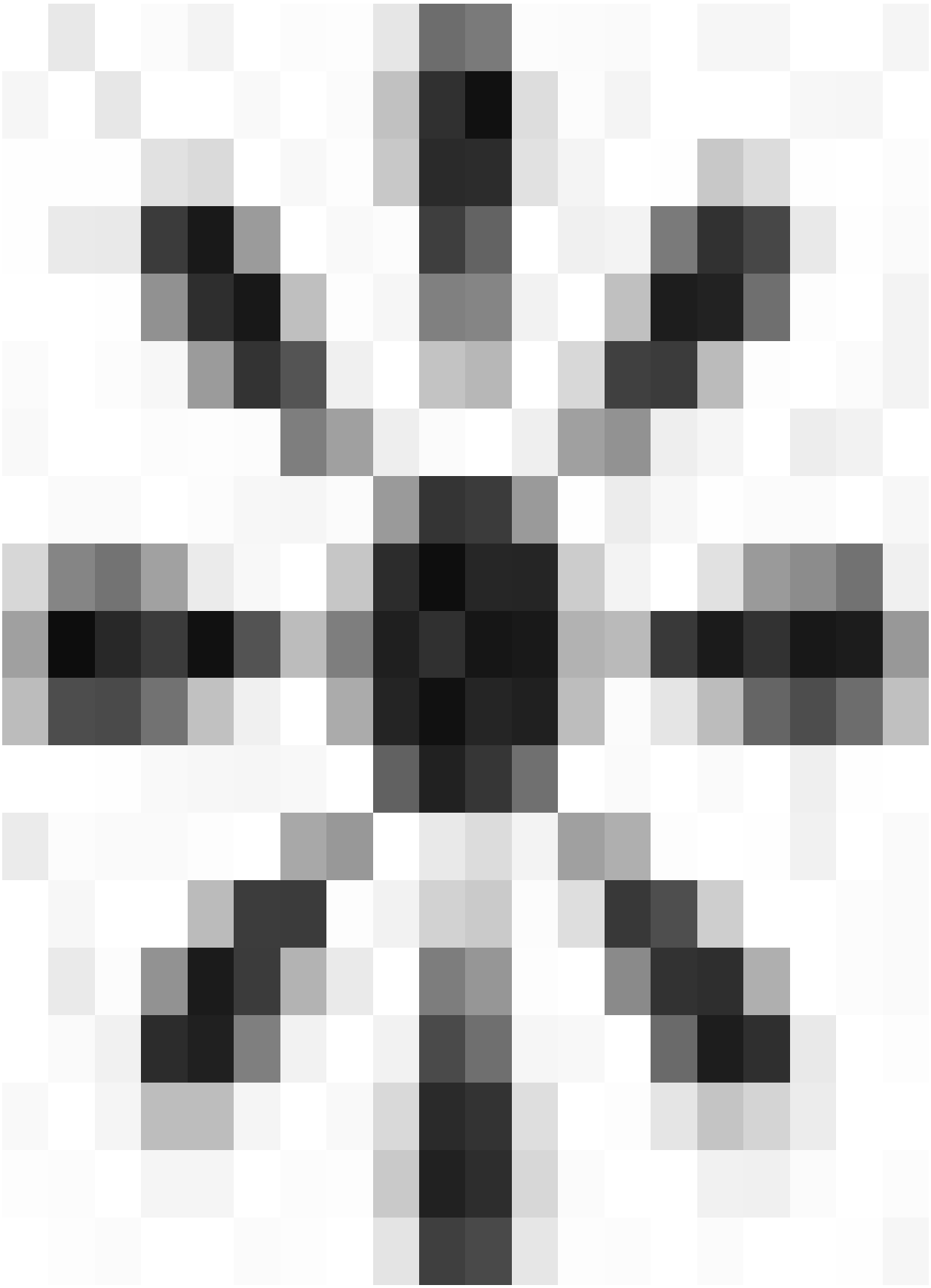
estava se vendendo apenas para conseguir dinheiro para as drogas de que ela precisava, que sua vida estava uma bagunça e que estava passando por um momento muito difícil. Disse-lhe que se estava falando sério quanto organizar a vida, eu poderia ajudar. Poderia ligar para que nossa equipe na igreja viesse buscála às 7 levá-la para o Centro dos Sonhos, onde poderia receber ajuda para largar o vício e colocar a vida de volta nos trilhos. Esperei por sua permissão para fazer o telefonema.

Ela olhou para o relógio, depois franziu o rosto, olhando para mim como se eu estivesse maluco. Levei um momento para entender que ela pensou que eu estava tentando enganá-la. Nenhuma igreja estava aberta às cinco da manhã, pronta com alguém no local às sete da manhã apenas para ajudá-la. Sorri, percebendo como o nosso ministério é incomum. Expliquei que somos uma igreja aberta vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, porque as necessidades das pessoas não respeitam o relógio. Conversamos por alguns minutos, e ela chorava enquanto admitia o quanto queria largar as drogas. Sem muita insistência, concordou em entrar no nosso programa de reabilitação de drogas. Telefonei para nossa equipe e marcamos para o ônibus apanhá-la às 7 horas. Trocamos números de celular, e passei o número dela para a equipe do ministério.

Eu estivera orando toda a noite para que o Senhor me desse alguém a quem eu pudesse ajudar. Então, Ele me enviou Annette. Nós nos separamos, mas liguei para ela algumas vezes antes das sete para incentivá-la a estar lá, para ter certeza de que apareceria no local combinado. Ficou prometendo que estaria lá. Muitas vezes as pessoas dão para trás. Querem a ajuda e sabem o quanto precisam, mas não conseguem dar o primeiro passo. Por isso, ficava telefonando para ela a fim de que não desanimasse.

Como previsto, às 7 horas ela veio caminhando pela rua com um olhar determinado no rosto. Abracei-a, agradeci-lhe por sua coragem e integridade, e apresentei-a aos membros da nossa equipe no ônibus. Embarcou enquanto eu prometi visitá-la mais tarde durante a semana.

Enquanto isso, as ruas continuavam a palpitar com ação e perigo.



Finalmente, o dia fez sua aparição e o enxame de atividades que encheram as ruas no submundo desapareceu. As fogueiras foram apagadas. A gritaria cessou, ou talvez fosse apenas menos perceptível por conta do barulho dominante dos carros e ônibus urbanos. Muitas das pessoas que tinham partilhado espaço no beco comigo tinham, ao que parece, uma rotina diária que entrou em curso — ir de missão em missão para que suas necessidades diárias fosses atendidas por organizações que dispensam compaixão para os necessitados que são cativos das áreas pobres do centro da cidade. Conversei com umas poucas pessoas de rua, coletando informações sobre as opções e montando um cronograma para seguir durante o dia.

Depois de tomar o café da manhã em uma das missões e puxar assunto com vários sem-teto em conversas sobre suas vidas, preparava-me para tentar a sorte na mendicância. Esta era a parte do exercício que mais me dava medo: pedir dinheiro. Mas eu estava empenhado em fazer uma tentativa para descobrir como era.

Durante minha noite interminável, pensei em como fazer essa tarefa. Percebi que havia duas chaves para o sucesso. Uma era demarcar uma boa localização. Ouvira corretores de imóveis dizerem que tudo tem a ver com onde você está: localização, localização, localização. Para receber dinheiro, eu tinha de ir para onde o dinheiro estava. Isso significava deixar o submundo por um tempo. Posicionar-me no distrito comercial central fazia bastante sentido. Era uma área que me permitia abordar os executivos impecavelmente vestidos que transitavam por esses lados da cidade. Então, depois de engolir outra refeição gratuita, um almoço bastante bom de uma das equipes de nossa igreja (eu conhecia o cronograma das equipes e sabia onde estariam, então aproveitei a oportunidade para ver a nossa gente em ação e testar a qualidade da nossa alimentação), saí da zona da pobreza e entrei no centro corporativo americano, não tendo certeza do que esperar.

A segunda chave para o sucesso, em minha opinião, era a minha história. O que eu digo para as pessoas? Não queria mentir, mas também não era exatamente um caso de pouca sorte. Então, elaborei uma narrativa cuidadosamente redigida sobre como os tempos eram difíceis e que eu só precisava de uma ajudinha para viver. Não tinha dinheiro, queria algo para comer, e ficaria grato por qualquer trocado que me dispusessem. Tudo isso era verdade. Armado com essa história,

senti que poderia abordar as pessoas com convicção.

Não quero me gabar, mas eu estava me saindo muito bem. Ganhei sete dólares na primeira meia hora. Era mais do que ganho por hora na igreja! Bem, não realmente, mas parece assim às vezes.

Enfim, essa foi uma experiência surpreendente e, ao mesmo tempo, angustiante. A mera lembrança me deixa enjoado. Veja bem, sou criticado pelas melhores pessoas, questionado pela minha pregação, minha liderança, minha teologia, minha idade, minha educação, etc., e aprendi da maneira difícil que ser atacado por colegas faz parte do jogo, um reflexo da inveja profissional ou discordância doutrinária ou o que for. Mas nenhuma das críticas que recebi como pastor me feriu tão profundamente quanto o que experimentei nas ruas naquela tarde, enquanto pedia dinheiro.

A parte mais incrível do meu esforço de mendicância foi a rejeição total e o desprezo que experimentei de tantas pessoas. Tendo estado no lado recebedor de incontáveis campanhas para levantamento de fundos em prol dos moradores de rua, eu sabia que o pedido de um mendigo era uma intrusão desconfortável na vida das pessoas. Mas o ódio e a repugnância com que muitas pessoas reagiam foi inesperado e debilitante. Houve momentos durante esta pequena fase de minha aventura no submundo que tive vontade de parar e ir para minha bela casa e família amorosa. Os golpes calavam muito profundamente.

“Você quer o meu dinheiro? Por que não trabalha, preguiçoso? Acha que achei meu dinheiro no lixo?”

“Sai. Vá embora. E não me enche o saco.”

Todo ser humano tem o direito à dignidade básica, mas o desdém amontoado em mim por pessoas de quem eu buscava ajuda ou compreensão a destruía. Era muito difícil reunir coragem para aproximar-me de estranhos e entregar-me à sua misericórdia, ciente de que se eu não tivesse uma situação melhor para mendigar, esta oportunidade seria parte do meu destino diário, um componente crucial de minha sobrevivência. Para receber olhares que não deixavam dúvida de que eu era uma pessoa vil e até mesmo perversa, moía meu coração já quebrado e esmagava minha autoimagem.

“Cai fora, vagabundo. E saia deste bairro. Pessoas que trabalham para ganhar a vida têm coisas a fazer aqui. Vá vagabundear do seu lado da cidade.”

“Não me toque, seu fedorento. Faça escolhas melhores na vida se quiser uma vida diferente.”

Para ser justo, tenho de dizer que havia pessoas bondosas e afáveis, que mostravam certo grau de cuidado em relação a mim e me davam umas moedas ou tinham uma palavra edificante para mim. Você não imagina a esperança que esse comportamento despertava em mim. A esperança de que talvez eu não fosse a porcaria que alguns pensavam que eu fosse, que talvez conseguisse sair desses tempos difíceis e até merecesse. Acredite em mim, basta meia hora pedindo ajuda de estranhos para você questionar sua autoestima e razão de viver.

Minha curta experiência de mendicância pode muito bem ter sido muito perturbadora emocionalmente por causa da minha própria ambivalência quanto aos mendigos: desejo ajudá-los, mas não desejo dar assistência superficial que apenas lhes fortalece a resistência à verdadeira ajuda. Por experiência própria, sei que cada pessoa que vive nas ruas pode ser restaurada e ter de volta o sonho de forma realista e propositada. É o que o Centro dos Sonhos faz. Temos milhares de estudos de caso para provar que pode acontecer, quer a pessoa seja um multimilionário com o coração vazio quer seja uma prostituta frágil e alcoólatra com o estômago vazio. Mas naquela tarde, eu estava aprendendo sobre a razão de ser muito difícil para algumas pessoas dar o primeiro passo em direção ao reconhecimento e aceitação do seu sonho e arriscar o pouco do autorrespeito que lhes restou, a fim de persegui-lo. Não me lembro de algum dia ter me sentido mais deprimido ou despojado de dignidade.

Se as coisas pareciam ruins no momento, estavam prestes a piorar. Quando me mudei de um local para outro, no esforço de atingir tantas pessoas de tipos diferentes quantas possível, um segurança uniformizado veio às pressas de um dos edifícios revestidos de mármore em cuja frente eu estava. Com raiva e em voz alta disse-me para ficar longe do seu edifício. Humildemente expliquei que eu estava apenas tentando arranjar algum dinheiro para comer. Então, lançou-se em uma arenga sobre como minha intrusão em sua propriedade era um ato de terrorismo — terrorismo, pelo amor de Deus! —, e que as áreas públicas têm leis protegendoas de pessoas como eu e assim por diante. Foi ótima apresentação. O discurso atraiu muitos curiosos, fazendo-me sentir ainda pior. Então me ameaçou mandar prender.

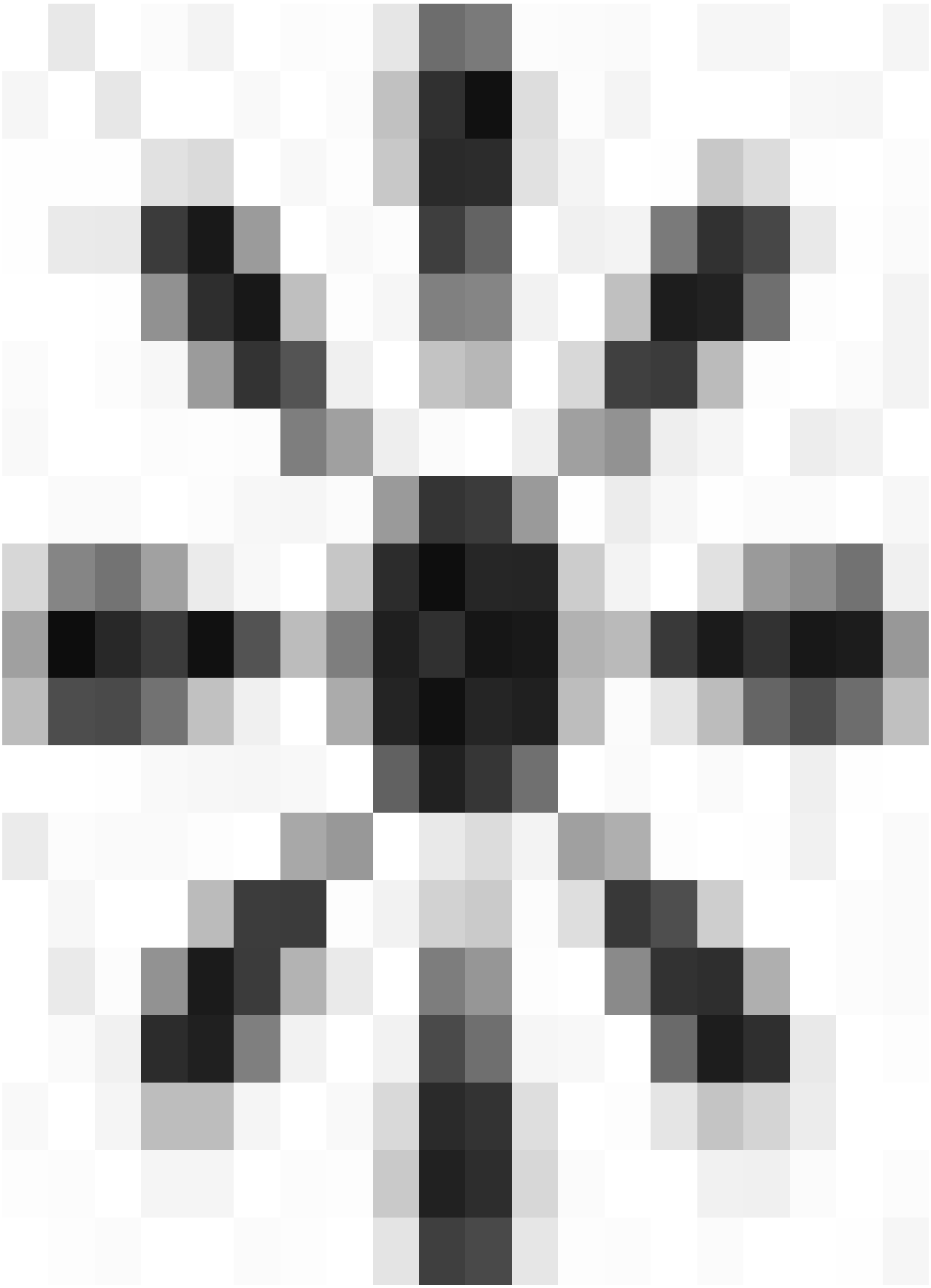
Pouco importando o quanto eu desejasse aprender sobre a vida nas ruas e sentir a realidade desse estilo de vida, ir para a cadeia não estava na minha lista de

afazeres para o dia. Eu podia imaginar a manchete do Los Angeles Times de amanhã: “Pastor Desgrenhado de Mega igreja Preso por Assédio a Empresários Enquanto Pedia Dinheiro”. Não queria nem imaginar as histórias que circulariam nos periódicos cristãos. Segui em frente sem mais delongas.

Enquanto me afastava da área sob os olhares hostis dos transeuntes e com as palavras combativas do guarda de segurança depositadas em meu banco de memória, notei que no edifício havia câmeras de vídeo que estavam, sem dúvida, filmando a cena. Em um momento de iluminação, percebi que se você é suficientemente exposto a este tipo de tratamento humilhante, dia após dia, torna-se uma profecia autorrealizável. Você começa a acreditar que todas essas pessoas importantes e bem-sucedidas têm razão. Você é um lixo humano sem valor, vazio de esperança, vivendo para nada.

Alguns quarteirões longe da cena, parei e encostei-me em uma coluna de tijolos na frente de um dos edifícios de múltiplos andares. Dezenas de pessoas passavam apressadas por mim como se eu fosse invisível, ou talvez quisessem que eu fosse. Senti-me menor do que nunca e sabia que Deus estava respondendo ao meu pedido de quebrar de novo o meu coração pelos pobres e indefesos, de me dar mais capacidade para amá-los e curá-los por meio do seu poder e autoridade. Naquele momento, porém, tudo o que sentia era desespero cabal e derrota esmagadora. Encostado no prédio, fechei os olhos e agradeci a Deus por esta experiência e pedi força e zelo para atender mais habilmente às necessidades das pessoas.

Se eu ainda tivesse alguma dúvida sobre a magnitude da necessidade, meu breve período de mendicância dirimiu. E se ainda restasse algum pensamento de que o impacto do Centro dos Sonhos era atribuído a mim, este episódio destruiu essa ilusão. A profundidade destas questões só poderia ser superada pelo grandioso amor de Deus dado unicamente por Ele mesmo. Meus colegas e eu tínhamos apenas o privilégio de ser instrumentos que Ele usava no processo.



Na noite anterior, antes de sair da van e aterrissar nas ruas, eu decidira que ficaria até me sentir espiritualmente cheio, quer levasse algumas horas, um dia ou talvez até um pouco antes de ter de voltar para a igreja e pregar na manhã de domingo.

Cheguei a essa sensação de completude por volta do pôr do sol. Fazia apenas vinte e duas horas, mas parecia uma eternidade. Estava agora ansioso para voltar ao Centro dos Sonhos e compartilhar tudo o que aprendera. Era hora de injetar novo nível de entusiasmo e energia em nossos esforços de restaurar os sonhos e a esperança das vidas estraçalhadas e descartadas de Los Angeles. Deus fizera o que queria e pelo que orei: um renovado sentido de visão que, espero, iria impulsionar-nos para mais quinze anos de serviços vigorosos e compassivos para com as pessoas esquecidas da sociedade, proporcionando um reflexo do seu amor com carinho, graça e sabedoria.

Liguei para a equipe no escritório e pedi que enviassem a van para me buscar. Enquanto esperava, sombriamente analisei as ironias do dia passado. Inicialmente, senti medo das pessoas a quem fui chamado a amar. Fui ferido ao lado das pessoas feridas que eu queria curar. Procurara percepção e entendimento daqueles que eu esperava educar e treinar para uma melhor experiência de vida. Fora levado para as ruas pela excitação das possibilidades antes de compreender inteiramente o risco pessoal associado com a experiência.

Ocorreu-me que, ao longo do tempo, enquanto buscamos a causa que Deus colocou dentro de nós, remodelamos involuntariamente esse sonho para satisfazer o nosso nível de conforto pessoal. Quanto mais tempo e energia dedicamos à causa dentro de nós, mais propensos ficamos em perder o contato com os batimentos do coração da causa original, redefinindo-a de acordo com nossos desejos, circunstâncias, necessidades, planos e metas.

Um dos maiores benefícios do meu dia nas ruas foi a restauração do contorno original do sonho de Deus para mim. São contornos que haviam sido lenta e imperceptivelmente substituídos por minha versão do sonho. Passar um tempo no submundo fora perigoso e assustador, mas aceitar esse risco era necessário para eu ser pessoalmente quebrado e liberto para fazer o que Deus havia me chamado para fazer.

Meu dia nas ruas foi a restauração do contorno original do sonho de Deus para mim. São contornos que haviam sido lenta e imperceptivelmente substituídos por minha versão do sonho.

Uma noite atrás eu fora ao submundo esperando que Deus me desse novos insights sobre como mudar as pessoas. Em vez disso, Deus me mudou e estampou novamente em mim a realidade de que não posso mudar as pessoas. Só Ele pode. Contudo, se meu coração está alinhado com o dEle, então pode usar-me no processo.

Fui ao submundo com o pensamento secreto de que o que eu estava fazendo era de alguma forma heroico. Saí de lá sabendo que eu não era um herói, mas um servo.

Ontem à noite, eu fora para as ruas sentindo que estava entrando em uma zona de perigo. Voltando agora ao Centro dos Sonhos, percebo que o perigo real é viver uma vida de rotina não totalmente alinhada com a causa de Deus para mim.

Você sabe qual é a causa que Deus incutiu em seu coração, a oportunidade que representa a razão para a sua existência? Ele tem essa causa para cada um de nós. Chame de visão, sonho, propósito, qualquer termo que quiser. Quero contar-lhe algumas histórias de pessoas que conheci que descobriram, como eu, que até que você viva por essa causa, sua vida não atinge e não pode atingir o seu potencial. Vamos descobrir como levar essa causa dada por Deus para a vanguarda da sua vida, de modo que experimente a alegria e satisfação de mudar o mundo vivendo a vida para a qual foi feito para viver.

Capítulo 4

A RAZÃO PARA SAIR DA CAMA

SE VOCÊ É COMO a maioria das pessoas que conheço, tem pelo menos um sentido geral de como deve ser sua vida. Você pode se ver como educador, organizador, protetor ou gerente. Desde minha adolescência, soube que fui chamado para ser um líder espiritual, assim como papai e vovô que serviram por muitos anos como pastores de igrejas. Mas ter um senso geral de propósito não dá a você ou a mim muitos detalhes sobre o que será na prática.

E é neste ponto que entender a causa dentro de você entra em cena.

As pesquisas dizem que dezenas de milhões de pessoas, quase metade de todos os adultos, confessam que ainda estão procurando compreender o significado e propósito final da vida. As enquetes confirmam que a maioria das pessoas, ou seja, mais de três em cada quatro adultos dizem que querem fazer a diferença no mundo, desejam que a vida conte para algum resultado positivo e duradouro. Mas as estatísticas também indicam que as pessoas, em sua maioria, agarram-se nessa esperança como algo que experimentarão no futuro. Não é uma realidade presente para elas. Em outras palavras, muitos de nós não sabemos a causa que dará à vida a realização genuína.

Quando você nasceu, Deus incutiu muitas coisas dentro de você. Uma delas foi uma grande causa que Ele quer que você adote. Em sua grandeza única, criou um universo no qual o efeito cumulativo de todas as pessoas buscando fielmente a causa dentro delas resultaria em um mundo transformado, um mundo em que as necessidades de todos seriam atendidas e o coração de cada servo seria enchido com a alegria de abençoar os outros. Infelizmente, vivemos em um mundo traumatizado, em parte, porque muitas pessoas não identificam e buscam a causa que Deus lhes deu. Mesmo que ela proporcione a felicidade e satisfação que procuram, não construíram a vida em torno dessa causa.

Uma causa transformadora nunca diz respeito a você. Sempre diz respeito ao uso dos recursos que Deus lhe deu, para ter um impacto positivo na vida dos outros.

Para começar, deixem-me salientar que não conheço os detalhes da grande causa que reside dentro de você, mas sei que ela está relacionada a pessoas, especificamente, como você pode tornar o mundo um lugar melhor, servindo outras pessoas, quer em particular quer nos bastidores. Uma causa transformadora

nunca diz respeito a você, ou seja, autopromoção, alcance de mais fama ou fortuna, experimentação de mais prazer ou conforto, acúmulo de mais poder. Sempre diz respeito ao uso dos recursos que Deus lhe deu, que são habilidades, relacionamentos, experiências, dinheiro, tempo, inteligência e todo o resto para ter um impacto positivo na vida dos outros.

Para compreender essa causa, seu espírito precisa ser despertado. Muitas pessoas estão vivas, mas não estão vivendo realmente; estão apenas sobrevivendo. Não é assim que as coisas devem ser! Recebo tal inspiração das pessoas comuns que encontro, que estão fazendo coisas extraordinárias porque se dedicaram à grande causa que Deus personalizou exclusivamente para elas. Tiveram de procurar dentro de si e examinar as informações, as pessoas, as experiências e as oportunidades que Deus trouxe para as suas vidas, a fim de descobrir como tirar o máximo proveito da vida. Quando compreendem e comprometem-se com essa causa, descobrem que Deus trabalha com elas de maneira surpreendente. No Centro dos Sonhos, vemos Deus fazendo milagres o tempo todo. São milagres possibilitados por pessoas comuns, como eu e você, entrando e saindo para fazer surpreendentes atos de serviço que mudam o mundo.

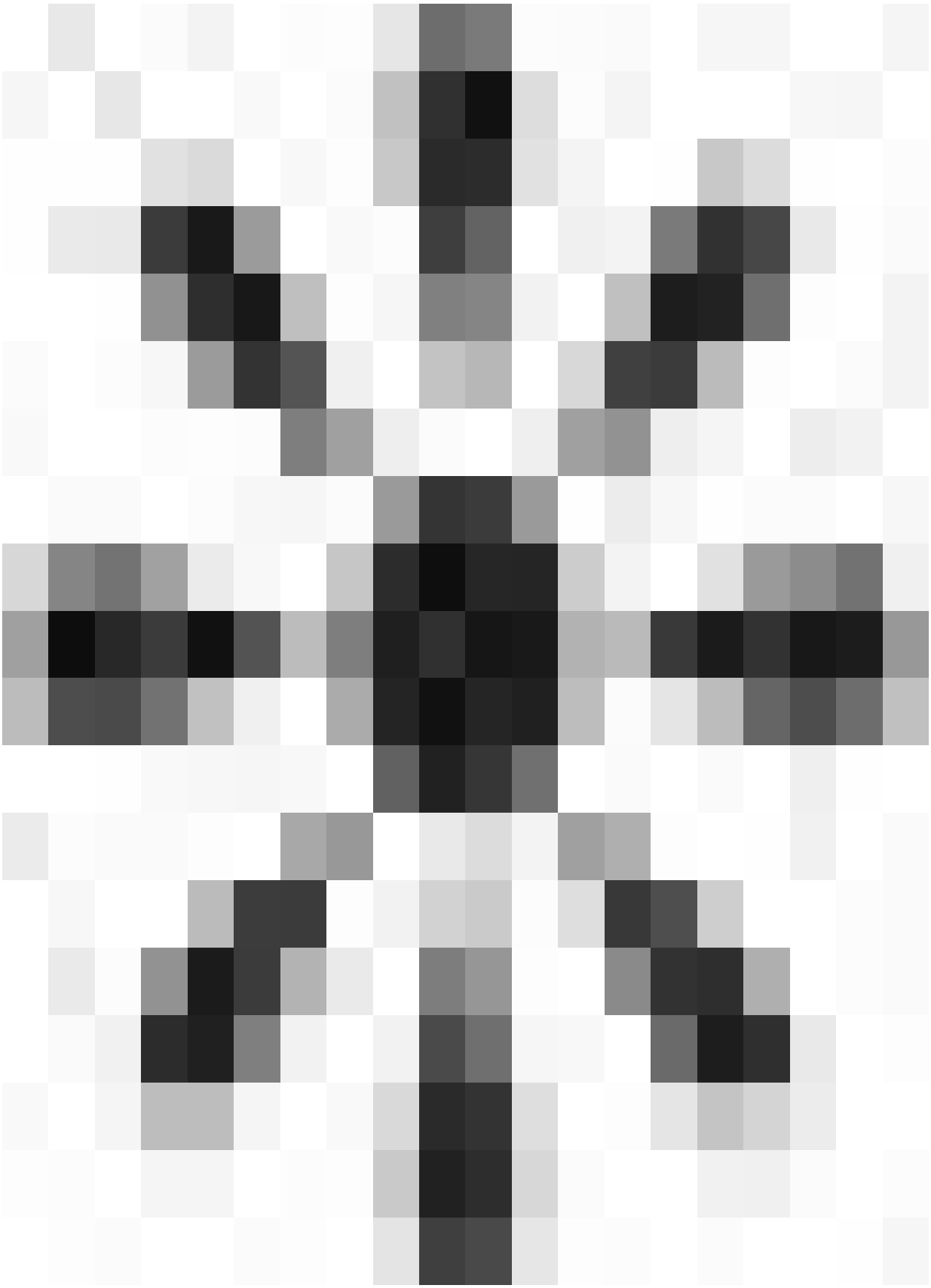
Às vezes, alguém objeta esta reivindicação, dizendo: “Não posso fazer alguma coisa grande. Não tenho estudo”. Ou: “Minha vida é uma bagunça, e fui abusado física e emocionalmente. Não sou forte para ajudar os outros. Mal posso ajudar a mim mesmo”. Ou: “Estou muito ocupado agora, criando meus filhos, tentando sobreviver financeiramente e cuidando de minha esposa. Não tenho tempo nem energia para mudar o mundo”. Ou até mesmo: “Não estou interessado em ajudar

outras pessoas. É um mundo competitivo, e tenho de cuidar de mim. Ninguém vai fazer isso por mim".

Correndo o risco de ofendê-lo, deixe-me salientar que desculpas como essas são arrogantes. Tais declarações revelam que você está vivendo por uma de duas falácias: ou você se concentra apenas no que pode fazer por força própria, ou acredita que a única maneira de maximizar a vida é concentrar-se e cuidar de si mesmo. Essas afirmações indicam que você acredita que ter uma vida de sucesso diz respeito a quem você se vê ser, o que é capaz de fazer com seu talento e habilidade natural e quando se sente pronto para fazer algo grande.

Por um lado, você não dá a Deus suficiente crédito, pelo menos não o suficiente para acreditar que Ele nunca o prepararia para o fracasso, que Ele quer que você otimize sua jornada terrena e que Ele o ama tanto que está aguardando ansiosamente a chance de trabalhar com você para causar um impacto incrível na vida das pessoas que você é capaz de tocar. Por outro lado, você está dando crédito demais a você mesmo. Claro que pode fazer escolhas, mas no fim das contas não está realmente no controle do seu lugar no mundo. Deus está.

Portanto, não se contente com desculpas esfarrapadas a respeito de sua incapacidade, falta de experiência, medo, ocupação profissional, necessidades pessoais ou outros obstáculos. Todas essas são distrações da verdade. Temos literalmente milhares de pessoas que quando chegaram ao Centro dos Sonhos eram viciadas, vítimas de abusos, prostituídas, abandonadas, deficientes — cite o que quiser que já passou por aqui. Apesar dessas barreiras, muitas dessas pessoas transcenderam suas dificuldades e limitações ao optar por confiar em Deus, endireitar a vida, adotar uma perspectiva realista sobre a vida e buscar a causa que Ele instigou dentro delas. Nunca é fácil. Sempre há um preço a pagar, mas as pessoas invariavelmente afirmam que o compromisso com a causa levou a vida a um novo nível de significado e satisfação. E há uma vantagem oculta em ser fiel à causa. Em todos os casos, ouvimos os nossos voluntários do Centro dos Sonhos explicar que, embora a motivação fosse ajudar os outros, sentem-se como se fossem os únicos que mais foram ajudados.



Nos capítulos anteriores, pintei um quadro muito negro da vida nas ruas. No entanto, uma pessoa que conheci naquela noite se destacou por causa da alegria e esperança que trouxe para as ruas. Essa mulher, estou convencido, encontrou a sua causa.

Não muito depois da meia-noite, naquela noite, um caminhão-plataforma estacionou junto ao meio-fio a meio quarteirão de onde eu estava. Era um caminhão de alimentos, trazendo os restos alimentares de um restaurante. Dezenas de tacos, tortilhas, quesadilhas e outras especialidades mexicanas foram distribuídas pelo pequeno grupo de trabalhadores no caminhão-plataforma. Esperei na fila, querendo saber se haveria o suficiente para todos. Quando chegou minha vez na fila, uma mulher hispânica no caminhão me entregou um prato com algo que não pude saber no escuro, junto com alguns feijões ao lado. Sorri e agradeci a mulher por gastar tempo para nos ajudar e por ser tão generosa. O que aconteceu me surpreendeu.

Ela olhou nos meus olhos, desceu do caminhão e veio ao meu lado. Colocou o braço em volta de mim e disse em voz suave e com forte sotaque:

— Senhor, não se preocupe, tudo dará certo. Você vai conseguir. Saboreie a comida.

Sorriu, subiu de volta no caminhão e continuou a servir os outros.

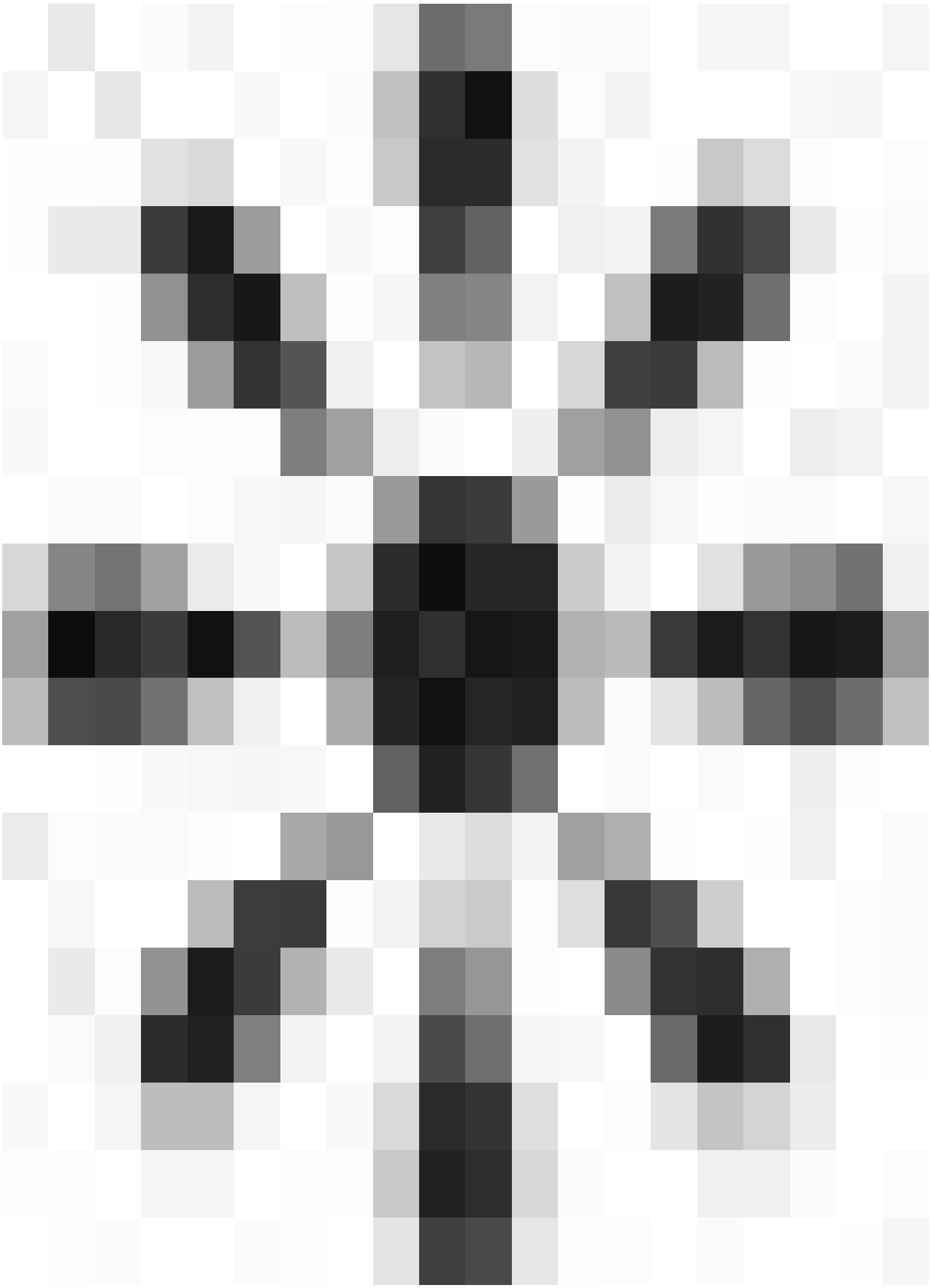
Cara, isso mexeu com minhas emoções. Não senti vergonha ou tristeza, mas o reacendimento do meu senso de compaixão por estas pessoas. Como esta trabalhadora do restaurante era inspiradora. O amor extravasava dela. Gastou mais alguns momentos para consolar uma pessoa fedorenta e suja que ela não conhecia com palavras de encorajamento sincero. Era mais de meia-noite, mas ela e seus colegas de trabalho ignoraram a própria fadiga, embalaram os alimentos que sobraram, foram a uma região perigosa da cidade e gastaram outra meia hora para distribuí-los. Não havia câmeras de TV para gravar a cena, nem organizações sem fins lucrativos para dar-lhes um recibo dedutível do imposto de renda. Estavam apenas silenciosamente amando os pobres. Meu coração explodiu de alegria por este ato de bondade repentino.

Com uma pontada de orgulho, pensei nas numerosas equipes de voluntários do Centro dos Sonhos que ministram aqui todas as semanas. Revigorado, comecei a

pensar em maneiras de expandir nossos esforços no centro da cidade: disponibilizar mais ônibus para apanhar mais desses pobres, adicionar outro programa para doentes que não tinham onde obter tratamento, motivar mais voluntários a virem aqui, arrecadar mais dinheiro para ajudar um número maior destas pessoas sofredoras e esquecidas.

Já não estava cansado. Minhas forças foram renovadas. É isso! É este o ponto! Parei na calçada e deu um giro de 360 graus lentamente, gravando a área mentalmente e prometendo a mim mesmo que o pessoal do Centro dos Sonhos viria aqui dia após dia, de forma mais estratégica e mais ousada do que nunca. Essas pessoas não eram os problemas da sociedade. Tinham problemas que a sociedade poderia resolver, que a Igreja, o povo de Deus, poderia resolver. Por meio de Jesus Cristo, podemos resolver todos estes problemas.

O motor do caminhão rugiu à vida. Virei-me para acenar adeus aos trabalhadores do restaurante que tinham nos servido. Acenaram. Não estavam apenas fazendo e vendendo comida mexicana. Estavam mudando o mundo. Estavam vivendo a vida do Reino.



A vida é muito mais simples do que pensamos.

Não é preciso uma pessoa com formação ou capacitação incomum para mudar o mundo. Tudo que é preciso é um coração que se importe, uma mente que seja determinada, um espírito que esteja disposto, uma causa que interesse e uma pessoa para ajudar.

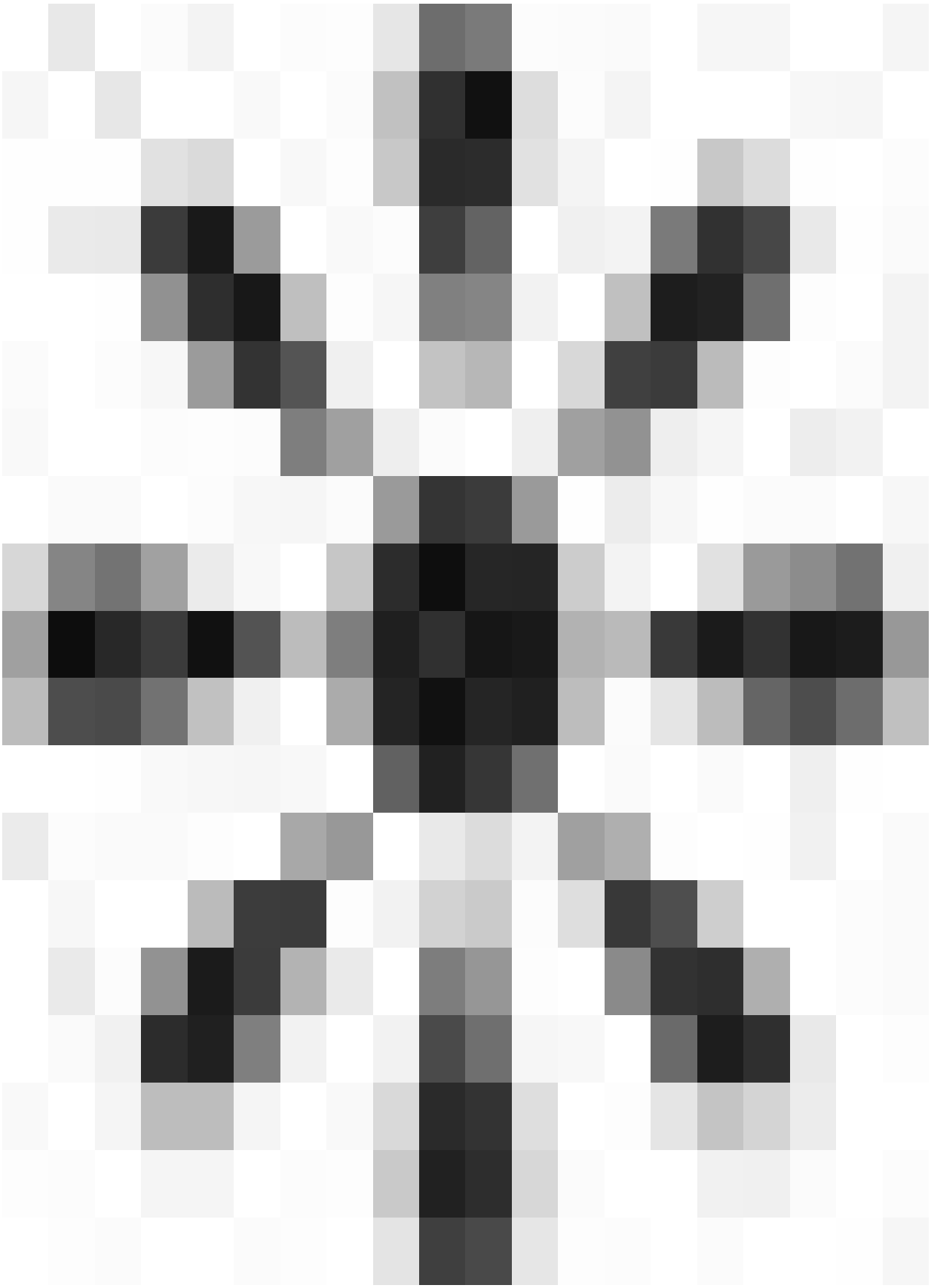
O objetivo de Deus é você viver uma vida voltada para fora, ou seja, não viver preocupado consigo mesmo, mas focado nas necessidades dos outros e em como você pode atender essas necessidades. Quando adota essa mentalidade, está à beira da influência e sucesso, porque esta é uma perspectiva que Deus abençoa. Assim que passa a pensar nas necessidades e problemas dos outros, e no que pode fazer para suavizá-los ou como pode abençoar e edificar os outros, começa a estabelecer uma nova identidade para si mesmo — a sua verdadeira identidade.

Não é preciso uma pessoa com formação ou capacitação incomum para mudar o mundo. Tudo que é preciso é um coração que se importe, uma mente que seja determinada, um espírito que esteja disposto, uma causa que interesse e uma pessoa para ajudar.

Quando cheguei a Los Angeles como rapaz de vinte anos de idade, não me parecia ter muito a oferecer — opinião que logo adotei. No entanto, no meio do meu desespero, Deus me levou ao Parque Echo. Lá, ele me disse: Se você alcançar as pessoas que ninguém quer, vou mandar para você as pessoas que todo mundo quer.

Naquele momento, eu não fazia a menor ideia do que acarretava servir e abençoar as pessoas naquele lugar. No entanto, eu sabia que Deus deixaria este ponto claro na hora certa. Até que entendi qual é a minha causa. Não era construir uma grande igreja. Era edificar grandes pessoas. Deixei de lado meu plano pessoal e consolidado, o plano de construir uma igreja, e aceitei a causa que Ele escolhera para mim.

Para selar o acordo naquela noite, levantei-me e dirigi-me a alguns rapazes sentados na calçada, um dos quais estava derramando uísque goela abaixo e o outro ocupado demais mostrando sua perícia com a vodca. Puxei uma conversa casual com eles. Estavam suficientemente abertos. Aprendi algumas coisas. Antes de ir embora, agradeci-lhes o tempo, falei sobre a igreja e até convidei-os a juntarem-se a nós durante a próxima semana ou no próximo domingo de manhã. Garantiram-me que iriam. Claro que era improvável que se lembrassem que tinham falado comigo, muito menos de comparecerem na igreja, mas estava tudo bem. Deus já estava incutindo amor e compaixão genuínos por essas pessoas em meu coração. Não sentia medo ou desprezo, apenas a sensação de estar no caminho certo para fazer a diferença com a minha vida.



Naquela noite no Parque Echo, aprendi uma série de coisas sobre a causa dentro de mim. Uma das maiores lições foi a importância de aceitar o fardo de Deus e liberar o meu. Durante anos houve pressão e tensão acumulando-se em minha cabeça e coração sobre o desafio de edificar uma grande igreja. Essa seria a minha obra-prima, o meu dom magnífico para Deus. Então, descobri que não era o que Ele queria! Ou talvez estivesse ressaltando que ninguém pode edificar uma grande igreja para Ele, que só Ele pode realizar esta façanha. Minha vocação verdadeira era edificar grandes pessoas. Não foi minha escolha. Foi sua missão para mim. Por causa disso, podia relaxar um pouco e contar que Ele estava me ajudando no que precisava para realizar a tarefa.

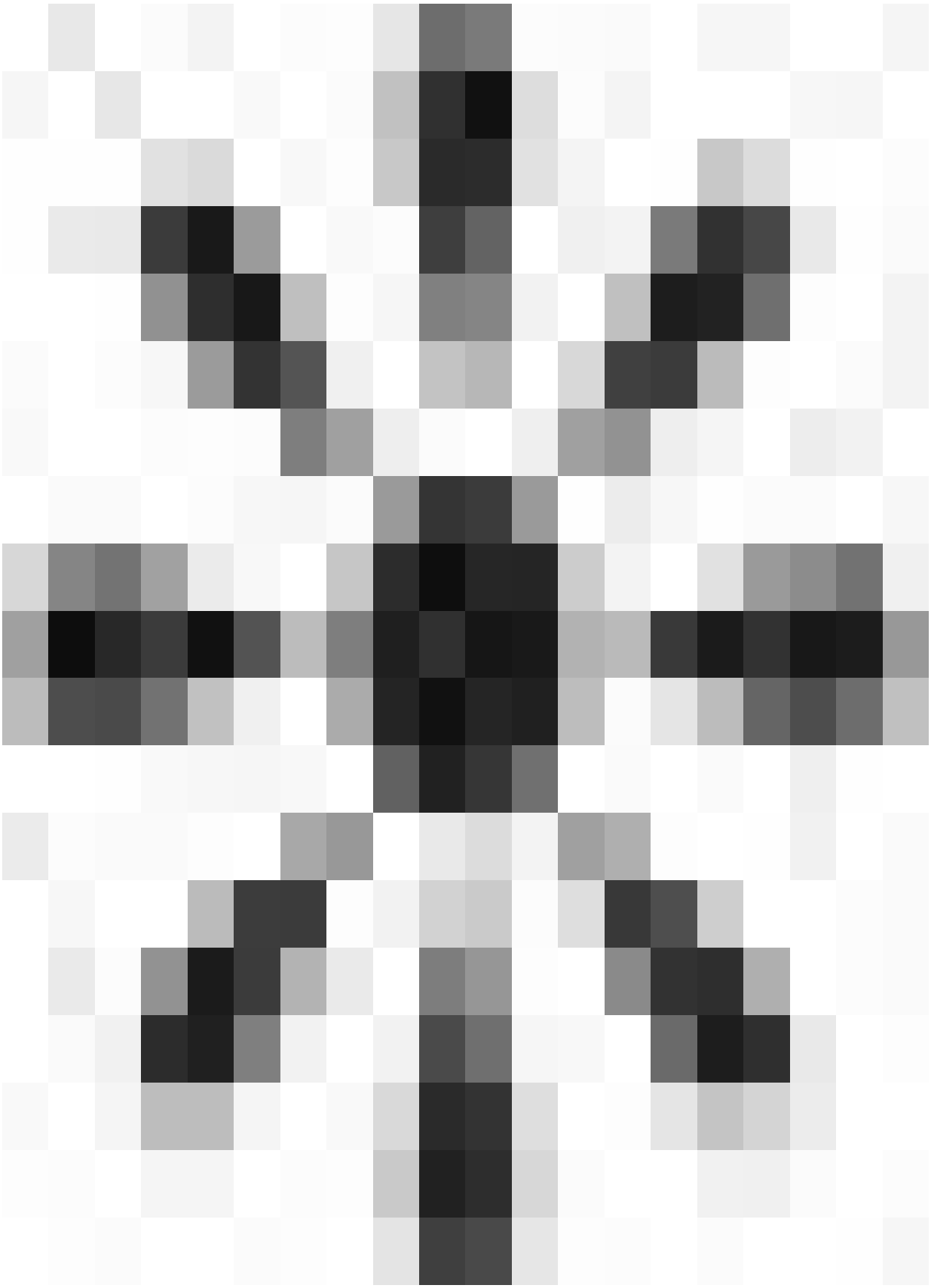
Quando eu estava focado em edificar uma grande igreja, era um fardo pesado. Um fardo que ia ficando cada vez mais pesado por causa de todos os requisitos que se acumulavam: tarefas, funções, necessidades para atender, coisas para aprender, pessoas para gerenciar, soluções para criar, questões para entender, recursos para proteger e assim por diante. Todo dia, ao que parece, agregava mais peso ao meu sonho do que seria necessário para construir uma igreja. Isso explica por que, aos vinte anos, eu já tinha úlcera! Meu estômago dava nós, porque a carga era demais.

Mas a beleza da causa que Deus dá é que ela foi feita sob medida para você. Como diz a Escritura, o jugo de Deus é leve e o fardo é fácil de carregar.[3] É porque a sua causa utilizará os pontos fortes com que Ele dotou você. Nos últimos anos, uma das ênfases das empresas é identificar os pontos fortes da pessoa e encontrar maneiras de tirar vantagem dessas capacidades acima da média. Deus dá a você certos pontos fortes, e seu melhor lance é investir em explorá-los, idealmente para os propósitos divinos. Quando você faz aquilo que você é bom, não é estressante, mas divertido e revigorante. Deus quer que você goste de servir os outros. Isso acontece quando opera nas áreas dos seus pontos fortes. Quando você carrega o fardo de Deus, ele é leve, sobretudo em comparação com as cargas que você cria para si mesmo.

Esta é a imagem que trago em minha mente de como isso funciona: quando começo a sentir-me sobrecarregado, é porque estou acumulando fardos improdutivos sobre os ombros. Tudo que faço é acumular mais compromissos que não oferecerão resultados positivos. Mas quando estou cumprindo a causa que Deus me deu, sempre estou dando aos outros, aliviando o peso de tudo que

juntei para a viagem. Quanto mais dou, mais leve me sinto. Às vezes, quando dou tudo que posso dar em determinada situação, sinto-me leve como uma pluma. Fico cansado, claro, mas alegre porque dei tudo e está fazendo uma diferença positiva na vida de outra pessoa. Isso me dá a sensação de exultação, um sentimento de alívio.

Que experiências têm aliviado a sua carga? Aposto que são o tipo de esforços que mostram suas aptidões e habilidades em situações em que você está melhorando a vida de alguém. E aposto que os esforços estão estreitamente relacionados com a causa que está dentro de você, esperando para ser liberada e satisfeita.



Uma das coisas mais importantes que Deus reiterou durante minha festa debutante no Parque Echo foi que uma causa sempre diz respeito a servir as pessoas. Já li livros conhecidos que falam sobre visão. Algumas declarações de visão que as pessoas e empresas buscam soam-me imprecisas, porque se concentram em tamanho (ser o maior), dinheiro (retorno sobre o investimento, acúmulo de riqueza, valor para os acionistas), reputação (reconhecimento universal do nome, tendo a imagem como a melhor), posição (ganho de cargo específico ou obtenção de posição significativa na empresa) ou satisfação (prazer ou conforto recebido). Essas coisas não são necessariamente ruins, e podem até ser componentes necessários no cumprimento verdadeiro da causa de alguém. Mas não são a incorporação ou a reflexão central da causa em si.

Deus ama as pessoas. Ele não está tão interessado em nossa grandeza, riqueza, popularidade ou supremacia. Está interessado em nosso relacionamento com Ele e nosso relacionamento com as pessoas. Na verdade, Jesus resumiu o propósito de nossas vidas, quando estava debatendo com os líderes religiosos de seus dias: “Amarás, pois, ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças. [...] Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. O amor não é apenas um sentimento, é mais um compromisso. Portanto, a sua causa diz respeito a amar as pessoas através do seu compromisso de conhecer e compreendê-las e cuidar das necessidades delas. Em outras palavras, servi-las.

Pense sobre o que isso significa. Como indivíduo, a sua causa está de alguma forma relacionada a casar suas paixões, interesses e habilidades com as necessidades das pessoas. Quando você está mais satisfeito? Quando faz aquilo que você é melhor, o que mais gosta e o que produz uma diferença significativa na vida das pessoas. Artistas satisfeitos não pintam ou esculpem em prol de criar mais arte. Fazem o que fazem para mover as pessoas e desafiá-las a ver o mundo de forma diferente. Professores competentes não dispensam informação em prol de distribuir mais fatos ou exibir conhecimento próprio. Ensinam para moldar a capacidade dos alunos de pensar e resolver problemas, o que os prepara para terem sucesso na vida. Policiais não mandam motoristas imprudentes encostar o carro para exibir sua competência ou atingir uma quota mensal. Fazem para proteger pessoas inocentes e motivar motoristas imprudentes a colocar seu comportamento sob controle, o que torna o mundo um lugar mais seguro e, assim, melhor.

É possível que os artistas, professores, pais, funcionários, policiais ou qualquer um de nós perca de vista como nossas escolhas servem melhor as necessidades dos outros? Sem dúvida! Mas quando fazemos coisas que são egoístas, como realizar uma tarefa no menor nível de nossa capacidade, apenas para que seja feita, ou fazemos algo que faz com que eu pareça bom às custas da minha equipe, o resultado final é inferior ao que poderia ter sido. Na cultura de hoje, somos tentados e até incentivados a fazer o que é melhor para satisfazer desejos imediatos, egoístas e pessoais. Atuamos no curto prazo às custas dos resultados duradouros. Ampliamos o ganho pessoal acima da nossa responsabilidade comunal. No final, ficamos com uma sociedade em que cada pessoa vê as outras como competidoras ou obstáculos, e não como recebedoras de serviços. As pessoas tornam-se mercadorias que são simples meios pelos quais obtemos satisfação. Em outras palavras, conseguimos o que a cultura hodierna tornou-se no último quarto de século.

Só há um antídoto para esse declínio deteriorante: tirar os olhos de nós mesmos e reconhecer a nossa causa interior, o que nos chama a cuidar uns dos outros. Em última análise, obtemos prazer e satisfação dessas ações. Mas mais do que isso, dado o proclamado propósito de vida de amar a Deus e amar os outros, é a coisa certa a fazer. Podemos falar tudo o que quisermos sobre fazer diferença no mundo, deixar o mundo um lugar melhor, imprimir nossa marca no mundo, ter um legado duradouro, mas a menos que o nosso objetivo central refira-se a formas nas quais servimos as pessoas no máximo de nossas habilidades, tudo é conversa-fiada.

E não é que servir seja a dificuldade. Muitas pessoas pensam que se você está ajudando os outros, está sacrificando todas as coisas boas da vida e agindo como benfeitor. Não se trata disso. Quando você encontra esse ponto central que reflete a sua causa, Ele está na interseção da sua paixão (o que realmente importa para você), suas aptidões (o que você faz melhor) e sua contribuição (como você torna o mundo melhor). Se você já identificou a sua causa e investiu-se nela, sabe do que estou falando. Se ainda não identificou, prepare-se para a surpresa mais agradável da sua vida. Servir não é só luta e labuta, embora haja algumas dificuldades envolvidas. A satisfação da sua causa deixará as coisas melhores do que você as encontrou, e isso inclui você.

A satisfação da sua causa deixará as coisas melhores do que você

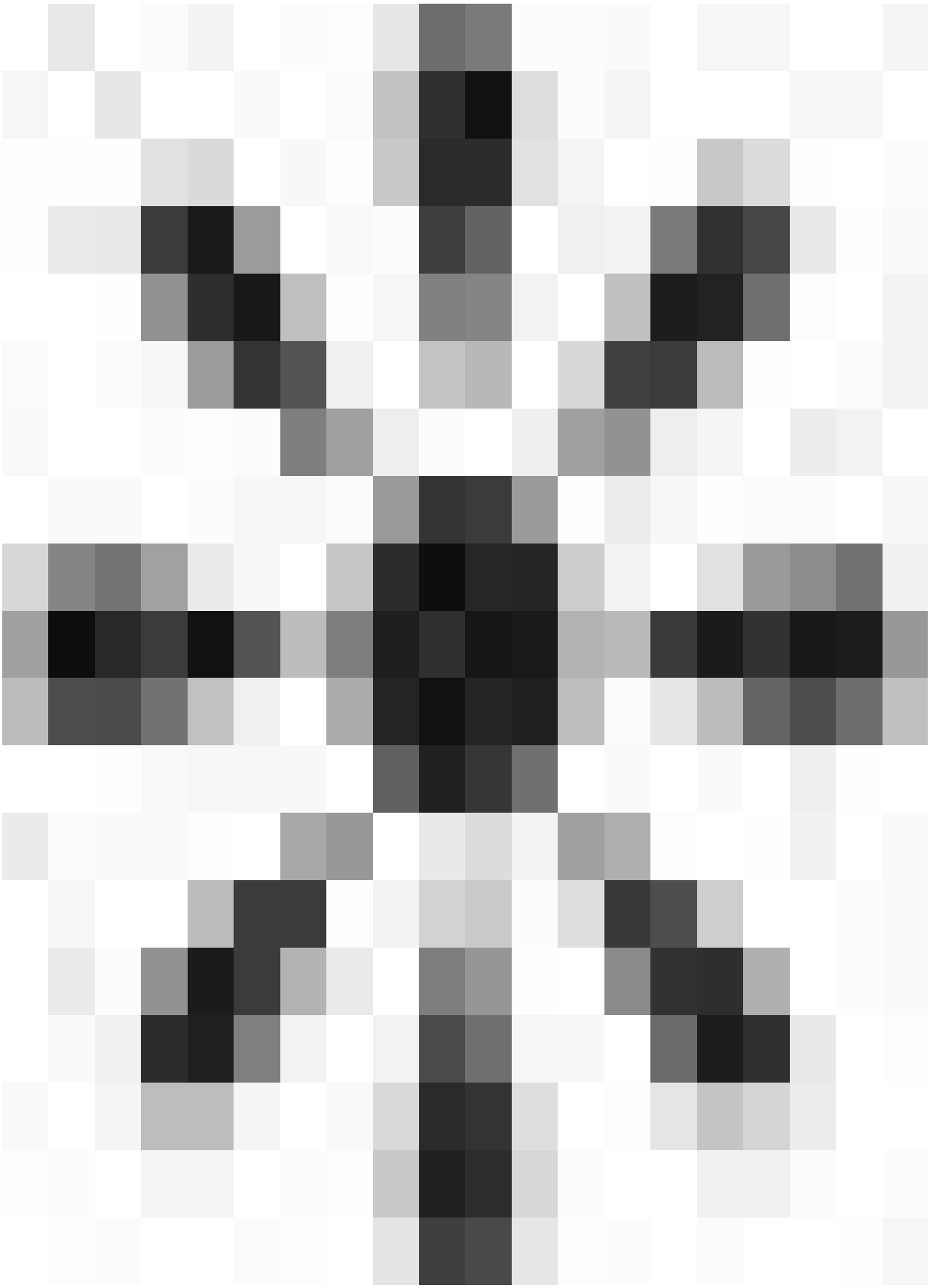
as encontrou, e isso inclui você.

Uma das descobertas agradáveis que fiz ao longo dos anos é que, quando você serve aos outros, o impacto do seu serviço continua a propagar-se cada vez mais, afetando mais pessoas do que você jamais saberá. Um bom exemplo é o programa Adote um Quarteirão que dispomos no Centro dos Sonhos. É a mais simples das atividades, mas tem um efeito cascata inacreditável. Adote um Quarteirão é um programa em que uma equipe de pessoas se compromete a visitar o mesmo quarteirão da cidade a cada semana. Todos os sábados, a equipe bate na porta de cada casa do quarteirão, perguntando aos moradores se há alguma coisa que eles podem fazer para servi-los e se oferecem para orar com eles quando estão de saída. Em seguida, passam para a próxima casa e repetem o processo.

Hoje temos centenas de pessoas que se juntam a nós todos os sábados para visitar os quarteirões adotados e servir cada casa visitada do jeito que puderem. (Claro que uma das melhores maneiras de ajudar os moradores é fazer amizade com eles e fazer com que saibam que são importantes e amados por alguém que não espera nada em troca.) Atualmente, ajudamos mais de trinta mil pessoas a cada fim de semana, oferecendo todos os tipos de ajuda: alimentos, roupas, reparos hidráulicos e elétricos, assistência médica, pintura, jardinagem, ajuda com a lição de casa e assim por diante. (Temos voluntários com habilidades especializadas, por exemplo, encanadores, eletricistas, médicos, etc., de sobreaviso para irem onde quer que sua especialidade seja necessária.) Muitas vezes somos as únicas pessoas que visitam uma pessoa idosa ou doente durante a semana, que aguardam ansiosos a chegada do nosso pessoal e o incentivo que trazem.

Quando encontro pessoas de outras regiões de Los Angeles, elas conversam comigo como se nos conhecêssemos há anos. Enquanto nos envolvemos na conversa, descubro que têm parentes que moram em uma de nossas ruas adotadas e estão familiarizados com o que fazemos nesses quarteirões. Perguntam: “Quando vocês chegarão ao meu bairro?”, e falam muito bem de nós e elogiam a diferença que nossas equipes fazem nos bairros em que atuamos. Ocorreu-me que nossos pequenos atos de amor têm um efeito cascata. Pessoas que sequer frequentam a nossa igreja têm orgulho dela, porque apreciam o amor incondicional que oferecemos. E isso tem aberto muitas oportunidades para

fazermos muitos outros atos de serviço e alcançarmos um maior número de pessoas com o amor de Deus, partilhando o seu amor redentor com as pessoas quando estão prontas para recebê-lo.



No decorrer de minhas viagens encontro pessoas que dizem que não gostam de Deus ou não gostam de igrejas cristãs. Para mim, não há problema, porque descobrir que na verdade elas não odeiam a Deus ou as igrejas. Odeiam a falsa impressão que têm do que Deus ou as igrejas são.

Sempre é uma alegria apresentar essas pessoas às que estão no Centro dos Sonhos, porque a paixão, energia, entusiasmo de nossa gente as deixam pasmadas. Em uma rápida caminhada pela nossa propriedade, vocês conhecerão pessoas sem dentes que nunca terminaram o Ensino Fundamental e pessoas com doutorado em assuntos que nem mesmo sei pronunciar. O fio que têm em comum é a necessidade de serem amadas e a alegria de servirem. Assim que identificam e comprometem-se com as suas causas, a vida já não lhes pertence. Dedicam-na ao Deus amoroso para servir aos outros.

Meus encontros com os que odeiam a Deus são divertidos, porque sei o que esperar. Começam com histórias sobre a natureza indiferente de Deus, ou as atrocidades cometidas em seu nome, ou a razão pela qual não acreditam que Ele existe. Então, conhecem alguns da nossa gente.

O que os que negam aprendem é que Deus não é um ser longínquo, que dispensa regras e punição. Ele é amor, e seu amor transforma aqueles que Ele ama, os quais, então, agem como canal para o amor divino através do servir aos outros. Os que duvidam veem em primeira mão que Deus se revela em dar às pessoas movidas pela causa uma grande aventura para toda a vida. É uma aventura que as motiva como nenhuma outra. Veem que a verdadeira fé é uma fé ativa, e não apenas um monte de conhecimento na cabeça de sermões e estudos bíblicos, mas uma forma de viver que adota a missão de mudar o mundo para melhor através do poder de Deus. Ouvem testemunhos de tóxico dependentes reabilitados, ou meninas que foram resgatadas do tráfico do sexo, ou famílias pobres que moram gratuitamente em nosso campus, enquanto refazem a vida juntos, ou adolescentes emancipados que estão recebendo formação acadêmica e profissional para poderem sobreviver e prosperar no mundo. Antes que você perceba, eles se dão conta de que o que estão ouvindo sobre os milagres são verdadeiros. Então, começam a compreender que existe realmente um Deus que nos ama e quer trabalhar conosco amando os outros. A reviravolta na atitude de muitos céticos é incrível, outro pequeno milagre em si mesmo.

Meu assistente Todd é ótimo exemplo dessa transição. Primeiro, não cria em Deus e depois ficou intrigado com os esforços abnegados do povo de Deus. Por fim, aceitou e recebeu Jesus para tornar-se servo. Todd foi criado como judeu nominal, mas se transformou em ateu praticante. Tinha um trabalho muito responsável, administrando alguns cinemas em Los Angeles, incluindo o El Capitan Theater em Hollywood. (É um velho e majestoso cinema, onde a Disney lança sua nova família de filmes e oferece uma experiência especial e prática relacionada ao filme.) Um casal de amigos o levou a um dos nossos cultos. Nunca estivera em uma igreja na vida e não sabia que Jesus Cristo era uma pessoa real. Sabia quase nada sobre o cristianismo, embora tivesse sido criado nesta região de Los Angeles.

A primeira vez que veio a nossa igreja foi em um culto especial, quando o ex-televangelista Jim Bakker estava falando para a nossa congregação. Jim tem uma história extraordinária sobre sua experiência com o Centro dos Sonhos. Falarei sobre isso mais tarde. Seja como for, quando Jim acabou de falar, papai e eu estávamos no palco chorando por causa das palavras de Jim, abraçando-o e recebendo-o em nossa congregação. Todd estava sentado na plateia, perplexo com quem eram todos esses homens estranhos no palco, que estavam se abraçando e chorando na frente de centenas de pessoas. Todd conta a história melhor:

Eu não fazia a menor ideia do que estava acontecendo, quem eram essas pessoas e o que eu estava fazendo ali. Mas sentia algo que nunca sentira na vida. Ali estava eu nessa igreja estranha com pessoas incomuns, tentando descobrir o que estava acontecendo. Mas eu tinha esse sentimento. Por isso, voltei com meus amigos no domingo seguinte. E depois voltei na quintafeira e, em seguida, no domingo seguinte. Não era fácil para mim, pois eu estava na casa dos trinta anos e com minhas crenças estabelecidas.

Tenho um tipo de mente científica, que adora fatos e números. Mas muitas das histórias da Bíblia que eu estava ouvindo não faziam sentido para mim. Pessoas tendo filhos aos cem anos de idade? Acho que não. Um cara que vive na boca de um grande peixe por alguns dias? Não. Essas coisas não faziam sentido. Por isso, levei meses voltando, ouvindo, observando essas pessoas, antes que isso começasse a fazer sentido. Mas continuei voltando, sempre com meus dois amigos, em quem confiava, porque os demais desses cristãos me deixavam meio

com medo. Eram estranhos. Gostavam de cantar com os braços levantados e coisas assim. Quem eram essas pessoas? De onde vieram?

Certa noite, eu estava saindo após o término do culto, quando uma mulher aproximou-se de mim e perguntou:

— Você vai para a Escola de Pastores?

E pensei: E por que eu faria isso? Não sou pastor. Nem mesmo era salvo. Então, respondi que não. E assim que saí pela porta dos fundos da igreja, senti esta impressão muito forte: Vire-se, volte para dentro e inscreva-se na Escola de Pastores. Não fazia sentido, mas parecia certo fazer. Então, fiz. Eu era o único ateu em uma sala cheia de pastores durante vários dias aprendendo a ser um pastor melhor.

Através de um conjunto de circunstâncias estranhas, Todd não apenas viajou a Phoenix para a conferência de pastores realizada anualmente na igreja de meu pai, mas acabou ficando em meu quarto de hotel pelas três noites. Foi assim que nos conhecemos. Durante esses poucos dias, ele não só assistiu às sessões de ensino, mas também me ajudou a comprar uma camisa e uma gravata para usar na sessão que eu ensinaria (ele não aprecia meu gosto em termos de gravatas), passou meu terno (algo que nem pedi, nem esperava) e até ajudou na mesa de apoio, onde estávamos vendendo CDs por nossa equipe de música, que tocou durante a conferência. Depois de voltarmos para Los Angeles, Todd começou a engajar-se com o que fazemos:

Quando estávamos em Phoenix, senti a mesma voz em meu interior e, de alguma forma, eu sabia que estava sendo chamado para servir a este pastor, Matthew Barnett, e à visão incrível que ele tinha para Los Angeles. Enquanto estávamos em Phoenix, fui salvo e tomei a decisão de largar meu emprego para servir a Matthew e trabalhar com outras pessoas ligadas ao Centro dos Sonhos. Nunca sentira nada tão forte antes em minha vida.

Voltamos para Los Angeles, e imediatamente comecei a estudar todo assunto relacionado à Bíblia. Fazia projetos de pesquisa pessoais sobre textos bíblicos diversos. Há uma passagem no livro de Hebreus que fala que o homem é criado

ou um pouco maior ou menor que os anjos. Aprofundeime na questão e escrevi um trabalho de pesquisa de vinte e sete páginas a respeito. Foi um trabalho bom e completo, descrevendo como alguns estudiosos da Bíblia traduzem essa passagem para dizer que os anjos são mais altos, ao passo que outros a traduzem para dizer que os homens são mais elevados.

Quando terminei o trabalho, dei-o ao pastor Matthew e contei quanto me esforçara para apresentar ambos os lados da questão. Disse-lhe que queria que me respondesse esta pergunta: somos maiores ou menores que os anjos? Olhou para mim e disse:

— Quem se importa? A quem isso ajuda? A vida de quem isso muda?

Respondi que não sabia. E continuou:

— Ninguém! Não muda a vida de ninguém! De nenhuma pessoa. Zero pessoa. Sabe o que você precisa fazer com isso? Livre-se disso e vá alimentar pessoas que estão com fome. Então, se ainda precisar saber a resposta a essa pergunta, pergunte a Jesus depois que você morrer. Por enquanto, esse assunto não tem importância. Encontre alguém para ajudar e cuidar de suas necessidades.

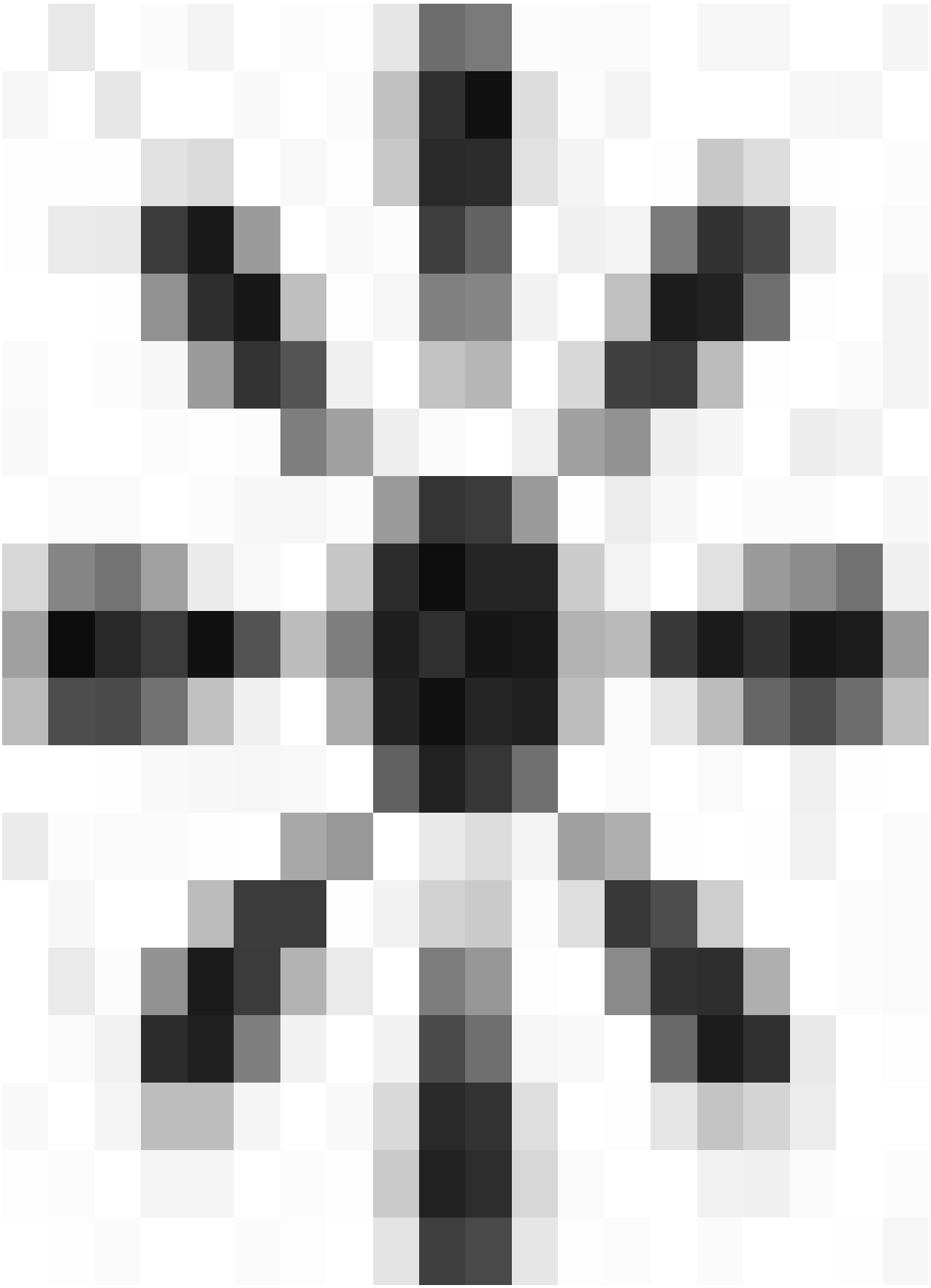
Era o que eu precisava ouvir naquela etapa do meu processo. Tornei-me, então, voluntário por um ano, abandonando o meu trabalho no cinema e tudo mais.

No primeiro mês no Centro dos Sonhos, o diretor de segurança falou comigo e mencionou que o pastor Matthew precisava de segurança quando saía para visitar pessoas neste novo projeto entre os sem-teto que vivem debaixo dos viadutos. Chamaram o projeto de Debaixo dos Viadutos, porque era onde encontraríamos essas pessoas, exatamente onde estariam morando, debaixo de viadutos. É um componente básico em nosso ministério hoje, mas era uma novidade então. Não sabia nada a respeito, mas concordei em ir. Deixe-me dizer que conhecer e trabalhar com essas pessoas através do projeto Debaixo dos Viadutos foi uma das coisas que transformou a minha vida. No primeiro fim de semana, abracei um cara com hepatite C. Quer dizer, nunca tinha abraçado uma pessoa suja! Era um rapaz muito magro, e morreu cerca de uma semana mais tarde.

Quando você sai e vê as necessidades das pessoas, seu coração se parte. Servi no projeto Debaixo dos Viadutos por um tempo, e depois no projeto Adote um Quarteirão por anos e anos. Isso muda você para sempre. É a melhor maneira de

captar a visão e ver além de si mesmo. Sair, ver a necessidade, servir a alguém. Você nunca mais será o mesmo. Venho fazendo isso há treze anos. Aprendi que tudo é possível através de Deus, e qualquer pessoa pode ser alcançada. Mas elas são alcançadas por pessoas como você e eu.

A sua causa é uma missão emocionante na qual Deus está enviando você. Transcende os desafios mundanos de ganhar a vida ou sobreviver às habituais dificuldades diárias. A sua causa é o motor que fará o seu mundo girar. É mais estimulante do que qualquer outra coisa que você enfrenta. Não se trata de ser religioso. Diz respeito a ser servo.



Antes de aprofundar-nos nas maneiras com que você pode descobrir a sua causa, deixe-me fazer uma observação: você precisa identificar a causa dentro de você agora. Hoje. (Ainda não sabe como fazer isso? Os próximos capítulos tratarão sobre isso.)

Quanto mais rápido você ocupar-se em realizar a sua causa, mais rápido experimentará a satisfação e alegria que ela produz. Quanto mais cedo você fizer progressos para satisfazer a sua causa, mais cedo começará a mudar o mundo, um pouco de cada vez, mas no fim gerando um impacto sério. Quanto mais você mergulhar na causa, pensando sobre ela, fazendo-a, desfrutando-a, mais impulso ela produzirá. Então, o seu impacto aumentará como uma bola de neve. Estará adicionando valor ao mundo. Você não será apenas um extrator de recursos, mas se tornará agente de crescimento e provedor de benefícios. Experimente. Você verá que a sua causa não fica melhor do que isso. E assim que faz com que a causa comece a operar e gerar impulso, é como estar no banco da frente de uma montanha russa: tudo é rápido, furioso, destemido e divertido!

Quando Deus o criou, além da causa que colocou dentro de você, também lhe deu um monte de outras boas qualidades. Realizar a sua causa é a melhor maneira de esvaziar-se de todas essas boas características. É uma meta viável para toda a vida: consuma-se, fazendo o bem onde quer que você puder, até que não lhe reste nada mais a dar. Quando estiver vazio, então poderá morrer feliz, por causa de todos os resultados positivos que promoveu e de todas as maneiras com que Deus pode trabalhar através de você para mudar o mundo. Às vezes, você pensará que está à beira do vazio e não tem mais nada a oferecer. Só então, Deus o encherá novamente, e as atividades poderão continuar. Mas primeiro você tem de fazer com que a causa entre em ação, e hoje é a melhor oportunidade que você já tem para começar a viver a vida suprema.

Está pronto? Isso mudará a sua vida. Vamos dar um passeio prático através do processo de fazer com que a sua vida seja significativa ao máximo. Nos capítulos que se seguem, quero explorar esses aspectos da causa dentro de você:

Encontrar a sua grande causa.

Vencer os obstáculos inevitáveis relacionados a levar uma vida focada na causa.

Preparar-se para tirar o máximo de suas oportunidades relacionadas à causa.

Fazer um compromisso pessoal com a causa.

Realizar o trabalho.

Trabalhar em parceria com os outros.

Perseverar durante os tempos de sequidão e nos períodos baixos.

Experimentar os prazeres e as recompensas de viver para a sua causa dada por Deus.

Deleitar-se na paz com Deus, que é promovida por sua causa.

Ainda não tem certeza se esta é uma jornada que você quer fazer? Esta é a minha oferta para você: Dê à sua causa noventa dias de esforço honesto. Dedique-se no processo e pratique como se realmente acreditasse e quisesse que ela funcionasse. Se realizar a causa dentro de você não o motivar após noventa dias de esforço sincero, então desista. Procure outra coisa pela qual viver, algo que seja melhor do que servir às pessoas através de sua paixão e pontos fortes. Não consigo sequer imaginar o que seria. Estou plenamente confiante de que você descobrirá que viver pela sua causa lhe dará novo significado e energia à vida. Mas, como diz a Bíblia, não acredite só por que estou dizendo; prove e veja.[6] Se for boa, você ganha. Fique com ela e desfrute dela. Se malograr, você não perdeu muita coisa — apenas a quantidade de tempo e energia durante os quais você, sem dúvida, aprenderá algo sobre si mesmo e sobre os outros que será proveitoso em seus empreendimentos futuros.

O QUE APRENDI

Toda pessoa tem uma causa dada por Deus projetada especificamente para ela.

A causa de Deus para a sua vida é mais fácil de realizar do que a causa que você mesmo projetou.

Quando você encontrá-la, sua verdadeira causa liberará sua paixão e aptidões.

A causa de Deus para você relaciona-se a ajudar e servir às pessoas.

A melhor época para descobrir a causa dentro de você é agora.

Capítulo 5

DESCOBRINDO A CAUSA PARA TODA A VIDA

ALFRED LOMAS, UM HOMEM de quarenta e poucos anos, olhos negros e profundos e pescoço e braços cobertos de tatuagens, parece um veterano das ruas.

Na verdade, desde que era adolescente, Alfred esteve envolvido com gangues. Sua vida tomou novo rumo, quando ingressou na Marinha e tornou-se parte de uma equipe de elite que treinava com as unidades das Forças Especiais em todo o mundo. Depois de dar baixa, Alfred voltou para Los Angeles e retomou suas relações com uma das principais gangues. Tendo em vista seu treinamento e perícia militares, não só se envolveu em violência da pesada, mas também em contra vigilância contra o FBI, usando muitas das técnicas que aprendera no exterior em operações militares secretas. Trabalhou diretamente para relativamente poucos líderes de gangues, que eram responsáveis pela maioria da violência que assolava as ruas. Era responsável por proteger os líderes de gangues, as redes de prostituição, as vendas de drogas e coisas assim.

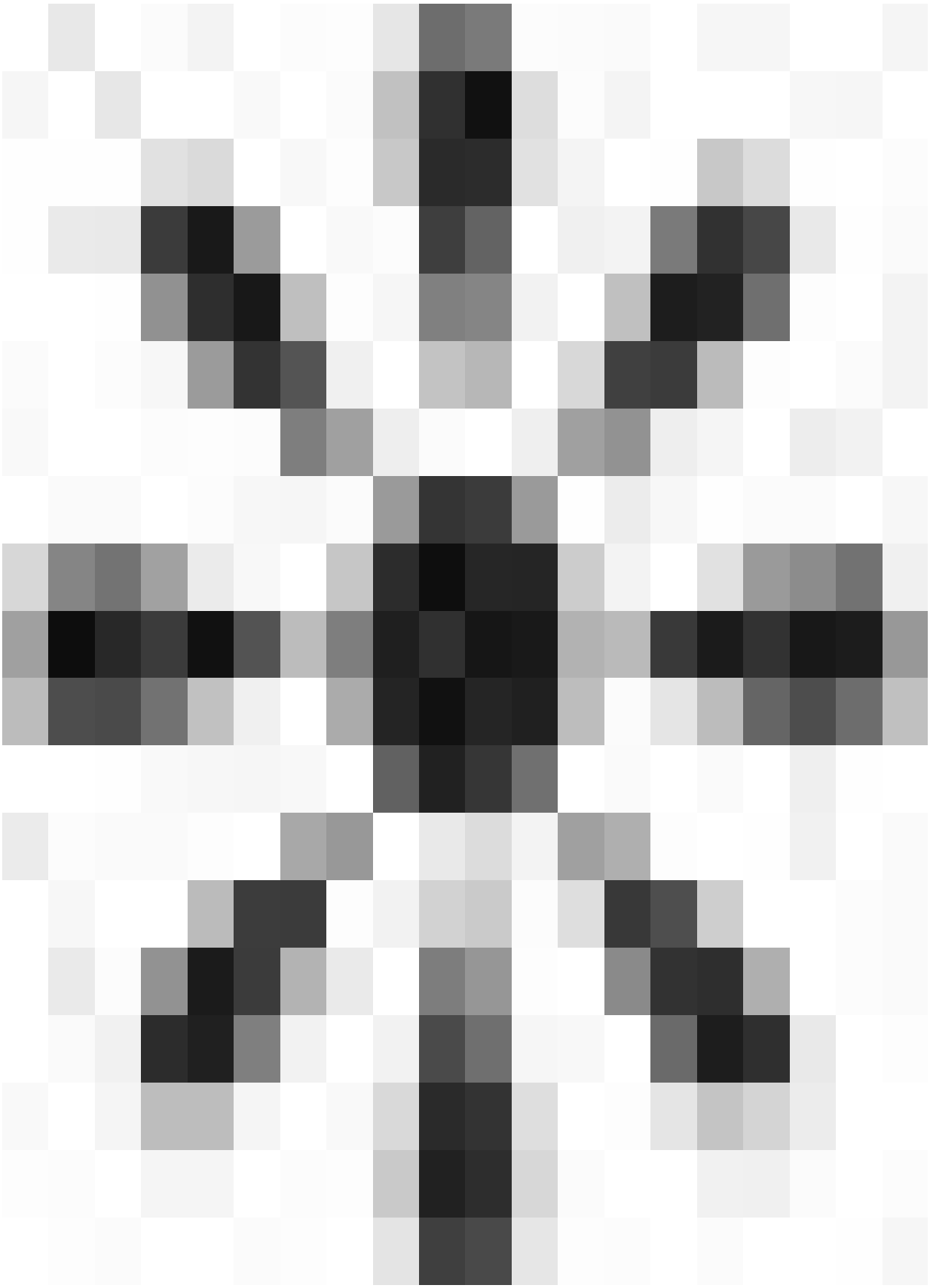
Uma grande guerra entre gangues estourou envolvendo os Crips, a gangue de rua original, que agora opera em todo o mundo. Alfred estava bem no meio de tudo isso. Não muito tempo atrás, contou-me que a área de quatro quilômetros quadrados no centro de Los Angeles, onde a guerra foi travada, teve a maior taxa de homicídio no país naquele momento. Alfred foi a pessoa responsável pela introdução de metanfetamina nessa área, sendo ele mesmo viciado. Sua vida era uma lástima. Por fim, acabou na cadeia.

Seu caso envolvia atos de corrupção policial, por isso foi rejeitado pelos tribunais. Mas tendo em vista que a maioria dos seus companheiros ainda estava na prisão, esperando julgamento ou cumprindo pena, ele não tinha ninguém a quem recorrer. Por ter havido tumultos na cadeia, os presos foram confinados às suas celas, impedindo-o de fazer os contatos que precisava para ter acesso ao dinheiro para sobreviver. Por ser uma época tão inconstante, as outras pessoas

que ele conhecia que poderiam tê-lo ajudado tinham ido para a clandestinidade, deixando-o sem dinheiro e sem as conexões que precisava.

Desesperado, Alfred aceitou o convite para vir ao Centro dos Sonhos. Veio na esperança de ter refeições quentes e noites de descanso decente. Acabou permanecendo por um ano.

Durante seu tempo no centro, Alfred fez mais do que romper os laços com a gangue. Descobriu a causa que restaurou a dignidade e sentido à vida. Hoje Alfred está envolvido no ministério do caminhão de alimentos, que distribui comida para os pobres. Distribuímos cerca de quatrocentos e cinquenta mil quilos de alimentos por mês gratuitamente para os pobres em toda a Los Angeles e para outras igrejas distribuí-los para as pessoas do seu bairro. Durante os últimos três anos, Alfred esteve no caminhão que serve às pessoas na região em que ele viveu e trabalhou por toda a vida, a parte da cidade onde sua gangue e gangues rivais aterrorizaram as pessoas. Enquanto servia, Deus o impressionou com a necessidade de voltar a entrar em contato com as gangues a fim de tirar as pessoas dessa vida.



Alfred veio ao Centro dos Sonhos apenas com a intenção de sobreviver. Naquela época, a maioria das pessoas não teria acreditado que ele conseguisse refazer a vida, muito menos ajudar a formular uma solução para o problema de gangues em Los Angeles. Entretanto, aconteceu.

A esta altura, espero que você tenha percebido que, tão certo quanto Deus colocou uma causa dentro de Alfred, ele tem uma para você. Comecemos com o início do processo. Quando você se convencer de que Deus tem uma causa exclusivamente para você, como saber qual é?

Depois de ter ouvido muita gente falar sobre sua luta para identificar a causa dentro de si, preciso afirmar uma verdade particular: Deus quer que você saiba qual é a sua causa. Ele não engana ninguém. Por amar você mais do que pode entender, Ele não fará da descoberta de sua causa um cabo-de-guerra no qual deixa a sua mente confusa. Ele projetou essa causa especificamente para você, porque sabe que ela lhe dará enorme alegria e satisfação. Quando descobrir a sua causa e envolver-se nela, surge uma situação ganhadora de tempo quadruplicadamente: a sua vida assume o seu sentido último, as pessoas a quem você serve são abençoadas, o mundo se torna um lugar melhor e Deus tem prazer em sua obediência e alegria.

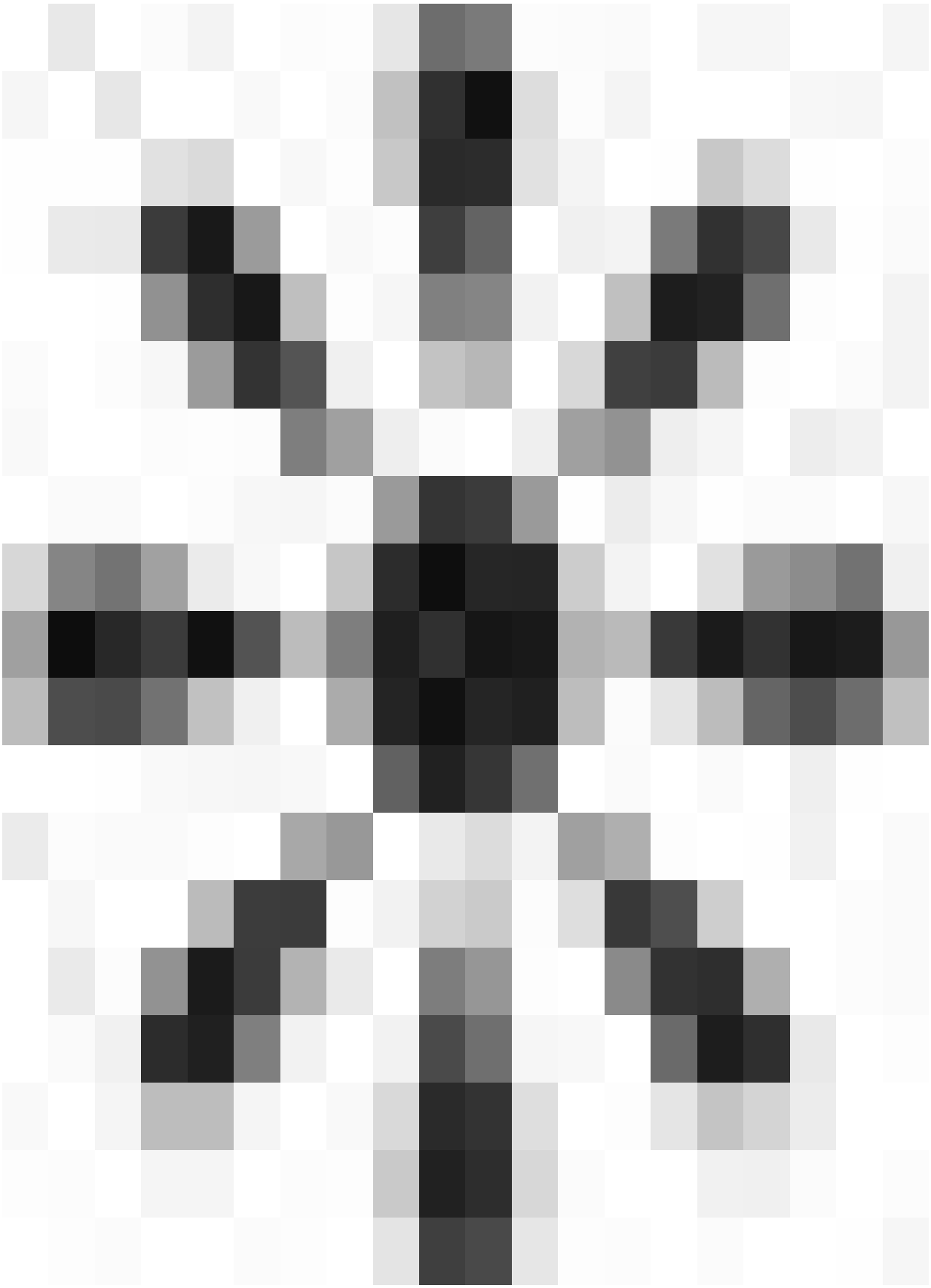
Então, como descobrir qual é a sua causa? Por experiência minha e de outros, afirmaria que o primeiro passo é entregar a sua vontade a Deus. Não surpreendentemente, esse passo foi bastante fácil para Alfred, tendo em vista que já estava no fim da linha. Mas é igualmente crítico para você e para mim. Sei que a rendição não é uma ideia popular nestes tempos de independência e preocupação exclusivamente consigo mesmo, mas a pedra angular para liberar o poder da causa dentro de você é afirmar em sua mente, coração e espírito que Deus sabe o que é melhor para você e que você está disposto a fazer o que Ele lhe ordena. Se você sabe muito acerca de Deus, reconhece que Ele tem em mente o que mais beneficia você. Seja qual for a causa que prepare para você será algo que produzirá bons resultados em todas as dimensões. É uma aplicação da passagem bíblica que nos lembra: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?”[7]

Ainda que suspeite que Deus aprecie nossos esforços de fazer algo

grande para Ele, só Ele sabe o que é melhor para nós e para o seu Reino.

Um erro comum que as pessoas cometem é decidir o que pensam que a causa deve ser, desenvolver um plano e, então, pedir a Deus que abençoe o plano. Foi exatamente o que fiz quando cheguei a Los Angeles. Estava determinado a construir uma grande igreja para Deus, e tinha em mente um plano completo de como fazê-lo. Minha oração não era que Deus revelasse a causa perfeita que tinha para mim, mas que abençoasse os planos sinceros que eu tinha para Ele. Os resultados dessa artimanha mostraram como era retrógada a minha abordagem. Ainda que suspeite que Deus aprecie nossos esforços de fazer algo grande para Ele, só Ele sabe o que é melhor para nós e para o seu Reino. Então, em vez de começar com você mesmo e elaborar um plano que quer que Ele aceite, busque o que tem em mente para você e adote o seu plano. Ele diz que devemos buscar em primeiro lugar as coisas do seu Reino e tudo o mais se encaixará no lugar.8 E essa é situação perfeita através da qual você prova a viabilidade dessa ideia.

A importância dessa perspectiva não pode ser superestimada. Um de seus muitos benefícios é que ajuda a distinguir entre o falar de Deus para nós e o nosso convencimento próprio de algo. Os psicólogos chamam essa voz de “monólogo interior”, que são as conversas ininterruptas que temos conosco mesmos ao longo do dia, enquanto tentamos usar a lógica para dar sentido à realidade e responder de forma inteligente. Se você está aberto a entregar sua vontade a Deus e aceitar a direção e objetivos que Ele tem para a sua vida pela fé, a natureza do seu monólogo interior mudará. Haverá, então, palavras que confirmam a direção divina e investigam as possibilidades de executar a causa que Ele colocou dentro de você.



Em nível prático, pode estar se perguntando como Deus “falará” com você. A maioria das pessoas nunca ouve uma voz audível dizendo o que fazer. Contudo, Ele se comunica de forma clara e inequívoca com cada um de nós, se soubermos ao que estar atento e como responder.

Na minha vida, Deus fala através da paixão e circunstâncias. Em outras palavras, Ele infunde uma sensação de desejo e urgência dentro de mim. Tenho uma paixão para realizar certos sonhos. Pelo fato de não serem estes sonhos os impulsos humanos normais, sobretudo na cultura consumista de hoje, acredito que são paixões inspiradas por Deus.

Ele também fala comigo, facilitando a ação relacionada a essa paixão. Faz isso, colocando-me em circunstâncias que me despertam o desejo de responder. Por exemplo, muitas vezes estou andando de carro pelo bairro e vejo algo que me chama a atenção. De repente, meu nível de adrenalina vai às alturas. Certa vez, vi algumas crianças jogando basquetebol na rua sem quadra ou aro para os arremessos. Estavam jogando a bola em uma lata de lixo que haviam colocado em cima de uma cadeira. Imediatamente pensei: Lembrete: providenciar uma quadra de basquetebol oficial em um lugar seguro com tabelas de cesta de basquetebol reais para as crianças do bairro brincarem. Eu poderia ter passado sem perceber as crianças, absorto em meus pensamentos, ou poderia tê-las visto e pensado: Que criativo, bom para elas, ou: Por que essa garotada não anda dois ou três quarteirões até a escola, pula a cerca de alambrado e joga na quadra externa? Mas Deus estava me abrindo os olhos e mexendo com minha paixão para responder a uma necessidade que Ele me ajudaria a resolver.

Recebi minha revelação radical de Deus no Parque Echo somente depois de obedecer ao instinto de fazer o que essa voz interna estava me dizendo: Saia da cama, vá ao parque e espere por mim. Do ponto de vista cultural, seguir esse instinto era irracional. Era a hora errada do dia, era o lugar errado para ir (ou seja, perigoso) e Deus não estava respondendo às minhas orações diretamente. Então, por que me acordar depois da meianoite e exigir esse tipo de exercício? Mas é assim que Deus trabalha. Acho que é uma maneira de Ele nos provar para ver se estamos dispostos a fazer o que pede.

Se eu não tivesse obedecido a esse instinto, não teria entendido a causa que embutiu dentro de mim. Ainda hoje eu poderia estar chorando no meu

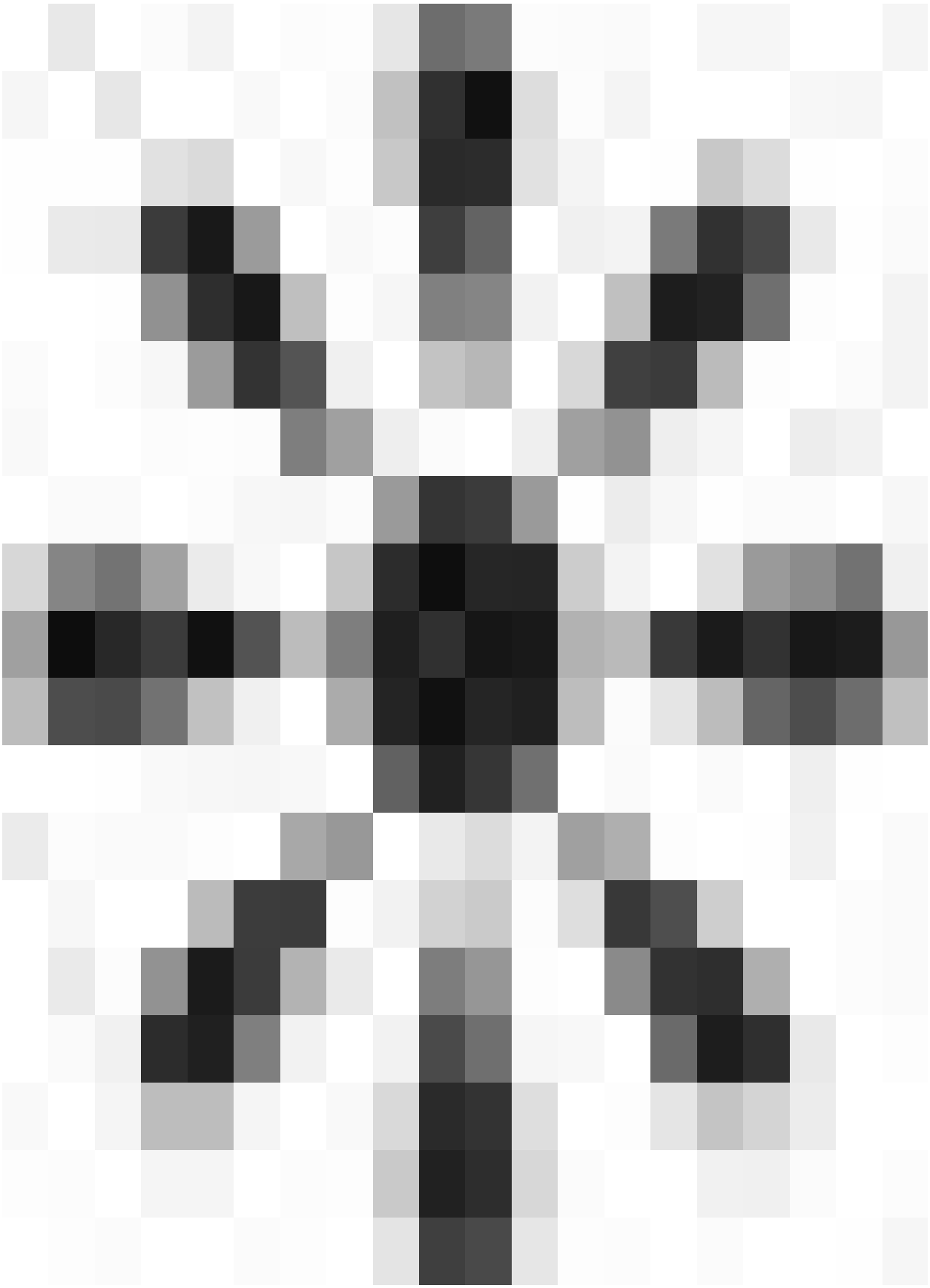
travesseiro em meu apartamento, sofrendo por minha incapacidade de edificar uma grande igreja para Deus. É por isso que precisava ouvi-lo. Ele não estava interessado em meus planos de edificar uma grande igreja para Ele. Já sabia que não iam dar em nada. Ele tinha o futuro perfeito preparado para mim, mas eu tinha de estar disposto a descartar o meu sonho inadequado e aceitar o dEle.

Apesar de ter sido treinado como pregador, tenho de admitir que o Espírito Santo me é muitas vezes misterioso e imprevisível. O Espírito Santo é o veículo de Deus por meio do qual Ele fala conosco, mas Ele raramente se comunica em tons audíveis. É mais frequente o Espírito operar como nossa consciência espiritual, orientando-nos em formas que nos obrigam a ser guiados em vez de guiar.

Através do Espírito Santo, Deus “fala” com você de muitas maneiras. Às vezes, é através de impressões internas que você recebe. Outras vezes, é uma voz audível. Ocasionalmente, você é afetado por circunstâncias que Deus usa para chamar sua atenção ou direcionar sua energia. Em outras situações, Deus revela o plano que Ele tem para você por meio do que alguém diz a você. Neste caso, a voz de Deus está disfarçada como a de outras pessoas.

É claro que muitas vezes nem sequer sabemos que Ele está falando. Por que não? Porque prevemos que sua resposta vem em um momento particular ou de forma específica, e Ele não age de acordo com nossas expectativas. Outras vezes, Ele fala, mas não ouvimos a sua voz acima do barulho de nossa vida. Ficamos tão distraídos, tão focados em outros assuntos, que, quando transmite a mensagem, não percebemos.

Está tentando descobrir a sua causa? Está frustrado, porque acredita que Deus não falou para você? Talvez o obstáculo seja que você não é sensível à sua voz. Ou como eu, talvez esteja tão determinado a fazer as coisas do seu jeito que não aceita os sinais e situações que Ele coloca em seu caminho para mobilizar sua atenção e levá-lo ao caminho certo.



Creio piamente que não há acasos na vida e que Deus não desperdiça a experiência humana — só nós. Em outras palavras, quando sentimos dor ou sofrimento, fazemos o melhor para eliminá-lo e colocar distância entre nós e essa dificuldade. No entanto, esses tempos de reveses podem ser exatamente o trampolim que Deus usará para impulsioná-lo à causa que mudará sua vida e de muitos outros. A sua causa pode estar relacionada com a dor e sofrimento que você está passando. Muitas vezes, a sua causa é revelada quando você está no ponto mais baixo do vale, e não no pináculo da montanha.

Muitas vezes, a sua causa é revelada quando você está no ponto mais baixo do vale, e não no pináculo da montanha.

Alfred Lomas é ótimo exemplo de como Deus trabalha dessa maneira. Embora Alfred parecesse estar em má fase, quando seu caso foi rejeitado pelos tribunais e ele foi liberto da prisão, retornou ao seu antigo bairro sem ideia de como fugir do passado. Começou, então, a vagar pelas ruas, tentando descobrir o que fazer. Então, Deus se encontrou com ele. Uma mulher idosa do Canadá, que estava visitando o Centro dos Sonhos por uma semana como parte de uma viagem missionária da igreja, viu Alfred e caminhou até ele. A lembrança de Alfred dessa experiência é impagável:

Estou andando pela rua e vejo essa vovó. Ela me vê e imediatamente vem em minha direção. Ela tinha o mais radiante sorriso do mundo. Havia algo no sorriso que era muito deslumbrante. Tenha em mente que eu havia acabado de sair da prisão, ainda fazia parte do mundo das gangues e a maioria das pessoas que me via na rua ou mesmo na prisão se desviava de mim e ia para o outro lado. Eu era duro e mau. Você não ia querer ter algo a ver comigo. Mas aqui está esta vovó, com o seu mais belo sorriso, caminhando diretamente para mim, destemida de amor, e pergunta:

— Oi, como vai? Já ouviu falar do Centro dos Sonhos?

Meu primeiro pensamento foi: Esta velha deve estar caduca. Há algo de errado com ela. E olhei atrás dela, e havia um bando de palhaços vindo atrás, mas eles também tinham essa bonita aura de amor e espírito de generosidade. Dava de sentir.

Mas imediatamente senti os muros se erguendo dentro de mim. Veja bem, quando eu era muito jovem, fui exposto a um grupo muito legalista e altamente condenatório que se chamava “cristão”. Isso gerou em mim um ódio pelos cristãos. Eu literalmente odiava os cristãos e o cristianismo e qualquer coisa que tivesse a ver com autoridade. Quando eu trabalhava na gangue e protegia um traficante de drogas, estava perto de pessoas que tomavam muitas drogas. Às vezes as ouvia clamar a Deus. Choramingavam que estavam se divorciando, ou que o dinheiro tinha acabado, ou que estavam em uma farra de bebidas e muito confusos. Todas eram situações de má sorte. Mas assim que começavam a orar a Deus, uma fúria brotava dentro de mim. Eu batia neles com a arma, ou com os punhos mesmo, ou os escorraçava, porque estavam orando. Então lhes perguntava: “Onde está o seu Deus agora?” A hipocrisia que eu experimentara quando garoto fervia dentro de mim, e odiava os cristãos e as igrejas.

Então, aqui está esta senhora de oitenta anos, sorrindo docemente para mim, e eu prestes a xingá-la e dizer-lhe o que fazer com sua igreja e seu Deus, mas não conseguia. Estava fascinado por essa mulher de idade e seu amor e pelo fato de ela não saber ou se importar quem eu era, pois ela só me amava. Perguntou-me novamente se eu tinha ouvido falar do Centro dos Sonhos. Havia morado em Los Angeles grande parte de minha vida, mas estivera muito ligado às minhas ruas. Por isso, nunca ouvira falar. Mas me lembro de ter pensado: Que nome estranho. Deu mais um passo perto de mim, e lembro-me de olhar nos belos olhos azuis que ela tinha, os quais refletiam amor. Em seguida, pegou minha mão e muito gentilmente disse:

— Se você precisa de um lugar para ficar, temos um lugar para você.

Fui atraído por esse espírito que estava operando através dela. Então, aconteceu um milagre. Perguntei-lhe:

— Sério? Que tipo de lugar você tem?

Não era eu que estava falando. Ouvi-me dizer essas palavras. Era como uma experiência extracorpórea. Pensei: O que você está fazendo, cara? Ouvi minha

voz, mas não podia ter sido eu que falava. Mas era.

Então, chamou o cara do Centro dos Sonhos que estava no bando de palhaços atrás dela, que explicou que eles tinham um programa de um ano. Mas eu precisava só de um dia ou dois para fazer minhas ligações e voltar para a minha vida. Mesmo que tivessem cercas, arames farpados e câmeras de vídeo, posso romper essa barreira de segurança. Então disse-lhes que, com certeza, me inscreveria por um ano.

Começamos a andar em direção ao Centro dos Sonhos, e perguntei à senhora onde era. Sendo do Canadá, não tinha ideia de onde estávamos ou onde ficava o centro, mas olhou para as colinas, viu o letreiro Hollywood e disse:

— É em Hollywood.

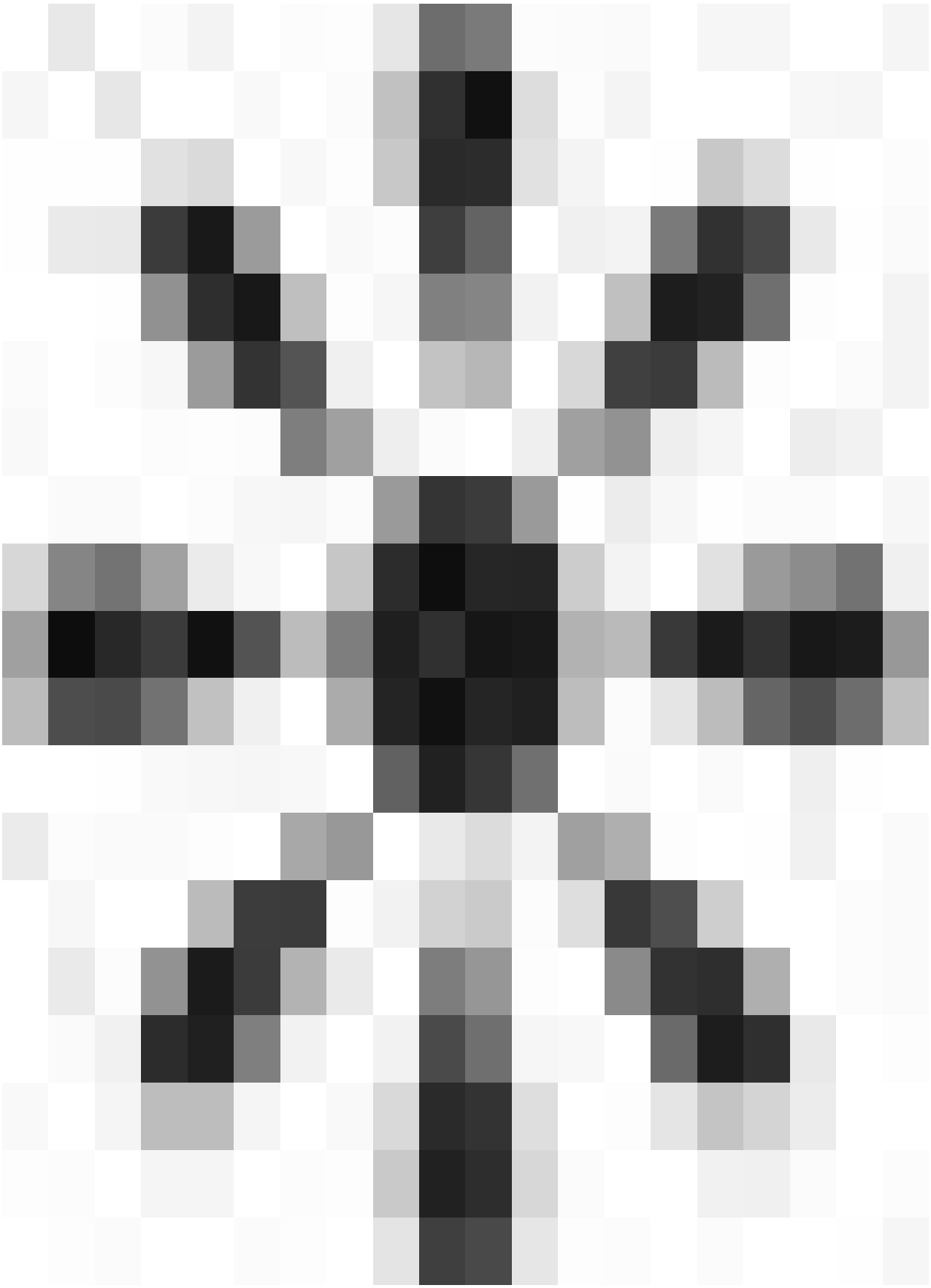
E imediatamente gelei um pouco e pensei: Oh não, é uma seita religiosa. Enquanto andávamos, comecei a me perguntar qual era o truque. Chegamos ao ônibus que nos levaria ao Centro dos Sonhos. Embarquei e havia muitas pessoas cantando músicas para Jesus. Pensei: Oh Senhor, esta é a família de Charles Manson. É melhor eu estar precavido. Há algo esquisito acontecendo aqui. Essa coisa me era completamente estranha.

O ônibus pôs-se em movimento, e estávamos indo a algum lugar, que esperava que fosse o Centro dos Sonhos. As pessoas estavam todas felizes e cantando. Sentei-me, olhando para elas e ainda me perguntando: Qual é o truque? Chegamos ao Centro dos Sonhos e, aqui estou eu, seis anos depois, ainda trabalhando com eles, uma pessoa transformada. O truque era o amor incondicional. Fiz o programa de discipulado. Um dia virou uma semana. Uma semana tornou-se um mês. Aos três meses entreguei minha vida ao Senhor. Não por causa do que essas pessoas diziam para mim, mas por causa do que vi e experimentei, ou seja, a paixão das pessoas para amar os outros. Havia algo de profundo nisso. Tendo em vista minha formação, isso causou um impacto muito forte em mim. Você nunca sabe o poder do servir e exatamente como Deus opera na vida de uma pessoa.

Como você já sabe, Alfred ofereceu-se para envolver-se no ministério do caminhão de alimentos e para ajudar a discipular outros jovens fora das ruas. Recentemente começou também uma organização chamada Turnês pelas

Gangues de Los Angeles. É uma oportunidade para as pessoas visitarem a área de gangues, conhecerem alguns membros e entenderem melhor essa vida. O seu sonho é que as pessoas entendam como funcionam as gangues e tragam soluções e alternativas viáveis para as áreas vulneráveis a elas, bem como para os seus membros. Quer também ajudar a quebrar o vínculo de várias gerações de participação em gangues. O dinheiro que ganha com as turnês vai para o projeto de geração de empregos e opções empresariais no South Central de Los Angeles, como maneira prática de tirar as pessoas do mundo das gangues. Por causa de seu relacionamento e credibilidade com todas as gangues, ele negociou um tratado de paz com elas. São períodos de cessar-fogo consentido, quando ele pode realizar as turnês. Está também usando suas conexões para trabalhar com formas de tratar o crescimento de gangues mexicanas que se ramificaram de Los Angeles.

Um dos insights a extrair da jornada de Alfred é que a sua causa é resposta à dor e decepção experimentadas quando vivia nas gangues. Ele está tomando essa experiência ruim e transformando-a em alguma coisa positiva. Isso é crítico. O seu sofrimento pode se tornar a maior motivação para adotar a sua causa. O sofrimento esmaga você, ou você deixa que o molde e motive para obter resultados positivos? Permite que as dores o dominem e lhe prejudiquem a vida, ou as usa como meio para o crescimento?



Claro que nem todos têm uma história tão dramática como a de Alfred, nem desejo isso para as pessoas! Muitas vezes a melhor maneira de descobrir a causa dentro de você é por meio do método mais antigo do mundo: tentativa e erro. Em outras palavras, se você está procurando saber o que Deus criou você para fazer, arregace as mangas e comece a servir em colaboração com a causa de outra pessoa. Nem sei quantas vezes encontro pessoas que não têm a mínima ideia de qual seja a sua causa, mas assim que se envolvem em servir as pessoas, independentemente da natureza do serviço, Deus lhes dá situações ou oportunidades que instantaneamente tocam a campainha.

Se você está procurando saber o que Deus criou você para fazer, arregace as mangas e comece a servir em colaboração com a causa de outra pessoa.

Não preciso ir mais longe do que minha esposa para saber como esse processo funciona. Caroline veio para o Centro dos Sonhos após terminar o Ensino Médio. Seu pai conhecera pessoalmente o nosso ministério, e sabendo que ela estava procurando uma maneira de servir às pessoas e crescer na fé, sugeriu que viesse nos ver. Ela veio, amou o que viu e imediatamente se inscreveu para passar um ano com a gente como voluntária. Ela não se importava com o que lhe pedissem para fazer. Gostava da vibração do lugar e queria estar nas ruas, ajudando as pessoas.

Quando Caroline começou com a gente, o Centro dos Centros era muito novo. As coisas não estavam tão desenvolvidas ou eram tão extensivas como são hoje. Nos primeiros dias, era muito comum todos exercerem um monte de diferentes funções, inclusive fazer trabalhos administrativos no escritório principal. Essa é a lembrança que ela tem do que aconteceu em seguida:

Certo dia, estava atendendo telefonemas na recepção. Recebemos o telefonema de uma assistente social que disse que havia uma família necessitada de

alimentos, a qual morava a apenas alguns quarteirões de distância. Então, carreguei minha velha perua Volvo 78 e fui até a casa. Quando entrei no apartamento, minha vida mudou para sempre. A mulher era mãe solteira, vinte e cinco anos de idade e com oito filhos pequenos, cada um de pai diferente. A maioria das crianças estava apenas com as roupas íntimas e fraldas. Ela morava com todas as crianças em um pequeno apartamento sem mobília e apenas com algumas almofadas do sofá espalhadas pelo chão. No momento em que entramos pela porta com os sacos de comida, as crianças pularam em nossos braços e começaram a comer abobrinha crua. Agora, dá de imaginar o tamanho da fome que estas crianças tinham a ponto de pular nos braços de estranhos e começar a comer abobrinha crua?

Quando vi como era a vida de uma criança faminta em Los Angeles, conscientizei-me de que não podia voltar para o escritório e continuar atendendo telefonemas. Algo tinha de ser feito a respeito. Sempre tivemos um banco de alimentos aqui, mas o que descobri é que muitas pessoas que precisam de alimento não têm sequer uma maneira de chegar até aqui para pegá-lo. Não têm transporte e não podem deixar os filhos sozinhos em casa.

Foi quando tive a ideia do caminhão de alimentos. Vi um caminhão velho parado no estacionamento e perguntei ao pastor se poderíamos usá-lo para entregar alimentos para as pessoas. Ele disse que sim. Escolhi algumas escolas de Ensino Fundamental em bairros próximos. Chegamos bem na hora da saída da escola, o que nos deu uma multidão automática. Dirigi-me às mulheres que tinham ido apanhar os seus filhos. Todas as mães tinham pequenos ajudantes para ajudá-las a levar a comida para casa. Então, de repente, o ministério do caminhão de alimentos estava instalado e funcionando.

Mesmo que Caroline não sentisse que essa era a sua causa, queria ajudar as pessoas, e quando encontrou uma necessidade, ela a atendeu. Foi também ótima no que fez, ajudando a tornar o ministério do caminhão de alimentos uma das nossas principais operações organizacionais. Mas, ainda que gostasse e visse os tremendos resultados dos esforços empreendidos, sendo-lhe nesse sentido satisfatório, o caminhão de alimentos não era a sua paixão.

O detalhe engraçado sobre seu envolvimento com essa atividade é que eu interpretei mal a situação. Conheci Caroline quando ela era voluntária no Centro

dos Sonhos, gerenciando o ministério do caminhão de alimentos, e acabamos nos casando. Por vários anos, a vi servir às pessoas pelo ministério do caminhão de alimentos e pensei como era maravilhoso que Deus me desse uma mulher cuja causa primária era apoiar-me enquanto eu realizava a minha causa. Mas Ele estava prestes a me ensinar algo importante. Veja o que Caroline diz:

Durante meus primeiros sete anos no Centro dos Sonhos, eu ficava nas ruas cinco ou seis dias por semana, servindo comida e ministrando às pessoas. Certo dia, conversava com uma amiga minha que era muito apaixonada por órfãos e crianças em um orfanato, que são parte de muitas das famílias que alimentamos. Contou-me algumas estatísticas sobre a situação. Uma que mais se destacou para mim foi que metade das crianças nos orfanatos têm pais que as amam, mas perdem os filhos em razão da falta de suprimentos básicos. As mães amam seus filhos. Fazem tudo o que podem para sobreviver, mas perdem os filhos porque não têm comida suficiente ou outras necessidades básicas, como uma geladeira ou camas.

Então, pensei sobre a situação e como deve ser para essas mulheres. Assistentes sociais dão a estas famílias uma lista de coisas que a família tem de cumprir antes que a assistente social retorne em um tempo prescrito para inspeção. Se as mulheres fazem o melhor que podem para atender tudo que há na lista, mas não conseguem muito ou adquirem tudo que foi determinado, então sabem que quando a fiscalização chegar, seus filhos lhes serão tirados. É assim que funciona o sistema. Nem sei imaginar como devem ser as orações dessas mães.

Ficava me perguntando o que essas famílias pensariam da igreja e de Deus, se estes interviessem e salvassem a família de perder os filhos. Então, perguntei a Matthew se eu poderia começar um ministério para essas mães. Ficou empolgado com a ideia e, então, começamos. Hoje, faz quase um ano que esse ministério está em operação. No ano passado, salvamos duzentas famílias de serem separadas e reunificamos outras cinquenta famílias que estavam separadas.

Temos desenvolvido um bom relacionamento de trabalho com o Departamento de Serviços da Criança e da Família. Sabem que queremos manter as famílias unidas. Indicam famílias que estão próximas a nós. Recebemos telefonemas todos os dias pedindo-nos para ajudar as famílias a obter o que necessitam para

que atendam às exigências do departamento e fiquem juntas. Mantemos estreito contato com as famílias, visitandoas a cada semana para nos certificar de que estão indo bem. E estamos animados porque muitas dessas famílias, mais de 80%, também estão ligadas à igreja.

Quando começamos a trabalhar com uma família, testamos também o nível de escolaridade dos pais. Podemos, então, ajudá-los a perseguir seu sonho, usando seus dons e habilidades, para que nem sempre estejam apenas vivendo. Queremos que prosperem. Mary, por exemplo, foi uma das mães que ajudamos. Estava na casa dos quarenta anos, tinha quatro filhos e não sabia ler. Quando a avaliamos, seu nível de escolaridade equivalia à primeira série do Ensino Fundamental. Dá de imaginar? Descobrimos que ela fora assediada sexualmente por seu pai quando tinha oito anos, acabou em um orfanato e, aos dezoito, já tinha morado em quarenta casas diferentes. Quando foi emancipada aos dezoito anos, não tinha escolaridade, nem habilidades de trabalho, nem nada que lhe permitisse enfrentar a vida com sucesso. Ainda não sei como ela conseguiu sobreviver por todos estes anos.

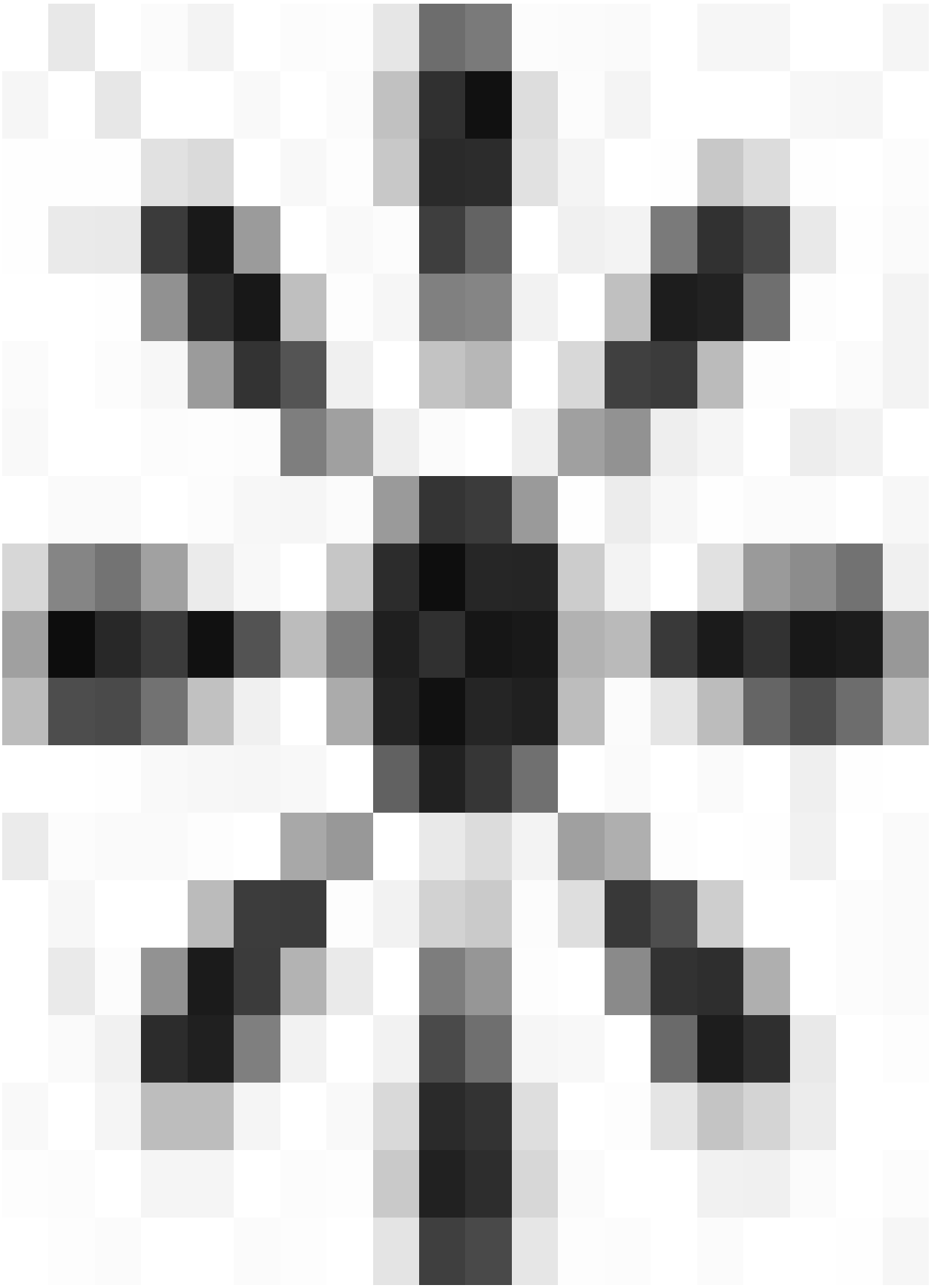
Mary está matriculada em nosso programa de formação educacional. É a pessoa mais velha da sala de aula. Tem vergonha disso e se esforça para acompanhar a turma. Hoje, está na terceira série, e indo bem, mas é mesmo difícil para as pessoas mais velhas. Trabalhamos com todos os tipos de voluntários que nos contatam, dizendo que querem ver Deus fazer um milagre. Mas o milagre para Mary seria alguém disposto a comprometer-se em ensiná-la a ler e escrever. Isso mudaria a sua vida, a vida de seus filhos e a vida das gerações futuras provenientes da sua família.

Veja bem, tudo isso me veio à tona alguns anos atrás, depois que assisti a um programa chamado Crianças Invisíveis, que lida com crianças que são deixadas para trás neste mundo. Tudo parecia tão injusto. Perguntei a Deus nas minhas orações por que isso estava acontecendo e senti que sua resposta foi que Ele já pagou o preço e garantiu os recursos. Então, a verdadeira questão era porque eu estava permitindo que isso acontecesse. Isso mudou meu ponto de vista sobre este tipo de trabalho. Mas honestamente, não fazia ideia de como eu era apaixonada por essas coisas até que saí e comecei a trabalhar com as pessoas. Sou mais feliz quando estou nas ruas ajudando as pessoas. É muito irônico que as coisas que quebram o meu coração são as mesmas coisas que me dão esse prazer. Ser usada por Deus como parte da solução é incrivelmente gratificante.

Quando você se enfronha em sua causa, a boa notícia é que Deus quer que seja feito ainda mais do que você. Ele fará o que for necessário para que funcione. Se você apenas aparecer e fizer o que puder, Ele faz você parecer um gênio!

Como muitos pastores, eu caíra na armadilha de pensar que a causa da minha esposa era ajudar-me. Costumava me perguntar por que tantas esposas de pastores eram tão tristes. Não bastava apoiar o marido em seu pastorado? Muitas dessas mulheres sentem-se resignadas a ver o marido fazer as coisas sem terem a chance de realizar sua vocação e fazer o que mais gostam. Graças a Caroline, me dei conta de que há grande diferença entre ser feliz e estar satisfeita. Ela era feliz em servir às pessoas, fazer coisas que se encaixavam em minha visão ministerial e ficar dentro dos limites das oportunidades de serviço que havia no local. Mas tudo isso não a satisfazia. Nunca tinha lhe perguntado qual era sua paixão imperiosa ou a sua grande causa. Como fui insensível! Felizmente, ela encontrou a sua causa e está mudando o mundo através dela.

Ao longo do tempo, tenho trabalhado com um monte de pessoas que não tinham compreensão clara de sua causa única, mas estavam dispostas a envolver-se e experimentar coisas diferentes. Para descobrir a causa grande dentro de você, não precisa ter a vida totalmente certa, ou imaginar os detalhes do futuro, ou a natureza da causa. Você começa colocando a vontade de Deus na sua. Depois, experimenta a prática de servir às pessoas e deixa Deus orquestrar tudo a partir daí.



Você pode descobrir a sua causa conscientizando-se das necessidades das outras pessoas. Tendo em vista que a sua causa diz respeito a aliviar as necessidades humanas de um tipo ou outro, fique atento às necessidades que você testemunha e como elas despertam a sua imaginação e paixão. As chances são que você saberá qual é a sua causa através dessa exposição.

O trabalho de Caroline com famílias ficou claro, porque, quando estava servindo às pessoas com certas necessidades, pôde observar o espectro mais amplo de suas vidas e necessidades. No meio disso, ela também teve a oportunidade de falar com outros agentes que ofereceram suas percepções e ideias. Foi a partir dessas observações e conversas que entrou em contato com uma necessidade que tocou seu coração em um nível muito profundo.

Como a maioria das pessoas, assim que Caroline encontrou a sua causa, ela soube que era o seu foco especial. Isso não a impediu de ajudar as pessoas em uma variedade de formas e situações, mas o seu foco principal é trabalhar com famílias à beira de serem separadas por falta de bens tangíveis que podemos fornecer. Outras formas de ajudar as pessoas saíram desta. Por exemplo, a experiência de Mary nos inspirou a lançar um programa relacionado, chamado Casa da Emancipação, para receber adolescentes que foram eliminadas do sistema de orfanato e adoção, mas não estão preparadas para cuidar de si mesmas. É muito mais fácil ajudar as pessoas quando são jovens do que mais tarde na vida. Este ministério também começou com Caroline ajustando-se ao que ela estava vendo, ouvindo e sentindo enquanto ajudava as pessoas.

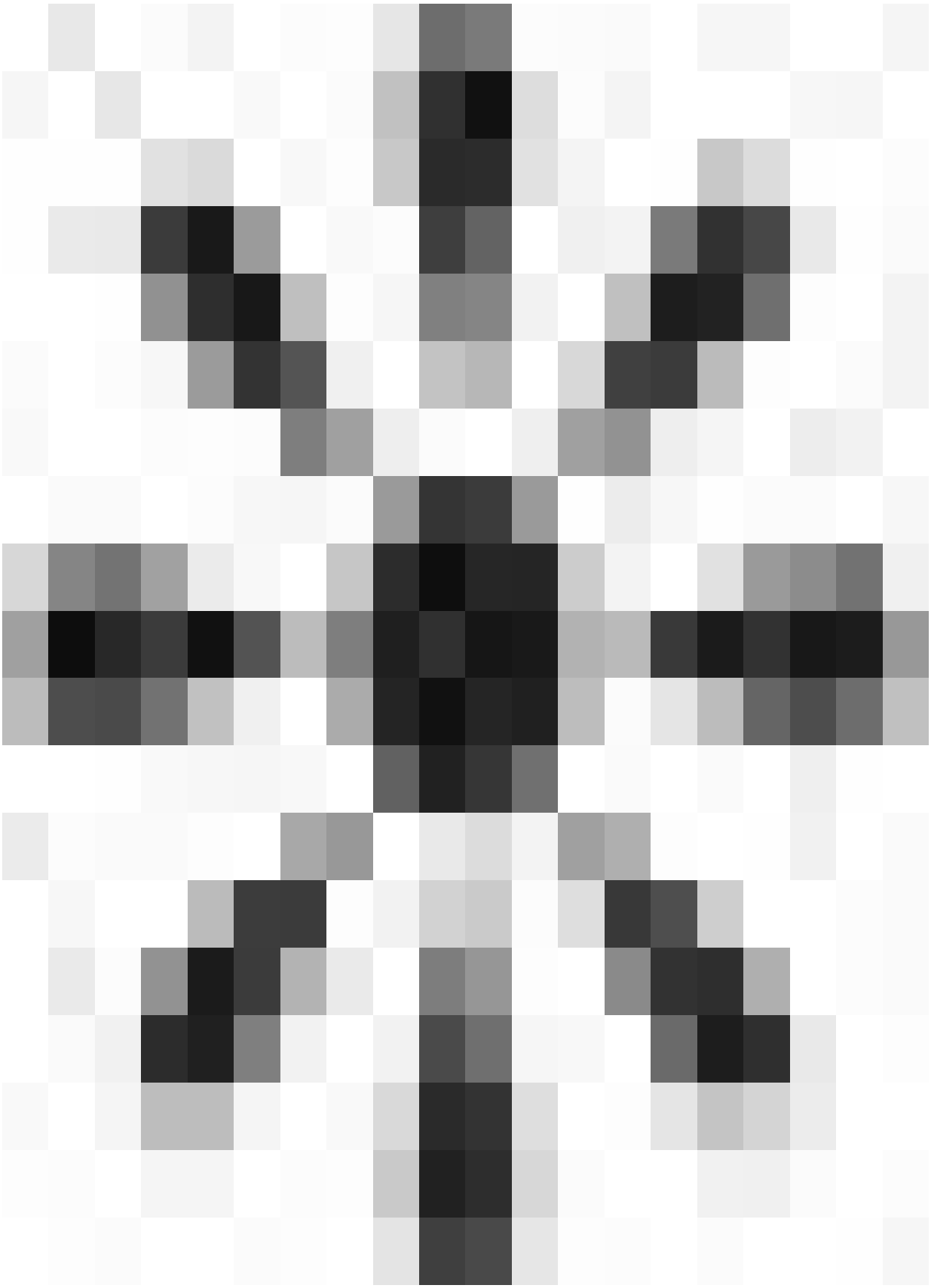
Cerca de dez anos atrás, Kelli Bradley visitou o Centro dos Sonhos durante uma viagem missionária de curto período com um grupo da faculdade na semana seguinte em que se formou. Voltou para casa no Arkansas, mas alguns meses depois, voltou ao Centro dos Sonhos para ser voluntária por um ano. Originalmente, sentiu-se chamada a servir Caroline e eu. Durante anos, trabalhou fielmente em todos os tipos de tarefas, aprendendo tudo o que fazemos no Centro dos Sonhos.

Através de sua experiência de trabalhar com adolescentes grávidas que lutavam para sobreviver, ela descobriu que sua paixão era trabalhar com famílias desestruturadas. Quando minha esposa começou a trabalhar com famílias que recebem crianças para adoção, pediu que Kelli a acompanhasse. Foi um grande

achado. Foram ótimas companheiras por alguns anos, fazendo com que o projeto decolasse e se desenvolvesse completamente. Kelli ajudou a aumentar o número de pais adotivos. Acabamos alugando casas para os pais adotivos começarem a receber crianças que precisavam desesperadamente de uma família.

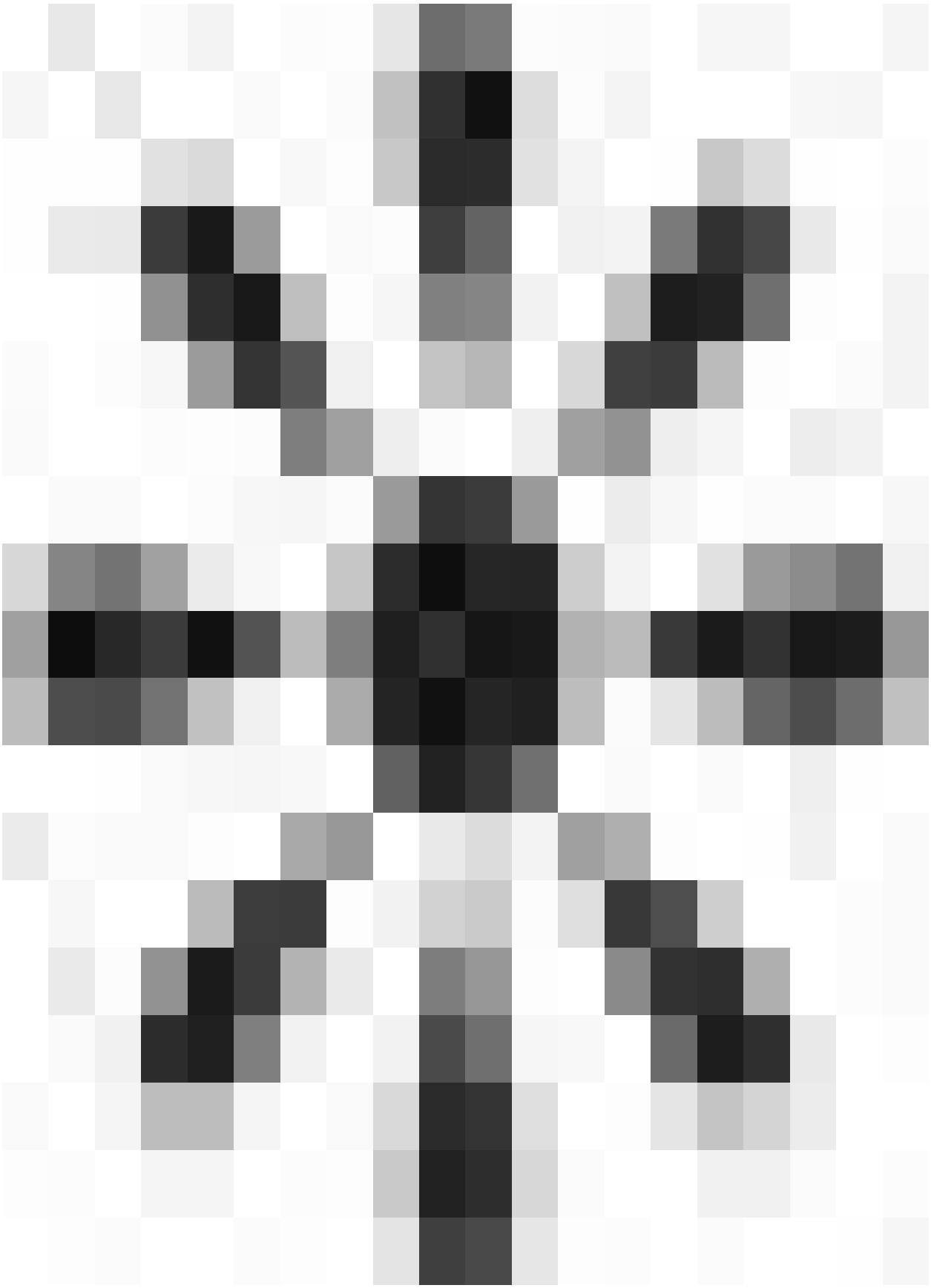
Isso se desdobrou para Kelli nos ajudar a fornecer alojamento e serviços para famílias desabrigadas, que perderam o rendimento e casa, e precisavam de sustento provisório até voltarem a andar com os próprios pés. Hoje, supervisiona mais de duas dezenas de famílias que vivem no Centro dos Sonhos, permitindo que as famílias fiquem juntas em seus momentos mais difíceis. É o que acontece costumeiramente quando essas famílias se separam do estresse e dificuldades financeiras. Enquanto estão no centro, ajudamos a encontrar o seu sonho e preparar-se para realizá-lo. Mas Kelli descobriu sua paixão por essas coisas, gastando tempo servindo Caroline e eu, experimentando diferentes tipos de serviço e sentindo o coração bater particularmente quando trabalhava com esses tipos de famílias.

Se quer mesmo saber qual é a causa que Deus escolheu para você, pense bem antes de recusar convites para ajudar alguém que você conheça envolvendo algum tipo de atividade de serviço, pouco importando quão grande ou pequeno seja. Esse convite pode ser o início da aventura que identifica os meios de encher o vazio em seu coração.



Kelli também ressalta que a bagagem do passado impede muitas pessoas de seguirem em frente rumo ao sonho ainda não identificado. Talvez você ou alguém próximo a você esteja passando por momentos tão difíceis que obsta o progresso. Descobrimos que as feridas e medos devem ser tratados para que, então, lidem com a dor. Quer seja por aconselhamento quer outras formas de assistência, sonhar sobre como aproveitar ao máximo a vida e como tornar o mundo um lugar melhor é algo mais provável de acontecer assim que a pessoa é liberta da escravidão de memórias ou práticas dolorosas. A cura facilita a ajuda assim como a ajuda promove a cura.

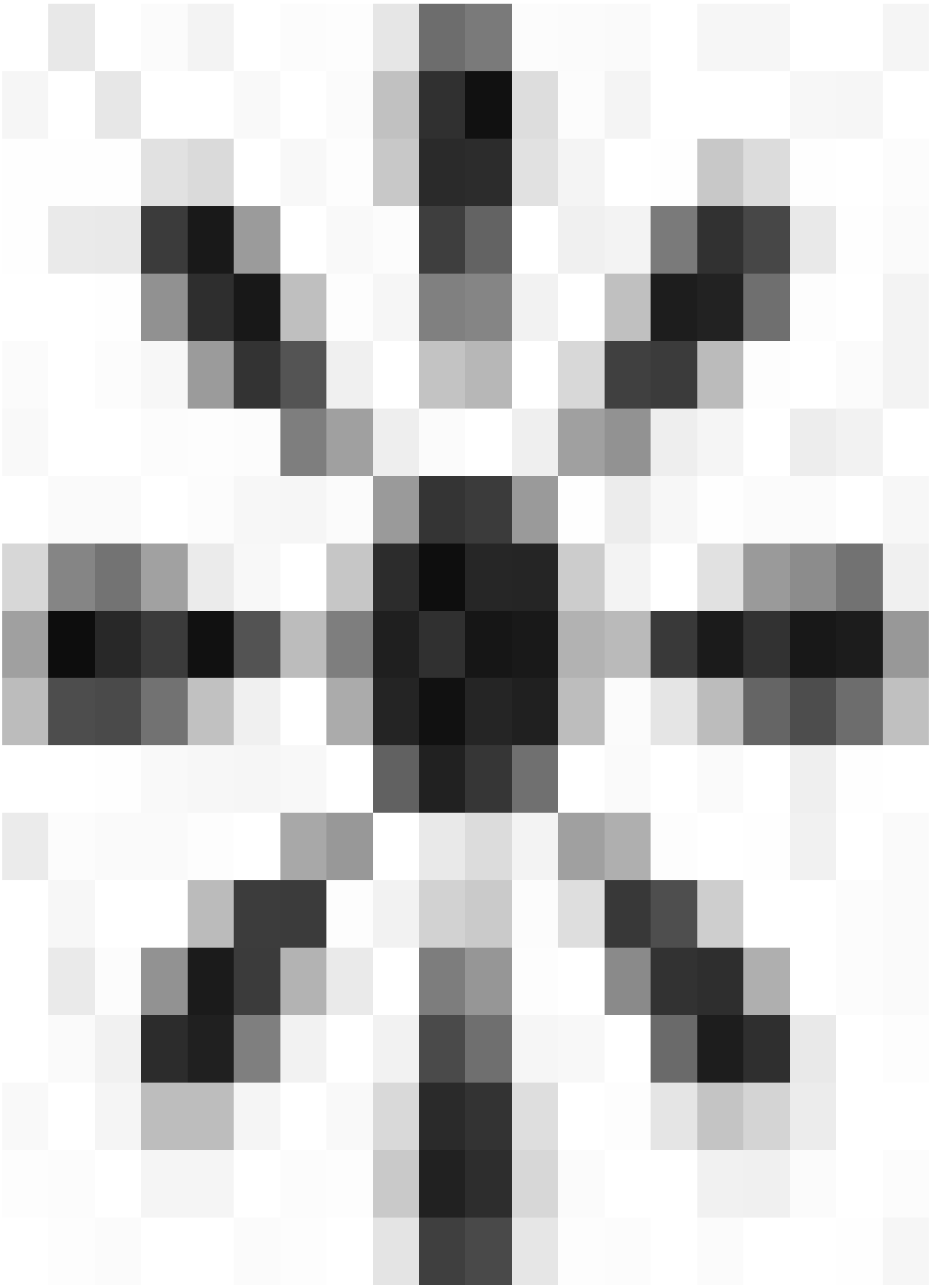
Uma vez que as pessoas superem esse lixo do passado, estão prontas para deixar de concentrarem-se em si mesmas e pensar de forma criativa e livre sobre o futuro e como contribuir com valor. É muito comum vermos pessoas que estavam presas em seus problemas, de repente enchem-se de alegria quando superam esses problemas e animam-se sobre o que podem fazer. Todo mundo tem pontos fortes e interesses que indicam o caminho para as suas causas. Estar liberto da dor ou limitações para experimentar os pontos fortes e paixão, sem ter de lutar com a sobrevivência ou a angústia pessoal, é um passo importante para honrar a Deus através da sua causa. Kelli lembra as pessoas que é mais fácil ajudar os outros do que você imagina. Ocorre que às vezes você tem de ajudar a si mesmo para chegar a um ponto em que possa abençoar os outros com o seu melhor raciocínio e esforço.



Quando você estiver no processo de descobrimento da causa, eis um último conselho: a descoberta pode acontecer quando você menos espera. A provisão e identificação de sua causa é um dom de Deus para você. Não está em seu poder de controle o momento quando você descobre a causa. Fará o que puder para preparar-se para receber esse entendimento, mas não pode forçar o timing. Quando Deus estiver pronto para revelar a causa, Ele o fará. Minha observação é que Ele a revelará, quando você estiver pronto para adotá-la.

Minha experiência no Parque Echo ressalta esse princípio. Só quando fiquei completamente desapontado de modo que não sabia o que fazer, foi que estive preparado para ouvir. Afinal, pensei que já sabia o que Deus precisava. Ia lhe edificar uma grande igreja. Tivesse Deus me revelado a causa antes de nosso encontro no Parque Echo, teria sido um desperdício de tempo. Pensando a respeito, talvez Ele tivesse tentado revelar-me antes do encontro. Não sei. Se tentou, certamente eu não estava pronto para ouvir, porque estava muito focado em realizar a causa de minha criação. Foi somente quando eu estava exaurido de energia, ideias e esperança que teve a minha atenção. Naquele momento, Ele me iluminou.

Este provavelmente é o mesmo curso de ação que tomará com você. A decisão de entregar sua vontade e escolha da causa é crucial para facilitar a revelação que Ele lhe dará da causa para você.



Não tem certeza de qual seja a sua causa? Não fique parado, sem fazer nada, esperando as circunstâncias perfeitas para ter clareza. Poucos de nós passam da situação de não fazer nada para as condições ideais para servir sem ter começos falidos, cometer equívocos e enfrentar dificuldades. Encontre pessoas que você confie e ao lado de quem gostaria de servir e envolva-se. Quando estiver ajudando-as, você estará fazendo um contribuição positiva para a sociedade, conhecendo-se melhor (pontos fortes e paixões) e dando a Deus mais oportunidades para falar com você sobre a sua causa. É algo como a campanha publicitária da Nike: Just do It! (Apenas Faça!)

O QUE APRENDI

Deus quer que você saiba a causa que tem para você. Portanto, peça que Ele a revele.

A sua causa se relaciona com as necessidades de outras pessoas.

Às vezes, a sua causa emerge da dor ou dificuldades.

Servir ao lado de outros permite que a sua paixão se torne clara para você.

Um grande avanço na identificação da sua causa pode vir quando você menos espera.

O primeiro passo é entregar sua vontade a vontade de Deus.

Capítulo 6

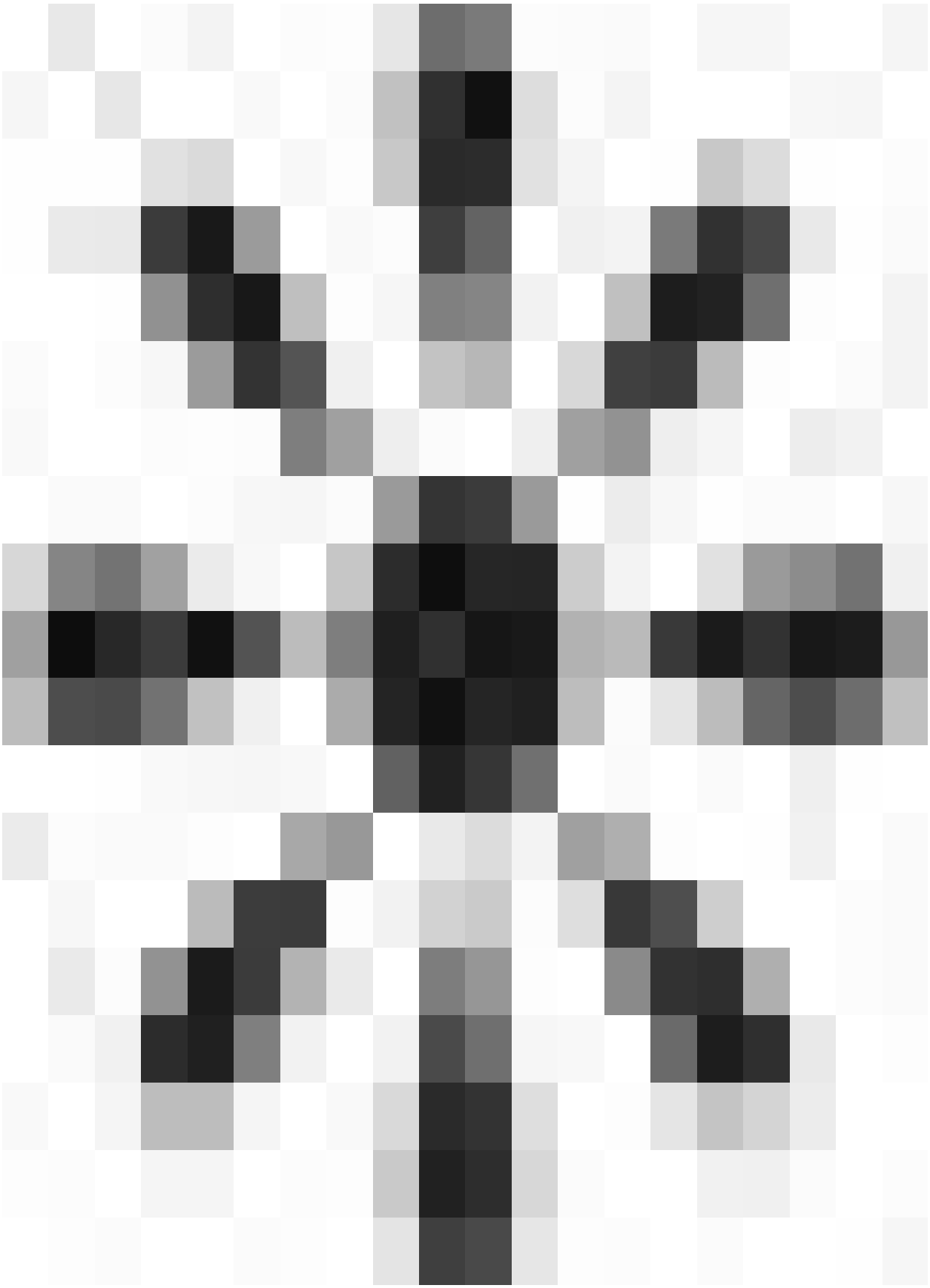
NÃO DEIXE NADA EM SEU CAMINHO

UMA DAS PESSOAS MAIS pitorescas no Centro dos Sonhos é um rapaz chamado Barry. Nós o conhecemos durante nossas visitas feitas ao projeto Debaixo dos Viadutos. Depois de perder um bom emprego como engenheiro civil, morou por dezessete anos nas ruas, dormindo os últimos dez debaixo de viadutos. Aparecia em nosso campus três vezes por dia para ganhar refeições. Em seguida, voltava ao seu lugar debaixo do viaduto. Por fim, através de frequentes conversas com alguns de nossa gente, foi salvo e, em seguida, matriculou-se em nosso programa de discipulado para recuperação de viciados em drogas. Hoje, cinco anos depois, não só está liberto, mas acabou de formar-se na faculdade bíblica! Com a idade de sessenta anos, depois de desperdiçar boa parte da vida e da saúde com drogas, pois confessou ter sido viciado em heroína por dezoito anos antes de mudar para metanfetamina por mais vinte, hoje está servindo como diretor da nossa capela.

Se você tivesse conversado com Barry seis ou sete anos atrás, ele teria lhe dito que jamais realizaria algo produtivo. Mas assim que foi liberto das drogas e começou a tomar conta de si mesmo, Deus lhe deu um sonho. O sonho era obter formação teológica, mesmo em idade avançada e, em seguida, usá-la para ajudar os oprimidos a reerguerem-se e seguirem em frente. Veja como Barry explica a mudança devida:

Por anos fugi do que era minha vocação, como Jonas. Sou bom fugitivo. Fiz todos os tipos de coisas nestes últimos anos, mas não estava ouvindo a chamada. Por fim, colocaram-me no comando da capela. Foi para isso que me formei academicamente e me preparei. É ao que hoje me dedico. Fazemos dezoito cultos na capela por semana, e é maravilhoso. Entendo essas pessoas, porque fui uma delas por muito tempo. Depois que dei baixa no serviço militar, usei a

indenização para ir à escola. Tenho estudo e muitas especializações, mas eu não era muito inteligente, se é que você me entende. Agora sei que terei um ministério voltado para as pessoas das ruas, e estou muito animado. Há tantas pessoas boas nas ruas, pessoas em situações ruins apenas tentando viver. Deus me resgatou para que eu possa ajudar a resgatá-las.



Tão certo quanto sei que Barry é guiado por uma causa dada por Deus, sei que Deus tem uma causa que é certa para você. Ele a instalou dentro do seu coração da mesma maneira que um programa é instalado no disco rígido do computador quando você o compra. Mas da mesma forma que você pode não saber mexer nesse programa sem explorar e experimentar, pode não saber qual é a sua causa até que passe pelos obstáculos que surgirem. Deus não está escondendo a causa de você, mas o efeito cumulativo das escolhas pode cegá-lo ou impedi-lo de estar pronto para aceitá-la.

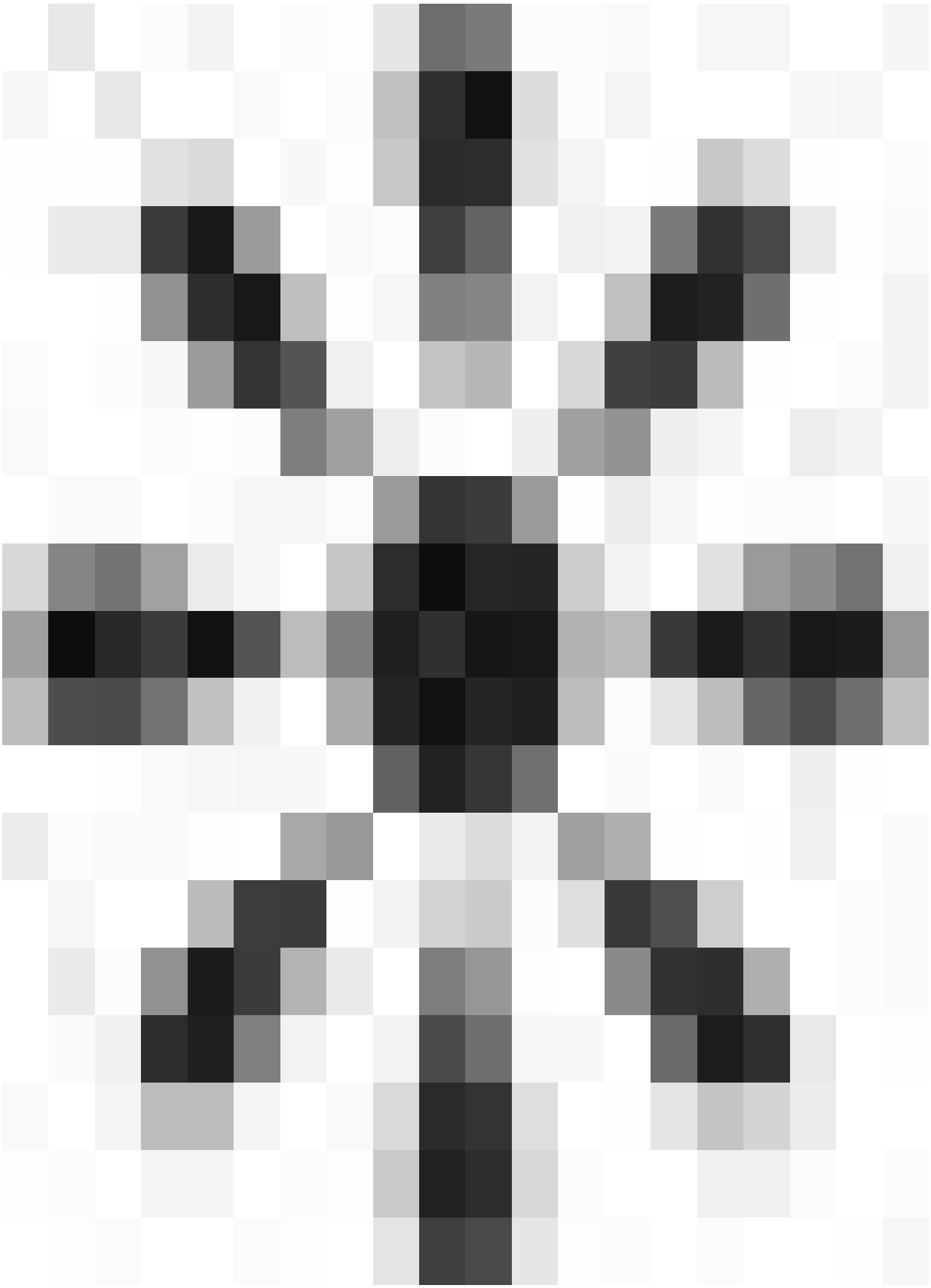
Entre os obstáculos que você enfrentará estão as inúmeras distrações da vida. Está ocupado com todos os tipos de atividades, compromissos, responsabilidades e oportunidades. A maioria desses esforços gira em torno de cuidar de si mesmo. Atender às necessidades dos outros pode sequer ter sido captado pelo seu radar. Outro obstáculo pode ser suas prioridades. Investimos nossos recursos em coisas que consideramos mais importantes e necessárias, que vão desde a satisfação das necessidades básicas até a experimentação de conforto e prazer consistente. Considerações sobre a nossa causa são eliminadas da paisagem.

Nunca confunda atividade com significância e impacto.

Nunca confunda atividade com significância e impacto. Podemos concordar que significado não vem do que temos de fazer para viver, mas do que fazemos que agrega valor à vida dos outros? Em outras palavras, existem coisas que você tem de fazer para viver, como ganhar a vida, pagar as contas, ficar saudável, manter relacionamentos. Mas os atos que impelem você para fora do âmbito da sobrevivência e lhe proporcionam um maior sentido de alegria são os que tornam o mundo um lugar melhor. Isso significa que você tem de tornar a sua causa tão importante e central na vida quanto desempenhar bem a sua vocação, comer alimentos saudáveis e certificar-se de que seus filhos estejam sendo devidamente instruídos.

Minha experiência tem sido que as pessoas sempre enfrentam algumas dificuldades ao longo do caminho para vivenciar a sua causa. Encontrar outras

prioridades é apenas uma delas. Aqui estão outras que surgem que você deve estar ciente e pronto para vencer.



Há pessoas que se recusam a fazer qualquer coisa até que compreendam as opções na íntegra. Encontrar e satisfazer a sua causa não funciona assim. Deus dá o que é conhecido por revelação progressiva. Ele lhe mostra tanto quanto você precisa saber (ou possa lidar) e depois, quando apropriado, dá outra revelação. Faz sentido: se Ele lhe mostrasse o alcance do que quer fazer com você na realização da sua causa, seria demais para a sua cabeça e faria você fugir assustado com o processo. Em vez disso, faz o que todo grande treinador faz: dá a você oportunidade e responsabilidade suficientes para ganhar confiança, de modo a estar preparado para dar o próximo passo no desenvolvimento.

Jesus modelou esta abordagem quando chamou os apóstolos. Ele não disse a Pedro, Tiago, João e os demais dos doze que Ele os tiraria das rotinas pesqueiras e outros trabalhos simples para construir a igreja cristã, que mudaria o curso da história humana. Não explicou que estava preparando-os para enviá-los a diferentes locais no continente, a fim de desafiarem governantes poderosos e hostis e motivarem as pessoas a viver uma vida completamente nova. Tivesse Ele feito isso, quantos dos doze teriam se inscrito para a façanha? Provavelmente nenhum. Em vez disso, Ele trabalhou com eles preparando-os para que cada um realizasse a sua causa. Deu-lhes tarefas cada vez mais difíceis com o objetivo de tornaremse os primeiros líderes humanos da igreja cristã.

Deus quer que você seja bem-sucedido. Por isso, está disposto a tratar das coisas um passo de cada vez. Mas também sabe que o desenvolvimento progressivo da sua causa faz com que você demonstre e reforce o compromisso que você tem. Afinal, um dos princípios norteadores divinos é que você tem de provar que é fiel com o que recebeu para então receber mais oportunidades.[9]

Há muita coisa que não entendo sobre a vida. Mas uma coisa que sei é que se Deus tivesse dito a este rapaz de vinte anos de idade, morador em um dos bairros nobres de Phoenix, que em poucos anos ele seria responsável por um campus enorme, mais de duzentos programas de extensão, uma equipe com centenas de pessoas, um orçamento anual de milhões de dólares e uma campanha de construção de muitos milhões a mais, teria ficado totalmente apavorado. Teria sido muito em pouco tempo. Na verdade, se eu não tivesse perdido o bom senso por causa do alcance da visão, teria perdido por ter um ego anormalmente crescido. Essa arrogância e excesso de confiança teriam feito um estrago total nas extraordinárias oportunidades que estavam em estoque para o Centro dos

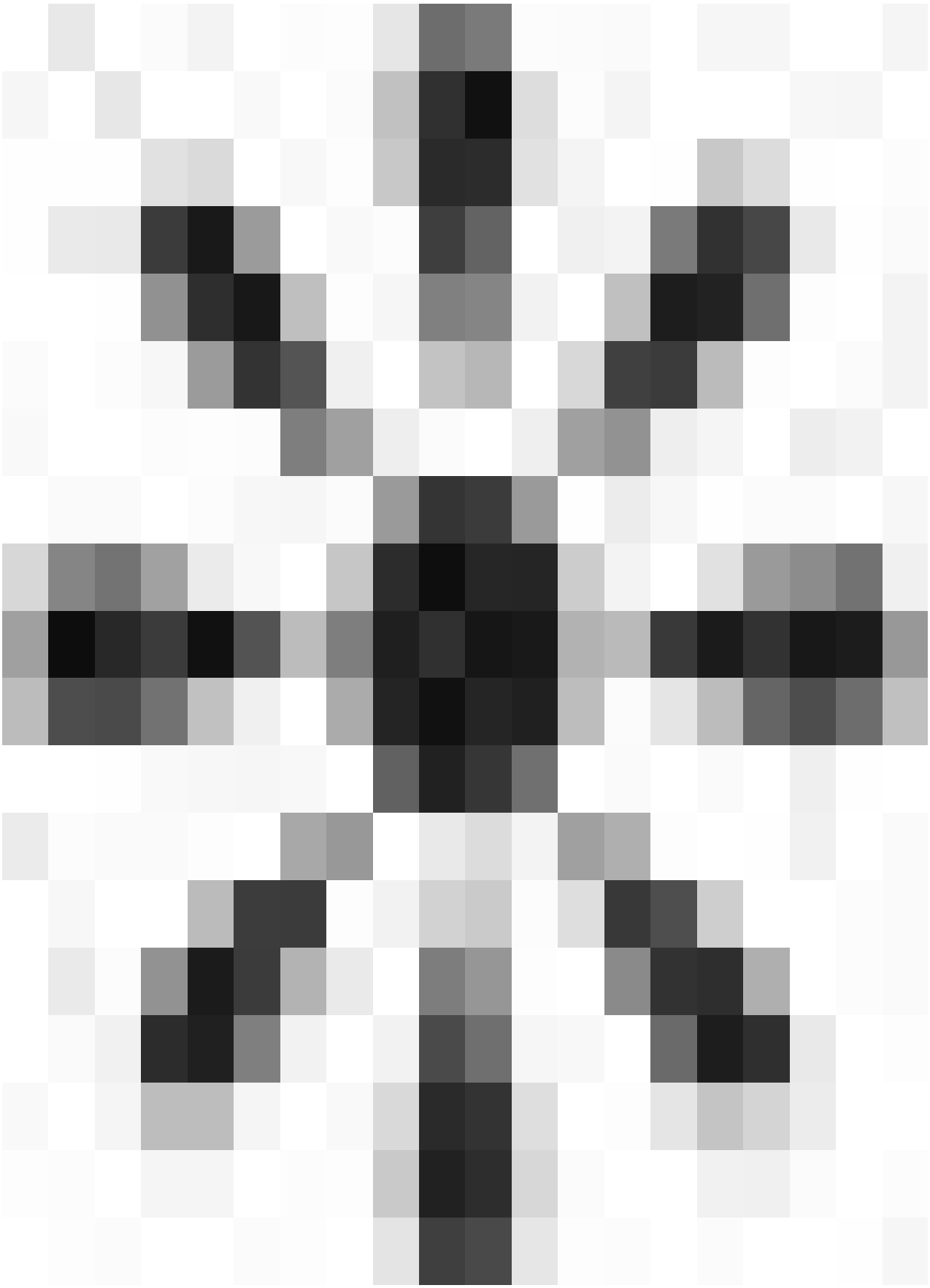
Sonhos.

Em vez disso, Deus trabalhou comigo e me fez avançar no ritmo certo. Não foi o ritmo que todo mundo achava que era certo. Alguns diziam que estávamos indo muito devagar, enquanto outros falavam que estávamos rápido demais. Mas Deus me conhece melhor do que eu. Ele coordenou o processo perfeitamente. Contanto que eu estivesse disposto a ouvi-lo e ser obediente, tudo daria certo. E deu. Claro que cometi erros ao longo do caminho. Às vezes agi antes de Deus. Outras vezes não confiei nEle suficientemente e sofri, porque esperei tempo demais. Mas no geral, é uma experiência maravilhosa permitir que Deus edifique a igreja, enquanto eu me concentro em ajudar a restaurar a vida das pessoas sofredoras.

Os sonhos de Deus para você sempre são maiores e melhores do que os seus sonhos para você. Ele sabe qual é o momento adequado e mais benéfico para abrir os seus olhos a esses sonhos também.

Os sonhos de Deus para você sempre são maiores e melhores do que os seus sonhos para você.

Se você não entende todos os detalhes ou se acredita que a visão tem de ser maior do que você a compreende que é, não deixe que isso o impeça de agir com o que já sabe. Sirva-se de todos os aspectos da causa que Deus já revelou e trabalhe com eles. As lacunas serão divinamente enchidas quando for a hora, o que normalmente significa quando você for capaz de lidar com elas.



Existem algumas pessoas que se recusam a agir se não têm todos os detalhes, ao passo que muitas outras procrastinam os esforços de realizar a causa, porque até mesmo a limitada visão que Deus revela os devasta. Isso acontece porque subestimamos o poder de Deus em operar através de nós para realizar a sua vontade. O que está em questão é o que penso como o espaço do milagre: a lacuna entre o que podemos conseguir por conta própria e que pode ser feito quando deixamos que Deus trabalhe através de nós. Em uma cultura que age com base no tangível, relutamos em sair em fé e crer que Deus preencherá essa lacuna. Talvez se orássemos com mais frequência e fervor para Deus nos dar seu poder para aceitar a visão, seríamos mais agressivos.

Jesus também teve experiência com isso. Pense no paralítico que estava sentado ao lado do tanque de Betesda (conforme descrito em João 5). Todos os dias por quase quatro décadas o homem fora dependente dos outros para ajudá-lo — meros 13.870 dias de vida impotente e agonizante. Quando Jesus andou por esse pátio, o homem estava ali passivamente. Então, Jesus lhe deu uma resposta diferente do que as pessoas davam: apanhar o leito e andar para casa. Jesus estava pedindo que o paralítico fizesse mais do que o homem acreditava que era capaz de fazer. Mas quando Deus está trabalhando com você, esse espaço do milagre faz toda a diferença. É quando a lacuna é preenchida entre o “não posso!” e o “posso!”

A existência do Centro dos Sonhos é testemunho vivo da importância de confiar em Deus para tomar conta desse espaço do milagre. Quando eu era criança, perguntei ao meu pai:

— Pai, é possível uma igreja ficar aberta vinte e quatro horas por dia?

Meu pai sempre foi cuidadoso em não destruir os meus sonhos. Estava ciente de que as perguntas absurdas que eu fazia muitas vezes pode ser um pensamento ou sonho que Deus plantou em mim o qual precisava ser cultivado. Então, respondeu muito sabiamente:

— Não sei, Matthew. Por que você não vai em frente e constrói uma algum dia?

E claro que uma igreja aberta vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana foi uma das ideias implantadas por Deus. Graças ao incentivo de meu pai e de muitas outras pessoas, além, claro, da bênção de Deus, foi exatamente no que se

tornou o Centro dos Sonhos. Não aconteceu por causa da minha liderança de nível internacional ou do meu planejamento visionário. Aconteceu porque era a causa de Deus, e eu estava disposto a deixar que Ele a implementasse através de mim. Construir uma igreja aberta vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana é mais do que posso gerenciar. Existe hoje só porque Deus encheu aquele espaço de milagre entre a igreja que eu poderia iniciar e gerenciar através de meus talentos naturais e energia e da igreja que Deus tinha em mente.

Nunca teríamos conseguido fazer a igreja crescer, se eu tivesse ouvido os conselhos de pessoas que tomam decisões sem Deus. Quando estávamos estabelecendo a igreja, muitos cristãos me imploraram para não estabelecer a igreja nesta área da cidade. Uma pessoa estava disposta a financiar a igreja, se fôssemos para o Condado de Orange. Estava pronta a preencher um cheque de um milhão de dólares para o começo das atividades, se colocássemos o ministério ali. Papai e eu explicamos que fomos chamados para Los Angeles, e propomos que nos ajudasse com esse trabalho. Contudo, o homem insistiu que não nos daria um centavo se ficássemos no centro de Los Angeles, porque ele não queria financiar um fracasso. Outros cristãos insistiam em nos avisar que a permanência na área do Parque Echo era um desastre em formação. Corretamente destacaram que, na melhor das hipóteses, estaríamos ajudando pessoas que não teriam recursos para nos ajudar. “Você não conseguirá construir uma grande igreja aqui”, disseram. E estavam certos. Não posso. Mas Deus pode. Ele escolheu. E escolheu usar-me para fazer isso. É a causa insana que plantou no meu coração, a visão que me mantém animado e motivado, o milagre que Ele realiza todos os dias bem no centro de Los Angeles.

Um dos exemplos mais comoventes de alguém entender a sua causa e confiar em Deus para fazer mais do que poderia fazer sem Ele é Alena Strickland. Logo após que Jamie, a filha de Alena, nasceu, contraiu uma infecção no cérebro que exigiu múltiplas cirurgias. Enquanto ela e a filha estavam no hospital, Alena ficou sabendo de outra criança que fora abandonada no hospital por seus pais. Este bebê pesava menos de quatrocentos e cinquenta gramas ao nascer e tinha apenas pequena chance de sobrevivência. Por não ter intestinos saudáveis, precisava de um constante tubo intravenoso para receber alimentação suficiente e a chance de lutar pela vida. A filha de Alena e esta outra criança eram aproximadamente da mesma idade. Por isso, dividiram um quarto de hospital por cerca de um ano e meio, quando então o médico disse que a outra criança não sobreviveria. Alena lembra a época com uma clareza cristalina:

Nesse ponto, ouvi Deus me dizer: “Leve-a para casa e deixe-a morrer em sua casa”. A menina era negra. Na época, eu morava em uma região da cidade onde havia muitos brancos, e durante esses anos houve um monte de acontecimentos de cunho racial. Além disso, tinha uma filha muito doente e mais dois outros filhos pequenos em casa e um marido que não era muito favorável à ideia. Então pensei sobre o fato de eu não saber pentear os cabelos de crianças negras, seus dentes eram bem tortos porque ela estava o tempo todo com a chupeta, eu não fazia ideia de como fornecer os cuidados médicos que ela necessitava, não tínhamos as máquinas que ela precisava e coisas assim. Mas ainda assim, Deus continuava me dizendo: “Leve-a para casa, leve-a para casa”.

Durante semanas, lutei com Deus, e lhe dei todas as minhas desculpas e medos. Chegou a um ponto em que eu não conseguia dormir. Deus continuava colocando na minha cabeça e no meu coração a cada segundo de cada dia: “Leve-a para casa. Leve-a para casa. Leve-a para casa...”. Por fim, fiz algo que nunca fizera antes. Disse: “Tudo bem, Deus, é isso. Sinto que tu estás me dizendo para fazer isso. Estou avisando que sou a pessoa errada. Tu terás de me falar bem audivelmente, ou terás de me mostrar algo para que não haja mais dúvida na minha cabeça”. Naquele momento, dois dos meus filhos estavam hospitalizados, um deles em um berço e o outro em uma cama. Senti que já era demais para mim.

Joguei a Bíblia em cima da cama e disse-lhe para me mostrar. Quando peguei a Bíblia, abriu em Tiago 1, e comecei a ler o capítulo. Pensei: Que alívio, isso não tem nada a ver com nada. Estou livre disso. Mas depois, claro, cheguei ao final do capítulo, ao versículo 27, onde diz: “A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações”. Naquele momento, eu só disse: “Tudo bem, Deus, é isso. Entendi”.

Então, naquele dia dirigi-me ao pessoal do hospital e pedi que me treinassem para cuidar dela. Logo depois disso, ela ficou em casa conosco por cerca de um mês até morrer. Aprendi todos os cuidados médicos e a operar todas as máquinas. O hospital, claro, tinha o número do meu telefone. Então, começaram a me telefonar para eu cuidar de mais crianças em estado terminal.

A essa altura ficou claro que fui chamada para essa causa. Deus encontrou-me em cada passo da jornada. Cada questão que argumentei com Ele já não era mais

problema. Apenas deu certo. Então continuei levando crianças para casa até os meus filhos terem mais idade e a situação começar a ser demais para eles lidarem. Naquele momento, disse a Deus que tudo estava acabado. Mas Ele disse: “Não, agora tenho crianças que não vão morrer. Só têm problemas médicos, e você sabe como lidar com isso”.

Isso começou em 1985. Hoje, vinte e cinco anos depois cuidando dos filhos que Deus a chamou para amar, Alena e sua família receberam e serviram cento e setenta crianças sofredoras. Nesse número estão quinze crianças que se tornaram parte permanente de sua família por adoção ou guarda. Em cada ponto ao longo do caminho, Deus lhe deu conhecimento, paciência, recurso e tudo o que ela precisava para que as coisas dessem certo. Muitas vezes fala para as pessoas sobre sua jornada e as encoraja a acreditar que a causa que Deus lhes dá é uma que Ele as ajudará a controlar:

Sei que algumas pessoas ficam maravilhadas com o que faço, mas tudo se tornou bastante corriqueiro para mim. Já não é mais sequer difícil de fazer. É apenas o que faço.

Encorajo as pessoas a sair e fazer o que Deus as chamou para fazer. Você pode. Afinal, eu pude fazer algo que certamente é mais do que sei fazer, e não tive formação acadêmica ou especialização. Nada mesmo. Meu marido me abandonou, enquanto minha filha estava em uma série de comas e os médicos nos diziam que ela não viveria muito tempo. Ele não suportou, pois ainda tínhamos outras crianças que estávamos cuidando. Encontrou-me em casa um dia e disse:

— É isso. Ou você para de ir ao hospital para ficar com ela ou eu vou embora.

Respondi:

— Mas, não posso deixá-la. Tenho de ficar com nossa filha no hospital.

Voltando para casa do hospital mais tarde naquele mesmo dia, e ele tinha ido embora.

Portanto, fiz a maior parte desse trabalho sozinha. Deus me ajudava em cada ponto e me ajudava a lidar com cada nova deficiência e cada novo desafio. Seja o que for que Deus chamou você para fazer, pouco importando o que seja, Ele o ajudará em cada detalhe e dará o que você precisa fazer.

Vejo alguém como Alena, que muitas vezes trabalha em parceria com o Centro dos Sonhos ministrando às famílias, e maravilho-me de como Deus trabalha através dos seus escolhidos. São pessoas normais e comuns como ela ou você ou eu que fazem essas coisas incríveis. Alena também fala para as pessoas acerca de todas as outras maneiras que Deus tem cuidado de suas necessidades. Casou-se novamente há uns dez anos. Seu marido a ajuda com todas as crianças. A casa de quinhentos e setenta metros quadrados, que não é grande pelos padrões do sul da Califórnia e com certeza não é grande para uma família de dez ou mais pessoas, muitas das quais com necessidades especiais, tem se mostrado suficiente para o que eles fazem. Ela reconhece que a vida é difícil social e espiritualmente. Não pode sair para almoçar com as amigas no meio do dia: quem tomaria conta de tantas crianças com tais necessidades especiais e que, às vezes, tornam-se fisicamente violentas? Ela e o marido não recebem muitos convites sociais. Férias é algo quase impossível. Ela também reconhece que não conseguem dormir suficientemente.

O surpreendente foi que, depois de ter frequentado uma igreja por quarenta e cinco anos, ela foi convidada a não voltar, pois a presença das crianças era muito estressante para a congregação. E nada disso a incomoda:

Este é apenas um pequeno preço a pagar. Não estou reclamando de nada. As coisas acontecem e as pessoas têm reações diferentes, mas amo o que Deus me chamou para fazer. Ele me deu uma perspectiva eterna sobre o pouco tempo que tenho na terra.

Quando você sabe que Deus o chamou para fazer algo que é incapaz de fazer, mas, mesmo assim, você faz, aprende a confiar em Deus muito mais depressa. Ainda estou aprendendo a confiar plenamente nEle. Tenho muito a aprender. Todo dia tenho de dar tudo a Deus e ser cuidadosa para não permitir que minha própria natureza assuma o controle da situação. Sei sem sombra de dúvida que

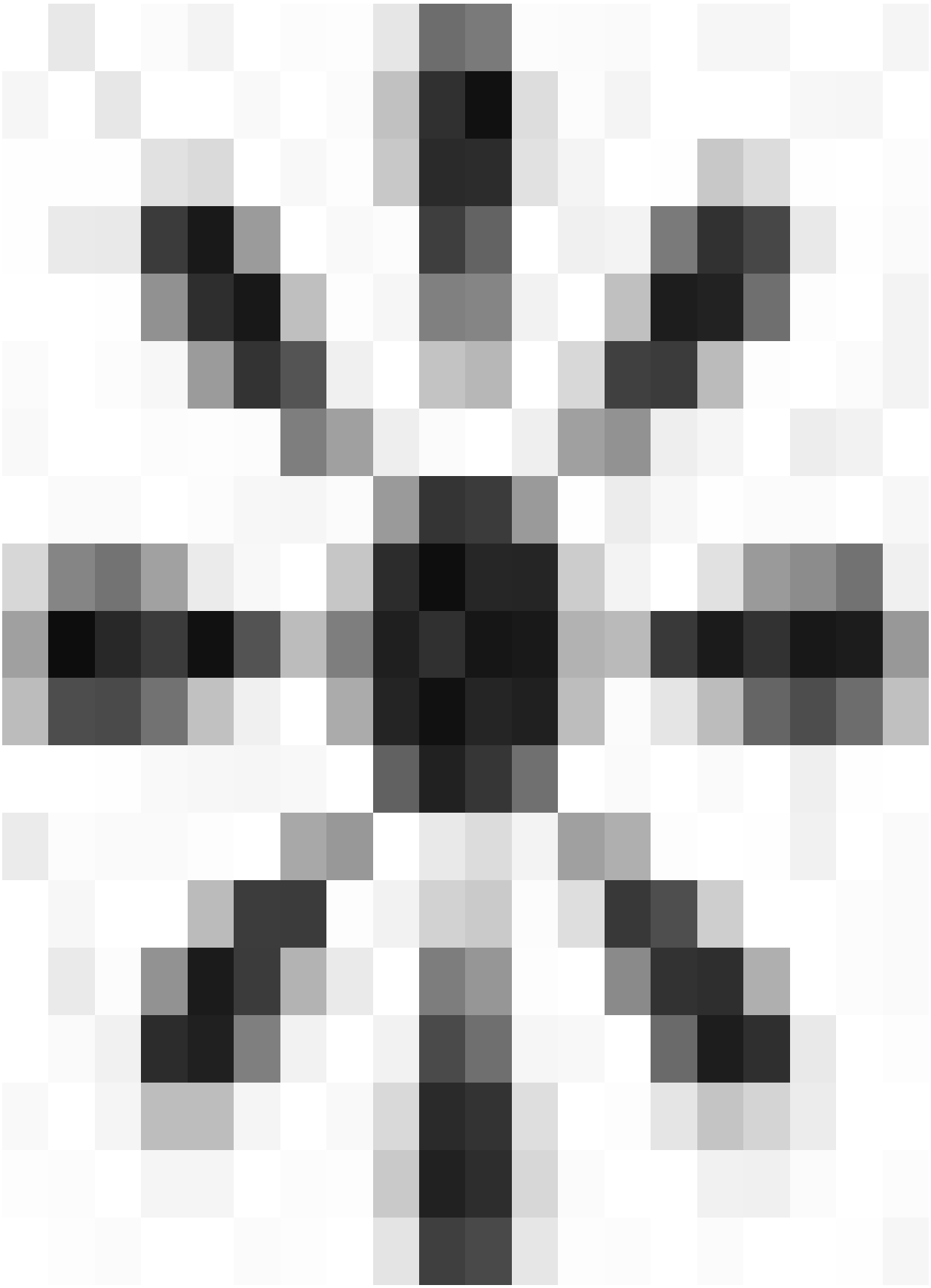
Ele me chamou para fazer o que faço, e sei que não me deixará impossibilitada de fazê-lo. Ele tem se provado fiel vezes sem conta; dá certo.

Acho que um monte de gente detecta a sua causa e, em seguida, diz: “Não, não posso”. Foi o que fiz. Literalmente, disse a Deus: “Eu sou a pessoa errada. Fisicamente, não posso”. Mas aprendi que precisamos nos aquietar e saber que Ele é Deus e ouvir. Se Ele diz para você fazer algo muito estranho, verifique. Perdi meses indo e vindo com Ele antes de perceber que estava certo. Com base em minha experiência, creio que Deus, pelo menos, lhe dirá qual é a sua chamada, se você ouvir. Então, abrirá as portas para você, se estiver receptivo. Lutei contra isso por longo tempo. Não era algo que eu considerava em fazer. Não pensei: Que repugnante ter de tirar sangue e fazer essas outras coisas. Não era isso. Meu sentimento era que eu não conseguiria fazer fisicamente o que era necessário e não tinha as qualificações técnicas e capacidade.

Além disso, não estava muito segura quanto a perder todos os meus familiares e amigos. Você tem de estar disposto a perder tudo isso. Mas será que é grande coisa se você deixar de fazer as unhas, ou os cabelos, ou ter férias maravilhosas? E na verdade, não é maravilhoso quando você dá a eternidade para as pessoas? Você tem de estar preparado para perder basicamente tudo. Então, Deus lhe dará tudo de volta, quando responder ao seu chamado e quando andar na vontade dEle. Ele lhe dará tudo de volta.

Teria sido fácil para Alena recorrer à sua falta de qualificação ou experiência como boa razão para não dar o passo de fé e realizar a sua causa. Alena prova, no entanto, que quando Deus está nisso com você, você pode fazer mais, muito mais do que pensa que pode. Há todos os tipos de desculpas que pode dar para evitar a realização da sua causa, mas no final isso o deixará vazio.

Quando Davi enfrentou Golias, ele estava aceitando um desafio que todos sabiam que não podia dar conta. Aceitou, porque se sentiu chamado para o desafio e acreditava que Deus o ajudaria. Olho para pessoas como Alena e Barry e percebo que elas não têm as capacidades humanas para levar a cabo o que Deus pediu que fizessem. Mas fazem por causa da obediência ao chamado e confiança no amor de Deus por elas. Fazem mais do que podem fazer. Você também pode.



Outro obstáculo à realização da causa pode ser a falta de recursos que presumimos necessários para completar o trabalho. No desejo de evitar o fracasso, fazemos o melhor que podemos para imaginar o que custará para completar a tarefa que acreditamos que Deus nos deu. Queremos ser bons mordomos das nossas finanças e oportunidades. Por isso, paramos tudo até termos os recursos à mão ou pelo menos providenciados.

Mas você tem de lembrar que atender a sua causa é questão de obediência e fé. Você tem de ser sábio, mas também tem de ser espiritualmente sensível. A oração é fundamental, não o tipo através da qual você diz a Deus o que fazer, mas o tipo através da qual Ele diz a você o que cabe a Ele. Quando Deus lhe diz para ir, a sua atual falta de recursos não é desculpa viável para não ir. Ele pode estar preparando a oportunidade de preencher o espaço do milagre.

Se eu tivesse esperado até que tivéssemos recursos para fazer nossas diferentes formas de atendimento às pessoas oprimidas, duvido que estaria escrevendo este livro hoje. Quando tivemos a oportunidade de salvar uma menina da prostituição, não tínhamos programa e orçamento para esse tipo de serviço. Custa-nos mais de duzentos e cinquenta mil dólares por ano ajudar as jovens a escapar da prostituição e, depois, auxiliá-las a refazer a vida e devolver-lhes os sonhos. Ainda assim, fazemos, porque acreditamos que Deus nos chamou para isso. Ele tem fielmente fornecido o dinheiro.

A oração é fundamental, não o tipo através da qual você diz a Deus o que fazer, mas o tipo através da qual Ele diz a você o que cabe a Ele.

Quando vimos a forma como a atual recessão está destruindo muitas famílias, não tínhamos espaço nem dinheiro para acolher as famílias desesperadas que acabaram nas ruas. Não tínhamos programa para ajudálas a voltar a serem independentes e a concentrarem-se em seus sonhos. Mas começamos pela fé, e Deus providenciou os cento e cinquenta mil dólares que o empreendimento nos custa por ano. Dinheiro, espaço e outras necessidades tangíveis não podem ser

utilizados como barreira que impeça você de fazer o que Deus o chama para fazer. Pode ser que você tenha de ser criativo, e nem tudo será tão bom e puro como gostaria, mas o mais importante é confiar em Deus e responder ao seu chamado.

Estes são tempos muito difíceis economicamente. Os Estados Unidos têm milhões de pessoas oprimidas, milhões de famílias que estão ao ponto (ou além) do desespero, milhões de jovens que estão fazendo escolhas ruins na vida, milhões de pessoas idosas que vivem em dificuldades, porque suas poupanças foram aniquiladas. Igrejas e organizações sem fins lucrativos têm sido duramente atingidas pela redução das ofertas. São abundantes as boas razões para você não correr tais ricos na realização da sua causa. Mas agora não é a hora de recuarmos com medo e incerteza. Se não podemos fazer o que as pessoas precisam, quando mais precisam, então por que estamos aqui? Que valor adicionamos ao mundo? Esta é uma época de grande necessidade. Exige pessoas de muita fé que invistam na vida e sonhos das pessoas. É o melhor momento para você influenciar a forma e o bem-estar do mundo.

Tivesse eu esperado até ter tudo à mão, não existiria o Centro dos Sonhos hoje. Pela graça de Deus, fui encorajado a continuar alargando as fronteiras do sonho que Ele me deu. Começamos com um templo pequeno e algumas casas pequenas rua abaixo. À medida que realizávamos a causa, ocupamos esse espaço e outras casas que alugamos. Certo dia, estava passando de carro pela rodovia Rota 101, cerca de dois quilômetros e meio do Templo Betel, e olhei para a esquerda. Vi um prédio enorme, um hospital de cento e vinte mil metros quadrados, parado ali como um navio cargueiro ancorado na rodovia. Havia nele uma grande faixa de Vende-se. Nunca notara esse prédio gigantesco antes. Imediatamente, pensei: É isso! Este é o lugar para nós. Um hospital para pessoas feridas. É perfeito.

Fiz, então, alguns telefonemas e descobri a história desse edifício. Era o antigo Hospital Rainha dos Anjos de propriedade da igreja católica, que estava vendendo a propriedade. Fazia algum tempo que o edifício estava vago, e precisava de uma boa reforma. Estava no mercado havia um tempo também. Um dos grandes estúdios de cinema fizera uma oferta pelo prédio, que estava prestes de ser aceita. O plano era expandir o estúdio de cinema para esse local e fazer filmes ali.

Imediatamente entramos em contato com os representantes da propriedade e contei a eles o que fazíamos e a possibilidade de comprar o prédio. Disseram que

a proposta do estúdio de cinema era de cerca de 15 milhões de dólares. Fui direto com os representantes do hospital:

— Não temos esse dinheiro, mas temos um sonho.

Ficaram deveras impressionados com a visão e disseram para fazermos uma oferta. Meu pai e eu não esperávamos que a reunião fosse tão bem, ou que as coisas andassem tão depressa, de modo que não havíamos discutido a estratégia, o preço e o demais. Mas era o nosso momento, e sabíamos que não poderíamos simplesmente ir embora. Se fôssemos, sentimos que perderíamos a oportunidade. Então pensei em lançarmos um número, só para ver o que aconteceria. Oferecemos 3,9 milhões de dólares.

Para o nosso espanto, disseram:

— Gostamos da sua visão. É maravilhosa. Vamos chamar os advogados e os corretores para fechar o negócio.

Não sabíamos o que dizer. Era bom demais para ser verdade. Somente Deus poderia coordenar esta venda quando os proprietários já tinham uma oferta quase quatro vezes melhor de uma organização mais financeiramente respeitável. De certa forma, porém, não fiquei surpreso, porque desde o momento em que notei o edifício e a enorme placa de Vende-se acenando ao vento, sabia que esta seria nossa nova casa.

O aspecto negativo, claro, era que não tínhamos 3,9 milhões de dólares. Na verdade, sequer tínhamos 1 milhão.

A dimensão desta provisão e o seu timing foram inesperados, para dizer o mínimo. Após meu encontro com Deus no Parque Echo, fiquei empolgado por ter aquela pequena propriedade do Templo Betel, e imaginei que ficaria ali para sempre. Estávamos felizes por avançarmos laboriosamente naquele bairro, estabelecidos em uma igreja pequena de difícil localização. Durante os primeiros anos, várias pessoas que havíamos convidado para visitar Betel não conseguiam encontrá-lo, mesmo quando enviávamos com antecedência mapas e indicações de como chegar.

A localização difícil do Templo Betel não era o nosso único desafio, pois, pela graça de Deus, tínhamos ocupado todas as instalações disponíveis. Não me pareceu boa coisa. Eu tinha imaginado que ficaríamos ali para sempre e, de

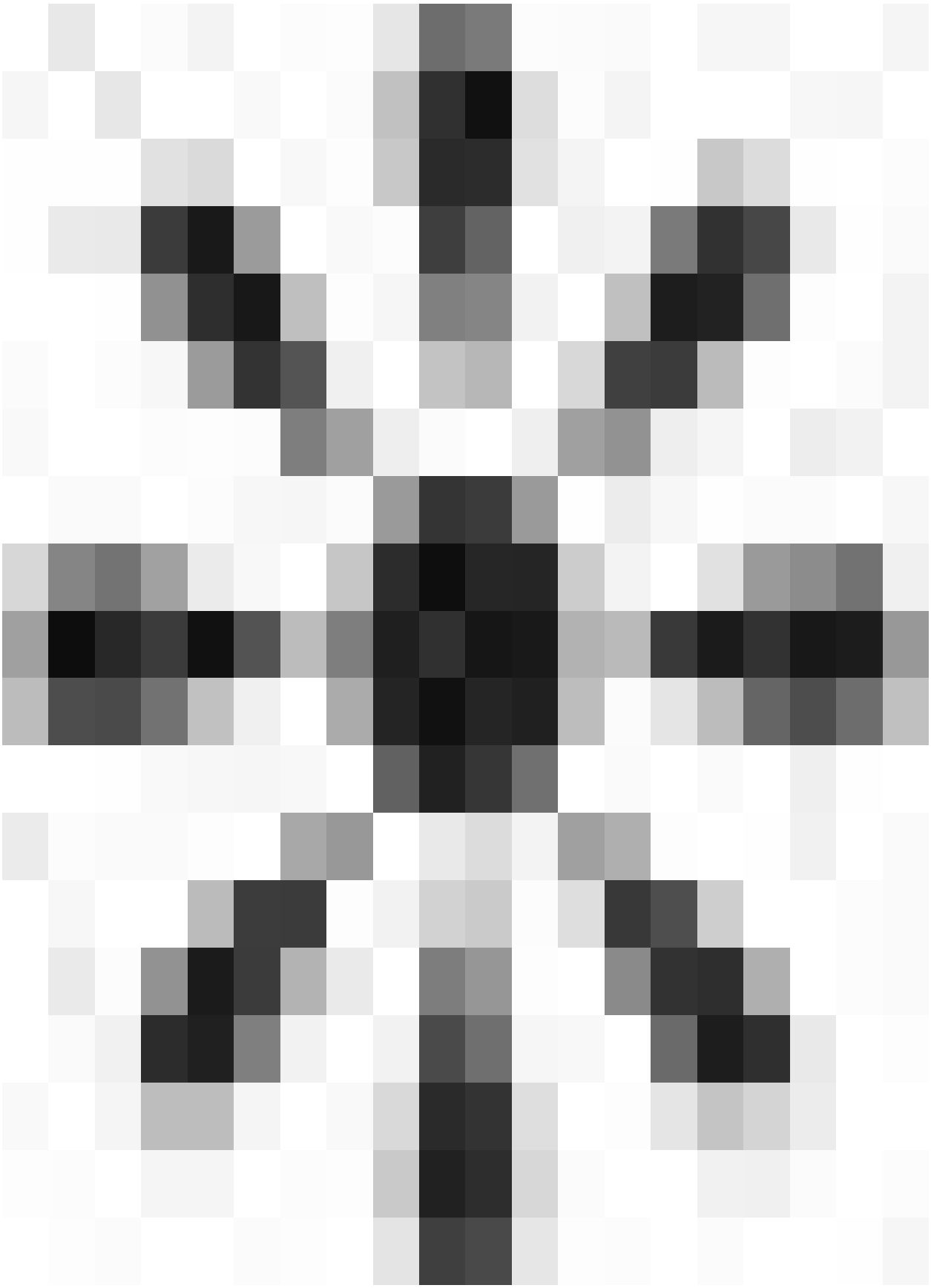
alguma forma, manteríamos as coisas funcionando. A gente faz o que pode com o que tem. Essa ideia me dava paz. Deus me entregara a minha causa, e estava claro que este era o lugar onde eu deveria exercer essa causa. Por isso, imaginamos uma maneira de comprar ou alugar mais casas na área imediata, a fim de ajudar mais pessoas. Da perspectiva humana, a propriedade de Betel era inadequada para realizar o que precisava ser feito. Mas nada do que já estava acontecendo fazia sentido segundo a perspectiva humana. Tendo isso em mente, acreditávamos que Deus sabia o que estava fazendo. Ele nos colocou em Betel, e apenas continuamos a fazer o que fomos chamados para fazer e deixamos com Ele as demais coisas.

Quando a opção do hospital surgiu, parecia a oportunidade de uma vida. O dinheiro poderia ter sido um problema, mas não deixamos que fosse. Se Deus não nos quisesse lá, não teriam aceitado a oferta. Se entendemos errado a situação, críamos que o negócio não se concluiria durante o processo de fechamento. Mas confiávamos plenamente que tudo seguiria em frente.

A compra do campus do hospital de nove hectares, que incluía mais oito outros edifícios e vários parques de estacionamento, bem como o hospital de quinze andares, era a provisão contínua de Deus para um grupo de pessoas que estava entregue à causa do Senhor. De repente, quando Deus sente que você está pronto, Ele faz o milagre. Em algum momento, pode dizer: “Muito bem, estamos subindo para a primeira divisão hoje”. É o que pode acontecer como resultado de sua fidelidade passada, ou pode acontecer para aumentar a sua fé. Já vi ocorrer ambas as consequências. Em nosso caso, acredito que avançamos persistentemente através de muitas provações e nos arrastamos por tantos dias comuns que a compra do hospital foi o resultado de Deus estar vendo nosso compromisso e disposição de continuar em um lugar escondido cuidando de pessoas indesejadas, sem recursos adequados, alarde na mídia ou o envolvimento de celebridades. O que Ele tem feito através desse edifício é criar uma causa extraordinária fundamentada em um monte de dias pequenos e atos simples de amor e bondade que passou em grande parte despercebida, exceto para aqueles cujas vidas foram alteradas por esses empreendimentos.

A propósito, receber o dinheiro para a compra do hospital e, em seguida, mais alguns milhões para reformas e ampliações, é outra história que contaremos mais tarde. Basta dizer que eu não tinha ideia de como fazer chegar a mim 3,9 milhões de dólares, mas Deus tinha. Hoje, possuímos o prédio quitado, porque estávamos dispostos a deixar que Deus preenchesse esse espaço de milagre.

Sei que alguém que lê estas palavras estará pensando em pessoas, inclusive alguns ministros, que “andaram pela fé”, porque “Deus falou com eles”, mas acabaram envergonhando Deus e o corpo cristão dando calote em empréstimos feitos ou não cumprindo contratos firmados. Isso gera experiências desgastantes para o Reino de Deus. Essas situações ocorrem mesmo. Mas em minha opinião, você tem de reconhecer a diferença entre andar pela fé, porque acha que tem talento suficiente para fazer acontecer, e andar pela fé, com base na chamada clara e consistente de Deus e no conhecimento de que não há nenhuma maneira de você fazer isso acontecer sozinho. Como sempre, a prova está nos resultados.



Quando você estiver preparado para fazer a diferença através da sua causa, fique certo de que será criticado. Uns ficarão com ciúmes. Outros se encherão de raiva. Alguns entenderão mal os seus motivos. Outros são tão competitivos que não querem que ninguém lhes tome o lugar dos holofotes do trabalho que fazem. Alguns de seus críticos serão as pessoas que fazem um trabalho semelhante ao seu. Outros serão as pessoas que não fazem ideia do que fazer. Pouco importando de onde as palavras negativas venham, só sei que virão. E esteja pronto para virar a crítica a seu favor.

Desde muito cedo eu sabia que seria um líder espiritual de algum tipo. Esperava que meu papel fosse de pastor. Diante disso, trabalhei em minhas habilidades de pregação desde que era adolescente. Quando tinha dezesseis anos, me foi dada a primeira oportunidade para pregar. Papai é um pregador extraordinário, conhecido mundialmente por sua capacidade de comunicar de forma eficaz. Muitas pessoas esperavam que eu tivesse o mesmo dom.

Pratiquei minha mensagem durante semanas, sabendo que este poderia ser o meu momento de descoberta. Quando chegou a hora de eu pregar, meu texto estava pronto, eu trabalhara muito em técnicas de exposição de texto, e estava ansioso para assomar ao púlpito. Mas fiquei tão nervoso que terminei minha apresentação de quarenta e cinco minutos em apenas cinco minutos. Cinco minutos! Papai vinha me dizendo há anos que eu precisava desacelerar, cadenciar, enunciar e permitir que os ouvidos das pessoas alcançassem a minha língua. Não consegui seguir esse conselho naquele dia. Tive também um problema de gagueira, que foi ampliada pela velocidade das minhas palavras. Deu tudo errado naquele dia.

Enquanto saía do templo depois dessa experiência humilhante, passei por uma sala de conferências em que alguns pastores mais velhos estavam sentados. A porta estava parcialmente aberta, então pude ouvir a conversa. Um pastor veterano dizia a seu colega, sem saber que eu estava ao alcance da voz:

— O seu avô e seu pai são excelentes pregadores, mas é triste ver um jovem fazer o que ele não é chamado para fazer. E esse menino não foi chamado para pregar.

Isso me esmagou. Dei cinco passos em direção à parede e bati minha cabeça

nela, perturbado com o meu fracasso. A quem eu pensava que estava enganando? Lágrimas começaram a cair no tapete enquanto sentia minha esperança de servir a Deus me escapulir pelas mãos. Esgueirei-me pela porta mais próxima em total atordoamento, chorando o caminho todo até a casa da minha avó. Eu estava convencido de que eu era o maior fracasso do mundo e, agora, a palavra era eliminado.

Depois de andar uns três quilômetros às cegas até a casa dela, jogueime na cama e continuei chorando. Minha avó entrou no quarto e perguntou se eu estava bem.

— Vovó — confidenciei. — Os pregadores disseram que não sou bom e que jamais devo pregar outra vez.

Minha avó, que estivera na igreja e testemunhara meu péssimo desempenho, disse algo que foi muito forte.

— Não acredito que esses irmãos disseram isso. Você foi incrível. Parecia Billy Graham lá em cima. Você foi maravilhoso.

Isso me elevou o espírito o suficiente para perceber que tudo que eu precisava fazer era recusar a deixar que uma experiência ruim e duras críticas negassem meu chamado para servir a Deus. Usei essa crítica como motivação para melhorar. Não gostei das palavras desagradáveis faladas sobre mim, mas alimentei a determinação de nunca mais dar àqueles irmãos razão para pensar que Deus não havia me chamado para servi-lo através da pregação.

E sempre digo, graças a Deus por vovós mentirosas!

Esta, com certeza, não foi a última vez que meus melhores esforços foram dilacerados pelos outros:

Nos primeiros anos, pastores de outras igrejas visitavam-me para dizer que sabiam que eu não ficaria no Templo Betel, assim que a igreja crescesse e eu tivesse a chance de sair para um ambiente residencial mais confortável e prestigiado.

Profissionais escreviam e me telefonavam para dizer que nossos pro-gramas de recuperação são inúteis, porque não usam as melhores e mais recentes técnicas

clínicas e fundamentam-se demasiadamente na fé em Cristo.

Alguns me acusam de ser demasiadamente evangelístico, ao passo que outros me acusam de não ser suficientemente evangelístico.

Você nunca sabe como podem ser ruins as intenções destrutivas dos outros. Passei por um período de tempo quando estava me sentindo sobrecarregado com todas as coisas que aconteciam na igreja. Grandes coisas estavam ocorrendo, mas era emocionalmente desgastante. Tivemos sérias dificuldades, e eu sabia que tudo estava em cima da minha cabeça. Sinceramente, sentia-me desanimado e imaginando se já era hora de sair.

Então, um dia, estava abrindo a correspondência e encontrei um envelope de grandes dimensões. Rasguei o topo e puxei um elaborado certificado. À primeira vista, o meu espírito saltou. Pensei que tivesse ganhado algum tipo de prêmio, e esse reconhecimento era o tipo de estimulante positivo que eu precisava naquele momento. Com a empolgação crescendo, li o texto do certificado. As letras garrafais no meio diziam: “Parabéns ao Pior Pastor do Mundo”. E abaixo havia um texto extenso para explicar exatamente por que eu era inadequado para o ministério. Um pobre coitado trabalhou em casa por horas a fio fazendo este ótimo certificado para me dizer que eu era um perdedor. Confie em mim, se você estiver fazendo algo de significativo, atrairá seu quinhão de antagonistas e críticos.

Uma das habilidades mais importantes na busca da sua causa é saber perdoar quem o ataca ou insulta. Por mais difícil que seja ouvir o que alguns dizem sobre os seus esforços de bom coração, não pode permitir que esses comentários depreciativos e táticas difamatórias atrapalhem você.

Em última análise, não responda aos críticos; responda àquele que lhe deu a causa. Toda vilania mostrada a mim ao longo dos anos apenas intensifica o meu apreço pelo perdão que Jesus Cristo demonstrou a mim e a todos os que me dizem respeito. A sua resposta é o meu modelo. Quanto mais eu imitar esse tipo de compreensão e amor, mais eficaz serei em servi-lo e às pessoas que tão desesperadamente precisam ser abençoadas.

Um dos meus assessores ajudou-me a entender as críticas injustas e a prática do perdão. Lembrou-me que as reações negativas refletem muitas vezes as

decepções pessoais dos críticos por não terem podido realizar os sonhos que Deus colocou em seus corações ou talvez os sonhos que evocaram para si mesmos e Deus escolheu reter deles a bênção. Vendo a crítica dessa perspectiva, realmente sinto tristeza pelo estado de espírito que impede os críticos de serem parte positiva e de valor agregado do movimento do povo de Deus. É claro que eles também têm medos, mágoas e a necessidade de serem amados e abençoados tanto quanto as pessoas que moram na região do Parque Echo. Talvez se Deus puder amá-los através de mim, pelas minhas reações às críticas ou até mesmo pela minha perseverança firme em fazer o bem por aqueles entre nós que estão lutando, possam superar a insegurança e a raiva e participar na cura do mundo que lhes diz respeito.

A sua causa é importante demais para ser negada pelos pessimistas. A sua paixão e compromisso não podem ser desperdiçados tentando fazer todo mundo feliz.

O ponto principal é simples: você não pode permitir que a sua causa seja descarrilada pelos críticos. É apropriado ouvir as críticas, porque às vezes estão certos e às vezes, mesmo que não estejam, você pode aprender algo acerca de si mesmo, da sua causa ou a melhor forma de influenciar a vida de pessoas que não entendem. Considere o que dizem, e se algo ressoa construtivo, faça algo a respeito. Se as palavras não soam verdadeiras, agradeçalhes por dizerem o que pensam e siga em frente. A sua causa é importante demais para ser negada pelos pessimistas. A sua paixão e compromisso não podem ser desperdiçados tentando fazer todo mundo feliz. Foque na coisa incrível que Deus reservou para você.

Certo pastor me contou uma história de como o famoso evangelista D. L. Moody lidou com a crítica de uma irmã. Depois de assistir a um culto evangelístico sobre o qual Moody presidiu e no qual numerosas pessoas entregaram a vida a Cristo, a irmã precipitou-se pela multidão para falar com ele. Disse-lhe todas as coisas que ele tinha feito de errado e como era ineficaz como evangelista. Preocupado por não estar servindo a Deus bem, Moody ficou interessadíssimo em aprender com esta mulher que parecia tão segura de si.

— Diga-me — pediu Moody educada e humildemente à mulher. — Como você

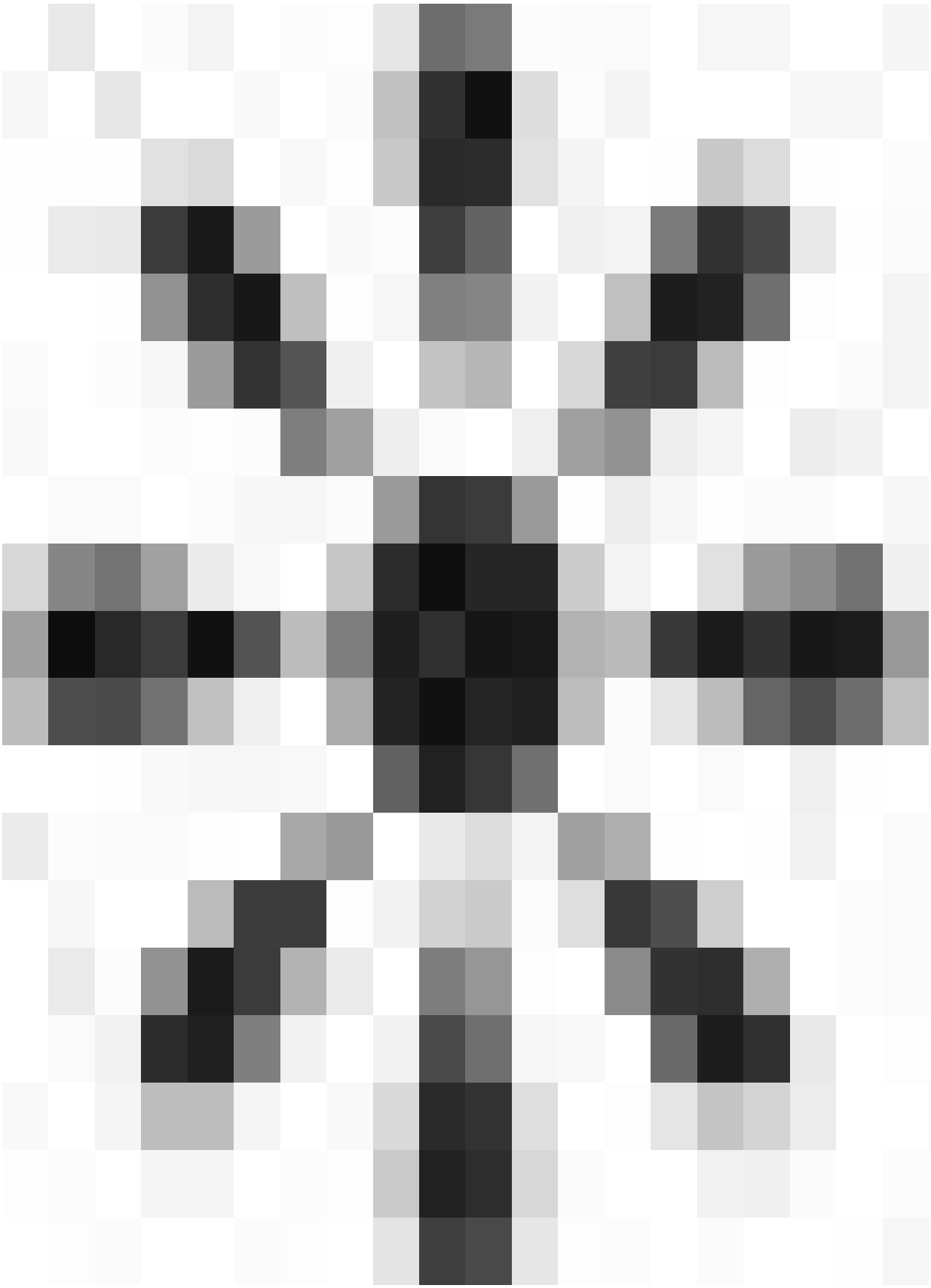
compartilha o evangelho com as pessoas.

— Eu não compartilho — torceu ela o nariz pretensiosamente.

Moody pensou por um momento, enquanto estudava sua acusadora.

— Então me perdoe, irmã, mas prefiro a maneira como eu estrago o evangelismo do que a maneira como você o evita.

A crítica pode ser a maneira de Deus realinhar você no caminho rumo à influência, ou pode ser uma distração em seu caminho. Desenvolva o discernimento para saber a diferença e reagir adequadamente.



Depois de entender a sua causa, você está na grande missão de mudar o mundo. Claro que não mudará todas as pessoas. E fará mais do que alguns erros ao longo do caminho. Certamente enfrentará dificuldades e desafios enquanto realiza a sua causa. Acostume-se com isso e refaça-se. Tenho fé suficiente no amor de Deus por você, e nas habilidades e recursos que lhe deu, para crer que algo grande está para vir em razão do seu compromisso com a causa dentro de você.

O QUE APRENDI

Não espere primeiro compreender a sua causa por inteiro. Deus a revelará ao longo do tempo.

O tempo de Deus é perfeito. Confie no tempo dEle e não no seu.

Esteja preparado para fazer mais do que você pode fazer humana-mente.

Não deixe que a falta de recursos o impeça de avançar com fé e sabe-doria. Permita que Deus preencha o espaço de milagre.

O fracasso do passado não o desqualifica para o sucesso do futuro.

Você será criticado com frequência. Quando a crítica soar verdadeira, use-a para melhorar o que você faz. Quando for descabida, ignore-a. Seja como for, continue avançando em direção à sua causa.

Capítulo 7

O PODER DE UMA ATITUDE ADEQUADA

QUANDO PENSO SOBRE O que é preciso para ver uma causa tornarse uma realidade que muda a vida, convenço-me de que dois fatores são indispensáveis: operar no poder de Deus e ter a atitude certa.

Depois da minha experiência no Parque Echo, voltei ao Templo Betel e comecei a fazer meu trabalho de forma diferente. Percebi que em vez de lamentar as coisas que eu não tinha, quais sejam, uma congregação grande e crescente, um orçamento robusto para atendimento aos necessitados, uma equipe de funcionários a quem tarefas pudessem ser delegadas, uma propriedade que permitisse crescimento, era fundamental ser grato pelo que o Senhor já tinha me proporcionado.

Quando olhei as coisas a partir desse ângulo, percebi que tinha apenas vinte anos de idade e já era abençoado com o privilégio de servir a Deus em tempo integral no ministério pastoral. Eu tinha uma igreja utilizável. Estava localizada em uma região onde as necessidades eram tão abundantes que qualquer tentativa séria de servir pessoas quase certamente daria frutos. Meu pai estava copastorando comigo, dando-me essencialmente a melhor mentoração que qualquer um poderia esperar. Deus falara comigo — o rapaz ingênuo, que nunca fora pastor, que ainda não atingira a idade legal para certos comportamentos adultos — sobre as causas reservadas para mim, pelas quais eu dedicaria a vida. Quando olhei para as coisas através da lente da gratidão em vez da frustração e desapontamento, era um cenário totalmente novo. Deixei os resmungos de não ter as ferramentas que eu precisava para fazer o trabalho e passei a orar para que eu fosse capaz de gerir todos os recursos que já me haviam sido confiados.

Com essa atitude, comecei a fazer a primeira de centenas de mudanças radicais no meu modo de pensar e agir. Para serem mais visíveis e de fácil acesso, mudei minha mesa e telefone para fora do templo da igreja, na varanda de cimento que estava entre o prédio da igreja e a calçada. Coloquei um pote de balas na mesa e

ofereci balas para as crianças do bairro quando passavam, um estratagema para me permitir conhecê-las e para que se sentissem à vontade perto do homem branco, que sempre estava no prédio geralmente vago da rua. Acenava e cumprimentava as pessoas que passavam pela rua, às vezes em espanhol se me parecesse apropriado. Em vez de me sentir vencido pela dificuldade de invadir seu mundo, tratei-o como uma aventura que, no final, reservava um grande tesouro, se Deus me favorecesse.

Do meu lugar na varanda, vi todos os tipos de coisas que acontecem no bairro. Uma delas foi a pregação de porta em porta realizada por irmãos de outra denominação que vinham de outras partes de Los Angeles para evangelizar a área. Invariavelmente a abordagem evangelística era “arrepender-se ou ir para o inferno”. Vi embasbacado que muitos residentes aceitavam a Cristo cada vez que recebiam um visitante. Estavam ávidos por manter os incômodos longe da porta e perceberam que dizer sim ao pedido feito era a maneira mais rápida de livrarem-se dos visitantes. Na minha opinião, tinha de haver uma maneira melhor. Essas pessoas eram pobres, mas não burras.

Certa tarde, um colega de trabalho e eu saímos para almoçar em um restaurante que servia comida chinesa. Enquanto comíamos arroz frito e frango kung pao, analisávamos formas de promover nossa causa quando uma surpreendente impressão entrou em minha mente: adotar o quarteirão. Eu tinha passado muitas horas nas ruas conversando com os moradores e batido em muitas portas, tentando conhecer as pessoas e convidandoas para ir à igreja. Os moradores eram gentis, mas desinteressados. Foram abordados por tantos evangelistas errantes e representantes religiosos que tinham pouco interesse no que este cidadão estava vendendo.

Mas a ideia de adoção era diferente. Iríamos de porta em porta oferecendo-nos para servir as pessoas e cuidar de suas necessidades. Em vez de pregar a condenação, ofereceríamos amor e assistência prática. Seguiríamos a seguinte admoestação: pregar o evangelho a todos que encontrar e usar palavras só se for preciso. O amor é o melhor sermão que alguém experimenta.

O amor é o melhor sermão que alguém experimenta.

Quanto mais ponderávamos a ideia, mais animados ficávamos. Peguei um guardanapo do dispensador, rabisquei o nome “Adote um Quarteirão” e algumas ideias sobre como fazer. Os crentes sairiam da igreja em equipes de dois, adotando um quarteirão específico e comprometendo-se a visitar as mesmas trinta casas a cada semana. A tarefa era construir relacionamentos e confiança com os moradores e servir de qualquer maneira que fosse mais útil para eles.

Nosso comportamento seria a gentileza e amabilidade, nunca nos impondo a ninguém, mas sempre buscando o melhor para eles, respeitandoos e seus desejos. Seria preciso ter em mente que este era um privilégio, não uma dever ou obrigação. Era a chance de abençoar os outros, assim como fomos abençoados. E claro, era uma forma de apresentar as pessoas a Jesus Cristo, sem ameaçá-las ou enganá-las em um compromisso que não entendem, nem desejam.

Essa ideia simples tornou-se o conceito basilar para o nosso ministério e o programa fundamental que capacitou o Templo Betel de fazer a transição para o Centro dos Sonhos.

É uma ideia muito simples, mas são as mais simples ideias que funcionam melhor e fazem a maior diferença. Adote um Quarteirão é um programa que reflete o tipo de atitude que produz resultados. Está baseado no compromisso com as pessoas e na consistência no relacionamento. Está baseado em querer levar alegria e felicidade para a vida das pessoas e uma determinação de amá-las, não importa o quê.

Um dos aspectos importantes de uma atitude é que ela se torna contagiosa. As pessoas muitas vezes comentam que o Centro dos Sonhos é um lugar positivo e alegre, apesar de estarmos situados no meio de pessoas cujas vidas não deram certo. O sentimento otimista e esperançoso não acontece por acidente. Todos os dias tomo a decisão consciente de estabelecer um tom positivo para todos por perto. Nem sempre me sinto disposto e empolgado interiormente, mas é importante projetar esse tipo de atitude confiante e vitoriosa para as pessoas que me rodeiam, assim como para mim. Se eu permitir que as circunstâncias ditem meus sentimentos, estarão, antes que eu perceba, ditando minhas ações.

Parte do desafio é como você descreve a sua situação. No Centro dos Sonhos, temos tóxico dependentes, alcoólatras, ex-presidiários, prostitutas, fugitivos, adolescentes grávidas, membros de gangues, muitas pessoas que têm uma história de tomada de decisões ruins. Seria fácil olhar para eles e concluir que

nosso trabalho é uma chateação que temos de fazer e que estamos presos a esse fardo. Mas uma maneira mais precisa de definir a situação é perceber que de todas as pessoas do mundo que Deus poderia ter escolhido para a tarefa, Ele me escolheu! É uma honra ser escolhido. Parece uma tarefa muito difícil. Mas tendo em vista que Ele me escolheu para fazer esse trabalho e que nunca me levanta para fracassar no que Ele me escolheu para eu fazer significa que acredita que sou a pessoa certa para o trabalho e plenamente apto para concluí-lo. Isso me faz querer estufar o peito — não de orgulho, mas de emoção por saber que confia em mim para fazer um trabalho significativo e desafiador que é importante para Ele.

Quando temos nova turma de voluntários para apresentar ao programa Adote um Quarteirão, fazemos treinamento com eles. Um componente da preparação que muitas vezes surpreende as pessoas é a ênfase que colocamos na devida limpeza das calçadas e ruas do quarteirão que irão servir. Temos um jovem chamado Jonathan, que está conosco alguns anos. Veio originalmente para o Centro dos Sonhos, porque sua mãe sabia que estava metido em encrencas e ela queria que ele voltasse aos trilhos. Seu pai abandonara a família quando Jonathan tinha oito anos, e o menino começou imediatamente a tirar proveito da situação. Aos dez anos, bebia; aos onze, fumava maconha regularmente e saía com uma turma da pesada. Aos doze anos, iniciara a própria gangue, e faziam pichações em prédios e vandalizavam casas. A gangue ficou tão grande que foi convidada a integrar uma das gangues hard-core existentes. Quando fez treze anos, tornou-se traficante bem-sucedido. Pessoalmente, Jonathan estava se formando no consumo, bem como na venda de drogas cada vez mais pesadas. Aos quatorze anos, envolveu-se em muita violência com outras gangues, cujo território de drogas ele tinha invadido. Aos quinze, fora preso várias vezes, e as coisas estavam ruins.

Sua pobre e sitiada mãe trabalhava em vários empregos, no empenho de sustentar a si e aos seus três filhos. Estava ciente de que a vida de Jonathan era uma confusão, mas não sabia o que fazer. A garotada havia tomado conta da casa, onde consumiam e vendiam drogas. Tendo sido informada sobre o Centro dos Sonhos, ela resolveu levar Jonathan para lá na esperança de que a vida do filho fosse recuperada. Jonathan se lembra bem:

Era 26 de outubro. Ela me colocou no carro, e fomos até ao Centro dos Sonhos.

Chegando ao campus, olhei aquele edifício grande e pensei: Oh não, ela está me colocando em um hospício. Mamãe estava muito angustiada, porque todas as coisas que estavam acontecendo lhe eram muito difícil lidar. Ela é do México e nem sempre entende tudo muito bem. Eu também estava angustiado, mas pensando que entenderia este lugar e agiria de acordo com o sistema. Enfiara um pouco de maconha na minha cueca sambacanção, imaginando que nunca procurariam ali. E não procuraram. Fiquei animado. Escondi a maconha. Depois procurei não chamar a atenção por alguns dias, examinando o lugar, imaginando quem eram os delatores, quem eram os peixinhos do lugar, todo o negócio.

Depois de quatro dias eu estava pronto. Roubei uma torradeira da cozinha, rasguei uma página da Bíblia que minha mãe me deu quando ela me deixou aqui, enrolei um baseado e acendi com a torradeira. Coloquei a cabeça para fora da janela a fim de que as pessoas de dentro não sentissem o cheiro e tudo ficasse bem para mim. Escondi o resto da maconha. No dia seguinte, voltei para fumar outro bagulho, mas minha parafernália tinha sumido. Então, o líder da casa me abordou e disse que estavam me rebaixando ao Nível 1, que é para os caras maus e tem um monte de restrições. Passei muito tempo sentado no meu quarto, entediado, contando os pontos no teto e coisas assim. Dava de ouvir todo mundo rindo no cinema ou refrescando-se nos salões. Mas quem está no Nível 1 não pode fazer isso. Foi horrível. Por fim, estava tão entediado que peguei a Bíblia e resolvi ler.

Fui ao banheiro e sentei-me no vaso sanitário, onde comecei a ler a Bíblia. Abri em Mateus 5, que é o início do Sermão da Montanha. Veja bem, eu não sabia nada da Bíblia, de modo que tudo era novidade para mim. Imediatamente, ela me mudou. Puxa, o que Jesus estava dizendo entrou em minha mente como um raio. Era a primeira vez que ouvi alguém dizer que se eu apenas olhasse para uma mulher de forma errada, já teria cometido adultério em meu coração.[11] O quê? Eu estava pensando: Espere aí, ninguém nunca disse nada assim! Então, li que se eu tivesse raiva de alguém em meu coração era como assassiná-lo. Tenho certeza de que não entendi todas as ideias que eu estava lendo, mas uma coisa que ficou clara para mim foi que quem escreveu esse livro levou tudo por um padrão mais elevado. Jesus levou esse sujeito para um novo nível.

Fiquei chocado. Senti: Cara, se eu nunca tivesse lido nada sobre isso eu estaria bem, mas e agora? Agora já li. Tenho de dizer que foi um momento decisivo na minha vida, ali mesmo no toalete masculino com a Bíblia. Pensando sobre tudo isso, tomei uma decisão. Apenas disse para mim mesmo: Jesus, vou te servir.

Vou te servir de todo o meu coração.

Jonathan então passou pelo nosso processo de discipulado e tornou-se destacado líder para os outros que vieram das ruas. Durante as férias, foi para casa pela primeira vez desde que decidira seguir a Cristo. Nesse mesmo dia, rompeu com a antiga namorada, jogou fora cerca de meio quilo de maconha que tinha escondido na casa da mãe e disse aos velhos amigos de gangue que estava fora dessa vida para sempre. Seu coração fora tão radicalmente mudado que não poderia imaginar outro curso de ação. Disse a Deus que estava entregando a vida para o Reino e que serviria seja como fosse que Deus quisesse. Foi um grande passo para Jonathan. Quando alguém sai de uma gangue, não há retorno. Mas ele estava comprometido em amar a Deus e as pessoas. Sua atitude mudou tudo. O que mais aprecio nele é o seu fervor para fazer as coisas certas, pela maneira certa, pelas razões certas. Tornou-se líder chave no programa de discipulado, concluiu o Ensino Médio e, depois, fizemos dele o diretor do programa Adote um Quarteirão. Parte da razão foi sua capacidade de liderança. As pessoas realmente o atendiam. Mas a principal razão foi a sua atitude:

Apaixonei-me por servir. Comecei a sonhar sobre como seria se um dia eu pudesse amar essas pessoas tanto quanto elas perguntam: O que ele tem de diferente? Não há nada melhor do que quando alguém pergunta o que você tem de diferente, sem nunca ter lhes falado sobre Jesus. Gosto quando lançam aquele olhar, como se estivessem pensando: Não sei, não, mas você é diferente. Tem algo diferente em você.

Você os serve sem que peçam, e eles começam a perguntar coisas como: “Ei, por que você está carregando minha bagagem para mim?” “Por que você está me ajudando com esta tarefa?” “Por que você quer pagar esta conta para mim?” É algo que aprendi com Matthew Barnett, que sempre está pensando assim. Por exemplo, ele está na fila do metrô e paga a passagem da pessoa atrás dele. Então, você começa a pensar maneiras de ser generoso, maneiras de ser uma bênção, maneiras de servir. A principal coisa que aprendi é estar ciente e atento ao que está acontecendo ao redor para que eu possa ser uma bênção. Sempre procuro estar alerta de modo que, quando o momento chega, eu lance as sementes da bênção.

Tornaram-me líder do grupo de jovens, e depois, um dia, do nada, pediram-me para chefiar o programa Adote um Quarteirão. Eu não tinha vinte anos completos. Não dava de acreditar. Adote um Quarteirão não é apenas o primeiro ministério que lançaram, mais é também o meu favorito. Não dava de acreditar. Eu estava estupefato. Nessa época, concluí o Ensino Médio. Treinaram-me e ensinaram-me um monte de novas habilidades, sobretudo habilidades administrativas que eram o meu ponto fraco. Desde que administro o programa, dobrou o número de voluntários para cerca de seiscentos que vêm servir a cada semana. Estamos atendendo cerca de trinta mil pessoas por semana, quantidade que sempre está aumentando. É maravilhoso ver Deus trabalhando.

O que me deixou maravilhado é o quanto acreditaram em mim e me encorajaram. Agora minha meta na vida é amar as pessoas e amar a Deus. Quero amar as pessoas tanto que as conecto a Jesus. Quero atender não só as necessidades espirituais, mas também as necessidades físicas. Uma coisa que o pastor Matthew me convenceu é que estou aqui para falar sobre o potencial das pessoas.

Foi o que fizeram comigo. O pastor Matthew Barnett e alguns líderes entraram em minha vida e falaram sobre o meu potencial. Diziam-me: “Você é um homem de Deus. Poderá ser um grande líder um dia”. E eu: “O quê? Eu? Sério?” Mas quando ouvimos isso repetidamente de pessoas que você observa e respeita, começa a acreditar. É o que me fez perceber que, se eu tinha esse potencial, então era melhor aprender a servir melhor. Falaram tanto do meu potencial que comecei a acreditar em mim mesmo e a tomar medidas para transformar esse potencial em execução.

Estar aqui, com tudo pelo que passei, me faz entender que meu coração está voltado para Los Angeles. Nasci e cresci aqui. Meus companheiros estão aqui. Fico animado com o servir aqui. Essa é a minha meta: servir essas pessoas, aqui mesmo, neste bairro.

Nossa vida é vivida no meio de imensa batalha espiritual pelo coração e alma das pessoas.

Apresentei a história de Jonathan, porque ele é excelente exemplo de alguém que leva os outros a reconhecer o privilégio de serem chamados por Deus para fazer até as tarefas mais servis. Jonathan é grande motivador, que ajuda as pessoas a ter orgulho de tudo o que fazem. Damos exaustivos treinamentos para os servos trabalharem duro na mudança da perspectiva das pessoas sobre o que significa ser servo. Para o Adote um Quarteirão, recolhemos, nos bairros que atendemos, todo o lixo das ruas, calçadas e terrenos baldios. Muitos pensam que é serviço por demais baixo, tarefa destinada para os mais humildes dos humildes. Procuramos elevar a importância dessa tarefa ajudando as pessoas a perceber que não estão recolhendo lixo. Estão devolvendo a respeitabilidade ao lugar onde o povo amado de Deus mora. Estão reconstruindo a dignidade das pessoas proporcionando para elas um lugar bonito para viver. Estão demonstrando amor fazendo algo que muitas pessoas torceriam o nariz.

Nossa vida é vivida no meio de imensa batalha espiritual pelo coração e alma das pessoas. A batalha é ganha pelo amor dispensado através do serviço. É o que Jesus modelou para nós. Nosso trabalho é imitar seu exemplo em cada oportunidade que tivermos. Em vez de permitir que nossos servos pensem que o tempo da coleta de lixo é um período desprezado e obrigatório do dia no quarteirão, mostramos que tem de ser um tempo em que alegre e orgulhosamente retiramos todo material que não indique que pessoas preciosas e altamente estimadas estejam morando no bairro. Não há nada mais importante para nós nessa área do que eliminar todo vestígio de sujeira ou imperfeição.

O que estamos fazendo é construir uma atitude. Tenho de admitir que essa atitude torna-se contagiosa. Quando nossa gente adota um quarteirão pela primeira vez e passa uma hora ou duas recolhendo lixo e entulho, as pessoas no bairro nos veem como se fôssemos um bando de loucos em dia de folga do hospício. Desprezam-nos como se fôssemos malucos. Na segunda semana, repetimos o processo, e nos observam com admiração. Na terceira semana, alguns nos agradecem. Na quarta semana, alguns residentes se juntam a nós. A essa altura, no segundo mês dessa rotina de limpeza e visitas, eles nos conhecem, esperam por nós, veem o amor que estamos levando para eles sem compromisso, e não apenas nos aceitam, mas servem ao nosso lado e fazem amizade conosco. Muitas vezes, depois de alguns meses deste procedimento, não há muito lixo para pegar nas ruas, porque agora eles também têm orgulho do local onde residem. Sua atitude foi afetada de forma positiva e permanente.

Parte do processo de mudança de atitude é treinar-se para ver o lado positivo de

cada situação. Quando o Templo Betel passava por dificuldades e ninguém estava frequentando os cultos, papai e eu não desistimos. Certo domingo, ele veio de avião para Los Angeles após ter pregado em Phoenix, e oramos naquele santuário até quase amanhecer, pedindo a bênção de Deus e uma reviravolta. Então, uma semana compareceram cinco pessoas na igreja. Fiquei empolgado. Na semana seguinte, vieram talvez oito pessoas, e eu estava pronto a dar cambalhotas. Papai e eu conversávamos às segundas-feiras sobre como nossos fins de semana tinham sido.

— Pai, tive uma ótima semana. Oito pessoas vieram!

E meu pai realmente comemorava comigo. Ficava genuinamente animado com o crescimento que estava ocorrendo. Eufórico com este sucesso, eu perguntava casualmente como foi sua igreja esta semana.

— Foi ótimo; tivemos uma frequência de oito mil pessoas neste final de semana.

Eu poderia ter me fechado imediatamente e sentido indignação quanto à disparidade. Mas estávamos nos incentivando mutuamente, sabendo que os números não eram a medida real de sucesso e que, seja como for, estávamos na mesma equipe, ambos servindo um grande Deus que estava abençoando cada um de nós segundo a maneira dEle.

Conforme o tempo passava, tive resultados cada vez mais positivos para comemorar. Abrimos nosso programa de recuperação que ajudou meia dúzia de bêbados a receber Jesus e ficar sóbrio. Abrimos nossa primeira casa de recuperação de viciados em drogas que ajudou dezenas de viciados a sair do lixo e ir para Jesus. Tivemos um grupo de outra igreja visitando nosso campus pela primeira vez para ver o que estávamos fazendo com as pessoas invisíveis da cidade. Lembro-me de levá-los em um rápido giro pelas nossas acanhadas e pequenas instalações. Abri porta de uma sala que media dois metros e meio por dois metros e meio. Nossos visitantes viram uma sala pequena com paredes brancas e sujas, algumas carteiras escolares e um monte de cadeiras. Vi um centro de ensino e descrevi o trabalho transformador de vidas que ocorria naquele espaço humilde.

Quando começamos dando comida para as pessoas com fome, eu pagava a comida do próprio bolso, porque a igreja não tinha dinheiro. Meu primeiro dia nas ruas distribuindo alimentos foi na companhia de Fred Johnson, um veterano

de guerra sem uma perna que foi a primeira pessoa disposta a acompanhar-me nas ruas para distribuir os alimentos. Celebramos o privilégio de dar alimentos para cerca de vinte pessoas.

Todas essas experiências me ensinaram uma lição fundamental: aprenda a amar no estágio em que você está. Talvez coisas maiores e melhores virão para você no futuro; talvez não. Não importa. Aprecie a honra e as oportunidades que Deus lhe deu no momento. Ele é o mestre do futuro, não você, e você não pode ditar como será o futuro, portanto, flua com Deus. Aproveite a viagem. Se você sempre está olhando para frente e ansioso para chegar ao destino, perderá a beleza e a alegria que vêm de experimentar as coisas ao longo do caminho. Quando finalmente chegar ao destino, será uma experiência vazia e sem sentido, a menos que tenha apreciado as pequenas vitórias a caminho do destino. Veja o lado positivo de cada situação.

Quando as pessoas visitam o Centro dos Sonhos, uma das perguntas mais comuns que fazem é como evitamos o desânimo em relação a todos os que entram em nossos programas de recuperação e não vencem. Minha resposta é que escolho pensar naqueles que vencem, aqueles cujas vidas foram recuperadas e que agora têm um sonho que vivem para realizar. Aqueles que têm recaídas são obras em andamento. Deus não desistiu deles, e estamos sempre prontos e esperando para amá-los um pouco mais. Se eu focasse principalmente nas desistências, ficaria depressivo e paralisado por esses reveses. Então pararíamos de fazer boas obras por não termos um histórico perfeito, e como as coisas ficariam? Não é melhor ajudar alguns e orar pela cura futura dos demais, ou ver alguns fracassos e parar com tudo? Sua atitude é uma escolha. Escolhi focar e celebrar os milagres que Deus está realizando em torno de nós, do que ser arrastado para baixo pelo número substancial de pessoas que ainda têm de ser curadas e adotar a causa da sua vida.

Durante anos me junto às equipes, todos os sábados para as atividades do programa Adote um Quarteirão. Certo fim de semana, no início do processo, visitei a casa de um homem idoso filipino. Max estava em seus oitenta anos, sua família já não vivia e ele estava, basicamente, à espera da morte. Abriu a porta da frente depois que bati, trocamos cumprimentos e ele perguntou o que eu queria. Depois de explicar que era de uma igreja e estávamos ali para servi-lo, perguntei se havia alguma coisa que poderia fazer para ajudá-lo. Max disse que não, fez uma pausa, e disse que fazia um longo tempo que não ia à igreja. Parou de novo, e pediu para eu entrar e ler a Bíblia para ele.

Sua casa era muito simples, mas Max me fez sentar na poltrona e sentou-se perto de mim, esperando atenciosamente. Comecei a ler 1 Coríntios 13, o capítulo sobre o amor. Quando terminei, Max ficou imóvel, por uns instantes, olhando para mim.

— Você poderia vir todas as semanas para explicar esse texto? — pediu. Concordei, e pelas próximas dez semanas fizemos um estudo bíblico sobre o amor. Durante o tempo em que estudamos a Bíblia, este solitário veterano de guerra abriu o coração para mim e tivemos conversas bastante intensas. No final das dez semanas, disse a Max que agora era a sua vez. Sua missão era encontrar alguém para amar, servindo-o durante a semana que vem.

Quando visitei Max no sábado seguinte, bati na porta da frente e ele atendeu imediatamente. Colocou os dedos nos lábios e disse:

— Pastor, silêncio!

Dei uma rápida olhada para trás de mim e para ambos os lados, tentando imaginar o que estava acontecendo. Explicou.

— Você me disse para amar alguém, servir alguém esta semana, certo? Estava voltando para casa, vindo do mercado, quando vi uma família sem-teto na rua. Tinham acabado de atravessar a fronteira e não tinham para onde ir. Estão lá dentro agora, a família inteira.

Olhei por cima do ombro de Max, em sua sala, e os vi. Havia uma mãe e um pai com dois filhos pequenos. Não tinham sapatos e as roupas estavam esfarrapadas. As crianças pareciam particularmente sujas e despenteadas. Pareciam crianças de cartazes para a Visão Mundial. Max continuou:

— Já faz dias que estão andando. Passaram furtivamente pela fronteira e vieram andando o caminho todo até chegar aqui. Não têm parentes ou amigos. Convidei-os para ficar comigo.

Olhou por cima do meu ombro para a rua e sussurrou novamente.

— Mas, Pastor, você tem de ficar quieto, porque eles são ilegais.

Ri e disse:

— Max, não se preocupe, temos cerca de dois milhões de pessoas ilegais neste bairro!

Sei que as questões políticas que envolvem a imigração ilegal são reais, e não tive a intenção de menosprezar sua importância. Mas a preocupação de Max parecia engraçada, dada a população de nossa região de Los Angeles.

Puxou-me para dentro de casa, e vimos a família deitada no chão sobre o carpete.

— Pastor, eles precisam de roupa. Você tem roupa para eles?

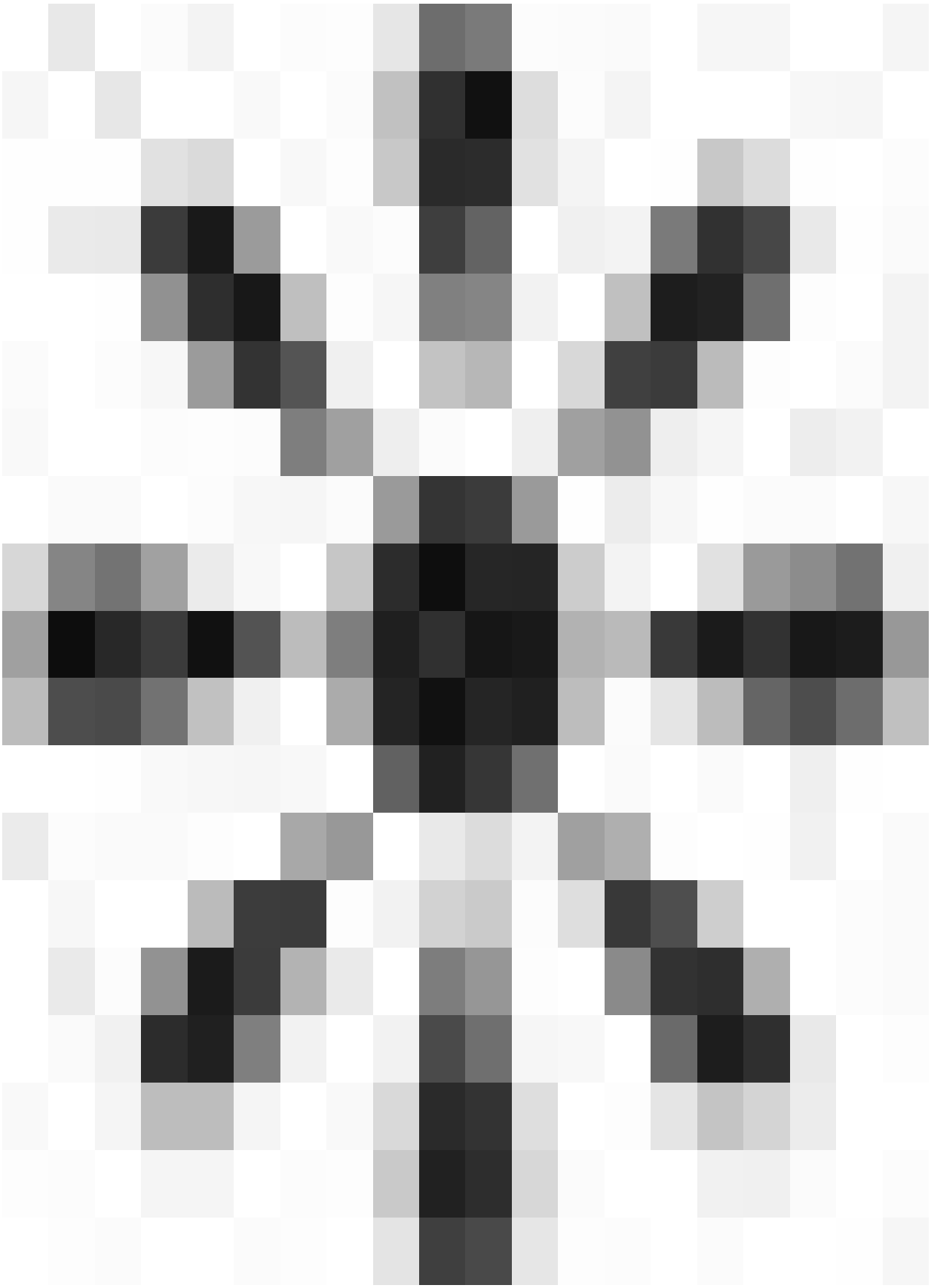
Eu estava tão orgulhoso de Max. Eis um velho que vivia isolado e que agora tinha algo pelo qual valia a pena viver. Contei-lhe sobre o amor de Deus. Então, Max saíra e compartilhara o amor de Deus com as pessoas que ele nunca tinha visto. Que reação em cadeia isso causava.

Pela graça de Deus, o Centro dos Sonhos tinha acabado de receber um caminhão carregado de jeans Guess caro e de alta qualidade que foram doados para o nosso centro de distribuição de roupas. Da sala de estar de Max, telefonei para a nossa equipe na sala de roupas, expliquei o que precisávamos e, pouco depois, chegaram com vários sacos de roupa para vestir toda a família. A família ganhou todos os tipos de roupas novas: jaquetas, jeans, camisas, blusas, sapatos e tênis, até mesmo roupas de baixo e meias.

Enquanto entregávamos todas estas coisas, o pai começou a chorar. Em seguida, em espanhol, explicou à família o que estava acontecendo. Quando concluiu as palavras, os demais também estavam chorando. Então, o pai disse:

— Acabo de chegar aos Estados Unidos, e um homem me deu um lugar para morar e uma igreja vestiu toda a minha família. Eu amo este país! Todos nos Estados Unidos são assim?

Estamos trabalhando nisso...



Relacionada com sua atitude está sua definição de sucesso. Os objetivos que você definiu para a sua causa, naturalmente se relacionarão com o que você pensa ser o sucesso. Perceber isso revolucionou minha vida.

Porque venho de duas gerações de pastores, minha inclinação era ver números como a medida mais eficaz de sucesso. Pesquisa realizada pelo Grupo Barna mostra que essa perspectiva sobre o sucesso é a norma entre os pastores. O pastor típico mede o sucesso de acordo com cinco indicadores: quantas pessoas frequentam os cultos, quanto dinheiro é levantado para o ministério, quantos membros do pessoal são contratados, quantos programas estão ativos e quanta metragem quadrada foi construída para as atividades ministeriais.

Tudo isso é bom, mas não foi por nada disso que Jesus morreu. Ele morreu pelo bem-estar das pessoas, para que tenham a vida totalmente transformada pelo amor e confirmada por seus próprios atos de serviço. A verdadeira medida de sucesso é a obediência aos princípios e chamado de Deus. Sucesso diz respeito a influenciar vidas, o que nos obriga a ser voltados à missão. Em outras palavras, sucesso é um subproduto de seu trabalho duro, que dá frutos para a causa que Deus colocou dentro de você.

Os Estados Unidos têm uma cultura louca por sucesso. Infelizmente, muitas poucas pessoas enxergam o sucesso através dos olhos de Deus, preferindo persegui-lo de acordo com a perspectiva da sociedade. As pessoas estão constantemente perseguindo o sucesso, mas nunca o alcançam. Por quê? Porque o sucesso nesta cultura é um alvo móvel. Contudo, a busca pelo sucesso é tão sedutora que se mistura com nossos valores pessoais e autoimagem, resultando em grandes ambições.

A ambição é um fator chave. Diz respeito à pessoa. Enfatiza obter crédito para os resultados, estabelecer uma identidade única e de alto perfil, ficar à frente e derrotar os outros contra quem você compete. A missão é quase o oposto. Missão diz respeito à causa, e não tem a ver com quem recebe crédito ou fama. Quando você está envolvido em uma missão, se submete aos outros, serve sempre que possível e permanece engajado na batalha, pouco importando quão difícil fique. Pessoas motivadas pela ambição se afastam da batalha quando fica muito difícil, procurando algo que seja mais fácil de dominar. Pessoas impulsionadas pela ambição são focadas no tornar-se grande. Pessoas que se

concentram em suas causas querem ajudar os outros a saírem-se bem.

Quando você está investido em uma missão, você se submete aos outros, serve sempre que possível e permanece engajado na batalha, pouco importando quão difícil fique.

Toda a ênfase no sucesso tem estabelecido seu caminho em quase todos os cantos e recantos da sociedade de hoje, incluindo muitas igrejas. Pode ser enganador. Anos atrás fui convidado a falar na conferência de liderança que todo ano atrai a maior presença de qualquer evento de liderança orientada à igreja. Sentia-me honrado de estar lá e animado para compartilhar o que tinha descoberto sobre liderança no contexto de uma cultura-servo.

Mas quando me sentei naquele auditório enorme e ouvi com enlevada atenção os excelentes oradores que me precederam, fui ficando cada vez mais nervoso. Discutiram todos os tipos de estratégias e táticas sofisticadas que empregaram para fazer aumentar a frequência à igreja e expandir sua base de programas. Descreveram, com detalhes, planos extensos e modelos complexos. Falaram sobre como estavam se preparando para situações previstas para o futuro. Minha cabeça estava girando! É evidente que os irmãos eram palestrantes cativantes e líderes brilhantes. Dava de ver facilmente porque as pessoas seriam atraídas para as suas igrejas.

Quando estava perto daminha vez de subir à plataforma, eu estava uma pilha de nervos. Esgueirei-me furtivamente para o banheiro e comecei a chorar. Sentia-me completamente intimidado. Trancado em um dos box do banheiro, orei silenciosamente a Deus: Senhor, não sei como ser um sucesso. Não conheço um modelo de sucesso. Não sei o que falar para essas pessoas. Não pertenço a esse meio. Ajuda-me. Não tenho estratégias de sucesso para partilhar com elas.

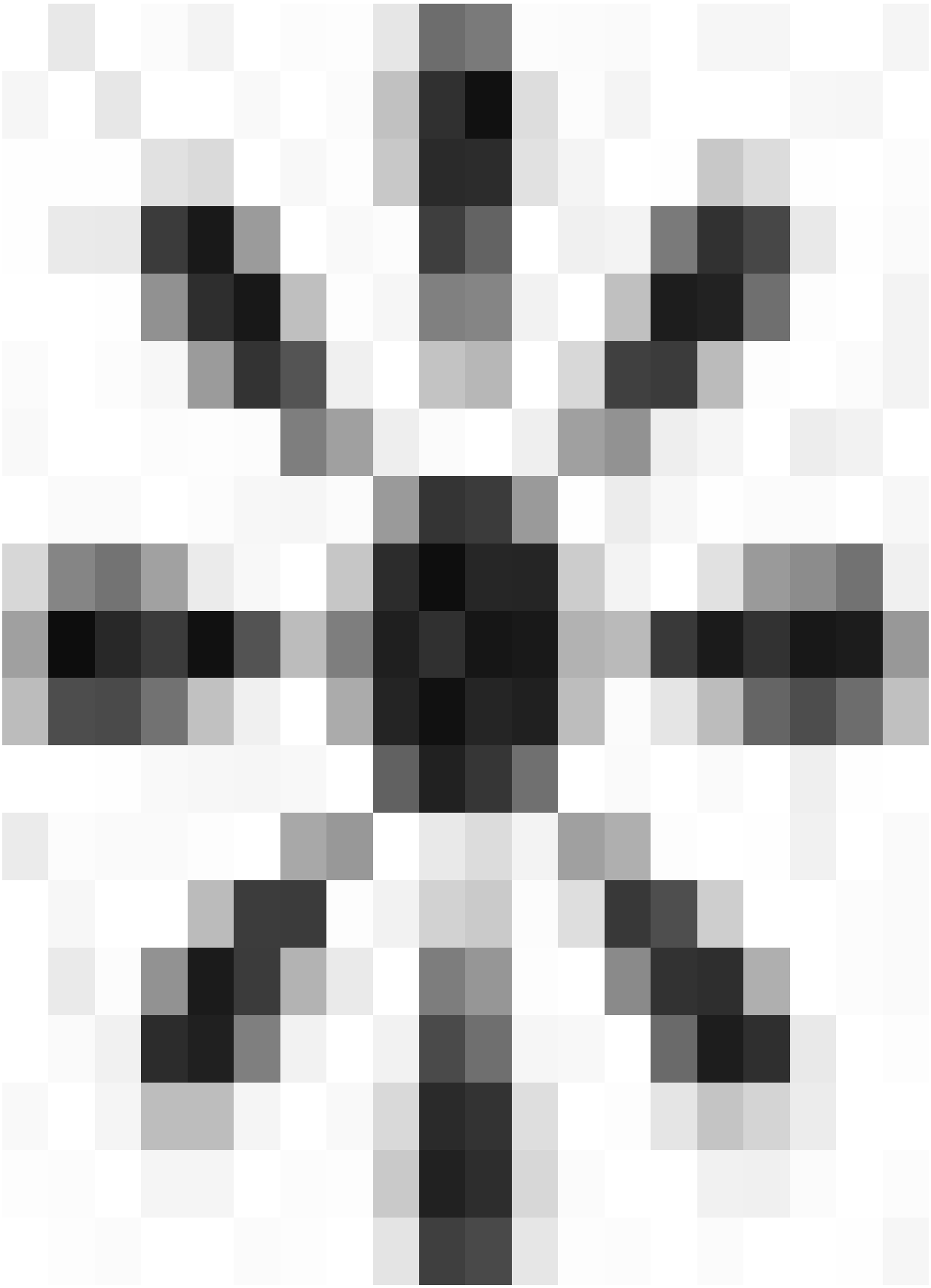
Como sempre faz, Deus me tirou do impasse. Ele respondeu: É exatamente sobre isso que quero que você fale. Pregue sobre o fato de que você não foi chamado para ser um sucesso e que o seu trabalho não é medido pelos padrões ou modelos do mundo. Descreva a simplicidade do seu ministério com ousadia. Diga-lhes que a sua chamada é simples: você só quer ser uma bênção para todos que

encontrar.

Então, esse se tornou o título da apresentação: “Não Quero Ser um Sucesso”. Falando por sentimento e experiência, expliquei que nenhum de nós saberá se somos um sucesso até chegarmos ao céu. Afinal, não vemos as coisas da maneira como Deus as vê. Como poderíamos, então, medir o sucesso? E se não podemos medir ou avaliar, por que se estressar e envolver a vida em torno disso? Deus nos deu uma causa na qual nos concentrar, e essa causa sempre diz respeito a ajudar as pessoas. Nunca diz respeito a quão bem-sucedido podemos nos definir ser. Quando você coloca a mente nas coisas de Deus, isto é, ama as pessoas e dá a Ele a glória, se liberta das tensões e armadilhas do mundo. Se tiver influência, use-a para fazer a diferença ajudando as pessoas.

Não há dúvida de que muitos dos que me ouviram naquele dia sentiram que fui o ponto mais baixo do programa. Não forneci um plano de três pontos para seguirem ou propus um modelo inovador de estruturação ministerial. Não me entenda mal. Não tenho nada contra todos os planos cuidadosamente desenvolvidos e os modelos multifacetados que os outros oradores descreveram. Não diria às pessoas que eles interpretaram mal a causa de Deus ou adotaram uma abordagem errada para realizá-la usando tais modelos. Deus pode muito bem usá-los através desses meios, e esse pode ser muito bem a abordagem que funciona para eles em seu contexto.

Talvez minha apresentação naquele dia serviu exclusivamente para minha própria edificação. Neste caso, funcionou! Saí de lá me sentindo pessoalmente livre do fardo de ter de competir com quem quer que seja para ser um sucesso. Naquele dia, ficou claro que ainda que eu dedicasse minha vida inteira para conseguir o que as pessoas propusessem e rotulassem de sucesso, continuaria sentindo-me irrealizado. Enquanto pensava sobre isso, percebi que você pode perder-se na causa especial que Deus lhe dá e sequer pensar como esse esforço se relaciona com a versão de sucesso do mundo. Pode ficar tão envolvido em amar e servir que o sucesso sequer é identificado. Acredite em mim, tendo passado do rapaz de vinte anos com úlceras para um homem na casa dos trinta que não tem a menor ideia onde tudo isso terminará — ou realmente se importa —, posso dizer que perseguir o sucesso não é tudo de bom que parece ser. Concentre-se em realizar fielmente a sua causa, e não se preocupe em convencer o mundo de que você é um sucesso. Você nunca deixará de ser.



Deixe-me dar uma palavra final sobre cultivar a atitude certa: faça a lição de casa.

As melhores lições que aprendi são as que ocorrem nas trincheiras ou, no meu caso, nas ruas. Não há substituto para a experiência. Mas você pode aperfeiçoar significativamente o seu desempenho obtendo informações e conselhos úteis antes do tempo. Fazer a lição de casa a respeito da sua causa e das pessoas que você serve não é apenas boa administração. Mostra também que você tem bastante respeito pelas pessoas a quem serve, a ponto de esforçar-se grandemente para fazer o melhor que pode. Quando você improvisa, a mensagem que envia é igualmente clara: a tarefa não vale o seu tempo e esforço.

Lembra-se de Alena Strickland, a mãe que recebe em casa crianças doentes e as cria? Antes de começar a servir as crianças, Alena passou horas e horas memorizando terminologia médica, estudando procedimentos básicos de assistência médica, fazendo testes de técnicas de emergência médica, recebendo treinamento sobre como operar as máquinas complexas que as crianças precisavam, aprendendo a diagnosticar sintomas e a lista continua. Muitas pessoas na mesma situação podem achar que estão fazendo um trabalho valoroso, recebendo crianças em casa e sendo gentis com elas. Alena percebeu que bondade é mais profundo que sorrisos e boas intenções. Exige o esforço sincero de cuidar dos outros da maneira que precisa ser cuidada. Ela se investiu totalmente em tornar-se especialista em cuidar de crianças que sofrem de todos os tipos de dificuldades. Quando você fala com os profissionais da área da saúde que remetem crianças para ela, percebe o apreço que têm pelo compromisso que ela fez de ser o melhor no que faz.

Pouco importando a profundidade da pesquisa que você faça da sua causa e os desafios que enfrentará, cometerá erros. Não permita que isso o desanime. Dedique-se à diligência e não à perfeição. Invista em autoaperfeiçoamento razoável, mas não seja obcecado quanto à sua inadequabilidade. Obtenha tantas informações quantas precisar para promover sua capacidade de servir bem, sem cair presa da paralisia da análise.

Meu assistente Todd é excelente exemplo de alguém que sempre faz toda a lição de casa. Por exemplo, quando faço uma viagem, geralmente para falar em uma igreja ou conferência, Todd cuida de todos os detalhes da viagem. Quando estou

pronto para sair do escritório, ele já investigou tudo que enfrentarei durante a viagem e me dá instruções detalhadas sobre tudo. Para cada cidade onde vou, ele tem um itinerário de hora em hora, com os nomes e origens das pessoas que eu possa encontrar. Aponta a localização dos tipos de restaurantes do meu gosto, caso eu queira fazer uma refeição. Mostra como viajar de um local para outro. Apresenta detalhes sobre minha acomodação e assim por diante. Um dos empresários de grande sucesso em nossa congregação acompanhou-me até meu carro um dia quando eu estava prestes a viajar. Olhou para a pasta que Todd tinha preparado para a minha viagem e seu queixo caiu. Era um documento de umas quarenta páginas para uma viagem de três dias. Tenho a impressão de que algumas alterações foram feitas em seu escritório depois que eu saí da cidade.

Todd afirma que a causa dele é preparar-me para liderar pessoas enquanto busco a causa que Deus me deu. Ele ama a nossa causa de restaurar vidas oprimidas na cidade através do amor de Cristo e do poder do servir. Ama também me manter livre e preparado para fazer o que precisa ser feito para promover tais finalidades. Ele tornou-se uma extensão do meu trabalho. Por uma década temos trabalhado ombro a ombro para servir todos os tipos de pessoas em todos os tipos de situações. Posso fazer o que faço em parte por causa do compromisso que Todd assumiu de fazer a lição de casa em meu benefício. E tudo porque ele pode ver como isso se traduz na realização de uma grande causa.

Você precisa ter o mesmo senso de obrigação para que possa realizar as coisas em seu mais alto nível. As pessoas a quem você serve merecem nada menos que isso.

O QUE APRENDI

Sem a atitude certa, a sua causa não sairá do ponto de partida.

Acentue o positivo.

Concentre a atenção em Deus e nas pessoas; nada mais realmente importa.

Fique animado com cada pequeno sinal de progresso.

Atitudes são contagiosas.

Não seja ambicioso por sucesso; torne-se obediente na busca da sua causa.

Faça a lição de casa.

Capítulo 8

FAÇA ACONTECER

FAZIA ALGUNS MESES QUE conversávamos sobre lançar um programa para as famílias pobres morarem provisoriamente no Centro dos Sonhos. Já tínhamos ido bem longe quanto identificar as pessoas que tinham a paixão pela causa e falado sobre o espaço que teríamos de desenvolver para as famílias. Estávamos no caminho certo para lançar esse programa em, talvez, seis meses, quando acreditávamos que o espaço de habitação estaria pronto e poderíamos dispor dos funcionários que estavam apaixonados quanto ao gerenciamento do processo.

Mas Deus raramente respeita calendários. Creio que Ele muitas vezes nos prova para ver se somos sérios quanto a fazer o que afirmamos que queremos fazer. Certo dia, sem aviso prévio e meses antes de sentirmos que estávamos prontos para lançar um programa direcionado a famílias, recebemos um telefonema da polícia informando-nos sobre uma família que se mudou de Boston com seis filhos pequenos. Tudo o que tinham providenciado antes da mudança arruinou-se quando chegaram aqui, e não tinham colchão para amortecer a queda. A polícia se acostumara a trabalhar conosco. Eles sabiam que outras agências sociais levariam tempo para processar a papelada e que as missões do centro da cidade teriam de dividir a família.

Conhecendo as terríveis realidades que a família enfrentava, convidamos a polícia para trazê-los ao nosso campus. Fizemos umas mudanças em marcha acelerada e rapidamente criamos um lugar para eles ficarem. Durante o tempo que ficaram conosco, os ajudamos a se preparar para uma reentrada de sucesso no mercado de trabalho providenciando formação profissional, atendimento às crianças, preparação de currículo e muito mais. O momento não era ideal para nós, mas a pobreza e a vida nas ruas não eram exatamente ideais para eles. Essa necessidade sobrepujou nosso desejo de um lançamento perfeito. Essa entrada inesperada na assistência a famílias desencadeou um ministério que hoje abriga mais de cem pessoas de mais de vinte famílias que estão trabalhando com afinco

para voltarem a ser independentes e autossuficientes.

O lançamento do nosso programa voltado a famílias é apenas um dos muitos casos em que entramos em ação antes do previsto. Talvez por isso, embora eu não seja alguém que regularmente faça propaganda de graça, sou fã do famoso slogan da Nike: Just do It (Apenas Faça). É uma característica inconfundível de nosso trabalho no Centro dos Sonhos. Claro que, antes de agirmos, queremos refletir extensivamente e estar tão bem preparados quanto possível para garantir que seremos eficientes e eficazes. Mas no final, tudo é perda de tempo, se não colocarmos o motor em ordem de marcha e fizermos as coisas andarem.

Uma das frases que uso para motivar nossa gente a agir é que temos de pensar grande e agir pequeno. Significa que Deus nos deu uma grande causa. É uma causa maior do que podemos lidar sozinhos e maior do que podemos realizar rapidamente. O que temos de fazer é agir pequeno, isto é, nos envolver em uma série de pequenos passos que resultam no grande impacto. (A verdade é que não há tal coisa como “pequeno passo”. Todo passo é importante. Por isso, se é produtivo, é significativo. Mas o contraste de realizar um grande sonho através de uma série de pequenos passos cai melhor na mente das pessoas do que dizer-lhes algo como “faça o que tem de fazer para obter os resultados desejados”).

Todo grande sonho leva muito tempo e requer muito esforço para que seja realizado. As chaves para o progresso são a coragem e a coerência. Cada passo à frente pode ser tão pequeno que parece insignificante. Mas quando você os coloca todos juntos, os resultados são surpreendentes. Um dos meus amigos no ministério me contou sobre seus esforços para liderar igrejas através de mudança substancial na maneira de fazer assistência social. Era constantemente desencorajado, porque não conseguia encontrar a única coisa grande que levaria milhares de igrejas a entender a necessidade e fazer as mudanças necessárias no pensamento e comportamento. Afirma que acordou para a ideia de que a melhor estratégia era apenas continuar em frente, permitindo que uma igreja entendesse e mudasse, e depois uma segunda, e depois uma terceira, lentamente gerando uma dinâmica. Se ele permanecesse diligente na busca da causa com a qual estava comprometido, por fim, todo um movimento estaria em andamento. É exatamente assim que funciona: você ajuda a mudar uma vida de cada vez, e se for suficientemente persistente, acabará descobrindo que muitas vidas foram mudadas, uma de cada vez.

Esta realmente tem sido a história do Centro dos Sonhos. Começamos com um

grande sonho e fizemos dele uma realidade, dando um pequeno passo de cada vez. Descobrimos que as pessoas precisavam de comida. Então, comprei comida com meu próprio dinheiro para distribuir para as pessoas. As necessidades continuaram a expandir-se. Então, dei mais dinheiro do meu salário. As necessidades ficaram maiores, mais do que eu podia pagar pessoalmente. Então, pedimos que alguns estabelecimentos nos ajudassem doando alimentos. As necessidades se multiplicaram, de modo que temos uma equipe de voluntários nos telefones pedindo a mais estabelecimentos que doem alimentos. Hoje distribuímos mais de quatrocentos e cinquenta toneladas de alimentos por mês, com dezenas de mercados doando alimentos, desde grandes redes de supermercados até mercadinhos que querem investir na vizinhança.

Esse programa de alimentação, tornou-se, por sinal, maior, porque quanto mais compreendíamos a extensão da necessidade e nos dedicávamos a atender aos necessitados, maior se tornava nosso senso de urgência para fazer o trabalho. Sem urgência, é fácil ficar apático sobre as tarefas que exigem esforço. Sem urgência, por que forçar a cabeça para vir com soluções criativas? Sem urgência, por que voltar-se para Deus em fervente oração, suplicando-lhe que o honre com os recursos que você precisa para abençoar as pessoas? Sem urgência, o seu foco vagueia para outras oportunidades mais atraentes. Se você não sente um senso de urgência a respeito da sua causa, algo está errado. Precisa fazer uma autoavaliação e descobrir se está realmente comprometido com a causa ou apenas brincando com ela. Se está comprometido, tem de ter a paixão da urgência queimando dentro de você, reconhecendo que, se não pode fazer o trabalho, as pessoas sofrerão.

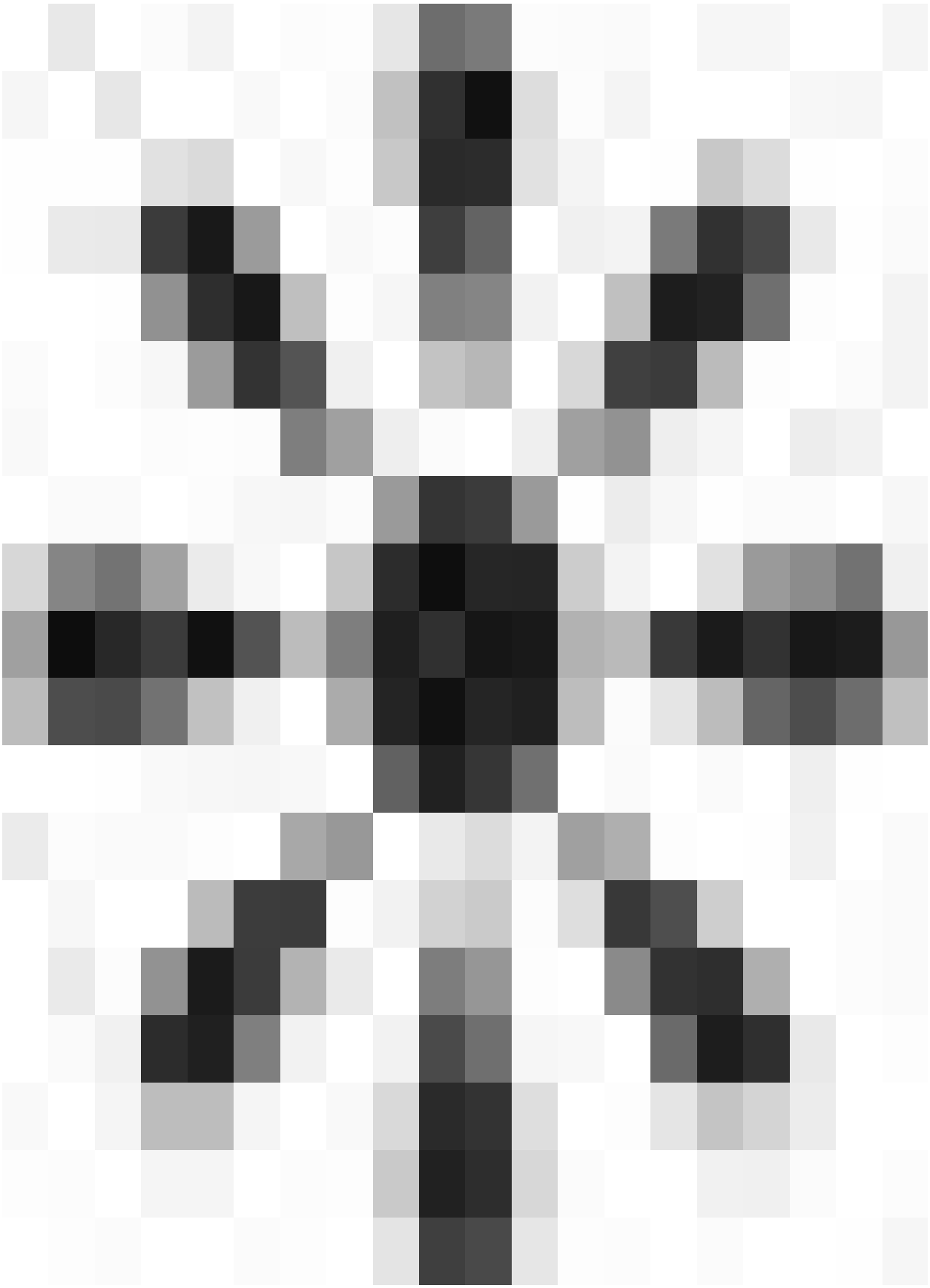
Progresso e impacto baseiam-se na consistência. Quando você está totalmente focado em sua causa e usando todos os meios possíveis para fazer o trabalho, os pequenos passos se acumularão e gerarão um impulso, que se torna como um trem de carga. Depois de fazer com que o impulso se mova a seu favor, é difícil parar. Olho para os esforços das pessoas ao realizarem as suas causas e procuro por evidência do impulso, porque se o tiverem, elas estarão bem. Se o impulso falta ou está preso, então há um problema que precisa ser tratado.

Às vezes, uma causa nunca se põe em movimento, porque os objetivos finais ou as medidas de significância estão errados. Por exemplo, muitas igrejas nunca se tornam eficazes, porque seu objetivo é atrair um número específico de pessoas específicas para a frequência aos cultos. Com base na energia dedicada a esse objetivo central, a pessoa teria de assumir que os batimentos do coração da sua

causa dizem respeito a aumentar a frequência. Agora, quem é que ficará do seu lado e animado para preencher lugares? Quem se importa com isso? Mas se você procurar reunir pessoas com ideias afins que queiram exercer o poder de Deus e seguir os princípios dEle na cura de vidas feridas, então você deu às pessoas uma causa digna para dedicarem a vida. Perseguir a grandeza seja para uma igreja, um negócio, uma organização sem fins lucrativos seja qualquer outra coisa, é uma distração; o aumento de tamanho deve ser o subproduto de dar algo que as pessoas realmente precisam em um nível de qualidade que respeite os destinatários. Estabelecer a grandeza como meta coloca pressão e estresse em você e lhe desvia a atenção de investir você e os outros em coisas que importam: vidas transformadas.

Se você procurar reunir pessoas com ideias afins que queiram exercer o poder de Deus e seguir os princípios dEle na cura de vidas feridas, então você deu às pessoas uma causa digna de dedicarem a vida

O nosso programa Adote um Quarteirão está funcionando perfeitamente e abençoando milhares de famílias em nossa região. Acredito que continuaremos a expandir nosso território ao ponto de, um dia, abençoarmos cada casa em Hollywood. Toda vez que olho pela janela do meu escritório e vejo aquele famoso letreiro de Hollywood nas colinas não muito distantes, meu coração salta de emoção ao pensar em alcançar todas as casas entre o nosso campus e os extremos distantes de Hollywood. Mas sei que para isso temos de continuar frente de cada vez. É a consistência de dar os dando um pequeno passo à frente de cada vez. É a consistência de dar os passos intermediários adequados que resultarão em um grande impacto.



Não seja pego no círculo vicioso de falar exaustivamente sobre um assunto antes de resolvê-lo. Tenho encontrado muitos líderes que se maravilham com a rapidez com que o Centro dos Sonhos entrou em funcionamento. Nunca me ocorreu que estávamos fazendo algo de anormal. Só costumava me perguntar por que eles não tinham feito a mesma coisa. Variações sobre a mesma história foram dadas uma vez após a outra: a necessidade de múltiplos níveis de reuniões, a necessidade de desenvolver manuais de procedimentos e sistemas de treinamento, a necessidade de testar o processo, a necessidade de levantar fundos antes de começar e assim por diante. Acho que tais expectativas organizadas fazem sentido se você está criando um novo sabor de sorvete ou experimentando uma nova forma de construção de um carburador. Mas se está buscando a causa de Deus, que sempre se relaciona com abençoar pessoas, na maioria das vezes não há tempo a perder, pois o sofrimento delas precisa ser aliviado o mais rápido possível.

Nossa mentalidade no Centro dos Sonhos é “primeiro, resolver a necessidade, em seguida, discuti-la”. Admito que nem sempre essa é a forma mais eficiente de abordar uma tarefa, mas quando a vida das pessoas está em risco, faz mais sentido aprender sobre o trabalho do que esperar até que você seja capaz de iniciar um processo sem falhas.

Nossa mentalidade no Centro dos Sonhos é “primeiro, resolver a necessidade, em seguida, discuti-la”.

Nossa prioridade é ajudar as pessoas, e um dos nossos princípios orientadores é tratar os outros da maneira que gostaríamos de ser tratados. Sei que se eu fosse viciado em drogas, ou estivesse tentando escapar de uma vida de prostituição, ou procurando encontrar uma maneira de fazer com que minha família ficasse fora das ruas, não ia querer esperar até que um grupo de pessoas bem-intencionadas tentasse criar a solução perfeita. No meu desespero, até mesmo uma solução meia-boca seria melhor do que nada. Seria um risco que eu correria. Saber que havia um grupo de pessoas que se importava comigo e que permaneceria comprometido em trabalhar comigo enquanto procurava melhorar o seu nível de

serviço, seria uma grande bênção.

Um grande exemplo de atuação em uma necessidade antes de debater seus detalhes foi nosso envolvimento com as pessoas que perderam tudo no rescaldo do furacão Katrina. Essa devastação tornou-se manchete internacional por semanas. Igrejas de todo o país enviaram equipes de pessoas para a região de New Orleans para ajudar. Tivemos muitas pessoas que viajaram para lá também. Mas a necessidade de Louisiana era esmagadora. Havia milhares de pessoas morando em abrigos temporários montados em lugares como o Superdome de Louisiana. Enquanto isso, dezenas de milhares de pessoas permaneceram em suas casas alagadas e inseguras à espera de ajuda. Essas pessoas jamais recuperariam suas coisas, casas, carros, roupas, lembranças familiares, possessões estimadas, até mesmo amigos e familiares. Muitos tinham uma vida financeiramente estável antes da tempestade. Agora, estavam sem emprego, sem dinheiro, sem teto e, em muitos casos, sem esperança.

Fretamos vários aviões particulares para ir a Louisiana e trazer trezentas das vítimas deslocadas. Trouxemos essas pessoas de avião para Los Angeles e arranjamos lugar para elas ficarem em nosso campus. Fornecemos gratuitamente alojamento, refeições, roupas e cuidados médicos. Montamos uma feira de empregos, na qual vinte e nove empregadores reuniram-se com os desabrigados que estavam interessados em procurar oportunidades de emprego. Fizemos arranjos para que seus filhos continuassem estudando. Agências do governo se estabeleceram em nosso campus para auxiliar na prestação de benefícios diretamente às famílias.

Prometemos e providenciamos esse tipo de tratamento por um ano. Não os encurralamos com apresentações ou folhetos evangélicos ou exigimos a participação nos cultos para que recebessem abrigo e atendimento das necessidades básicas. Nosso objetivo era amá-los para que voltassem a ter saúde e estabilidade. Foi uma oferta de amor incondicional e sem compromisso.

Claro que não tínhamos como saber que o furacão Katrina estava chegando ou quão desastroso seria. Estas atividades de assistência social não estavam em nossos planos ou orçamento. Já estávamos lutando para sobreviver financeiramente, mas não conseguimos virar as costas para pessoas necessitadas. Quando a tragédia aconteceu, não tivemos uma reunião de diretoria emergencial, seguida de reuniões executivas, reuniões administrativas e reuniões operacionais para debater a sabedoria deste envolvimento. Não buscamos o voto

congregacional para nos assegurar que os membros da igreja sentiam-se confortáveis com nossa participação no empreendimento de socorro. Não houve estagiários enviados à biblioteca para reunir fatos sobre desastres anteriores e como as igrejas reagiram à necessidade. Não fizemos uma série de telefonemas para consultar especialistas sobre os prós e os contras do engajamento a fim de determinar se deveríamos agir. Nunca procuramos o apoio de nossa denominação, nem patrocinamos uma pesquisa para avaliar o impacto potencial na nossa imagem pública como meio de descobrir se deveríamos nos envolver.

A vida das pessoas fora estraçalhada e elas precisavam de ajuda. Nossa causa é restaurar vidas quebradas. Não havia realmente nada a discutir.

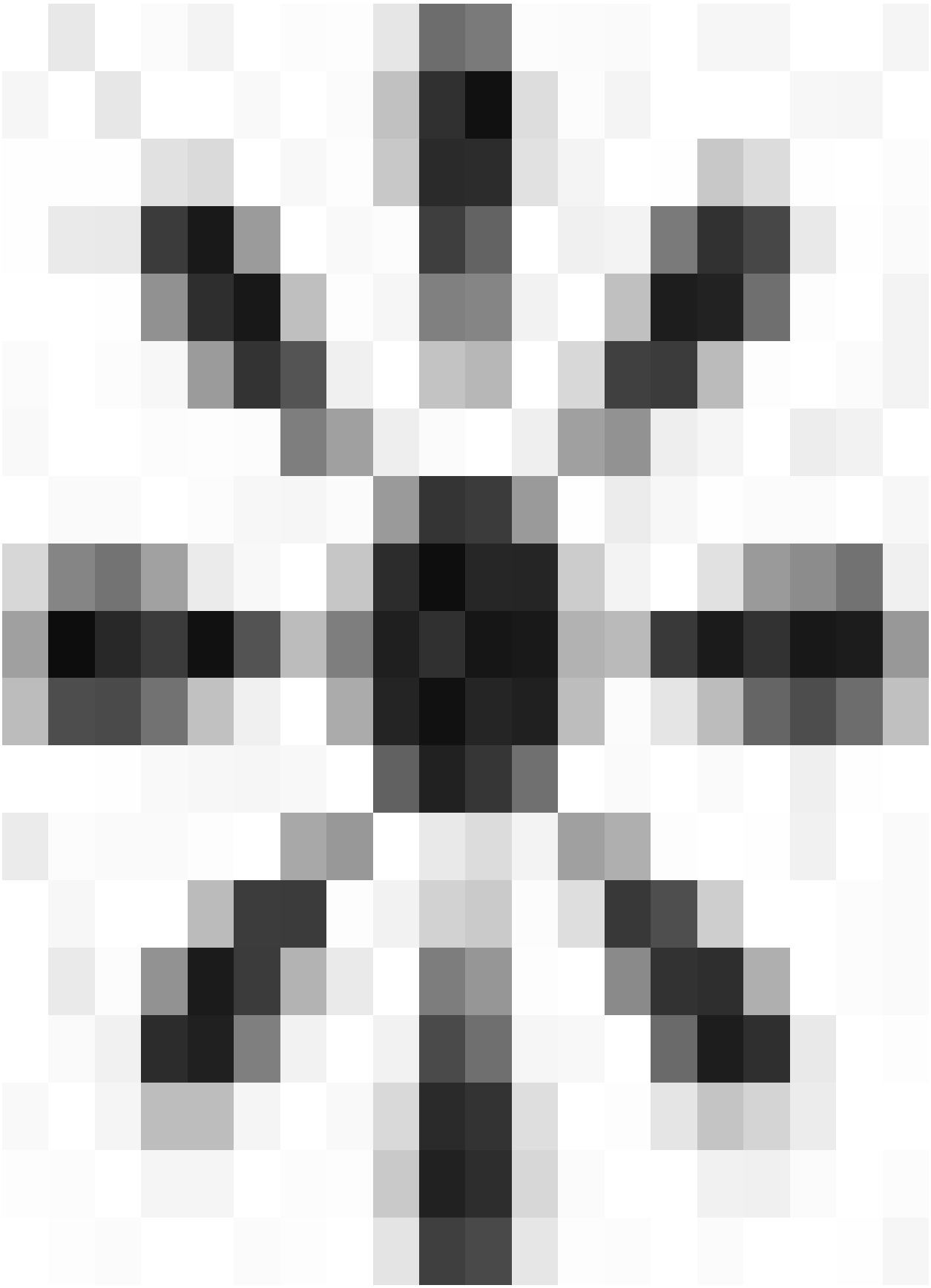
É óbvio que quando tiramos os sobreviventes de Louisiana e os colocamos em Los Angeles tínhamos muito o que discutir. Mas a esta altura, eles tinham um lugar confortável para viver, ainda que básico, roupas novas que lhes serviam, três refeições quentes por dia, acesso aos meios de transporte e estavam indo bem no caminho rumo à reconstrução da vida. Portanto, quando eu e minha equipe nos reunimos para considerar as questões operacionais relacionadas, a vida de nossos convidados de Nova Orleans já estava sendo recomposta.

Deus sempre providencia o que você precisa quando é fiel a Ele e à grande causa que plantou dentro de você.

Só posso falar por experiência pessoal, mas a minha história mostra que Deus sempre providencia o que você precisa quando é fiel a Ele e à grande causa que plantou dentro de você. Quando saiu a notícia que tínhamos trazido trezentos sobreviventes, centenas de pessoas generosas ofereceram-se para nos ajudar a socorrer os nossos novos convidados. Carros e caminhões fizeram fila em volta do quarteirão do nosso campus por vários dias, cheios de pessoas compassivas de todos os credos e etnias, que tiraram do seu tempo para nos dar comida e suprimentos para distribuirmos. Muitos outros davam uma passada ou enviavam doações em dinheiro para ajudar a custear algumas despesas. Algumas pessoas nos telefonavam para patrocinar uma família por alguns meses.

Preste atenção ao que a consciência diz. Esta é uma das maneiras de Deus falar

com você e movê-lo. Interiormente, você sabe a coisa certa a fazer. O desafio é reunir a coragem para avançar e a determinação de ser persistente. Não perca tempo discutindo com pessoas sobre a mecânica do como, do onde, do por que e do quando. Vá em frente. Ajude as pessoas e ouça a direção de Deus.



Outro exemplo da importância de ouvir a Deus, ler os sinais das circunstâncias e, depois,sair para fazer o que é certo é o nosso trabalho recente com mulheres que foram escravizadas no tráfico sexual. Essa é uma questão que tem recebido muita atenção nos últimos cinco anos. Na verdade, ganhou tanta cobertura da mídia e foi falada por tantos líderes que presumi que era um problema para o qual havia abundantes soluções existentes. Costumava acompanhar conversas no Facebook e Twitter sobre o assunto e acreditava que era questão resolvida, tendo em vista todo barulho e conversas abalizadas sobre ajudar as vítimas do tráfico sexual.

Como eu estava errado!

Um casal em nosso ministério expressou o desejo de nos envolver no resgate de meninas que são vendidas e usadas como escravas sexuais. Os fatos que compartilharam comigo foram chocantes. Embora se estime que mais de dezesseis mil pessoas sejam vítimas da indústria do tráfico sexual, e pelo menos mil delas estejam em Los Angeles, o país todo tinha apenas trinte e nove lugares sancionados para as meninas resgatadas dessa vida. Los Angeles tinha apenas um punhado de lugares seguros e oficialmente sancionados para essas meninas se abrigarem. Havia muita conscientização, mas pouca ação.

Não muito tempo depois de nossa conversa sobre essa mazela social, tivemos a oportunidade de resgatar nossa primeira menina do comércio do tráfico sexual. Nós a pegamos e levamos para um local secreto, onde seria cuidada e estaria segura. Desde então, estamos aumentando a quantidade de meninas resgatadas e nos tornamos um dos principais lugares sancionados ao qual meninas presas ao tráfico do sexo podem fugir.

Karen, essa primeira jovem que ajudamos, contou-nos a história arrepiante de sua vida e por que foi tão importante que saíssemos em seu auxílio:

Não me lembro um tempo em minha vida em que eu não estivesse sendo abusada sexualmente. Meu pai começou a abusar de mim quando eu tinha cinco anos. Com a idade de dez, me vendeu para alguém por dos mil dólares. Deu os documentos legais para o meu novo dono, assim como você faria se estivesse comprando um carro ou mercadoria. Pensei que isso fosse normal.

Os próximos dez anos foram um inferno. Fui forçada a manter relações sexuais com todos os tipos de pessoas. Houve meses em que fiquei trancada em uma jaula no porão da casa de alguém e forçada a fazer sexo com ele. Muitos desses homens eram da classe média, residentes em bairros belos e respeitáveis. Você ficaria surpreso como é comum o tráfico sexual em bairros que as pessoas supõem serem bons.

Quando cheguei aos dezesseis anos, aprendi todo o negócio e administrava algumas casas para o meu pai, que é como as garotas chamam o homem que as comprou. Eu tinha duas casas, cada uma com cerca de doze meninas, e estava encarregada de quebrar as meninas e supervisionálas. Quebrá-las significa reduzi-las emocionalmente a nada. Tirar o valor próprio e acabar com a autoestima para poder formá-las no que quisesse que fossem. Tornavam-se minhas escravas. Faziam o que eu quisesse que fizessem. Hoje vejo que é muito doentio, mas quando eu fazia essas coisas, parecia perfeitamente natural e normal. Era apenas um negócio.

Havia muita violência física e consumo de drogas. Meu pai, ou seja, meu cafetão costumava me bater com muita severidade. Aplicava muitas vezes choque elétrico em mim. Consulto um neurologista hoje, porque meus nervos estão bastante comprometidos e tenho dor constante. Para mim é meio difícil andar, mas espero obter alguma melhora com o tempo. Sempre estou cansada. Meu corpo precisa se recuperar de todos os anos de abuso que passou.

Meu cafetão fez lavagem cerebral em mim, embora eu não tivesse percebido isso na época. Usava a Bíblia. Lia partes da Bíblia para mim muitas e muitas vezes e as interpretava de maneira a fazer com que parecesse que ele estava sendo muito bom para mim. “Não te deixarei, nem te desampararei.”[12] “Eu te criei e te formei e fiz quem você é.”[13] Então, hoje, trabalhando com o Centro dos Sonhos, ouço esses versículos e fico muito confusa. Mas era esse seu objetivo, acho, impedir de deixá-lo e ser ajudada pelos cristãos.

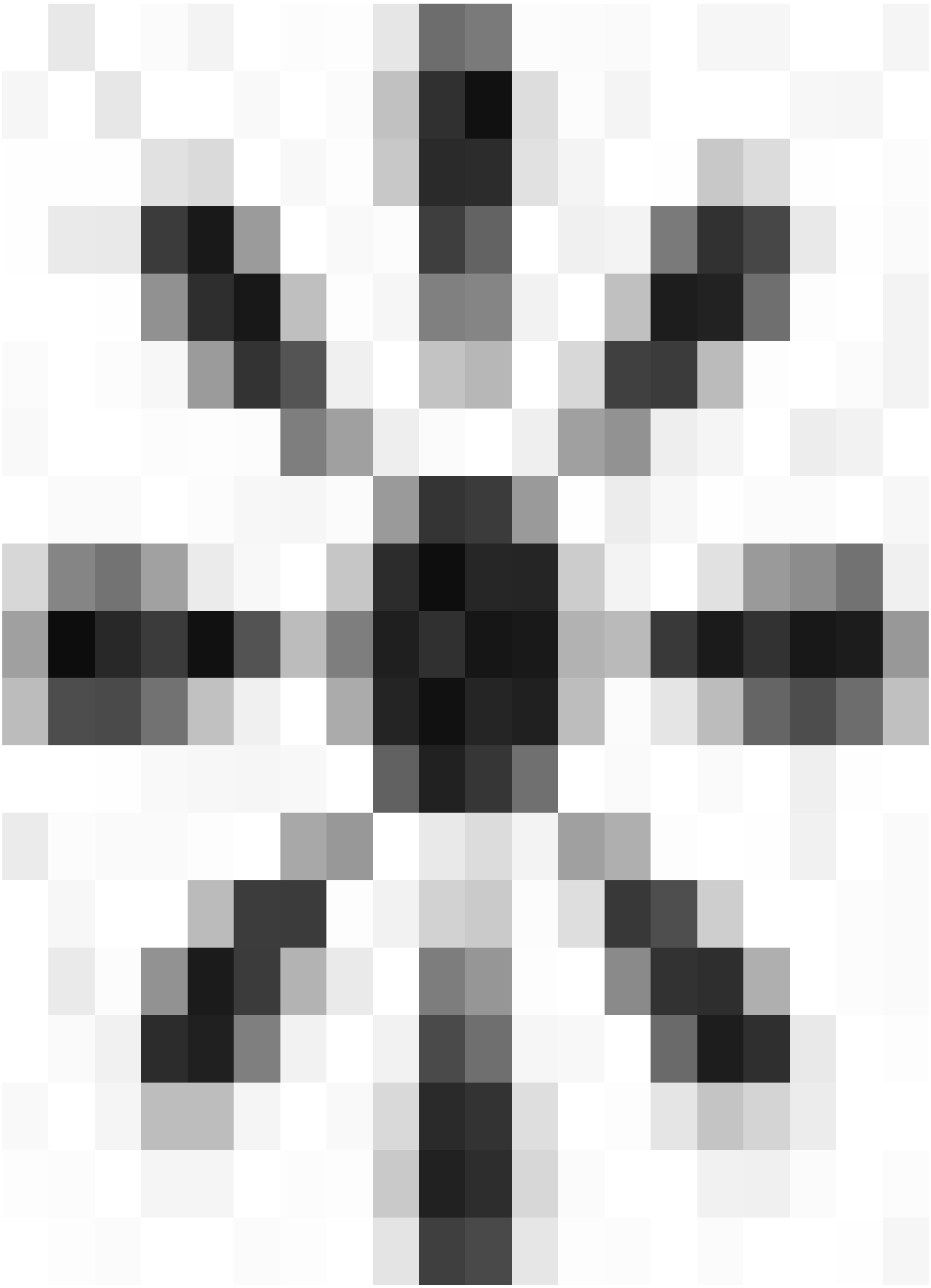
Quando não aguentei mais os abusos e decidi sair, conheci uma mulher que tinha sido viciada e prostituta. Conversou comigo sobre essa decisão. No começo, quando tentei sair, meu cafetão ameaçou minha família. Então, fiquei. Mas um dia, ele trouxe uma nova menina de quinze anos e me disse para produzi-la. Queria que eu a quebrasse e a deixasse pronta. Não pude. Não sei por que, mas não pude. De alguma forma deixei de ver as coisas como negócio. Não dava mais para ver as meninas como mercadorias à venda. Comecei a vê-las como

pessoas e sabia que eu tinha de sair.

Fomos abençoados com a oportunidade de ajudá-la a fugir. Karen está se recuperando de sua antiga vida e preparando-se para a próxima fase da vida. Está superando todos os abusos e até mesmo a lavagem cerebral que fizeram nela. Felizmente, tem um senso claro do seu sonho, que é, como ela diz, “educar as pessoas para saber como ajudar alguém como eu”. Pode apostar que faremos tudo o que for humanamente possível para apoiá-la na busca desse sonho.

Mas imagine o que teria acontecido com ela se tivéssemos esperado para debater a preparação da nossa organização para lidar com um programa de recuperação delicado e difícil, que meninas como Karen precisam. Como no caso dos empreendimentos de resgate das vítimas do furacão Katrina, não tínhamos orçamento, espaço ou experiência para fazer isso acontecer. Mas fizemos o que tínhamos no momento, e vimos Deus fazer coisas incríveis em resposta.

Nossa abordagem provavelmente nunca será escrita como estudo de caso da Harvard Business School. Mas posso viver com isso.



Para ser eficaz na sua busca da causa que Deus lhe deu, você tem de ganhar o direito de ser ouvido. Algumas pessoas presumem que, porque estão ajudando os outros, sobretudo os que estão sofrendo, automaticamente têm o direito de serem ouvidas pelos ajudados. Logo, você descobre que as coisas não são assim. Os americanos suspeitam dos motivos dos outros. Normalmente, presumem que você não tem o direito de meter o nariz no que estão fazendo até que se mostre digno de atenção e respeito.

Como você ganha essa oportunidade? Envolvendo-se e ficando envolvido. Não pode esperar ganhar a confiança das pessoas, a menos que fique por perto por um período suficientemente longo. Nesse ponto, você deixa de ser um estranho e passa a ser "um deles". É quando você tem influência. Até então, seus motivos permanecerão suspeitos e suas oportunidades poucas e esparsas.

Você não pode esperar ganhar a confiança das pessoas, a menos que fique por perto por um período suficientemente longo.

Nikki, uma jovem que acabou deixando a prostituição e fazendo nosso programa de recuperação, frequentava os cultos toda semana. Embora tenha uma compleição frágil, um olhar em seus olhos revela frieza e força interior. Na verdade, ela já viu e venceu muito na vida, e não é alguém que recua.

Um domingo, preguei sobre a necessidade de sonhar maneiras criativas de alcançar as pessoas. Após o culto, ela se aproximou de mim e me disse que tinha um novo ministério começar. Fiquei satisfeito e perguntei o que tinha em que queria começar. Fiquei satisfeito e perguntei o que tinha em mente. Hesitou e disse que tinha certeza de que ainda não tínhamos esse ministério. Sabendo que já tínhamos cerca de duzentos tipos de ministérios em funcionamento, eu não tinha tanta certeza. Pedi-lhe então que descrevesse o que estava pensando. Finalmente, disse:

— É um ministério de cafetões.

Olhei para ela um pouco estranho e perguntei:

— O que é isso?

E respondeu em um tom como se eu fosse burro.

— É um ministério voltado para os cafetões.

Tinha de admitir que era uma atividade assistencial que ainda não tínhamos em operação. Perguntei-lhe o que um ministério para os cafetões implicaria.

Vendo que tinha tanto a minha atenção quanto o meu interesse, ela iluminou-se e passou a dar uma explicação do que seria um ministério voltado para os cafetões.

— Fui prostituta, então conheço os lugares que eles frequentam. Vou à loja de rosquinhas, onde todos os cafetões se encontram na noite de sexta-feira. Pastor, é o que faço. Abro a Bíblia, ensino e prego para todos os cafetões.

Além de estar chocado, fiquei verdadeiramente impressionado. Por não saber bem o que dizer, mas com a esperança de incentivá-la, perguntei-lhe se os cafetões iriam gostar de ela pregar e ensinar na loja de rosquinhas. Assumiu um olhar indignado e disse:

— Claro que não, eles odeiam. Mas você disse que devemos falar de Jesus para as pessoas, quer gostem quer não.

Senti os músculos do meu rosto sorridente apertar. Senti-me horrível. Não me lembro de ter dito isso, mas talvez tenha dito em um momento em que me empolguei no púlpito, falando sobre a importância de levar as pessoas para Jesus, ou talvez ela interpretou mal algo que eu dissera, tirando-o do contexto. Não querendo acabar com sua euforia ou destruir sua coragem, disse:

— Louvado seja o Senhor, Nikki. Que Deus esteja com você nessa caminhada. Não vou com você, mas que Ele esteja com você a cada passo que você der.

Então, sentindo-se encorajada por ter recebido a permissão para continuar seu ministério, Nikki voltou para a loja de rosquinhas na semana seguinte e depois me deu um relatório no domingo. Anunciou que as coisas tinham tomado uma virada para melhor essa semana. Perguntei o que tinha acontecido, e ela me deu um enorme sorriso.

— Os cafetões sabem que vou falar para eles quer gostam quer não. Então, propuseram um acordo. Concordaram em me dar dez minutos por semana para falar, sabendo que, no mínimo, vão me fazer calar a boca depois de dez minutos.

Felicitei-a pela estratégia e diligência. Orei por ela e seguiu feliz ao longo do caminho.

Não a vi por algumas semanas. Certo domingo, ela apareceu novamente com outro relatório.

— Pastor, tudo está indo tão bem. Convidaram-me para exercer uma de suas funções.

Depois que admiti minha total ignorância sobre o mundo dos cafetões, ela pacientemente me explicou.

— Convidaram-me para falar com todos eles na convenção de cafetões.

Isso foi um pouco demais para mim. Dei uma risadinha antes de me controlar e perguntar o que seria uma convenção de cafetões. Todos os tipos de imagens estavam dançando em minha mente, mas queria ouvir diretamente dela o que era este evento.

Mostrando mais uma vez paciência com seu pastor ignorante do mundo das ruas, Nikki me deu o furo de exclusividade.

— Todos os anos, eles honram o Cafetão do Ano, em Hollywood. É um evento muito importante. Honram também o cafetão que ganhou mais dinheiro.

Preso naquele lugar sensível entre cair na risada e recuar horrorizado, perguntei:

— Mas Nikki, você não vai. Nikki, você não vai, né?

— Claro que vou! — respondeu ela. — Vou ministrar a todos os cafetões.

Depois de olhar incrédulo para ela por alguns segundos, disse-lhe que oraria para que o Senhor fosse com ela, porque eu, com certeza, não iria.

Antes do dia do grande evento, Nikki fez sua lição de casa. Visitou nossa casa de homens e perguntou a um grupo de homens reunidos na sala de estar quantos

deles eram cafetões. Mais do que uns poucos levantaram a mão. Pediu, então, aos rapazes que a ajudassem a escrever um folheto evangélico para os cafetões, usando a linguagem que os cafetões usam nas ruas. Trabalhando juntos, copiaram a imagem de uma nota de cem dólares, porque os cafetões gostam de dinheiro, e na parte de trás elaboraram uma mensagem sobre como receber o perdão e a vida nova em Cristo, usando a linguagem dos cafetões. Não me lembro exatamente do texto, mas começava assim:

Aí, cara, se o teu camarada bater à porta do teu momo, você abre? Seguinte, Jesus está batendo à porta do teu coração, e Ele é o Figurão dos figurões que tem as chaves para a trilha feita de "brilhantes". Você tem de deixar que Ele entre.

Não li mais. Tinha apenas uma vaga ideia do que isso significava, mas com certeza parecia a contextualização adequada para mim. É a mesma abordagem que ensinam aos missionários que estão entrando em uma cultura estrangeira.

Nikki participou da convenção. Antes do evento, estava esperando do lado de fora do edifício, onde o cafetões chegavam em seus carrões de luxo e faziam sua entrada triunfal, em nada diferente do Oscar. Então, o cara que ganhou o cobiçado prêmio de Cafetão do Ano chegou e desembarcou de sua limusine. Enquanto andava pelo tapete vermelho para entrar no prédio, desfilando e exibindo suas roupas finas e ego enorme, de repente começou a chover notas de cem dólares no tapete vermelho. Ele está acenando com a cabeça, pensando: Claro, estão distribuindo notas de cem dólares. Eu sou o tal. Os espectadores reunidos (a maioria cafetões e prostitutas que não estavam concorrendo ao grande prêmio) começaram a pegar as notas. Quando olharam, perceberam que as notas eram falsas. Viram, então, o folheto do outro lado, descrevendo como Deus os amava e queria salvá-los, mesmo que fossem cafetões.

Depois de um momento de confusão, os cafetões começaram a rir. Um deles correu e mostrou ao Cafetão do Ano o que estava acontecendo, que também riu. Um deles gritou:

— Isso só pode ser daquela menina da loja de rosquinhas.

Todos deram outra boa gargalhada, quando, então, alguém disse:

— Ela é legal.

Outro disse:

— Gostamos dela.

Um dos cafetões importantes (não, não tenho a mínima ideia de como funciona a hierarquia entre eles) viu Nikki em pé, à margem, e disse-lhe na frente de todos:

— Ei, baby, você é muito legal, sendo cristã e vindo ao nosso evento. Basta dizer, que a gente faz o que você quiser.

Era sexta à noite. No sábado pela manhã recebi um telefonema de Nikki.

— Pastor, prepare-se, certifique-se de entregar uma boa mensagem amanhã.

Sempre me admiro de as pessoas darem a entender que nós, pregadores, decidimos se queremos dar uma mensagem boa ou ruim no domingo. Suponho que se eu tivesse um ego a esse respeito, me perguntaria o que faz com que pensem que qualquer uma de nossas mensagens são algo menos que excelentes. Mas ignorando o menosprezo intencional, perguntei-lhe porque eu precisava estar em forma neste fim de semana em particular. Soando um pouco como Paul Revere, ela explicou:

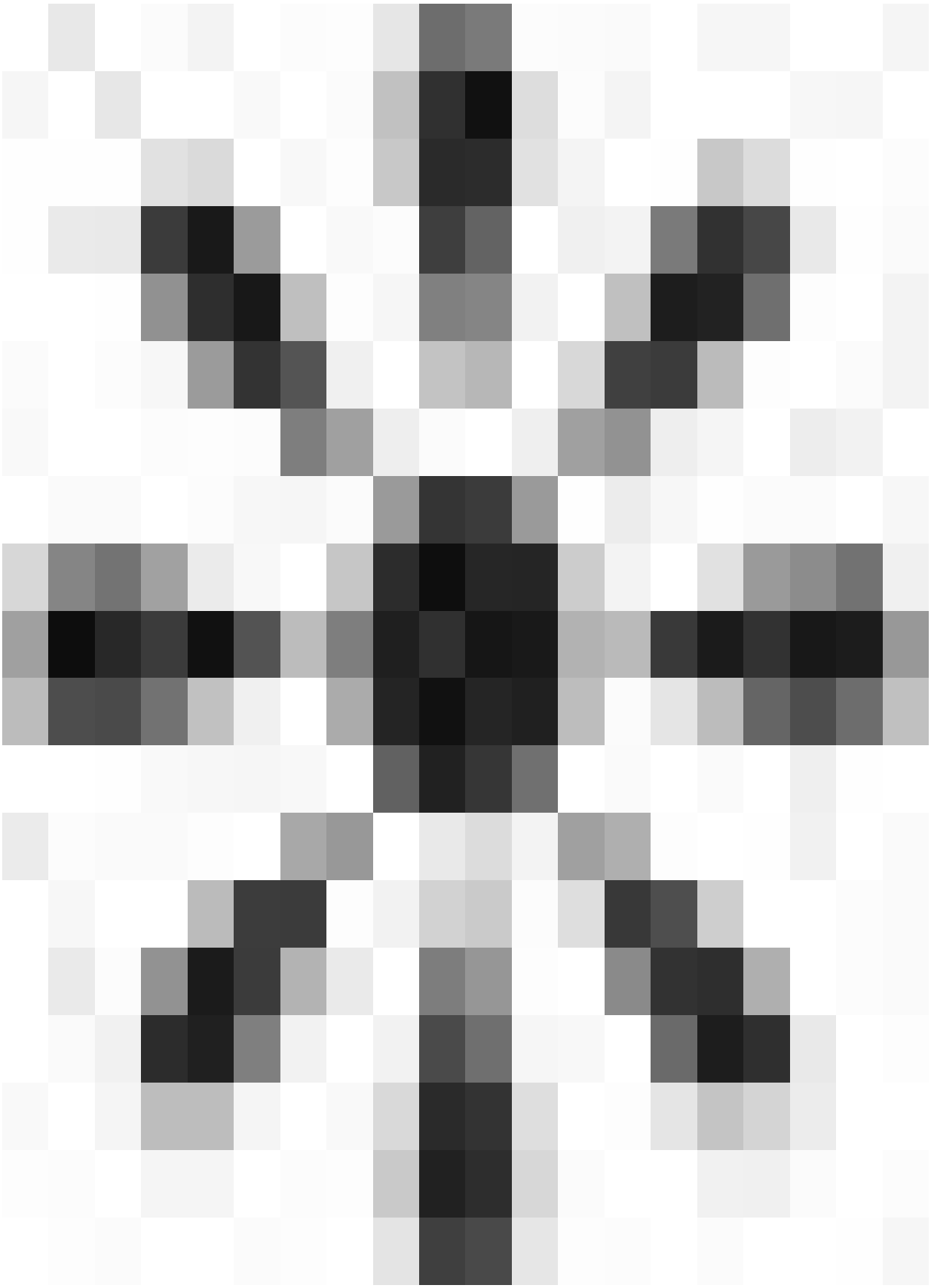
— Os cafetões estão chegando. Os cafetões estão chegando. Eles vêm à igreja amanhã!

Admito que fiquei desconcertado quanto a estar preparado para uma comitiva de cafetões embelezando nossa igreja.

De fato, quando subi à plataforma para dar início ao culto na manhã seguinte, olhei para a galeria e vi uma fileira de cafetões tomando seus assentos. Nunca vi tantos casacos roxo e rosa em toda a minha vida. Ficaram conosco o culto todo. Perto do final, olhei na galeria e fiz o convite para as pessoas virem à frente para aceitar a Jesus. Para a minha absoluta surpresa, vi um grupo de cafetões descer pelo corredor e chegar à frente do santuário, onde os levei em oração para aceitar a Jesus como seu Senhor e Salvador. Nunca me esquecerei um dos cafetões pedindo a Jesus para entrar em sua vida, enquanto um dos refletores sobre o púlpito refletia sua corrente de ouro.

Nikki me ensinou algumas coisas sobre como ganhar o direito de ser ouvido. Ela suportara o ridículo e o escárnio, mas amava aqueles cafetões para o Reino de Deus, junto com Jesus. E se quer saber, alguns deles tiveram a vida totalmente transformada e fazem parte de nossa igreja há muito tempo. Ajudaram-nos a

iniciar nossas atividades sócio-assistenciais às prostitutas. E tudo aconteceu porque Nikki ganhara o direito de ser ouvida. Sua consistência conquistou. Tivesse ela falado com eles uma vez ou apenas jogado as notas falsas de cem dólares para eles como um esforço único, não teria chegado a lugar nenhum. Mas ela não desistiu, e Deus a abençoou com resultados surpreendentes por causa de sua consistência e longevidade. Alguns poderiam chamar isso de fidelidade temperante. Seja do que for que você chame, é insubstituível.



Uma das pessoas que moravam em um quarteirão que eu visitava toda semana em nosso projeto Adote um Quarteirão era Jake. Era um velho hippie que estava muito farto da vida. Raramente saía do apartamento. A primeira vez que toquei a campainha do apartamento, levou muito tempo para atender. Quando atendeu, comecei me apresentando, explicando que eu estava lá com meu parceiro (Todd, que visitava aquele quarteirão comigo todas as semanas) para servi-lo e perguntei se poderíamos entrar para nos conhecer. Escutou por alguns segundos e me cortou, gritando comigo, despejando muitos palavrões em seu discurso contra os cristãos, os crentes, os pastores, os benfeitores e os jovens (sou provavelmente vinte e cinco anos mais novo que ele). Apesar da óbvia indiferença, voltávamos semana após semana, e toda semana ele me xingava de novo, exibindo tanta hostilidade que era quase engraçado.

Por fim, uma semana Jake cedeu e disse que poderíamos entrar para conhecê-lo. Não sei se o venci pela persistência ou se era uma estratégia para livrar-se de mim uma vez por todas, mas subimos ao seu apartamento e ele nos deixou entrar. Foi... psicodélico. Ele era um verdadeiro hippie, tinha cabelos longos e pegajosos, e era muitíssimo magro. Seu apartamento era escassamente decorado com mobiliário básico. Tanto quanto pude perceber, passava a maior parte do tempo brincando com um equipamento de som e um teclado barato. Parecia estar fazendo algumas gravações estranhas para divertimento próprio, como se ele fosse um radialista. Durante essa primeira visita, dois companheiros de aparência incomum estavam no sofá da sala de estar. Foram ainda menos amigáveis do que Jake.

Agora que estávamos nesse ambiente bizarro, não sabíamos o que dizer. Apenas sorrimos e esperamos que ele falasse. Por fim, contou algo sobre algumas más experiências que teve na igreja. Comecei a contar-lhe sobre o Centro dos Sonhos e, por algum motivo, isso o disparou a falar sem parar. Quando fez uma pausa para respirar, consegui pedir que tocasse uma de suas músicas. Elogiei a música e perguntei se nos escreveria uma canção para a próxima semana. Assim, mantivemos a conversa, girando em torno de seu interesse por música. Perguntou que tipo de música eu queria que ele escrevesse e, assim que entendeu, concordou em compor.

Algumas semanas mais tarde, sentindo que estava à vontade com a gente, convidei-o para vir à nossa igreja. Continuou recusando-se por cerca de um ano

mais ou menos. Então, para minha surpresa, um dia olhei do púlpito e o vi, esse completo recluso, na plateia. E veio mais algumas vezes. Quando chegou perto do Natal, perguntei o que planejava fazer na véspera de Natal. Disse que não tinha planos, que nunca fazia nada na véspera de Natal. Sugeri que saíssemos naquela noite para ver um filme. Surpreendendo-me novamente, concordou com a ideia. Era realmente paranoico sobre sair do seu apartamento, mas de vez em quando ia comigo a algum lugar.

Levou alguns anos, mas Jake se tornou um bom amigo. Mais tarde, quando me casei, veio ao casamento e cantou na recepção. Ele era horrível! Também não melhorou quando acompanhou nosso amigo Lou Rawls, o incrível cantor, que costumava frequentar o Centro dos Sonhos antes de morrer. É claro que Jake pensou que ele cantava melhor que Lou. Estava muito satisfeito com seu próprio desempenho, e eu, feliz por ele. Continuamos nossa amizade por anos, até que Jake se afastou.

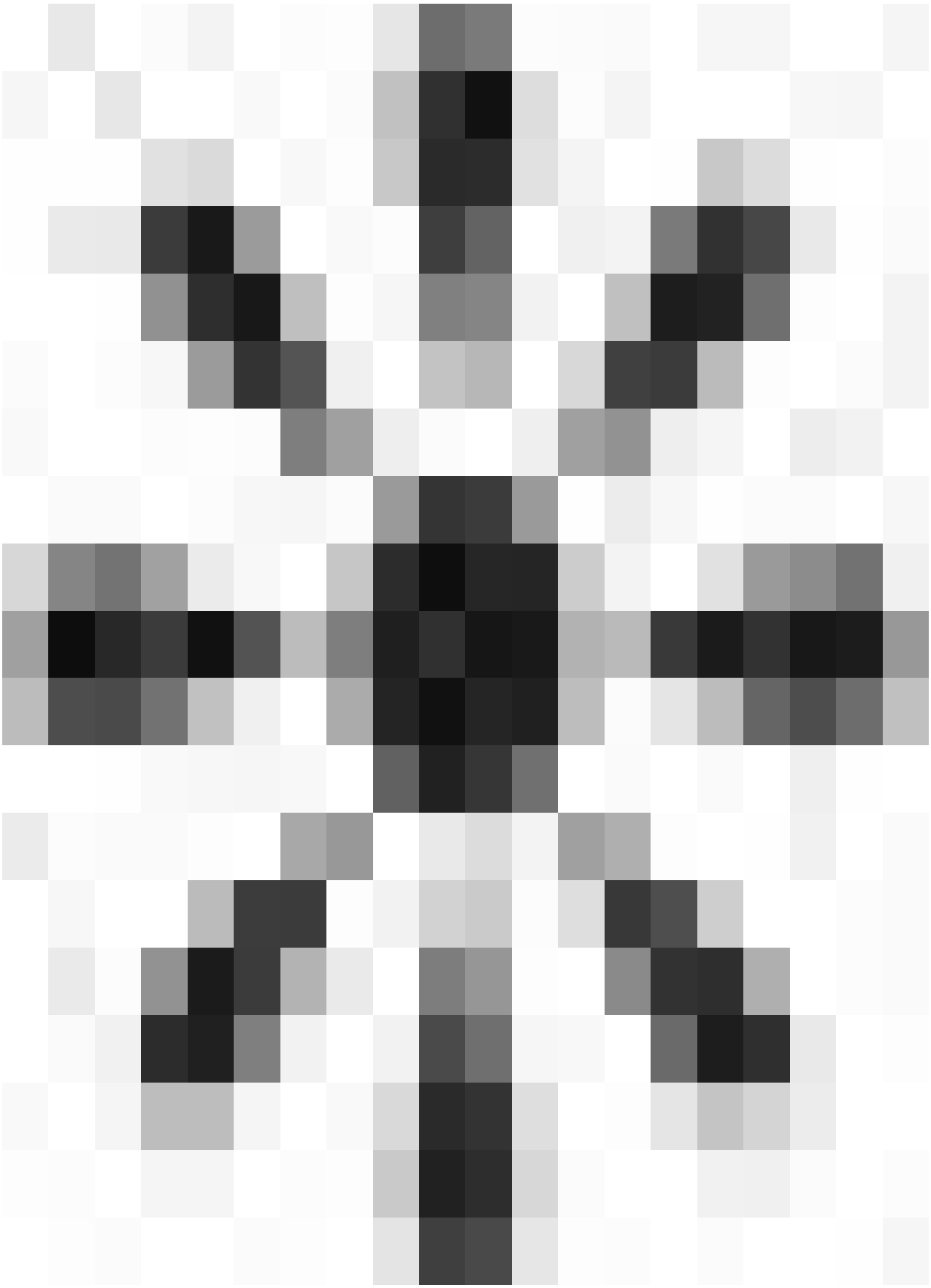
Qual foi o propósito de tudo isso? A minha causa é ajudar a curar pessoas feridas. Jake não precisava de roupa ou comida, mas precisava de amigo. Eu poderia ter batido em acelerada retirada de seu apartamento no primeiro dia quando me xingou pelo interfone. Fácil e corretamente interpretei que suas palavras e comportamento sugeriam que ele não tinha nada que ver comigo. Duvido que alguém teria culpado Todd e a mim por respeitar o desejo de Jake e nunca voltar a incomodá-lo novamente.

Mas dava para sentir que Jake precisava de algo. Eu sabia que minhas intenções eram respeitáveis. Desejava amar e servi-lo para seu próprio bem. Cria genuinamente que se ele experimentasse um pouco dessa bondade, a apreciaria. Senti que ao que Todd e eu estávamos sendo expostos era uma fachada. O fato de gritar comigo e parecer tão hostil era, na verdade, encorajador para mim, porque sabia que eu, pelo menos, representava um lugar ao qual ele podia desviar sua dor. Como sabia que ele estava lutando com a dor? Ninguém xinga completos estranhos, sobretudo os que expressam o desejo de ajudar, a menos que algo esteja errado em sua vida. Essa raiva era tanto um mecanismo de defesa como qualquer coisa.

A propósito, ganhar o direito de ser ouvido nem sempre é agradável. Durante meses, toda semana, quando Todd e eu visitávamos o apartamento de Jake, não só Jake era menos que cordial, mas se seus amigos estivessem lá, ficavam verbalmente abusivos. Tentavam tudo que podiam para me provocar. Foi

fascinante a maneira como as coisas se desenrolaram. A princípio, Jake só observava seus amigos atacarem. Mas depois de alguns meses, se atacassem, Jake me defendia! E notei ao longo do tempo que deixou de usar linguagem ofensiva, quando estávamos lá. Estava nos tratando com respeito cada vez maior. De vez em quando, eu faltava uma semana, se tivesse, por exemplo, de pregar em uma igreja ou dar uma conferência em outra cidade. Quando voltava na semana seguinte, ele caía em cima de nós. Ainda que fosse intenso, eu percebia que seu ataque refletia que nossas visitas e amizade importavam para ele.

O bem que se seguiu só aconteceu porque eu ganhara o direito de ser ouvido. Eu estava fora da minha zona de conforto. Puxa, não conseguia nem ver a minha zona de conforto ali daquele lugar! Era um ambiente assustador, e não tínhamos nada em comum além da necessidade de sermos amados. Contudo, sabia disso: quem aparece mais na vida de uma pessoa vence a guerra pela influência. Então, continuei aparecendo.



A história de Jake traz à tona outro princípio para você manter em mente enquanto se esforça para realizar a sua causa: para ter influência em sua causa pode haver a necessidade de mudança de ambiente.

Quando Todd e eu começamos a visitar o apartamento de Jake, a atmosfera era de cinismo, desconfiança e desrespeito. O lugar tinha uma vibração muito estranha, associado a um espírito pesado. Sempre soube que eu tinha de gastar uma quantidade substancial de tempo em oração antes de procurar Jake. Não poderíamos ter feito progresso em um relacionamento com ele, se tivéssemos aceitado essa condição e trabalhado nela. Para alterar o ambiente, você tem de ser tão consistente em estar presente e no teor do trabalho que o lugar se torne saturado de amor. Em outras palavras, a bondade, o amor e o serviço forçam a saída das outras condições. Você substitui as queixas por bênçãos. Foca as necessidades das pessoas em vez de ressaltar os interesses que você tem.

Um grande exemplo de mudança de ambiente, a fim de amar plenamente as pessoas vem de um dos casais que serviram em nosso programa Adote um Quarteirão. Logo que Emilio e Karina Cervantes passaram a frequentar o Templo dos Anjos, começaram a servir no programa do Centro dos Sonhos. Por sua experiência inicial, assumiram um dos nossos ônibus e foram para uma região difícil na Central Sul de Los Angeles. Essa área centralizava-se em torno de um antigo projeto habitacional do governo conhecido como Pueblo del Rio, localizado ao lado da linha férrea. O projeto é um conhecido lugar de gangues por mais de quarenta anos. A área está repleta de pobreza e violência. Emilio gosta de falar sobre suas experiências em Pueblos:

Assim que descemos do ônibus do Centro dos Sonhos, sentimos a presença de Deus. Desde o início sentimos que Deus tinha algo especial em mente para essa comunidade. Pueblos tem mais de quinhentas unidades habitacionais. Minha esposa e eu íamos àquele lugar todos os sábados, interagindo com as pessoas, cuidando delas e orando com elas. Deus colocou em nossos corações um encargo por aquele lugar e aquelas pessoas.

Certo dia, minha esposa e eu estávamos conversando sobre como cada um de nós sentia que Deus nos movia para iniciar um pequeno grupo em Pueblos que

se reunisse toda quarta-feira à noite. A necessidade espiritual é muitíssimo grande ali. Sentimos que um pequeno grupo nos permitiria ministrar às pessoas de modo ainda mais pessoal. O Centro dos Sonhos nos treinou em liderança de pequenos grupos. Então, iniciamos um grupo. É deveras um compromisso para nós, porque Pueblos fica a uma hora e meia de casa. Mas acreditávamos que Deus queria e sabia que um grupo pequeno ajudaria as pessoas.

Quando começamos, ninguém vinha a um pequeno grupo em uma noite de quarta-feira em Pueblos. É assim que as coisas funcionam nesse lugar. Muitas vezes fizemos a longa viagem e ninguém aparecia. Mas sentíamos que Deus se agradava de nossa fidelidade, de modo que voltávamos para casa, alegres e felizes, porque percebíamos que Deus estava satisfeito. Íamos e interagíamos com as famílias e, lentamente, os jovens começaram a chegar. Assim, conseguimos ministrar a algumas famílias. Começaram a se abrir para nós.

Começamos a tirar os jovens daquele lugar durante nossas visitas. Por exemplo, os levávamos ao In-N-Out [conhecida rede de restaurantes de hambúrgueres do sul da Califórnia]. Pegávamos meninos e meninas de dezenove anos, que nasceram e cresceram no bairro de Pueblos, e descobríamos que nunca tinham ido a um In-N-Out, nunca tinham pisado em um Starbucks. Não há esses tipos de lugares em Pueblos. Por isso, temos de dirigir um bom tempo para chegar até onde tem. Mesmo para levar a garotada ao cinema, fica a trinta e cinco minutos de carro da Central Sul.

Assim, fomos tendo cada vez mais oportunidades para abençoar os jovens e suas famílias. Minha esposa e eu trocamos ideia sobre como ajustar as finanças da família. Sabe como é, cortar gastos e despesas. Assim, teríamos mais dinheiro para semear na vida desses jovens em Pueblos. Queríamos que tivessem mais oportunidades. Tínhamos percebido que quando os tirávamos desse ambiente, mesmo que fosse apenas para ir a uma lanchonete ou ao teatro, eram os momentos em que se abriam para nós e podíamos ministrar o amor de Deus e a sua Palavra. Era muito especial, porque confiavam em nós o suficiente para abrirem o coração. Muitos compartilhavam coisas conosco que nunca tinham contado a ninguém.

Estávamos orando para que Deus nos ajudasse a ter mais sementes para semear na vida dessas pessoas. Certa noite, conversava com um jovem que era traficante que morava no bairro. Veio ao pequeno grupo. Perguntei-lhe qual era a maior necessidade em Pueblos, porque minha intenção era descobrir que tipo de ajuda

seria mais importante. O jovem olhou para mim e minha esposa e respondeu:

— A maior necessidade aqui em Pueblos é de amor e esperança. Não temos essas duas coisas. A sociedade esqueceu esse lugar. Os políticos, a diretoria da escola, a cidade de Los Angeles, o departamento de polícia não prestam atenção a nós. Precisamos desesperadamente de amor e esperança.

Olhei nos olhos dele e disse-lhe que Jesus não tinha esquecido esse lugar. Mas as palavras desse jovem mexeram comigo.

Vários meses se passaram. No fim de semana, após o Dia da Ação de Graças, eu estava em casa, agradecendo a Deus por suas bênçãos e meditando nEle. Senti em meu coração que Deus falou comigo e disse: Emilio, você sabe qual é a maior bênção que uma pessoa poderia receber de mim? Não queria sequer tentar responder! O Senhor colocou a resposta em meu coração: A maior bênção é ter a liberdade de entregar tudo. Armazenei essa palavra em meu coração.

Enquanto isso, em Pueblos, estávamos ganhando maior favor para com o povo, porque lá estávamos todas as semanas, às quartas e sábados. Entrávamos nas casas das pessoas e, literalmente, saíamos com latas de lixo cheias de itens de bruxaria. Numa dessas noites, senti o Senhor falar ao meu coração de novo e me dizer que, se a pessoa está disposta a entregar tudo, terá tamanha liberdade de modo que nada a detém. Essa palavra levou minha esposa e eu a pedir, ainda com mais fervor, que Deus nos desse esse tipo de liberdade. Sabíamos que Ele podia mudar esse lugar e fazer coisas incríveis. Continuamos pedindo-lhe mais sementes para semear e dar livremente, a fim de abençoar essas pessoas.

Ouvimos, então, um sermão sobre a graça extraordinária e o favor extraordinário e crer em Deus por mais um ano extraordinário. Minha esposa e eu dissemos a Deus que críamos que o ano seguinte seria de grandes bênçãos e que teríamos um grande evento ganhador de almas em Pueblos e que Ele faria coisas maravilhosas.

No dia seguinte, Emilio recebeu um telefonema de um executivo do maior concorrente de seu patrão. Queria convidar Emilio para trabalhar para eles. Emilio concordou em reunir-se com o concorrente. Antes da reunião, orou muito e fervorosamente sobre o que fazer. Recebeu a resposta de Deus acerca de um acordo específico que deveria buscar. Foi à entrevista decidido a não se

contentar com menos. O concorrente manteve negociações com Emilio, fazendo-o quatro ofertas excelentes que excediam em muito o que estava ganhando na ocasião. Mas cada oferta estava abaixo do que Emilio acreditava que o Senhor tinha definido como patamar mínimo. Após a quarta oferta, o executivo pediu a conta, pagou no caixa e saiu para o estacionamento com Emilio. Quando chegaram aos respectivos carros e se preparavam para se despedir sem terem chegado a um acordo, Emilio apresentou seu trunfo:

Disse-lhe: — Sabe por que estou pleiteando firmemente por esse extra de oitocentos dólares mensais? Porque esse dinheiro percorrerá um longo caminho para os jovens em Pueblos. São dez mil dólares por ano. Talvez não lhe pareça muito, mas faz grande diferença em Pueblos.

Imediatamente, ele concordou com a proposta. O acordo que fechamos foi mais do que o dobrou do meu salário. Mas eu não estava fazendo isso por mim. Estava lutando pelas bênçãos de Pueblos. Eu sabia que o aumento era a maneira de Deus fornecer a semente que pedíramos. Após dez dias de oração, falara ao meu coração a respeito do que pedir nas negociações. Pouco importando o que o homem dizia durante as negociações, eu sabia que ele ia concordar em dar esse montante.

Logo depois, senti que Deus estava falando comigo de novo. Disse: Quero que você invista no maior evento de ação social que Pueblos já viu. E quero que você e sua esposa deem vinte e cinco mil dólares para o evento. Perceba que os Estados Unidos estavam em recessão, e que o dinheiro vinha de um trabalhador e uma mãe dona-de-casa. Veja bem, vinte e cinco mil dólares para nós é muito dinheiro. É uma grande soma e um grande passo de fé. Mas era o plano de Deus, e foi o que fizemos.

O evento foi realizado. Cerca de mil pessoas compareceram. Nada remotamente perto de um evento como esse ocorrera anteriormente em Pueblos. Havia música ao vivo, brincadeiras, estandes de jogos e todos os tipos de brindes de roupas, brinquedos e alimentos. Até hoje, as pessoas nessa comunidade falam sobre o evento. Foi necessário um longo caminho para mudar o ambiente e capacitar os residentes de Pueblos a adotar uma perspectiva de vida diferente, ou seja, uma

perspectiva de amor e esperança.

Emilio e Karina se deleitam com as maiores oportunidades que eles agora têm para o ministério com o povo de Pueblos. Estão determinados a buscar mais bênçãos de Deus para um centro de recursos para adolescentes. Este estabelecimento também lhes proporcionará um lugar regular para as reuniões dos pequenos grupos. Atualmente, reúnem-se ao ar livre em uma esquina. Espero que em breve estejam se reunindo em local fechado.

Emilio e sua esposa tinham um grande sonho, que começou pequeno. Reuniam-se com as pessoas de Pueblos regularmente e, por fim, iniciaram um pequeno grupo. Não gastam rios de tempo falando sobre estratégias e opções. Atenderam às necessidades que encontraram voltando fielmente ao lugar desolado semana após semana, independentemente de quantas pessoas aparecessem para reunir-se com eles (sem falar que era comum não aparecer ninguém). Essa diligência impressionou os moradores e lhes valeu o direito de serem ouvidos e ouvir o que estava no coração das pessoas.

Os moradores os aceitam como pessoas que pertencem à comunidade de Pueblos, uma honra que conquistaram através do poder de sua presença consistente e seu infalível interesse em servir. E o amor e fidelidade ao povo, a confiança em Deus e o entusiasmo em serem livres para dar o que Deus lhes deu geraram uma nova atmosfera em Pueblos. Não, não é o Rodeo Drive em Beverly Hills, mas já não é o mesmo lugar perigoso e sem esperança que era dois anos atrás.

Emilio e Karina pagaram tudo secretamente e conseguiram manter as coisas em segredo por sete meses, até que dei com a língua nos dentes durante um dos nossos cultos. Ficaram com vergonha quando revelei a todos que eles pagaram o evento porque queriam que toda a glória fosse dada a Deus. São os primeiros a dizer que, para eles, a recompensa é a alegria de ver vidas transformadas nesta parte decadente e esquecida de Los Angeles e saber que Deus encontrou uma maneira de usá-los nesse processo de transformação.

Que belo exemplo de como realizar a sua causa! Você não faz por reconhecimento público ou ganho particular. Você não faz porque acha que ganhará mais recompensas de Deus, mais “pedras na sua coroa”. Você faz porque Deus quer usá-lo dessa maneira e porque experimentará o puro prazer de servi-lo, amando as pessoas. Não existe nada melhor do que isso.

O QUE APRENDI

A visão de Deus para a sua vida é enorme, mas você a realiza através de uma série de pequenos passos.

A influência é obtida afetando uma vida de cada vez.

Não gaste seu precioso tempo debatendo os detalhes da causa. Iden-tifique a necessidade central, atenda à necessidade e, depois, discuta a situação assim que abençoar aqueles que precisam.

É improvável que você faça a diferença, a menos que sinta a urgência no que diz respeito à necessidade que deve ser tratada.

Ganhe o direito de ser ouvido através da consistência e longevidade.

Pode ser que tenha de mudar a atmosfera do lugar para onde foi chamado.

Cada pequenina coisa que você faz importa. Não há esforços desper-diçados no Reino de Deus.

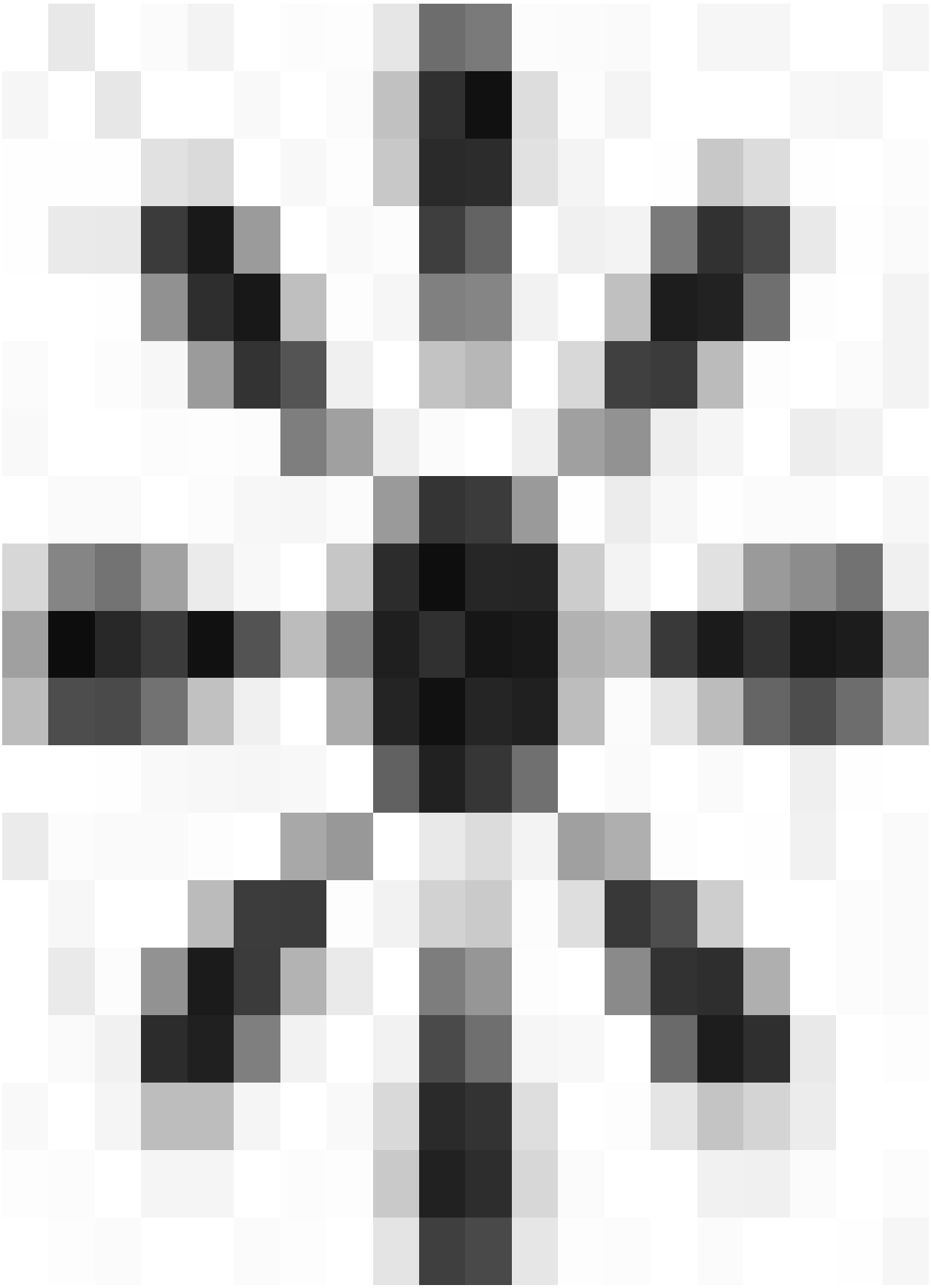
Capítulo 9

FORME SUA EQUIPE PARA MUDAR O MUNDO

UMA DAS GRANDES IRONIAS na cultura de hoje é que os líderes recebem o crédito pelas coisas incríveis que acontecem durante seu mandato. Não quero diminuir a importância do que os grandes líderes fazem ou a necessidade da liderança eficaz, mas sempre fico intrigado quando recompensamos os líderes e ignoramos os membros da equipe. Grandes líderes reconhecem que não teriam realizado o que lhes é creditado sem a ajuda de um monte de gente que, com eles e nos bastidores, trabalhou duro. O Centro dos Sonhos alcança trinta mil pessoas por semana, sem mencionar as oito mil ou mais que a cada ano nos visitam durante uma excursão missionária de uma semana (ou como chamo, excursão missionária turbinada). Não há como fazermos isso sem a contribuição de centenas de funcionários e voluntários.

Cumprir sua causa quase certamente exigirá que você trabalhe em cooperação com muitas outras pessoas. A maioria será pessoas que desempenharão funções específicas, pessoas que trabalharão com você por breve tempo e prestarão algum tipo de serviço secundário e especializado. Mas se não estivessem elas presentes para dar o apoio que dão, a história seria diferente. Às vezes, você será abençoado com uma ou mais pessoas que desempenharão uma função mais significativa na busca da sua causa. Seja como for, esses colegas são parceiros que ajudam a tornar realidade a sua causa.

A parceria é o elemento crítico na busca do seu sonho. No Centro dos Sonhos, tenho sido fortalecido por três tipos de parceiros: ajudantes temporários, parceiros permanentes e Deus. Cada um, à sua maneira, é indispensável. Você ganha a maior alavancagem pelo envolvimento que oferecem, se você reconhecer que não pode realizar o seu sonho sozinho. Você tem de receber e apreciar a ajuda de parceiros que acrescentam valor à sua causa.



O maior parceiro que tenho no Centro dos Sonhos é papai. Desde o primeiro dia, ele não só abriu as portas para a minha oportunidade no Templo Betel, que se transformou na extraordinária jornada no Centro dos Sonhos, mas também tem trabalhado ao meu lado a cada passo no caminho. Além de liderar sua enorme igreja em Phoenix, já registrou dezenas de milhares de quilômetros indo e vindo de avião e de carro a Los Angeles para me ajudar a fazer tudo o que você imaginar durante estes dezesseis primeiros anos. Já computou incontáveis horas fazendo todas as tarefas possíveis por esta causa, desde pregar e distribuir recursos até levantar dinheiro e orar infinitamente. Adotou isso como extensão da sua causa e tem feito o que for necessário para manter as coisas em funcionamento.

É incentivador e apoiador incansável. Imagine só: quando tinha sessenta anos, ele sabia que o Centro dos Sonhos precisava urgentemente de dinheiro. Então, contatou todos que conhecia, inclusive os membros da sua congregação, e disse que ia correr de Phoenix a Los Angeles para nos ajudar a levantar dinheiro. Pediu a todos os contatos que prometessem certa quantia de dinheiro por cada quilômetro completado na viagem através do deserto.

Papai não é maratonista. Apenas apresentou algo criativo e chamativo para fazer com que as pessoas apoiassem o que estávamos fazendo. Lá estava ele, aos sessenta anos, correndo pelo deserto em direção a Los Angeles, cobrindo cerca de seiscentos e cinquenta quilômetros no tempo aproximado de três semanas. Corri ao lado dele por cerca dos dezesseis quilômetros iniciais, e então continuou sozinho. Se calcularmos a média, veremos que correu essencialmente uma maratona por dia de viagem. Custou-lhe caro fisicamente. Seus pés incharam muito. Contraiu flebite nas pernas. Embora nunca fale sobre isso, ainda hoje é importunado por alguns efeitos secundários. Poderia ter parado a qualquer momento ao longo do caminho e ninguém teria pensado menos dele. Mas estava totalmente comprometido em prover qualquer tipo de ajuda que pudesse. Quando finalmente assomou na bulevar Hollywood, ficou emocionado, pois seu feito e seus pés tinham levantado cerca de um milhão de dólares para o Centro dos Sonhos através desse incrível ato de amor e apoio.

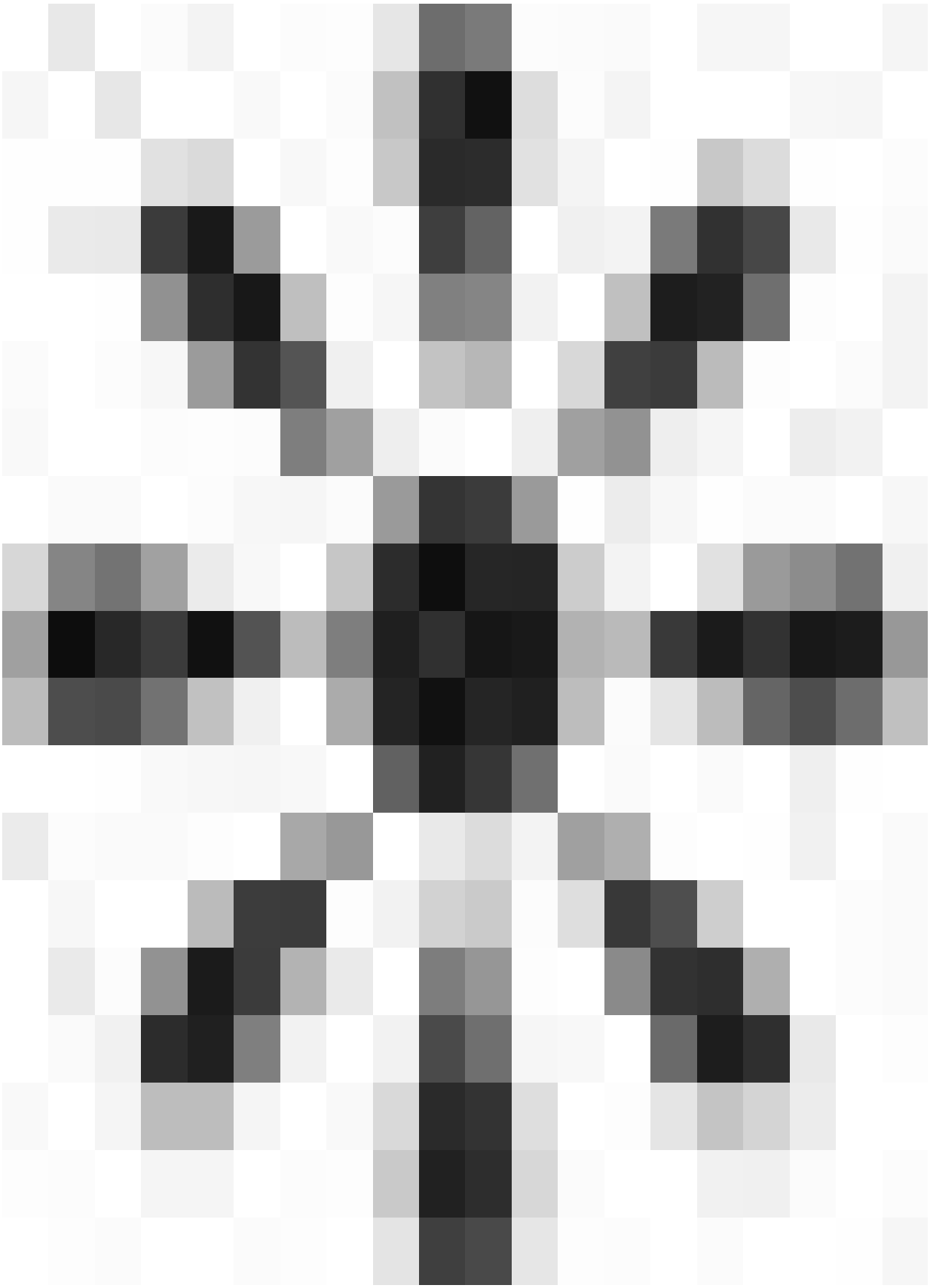
Faz anos que papai dá para o Centro dos Sonhos todos os honorários que recebe por falar em igrejas e conferências. Fala muitas vezes em nossa igreja, nossa capela e nossas cerimônias de conclusão de curso. Sei que está orgulhoso de

mim, mas ainda mais, está orgulhoso do que tenho permitido que Deus faça através de mim na maneira de ver a visão de Deus tornar-se realidade.

A cola que mantém os parceiros juntos é a paixão mútua pela causa.

O que faz de papai um parceiro tão maravilhoso é que ele não quer crédito pelo que faz. Estivemos juntos em numerosos programas de televisão, e é comum incentivarmos o outro como aquele que merece a atenção. Digo-lhe que ele é o verdadeiro pastor de nossa igreja, e ele devolve o elogio. Fala sobre minha perseverança até que eu o interrompa para contar histórias sobre o tremendo apoio que ele dá. Nosso relacionamento me mostra que o antigo truísmo é verdadeiro: é incrível o quanto pode ser feito quando você não se importa com quem recebe o crédito. É duplamente perigoso como parceiro: faz o que for necessário para promover a causa e recusa-se a desistir. Você não precisa mais do que isso.

A cola que mantém os parceiros juntos é a paixão mútua pela causa. Quando a causa é central, a natureza do título ou tarefas da pessoa perde o significado. Tudo gira em torno de fazer o que Deus o chamou para fazer e deixar que Ele cuide dos resultados, enquanto você desfruta do passeio. Se você imaginar a sua causa como uma corrida de revezamento, esperará entregar o bastão para os outros que correrão os trajetos do percurso que você não pode ou não deve percorrer. Isso é extremamente benéfico para a causa. Afinal, é a equipe, e não um membro da equipe, que ganha. A influência cabal não é alcançada por um início forte, mas por um término forte. Você precisa de bons parceiros para ajudá-lo a fazer isso.



Como tenho revelado ao longo deste livro, não estava entendendo nada no início do meu pastorado em Los Angeles. Tinha todos os tipos de ideias sobre como fazer o meu ministério, mas pouca ideia sobre como fazer o ministério de Deus. Felizmente, papai estava me ajudando a distância.

Antes de ir para Los Angeles, cursei a Universidade Grand Canyon no Arizona. Naqueles dias, tive um breve encontro com Aaron Jayne, outro estudante no campus. Ele consumia álcool e drogas a valer enquanto estava na faculdade, embora na época não o conhecesse o suficiente para saber disso. Certo dia, convidei-o para assistir a uma celebração de Natal na igreja de papai. Aaron lembra a aventura:

Decidi ir à grande apresentação de Natal. Não era cristão. Meu pai era pregador, mas abandonou a família quando eu era pequeno. Por ser essa a minha única imagem de Deus, eu odiava os cristãos há anos. Mas como não tinha nada mais para fazer, fui ao evento da igreja. Fiel ao meu estilo de vida da época, ingeri drogas antes de sair. Achei que tornaria a apresentação especial, porque haveria raios lasers e anjos voando. Enquanto estava na igreja, senti que havia algo diferente, de uma forma positiva, mas naquele momento em minha vida eu não estava procurando ser cristão.

Algum tempo se passou durante essa época natalina. Eu dormia no meu carro naquela época, porque não tinha mais para onde ir. Tornei-me deprimido e suicida. Sem outra opção real, voltei a essa igreja grande que fez a apresentação de Natal, e fui radicalmente salvo. Voltava semana após semana. Certo domingo, conversava com o pai de Matthew enquanto saía pela porta dos fundos após o culto. Ainda cursava a faculdade, mas disse a seu pai que não sabia o que fazer na vida. Foi quando o pastor Tommy disse:

— Então, por que você não vai para Los Angeles e ajuda meu filho?

Larguei a faculdade e fui de carro até Los Angeles. Quando cheguei, os dois caras que estavam ajudando o pastor Matthew a dirigir o lugar me avaliaram e não acharam que eu fosse conseguir. O ministério de assistência social tinha acabado de ser lançado, e não havia lugar para mim. Então, dormia no corredor. Eu não tinha quarto e mantinha todas as minhas roupas no porta-malas do carro.

Não era um grande passo à frente em alguns aspectos, mas sentia que não tinha mais nada para fazer com minha vida. Tinha uma bolsa de estudo na faculdade, mas não queria voltar. Poderia ter mudado de faculdade para estudar para o ministério, mas não tinha dinheiro para ir à escola bíblica. Na verdade, não tinha dinheiro para fazer muita coisa. Mas no Centro dos Sonhos havia uma visão que era tão grande que se tornou atraente. E imaginei que não havia muito na vida que pudesse fazer, mas eu sabia que poderia servir.

Logo que cheguei a Los Angeles, veio o Dia de Ação de Graças. Alimentamos seis mil pessoas no estacionamento da igreja. Passei o dia lavando pratos. Não havia água quente, por isso tínhamos de manter a água fervendo, uma panela de cada vez, o que nos custou cerca de oito horas para lavar os pratos para seis mil pessoas. Mas tudo dizia respeito ao sonho. Matthew tinha um sonho que era tão grande que eu estava pronto para dar toda a minha vida ao sonho. O que quer que fosse preciso, não importava. Onde quer que eu morasse, não importava. O que quer que eu comesse, não importava. Tudo dizia respeito ao sonho.

Fui voluntário no Centro dos Sonhos por cerca de nove anos. Durante esse tempo, mudei-me de lugar em lugar, morando em cerca de doze salas diferentes ao longo desse período. Não tinha renda regular, mas o Centro dos Sonhos cuidou de mim. Como voluntário, não recebia salário ou remuneração, mas pagaram o seguro do meu carro, o qual eu não podia pagar. Todas as minhas refeições eram fornecidas no Centro dos Sonhos, e eu morava sem pagar aluguel. Portanto, não precisava de um monte de dinheiro. Todos os meses, minha mãe me mandava uns cem dólares ou mais, ou sempre havia pessoas visitando o Centro dos Sonhos, as quais eu levava de carro para lá e para cá uns dois ou três dias. Quando eu as deixava no aeroporto, davam-me algum dinheiro. Foi assim que literalmente vivi por nove anos. Devo ter sobrevivido com cem a duzentos dólares por mês. E todos os meses, Deus provia o que eu precisava através do pastor Matthew e de pessoas diferentes. Nunca senti que isso era um problema que eu tinha. Nunca senti como se eu estivesse em necessidade. Eu estava muito focado na causa para me preocupar com essas coisas.

Uma das coisas que aprendi sobre grandes parceiros como Aaron é que eles são de baixa manutenção. Não impõem um monte de exigências pessoais a você, porque estão tão apaixonados pela causa tanto quanto você. Você sabe que pode confiar neles com qualquer recurso e sob qualquer circunstância. Podem ter

diferentes dons, e espero que tenham mesmo, para que possam cobrir as dimensões do trabalho com as quais você não está qualificado para lidar, mas têm o mesmo interesse e empenho. Não estão preocupados com aposentadoria ou posição, pois estão totalmente envolvidos na causa. Aaron acabou tornando-se funcionário remunerado em tempo integral, mas não por sua insistência. Foi nossa decisão. Queríamos libertá-lo para assumir outras tarefas que desejávamos que ele fizesse. Optou por continuar morando no campus, até que se casou há alguns anos. Ele recorda:

Assim que me envolvi em servir e amar as pessoas por meio do Centro dos Sonhos, soube que esta era a chamada da minha vida. Não sabia como Deus me sustentaria quando eu tivesse quarenta anos de idade, e não fazia ideia de como seria a minha vida. Para falar a verdade, não me importava. Lemos as histórias incríveis de pessoas no ministério de anos e anos atrás e verificamos que nenhuma dessas pessoas estava no ministério porque queria ser rica ou famosa e ter o sustento cotidiano.

Quando parti para Los Angeles, encarei a aventura como oportunidade para ser missionário. Assim que senti o gosto da coisa, estava preparado para ser missionário pelo resto da vida, caso fosse essa a chamada de Deus para mim. Isso pode ter sido assim, porque eu era jovem. Quando somos jovens, não pensamos no futuro. Mas estava com cerca de vinte e oito anos quando me tornei assalariado. Mesmo assim, a única razão de ter-me tornado assalariado foi porque vieram a mim e disseram que era o que iam fazer. Não pedi, nem esperava. Como tudo que ocorre nesta jornada, eu só aceitei. Sabia que estaria servindo e amando as pessoas, e era esta a minha vocação. Esperava estar no Centro dos Sonhos, ainda servindo, porque foi o tipo de missão que me levou para lá.

Uma coisa que me ajudou a envolver minha mente em torno do meu papel em tudo isso foi um sermão que o pastor Matthew pregou sobre ser viciado no ministério. Falou acerca de alguns discípulos que trabalhavam com Paulo. Descreveu-os como homens que se tornaram viciados em ministério. Consigo entender perfeitamente essa dinâmica, sobretudo com minha formação. A pessoa se torna viciada, tendo o primeiro barato. Depois, tem outro barato e mais outro, e mais outro e, antes que perceba, está viciada. Assim que estiver viciada, nada mais importa. Temos trabalhado com viciados em Los Angeles há anos, e visto

que nada mais, além das drogas, importa para eles. Viciados não se importam se vivem em caixa de papelão em um beco. Não ligam para o que as pessoas pensam deles, pois não prestam atenção à aparência que têm. Viciados farão o que for preciso para ter o próximo barato. Já vi viciados venderem os filhos para os traficantes em troca de crack, porque eles farão o que for necessário para ter o próximo barato. É o que a nossa causa é: um vício. Sou obcecado por ela.

Certa noite, estávamos no apartamento do pastor Matthew no centro e assistíamos ao canal de esportes. O que estou contando agora aconteceu antes de qualquer um de nós estar casado. Era cerca de dez horas da noite. De repente, levantou-se e disse:

— Temos de servir alguém.

Gaguejei algo como:

— O quê?

E repetiu:

— Temos de servir alguém.

Então, pegamos o carro às dez horas da noite e andamos por aí. Encontramos um sem-teto e o levamos para comer no Denny’s. A lição para nós foi que, quando a pessoa é viciada e tem de ter o próximo barato, não há nada que possa fazer para deter esse sentimento ou substituir essa necessidade. Acho que é assim com qualquer que seja a sua causa. Você fica viciado e faz o que for preciso para satisfazer esse desejo de servir.

Nem sempre é um percurso sem problemas. No começo, tive de superar o medo. Quando você é de uma cidade pequena do interior do Texas, como eu, Los Angeles é um lugar muito assustador. Quando me mudei para essa região havia muitas pessoas que eram baleadas nas ruas em frente da minha janela. Um dia, levei um tiro. Minhas janelas já foram quebradas e os pneus do meu carro retalhados. Não estou bancando o mártir. Nunca me senti como mártir ou alguém que merecesse tratamento especial por causa do que faço ou do tipo de pessoas que ajudo. Tudo que estou dizendo é que já passamos por situações difíceis e que a realidade tirou proveito dos meus medos preexistentes da cidade grande. Não queria sair para os bairros barra pesada de Los Angeles quando comecei.

Naqueles primeiros dias, conversei com Matthew a respeito, e ele disse:

— Você sabe que “o perfeito amor lança fora o medo”.[14] Se você se apaixonar por estas pessoas e esta cidade, não terá mais medo.

Como eu não tinha um plano melhor e o respeitava, aceitei seu conselho e comecei a me apaixonar pelas pessoas e pela cidade. Logo me dei conta de que não tinha mais medo.

Ao fazer isso, também aprendi que trabalhar para ter um ministério não permite que você se apaixone pelas pessoas como construir relacionamentos permite. Você pode ficar tão envolvido em desenvolver seu ministério que as pessoas tornam-se meros acessórios no processo. Paramos de tentar alcançar toda a cidade de Los Angeles e nos concentramos em alcançar minuciosamente alguns quarteirões na frente do Centro dos Sonhos. Toda semana, visitávamos os mesmos quarteirões, batíamos nas mesmas portas, víamos os mesmos rostos e conversávamos com as mesmas pessoas. Conforme construíamos essas relações, conhecíamos os moradores e nos apaixonávamos por eles. Começamos a saber quais eram as suas necessidades. Para mim, praticamente falando, foi assim que me apaixonei pelas pessoas. Passei a conhecê-las e ver as dificuldades que enfrentavam, como quando vi uma família inteira em um apartamento de um quarto com um colchão de solteiro no chão. Isso partirá o seu coração e o moverá com compaixão. Em seguida, os milagres começam a ocorrer se você permitir. O pastor nos ensinou a ver isso.

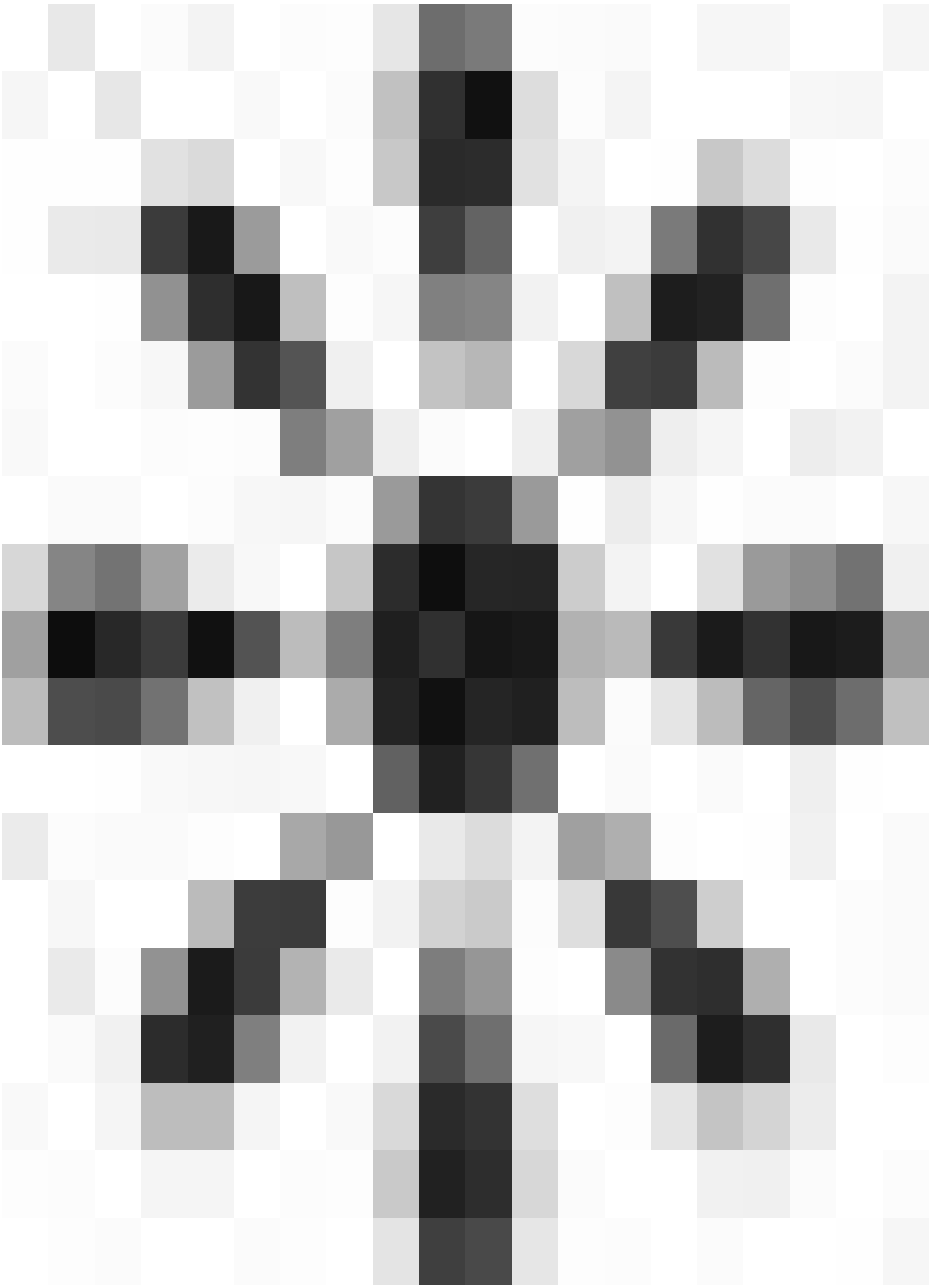
Já ouvi muitos líderes descreverem parcerias eficazes que são iniciadas e mantidas com base em forte química interpessoal. Vocês gostam uns dos outros, assim trabalham em conjunto. Esse tipo de química é útil. Mas a minha experiência mostra que não há substituto para o desenvolvimento de uma parceria baseada no entusiasmo das pessoas acerca da visão. Você pode aturar alguém que nunca será o seu melhor amigo ou até mesmo alguém com quem voluntariamente nunca sairá no seu tempo livre, contanto que vocês dois estejam entregues à mesma visão. Vocês podem ser bons amigos e divertirem-se bastante juntos sem realizar nada de valor. Mas quando está atrelado com uma ou mais pessoas que compartilham de sua visão, produzirão grandes coisas juntos, mesmo que vocês nunca se tornem os melhores amigos. A melhor de todas as situações é, claro, quando você tem uma profunda amizade com alguém que

compartilha a visão, ou seja, o tipo de relação de parceria que tive com Aaron.

Deus tem me abençoado ao longo dos anos com uma multidão de excelentes parceiros. Considero essas relações como parcerias divinas. Quando Aaron chegou a Los Angeles e estacionou o carro no estacionamento da igreja, não havia razão para esperar que ele fosse um colega constante em umas das aventuras ministeriais mais estressantes e perigosas que se possa imaginar. Não chegou com especialização requintada, experiência rica, recomendações impressionantes ou um grande plano para o futuro. Mas foi a primeira pessoa que conheci que, desde o primeiro dia, estava disposta a entregar-se totalmente pela visão. Pouco importando o que acontecesse, e ele passou por situações difíceis durante o tempo em que esteve conosco, seu compromisso nunca mudou. Nestes últimos dezesseis anos, o Senhor nos trouxe muitas pessoas que mantiveram um compromisso sólido e duradouro com a nossa visão. É precisamente por isso que o Centro dos Sonhos tem sido um sucesso. Não é por causa de mim, mas por causa das extraordinárias parcerias que foram forjadas no calor das dificuldades e da visão. Como todos os grupos que existem para cumprir a visão dada por Deus, os resultados dependem da força da equipe que está empenhada em cumprir a visão.

Pessoas como Aaron, Todd, Caroline, Emilio e Alena, sobre as quais você leu, e centenas de outras como elas, são o tipo de parceiros com quem você quer cercar-se. São o tipo de pessoas que estão mais interessadas em agradar a Deus, amando as pessoas, do que em se poupar para se aposentar em um palacete na Riviera Francesa ou gerar cobertura de mídia sobre os feitos heroicos que fazem entre os pobres. Estas são as pessoas que Deus usa para mudar o mundo da maneira que Ele as chamou para servir. Diz respeito a aceitar que cada um desses colegas preciosos causarão influência e impacto em formas e lugares que nunca tocarei. Estou empolgado, porque o sonho não é para promover Matthew Barnett. É para fazer a obra que Deus elaborou para empreendermos juntos. Em uma grande equipe, cada membro desempenha um papel crítico. A equipe não pode sobreviver sem que cada pessoa faça a sua contribuição única para o todo.

Vocês são seus parceiros na realização da sua causa? Como você os apoia e agradece a Deus pelo envolvimento a que se propõem?



Desenvolver grandes parcerias humanas é um aspecto da sua causa. Desenvolver uma grande parceria com Deus é outra.

Mantenha as coisas em perspectiva. A sua causa é um dom de Deus, especialmente concebido tendo você em mente. Ele quer não só que você tenha sucesso em defender essa causa, mas quer ser parte dela. Verdade seja dita, quando a sua causa torna-se maior do que o seu relacionamento com Deus, você está no caminho rumo ao fracasso.

Mesmo que este livro seja sobre buscar a causa que Deus lhe deu e aproveitar ao máximo o privilégio, eu seria remisso se não compartilhasse alguns pensamentos e experiências a respeito do seu relacionamento com Deus. Ele o criou para ter um relacionamento amoroso com você. Enviou seu Filho, Jesus Cristo, para morrer uma morte horrível, dolorosa e injusta, para que seu relacionamento com Ele continuasse e crescesse. O propósito da sua vida é desfrutar o seu relacionamento com Ele obedecer ao chamado dEle para a sua vida, que diz respeito a servi-lo ajudando outras pessoas.

No decurso do desenvolvimento de sua conexão com Deus, a oração é talvez a ferramenta mais importante. Ela pode ser uma coisa estranha. Para mim, foi uma fonte de escravidão e frustração por muitos anos. Nunca vi a oração como tendo algo a ver com manutenção de um relacionamento com Deus. Vi como algo que eu tinha de fazer, a fim de conquistar Deus e impressioná-lo o suficiente para levá-lo a abençoar os meus esforços. Era comum não tirar proveito algum da minha vida de oração. É constrangedor admitir, mas a oração foi muitas vezes uma tentativa de fazer com que Deus me abençoasse, porque eu tirava tempo da minha vida agitada para falar com Ele. A oração era apenas um meio para um fim, uma maneira para eu manipulá-lo para que me desse o que eu queria.

Por causa dessa visão distorcida da oração, eu estava sempre olhando para o relógio quando orava. Acreditava que quanto mais orasse, mais espiritual eu seria e, portanto, mais Deus me devia. Era um ponto de vista tolo fundamentado na noção de uma relação condicional, como se Deus estivesse olhando para baixo, dizendo: “Uau, vou abençoar mais você hoje. Afinal, orou quarenta e cinco minutos em vez de apenas trinta”.

Certo dia, percebi que não havia necessidade de manipular Deus para ficar atrás

do meu ministério, porque na verdade Ele já estava na frente, abrindo o caminho e totalmente envolvido. Afinal, foi Ele que me deu; Ele já o ama. Nesse momento, mudei o meu entendimento e prática de oração.

Hoje em dia, meu compromisso é ter um período de oração pela manhã, entre seis e nove horas, começando sempre que me sinta pronto para orar. Oro até me sentir cheio. Isso me permite orar intermitentemente enquanto faço outras atividades, quer esteja andando pelos corredores do Centro dos Sonhos, quer meditando no meu escritório quer dirigindo o carro. Todas as manhãs, peço a Deus para me dar o espírito certo em cada encontro com as pessoas ao longo do dia.

Todas as manhãs, peço a Deus para me dar o espírito certo em cada encontro com as pessoas ao longo do dia.

Com o tempo, aprendi que a oração não é uma obrigação executada para tornar Deus feliz; é algo que preciso constantemente estar em comunhão com Ele, independente da quantidade de tempo que consuma ou lugar onde ocorra. Pode ser três ou quatro minutos aqui, mais uns poucos minutos ali, com talvez cinco minutos de intervalo entre as duas atividades. Quando estou no carro sozinho, geralmente mantenho o rádio desligado, dando-me mais alguns minutos ininterruptos para buscar a Deus. Se estou andando pelo campus de uma reunião para outra, dedico o tempo para ouvir a Deus. Às vezes, corro algumas voltas ao redor do templo da igreja, e eis outro excelente momento para me conectar com Deus. Mesmo nos dias em que levo meus filhos ao parque perto de casa e os vejo brincar, passo momentos maravilhosos a sós com Deus, enquanto cuido dos meus filhos e os incentivo.

Durante anos, pensei que tal abordagem era errada, talvez até blasfema. Afinal, você tem de estar em um lugar sossegado para orar, certo? Infelizmente, o meu relacionamento com Deus sofreu por causa de todas as regras e limitações que deturpavam minha oração e meu entendimento do que é um relacionamento com Deus. Assim que percebi que Deus é portátil, flexível e que está nas circunstâncias ordinárias e ocorrências diárias da minha vida, ter um relacionamento dinâmico com Ele tornouse muito mais fácil e muito mais

divertido e prático.

É também muito pessoal, porque hoje o meu tempo de oração está baseado em relacionamento. Envolve todos os aspectos da minha vida e todos os assuntos do coração e da alma. Se eu não tivesse aprendido a ver a oração como mais do que apenas uma estratégia para obter a bênção de Deus sobre o meu trabalho e aprendido a incorporar a oração em um relacionamento real, não haveria como o Centro dos Sonhos existir hoje e não haveria maneira de eu ainda estar envolvido em serviço significativo.

Por vezes, entro na presença de Deus e não digo uma palavra. Costumava pensar que eu tinha de falar o tempo todo quando estava com Deus. Hoje, é mais como uma relação de verdade. Há dias em que sou falante e cheio de coisas a dizer a Deus; em outros, não digo nada o tempo todo. Às vezes, minha conversa com Ele é enérgica e animada. Outras vezes, sento-me e medito. Essa dinâmica me lembra dos momentos que passo com papai. Sem dúvida, nos amamos. Há dias que pegamos o carro e vamos a algum lugar, onde conversamos sem parar. Outros dias, dirigimos uma hora sem trocar uma palavra. Em ambos os casos, ainda me sinto consolado, porque estou na sua presença.

É assim que o seu relacionamento com Deus pode ser. Se você perder um dia ou dois, Ele não vai descer do céu com uma espátula para bater na sua cabeça e dizer: “Rapaz, faz dois dias que você não ora”. Como qualquer amigo querido, Deus continua de onde vocês dois pararam.

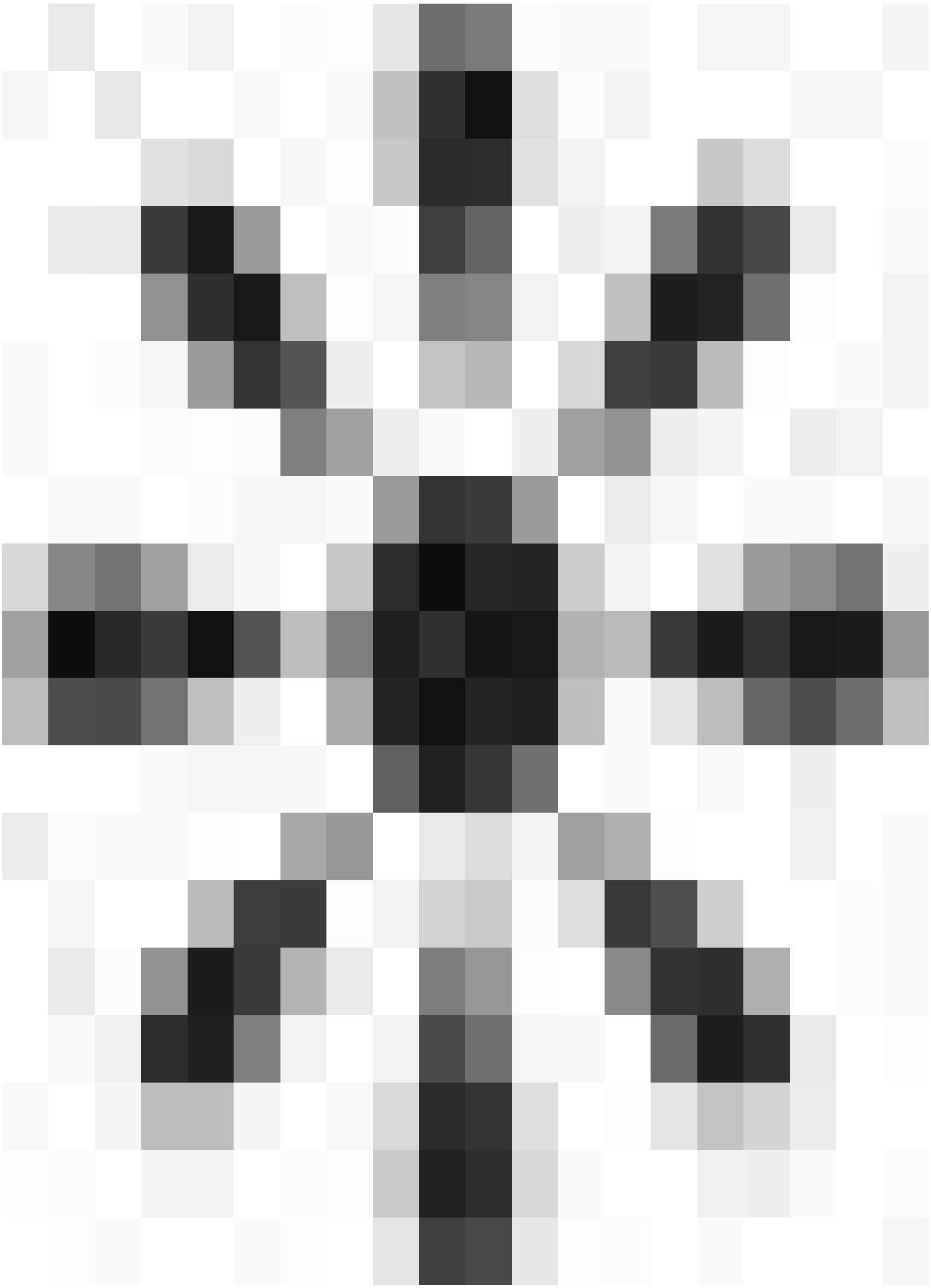
Deus o conhece melhor do que ninguém, melhor até do que você. Quando se trata de oração, se comunica com diferentes pessoas, de diferentes maneiras, em maneiras que sejam mais confortáveis ou plausíveis para elas. Deus se comunica comigo através de dispersões e impressões. Não parece estranho? Ele pode ter uma abordagem diferente para você. Mas para mim, funciona. Sempre que fico extremamente disperso da minha causa, é sinal de que é hora de eu dar atenção a Deus e arranjar um tempo para ficar a sós com Ele. Este é o gatilho que usa para chamar a minha atenção: dispersões da causa que me consome.

Uma vez que percebo que se trata disso, faço o que for preciso para me afastar por um tempo. Fecho os olhos, convido-o a falar comigo e ouço. Se tenho a chance de ir para casa, vou para o quarto, fecho a porta, deitome na cama e espero para ouvi-lo. Se não posso estar em casa, tenho uns pontos de fuga. Quando estou passando por um período prolongado em que as coisas parecem

consistentemente dispersas ou confusas, sei então que preciso sair da cidade por um dia ou dois para ouvir. Há um lugar nas montanhas aqui perto para onde vou. Como prática regular vou uma vez por mês ali. Subo com o carro até o topo, paro com vista à cidade e espero. Não há prazo a cumprir ou horário a atender. Já estive lá por menos de uma hora e já estive lá por quatro horas, recebendo as impressões de Deus.

Deus geralmente chama a minha atenção, trazendo-me à mente coisas que não estão de acordo com a causa: atitudes estúpidas, pequenos aborrecimentos, ofensas indefensáveis, ideais errados, caráter instável, o que for. Deus fornece impressões muito claras e vívidas, não me deixando dúvida na mente sobre o que preciso fazer.

Perceba que Ele fala com as pessoas de forma diferente. Algumas ouvem uma voz. Outras recebem sinais. Algumas são levadas a versículos bíblicos. O meio não é tão importante quanto o compromisso de dedicar tempo para ouvir quando Ele quer falar com você. Se você leva a sério realizar a causa que lhe deu, a oração é importante componente desse esforço, porque você tem de permitir que Deus o conduza. Mesmo que tenha grandes mentores para ajudá-lo a amadurecer, são boas as chances de que haverá situações em que será pedido que você faça algo que os seus mentores não fizeram. Entretanto, não querendo prepará-lo para o fracasso, Deus lhe dará a orientação exata de que precisa para tais momentos. Mas você precisa estar em contato com Ele para poder absorver a sua sabedoria.



Como você pode seguir a direção de Deus enquanto realiza a sua causa? Estas são algumas sugestões baseadas no que muitos de nós fazemos no Centro dos Sonhos:

Compreenda os princípios de Deus em relação à sua causa. Quando falamos a grupos sobre o que Deus tem feito por meio do Centro dos Sonhos, não falamos sobre nossos métodos, pois o impacto que temos não está relacionado com métodos. Além disso, que bem faria compartilhar nossos métodos sobre como alcançar Los Angeles, se você não está em Los Angeles? É tudo sobre princípios. Se fizer tempo que você está envolvido no Centro dos Sonhos, ouvirá alguém dizer algo como: “Encontre uma necessidade e atenda-a”, “Seja o que for que você quiser na vida, dê”, ou “Você não precisa olhar muito longe para ver uma necessidade; elas estão em todos os lugares”. Declarações como essas não são slogans capciosos para nós. Cada vez que as repetimos, reforçam nossa visão. Os princípios subjacentes são fundamentais para a nossa influência. Os princípios que você tem serão fundamentais para você também, pouco importando qual seja a sua causa ou onde esteja localizado.

Encontre uma necessidade e atenda-a

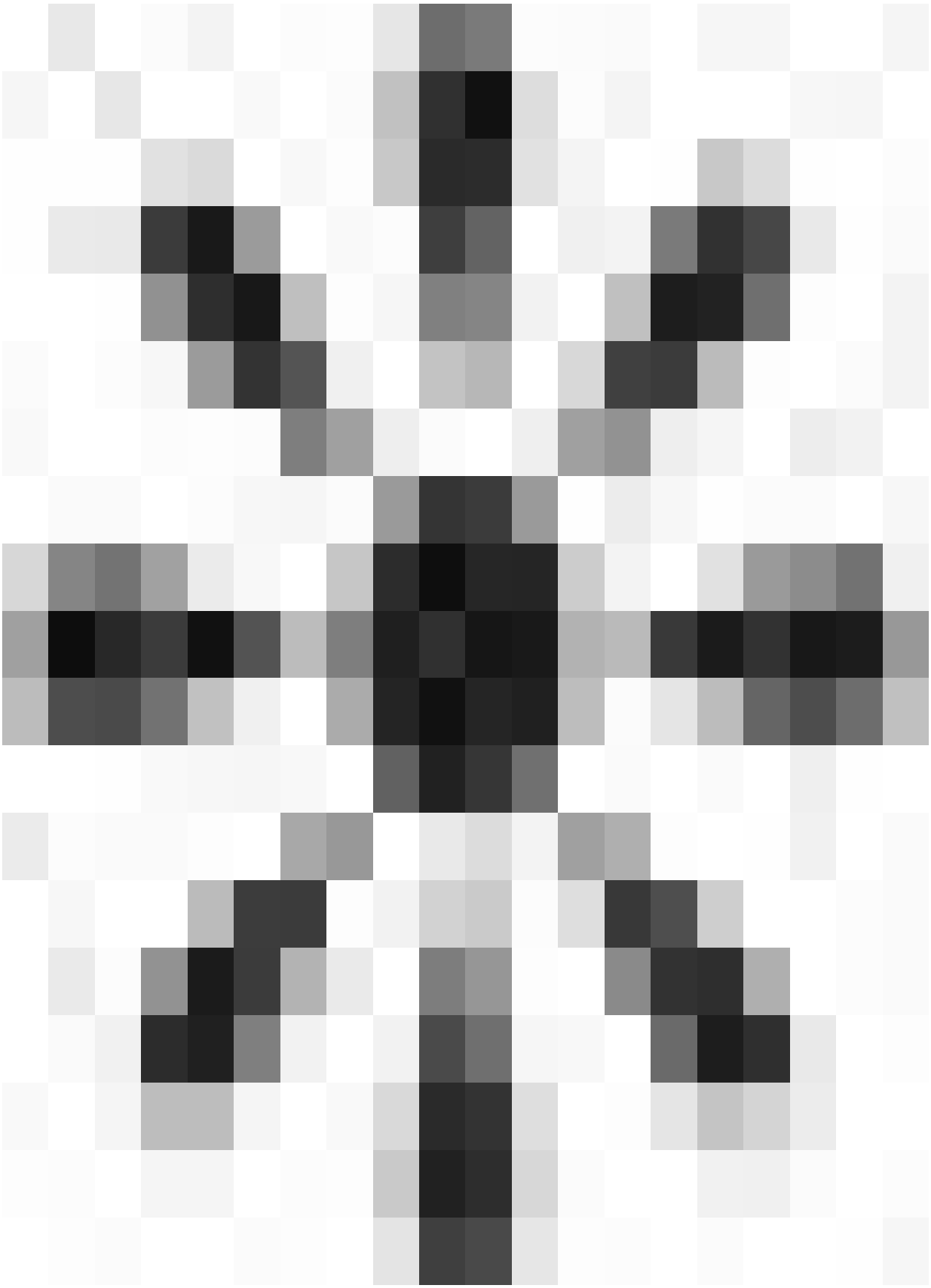
Quando você fala sobre a sua causa e os progressos realizados em relação ela, adquira o hábito de dar o crédito a Deus. Você não tem de ser desagradável a respeito, mas sempre reconhecer a fonte das suas forças e resultados positivos é um elemento importante para despertar os outros para o fato de que uma vida movida pela causa é alimentada por Deus, não pelo talento e criatividade humana. Além disso, as palavras que glorificam a Deus são agradáveis a Ele.

Não force o seu cronograma para ajustar-se à sua causa. Permita que o tempo de Deus prevaleça. Nossa tendência é nos apressar e fazer tudo imediatamente. A tendência de Deus é nos habilitar para crescermos por meio do engajamento no processo e apreciarmos os elementos inesperados da viagem. Como papai me

ensinou: “A demora não é negação”. Não fique frustrado se tudo não sair segundo o previsto. É frequente constatarmos que esta é a maneira de Deus nos proteger de coisas das quais não tínhamos conhecimento.

Ore constantemente com os ouvidos abertos. Aja de acordo com o que ouvir. Dê graças sempre que puder.

Assuma o risco de crer que Deus abençoará. Não há nada pior do que um ministério que não corre riscos! Ao ler a Bíblia, e o Antigo Testamento em particular, você verá Deus pedindo a seus servos para assumirem riscos ultrajantes para, em seguida, protegê-los e impulsioná-los a vitórias inacreditáveis, a fim de mostrar o seu poder e recompensar a fé. Deus não age da mesma maneira que agimos. Mas é parceiro inigualável. Deixe-o desempenhar o papel que lhe cabe. O seu papel é segui-lo com confiança e consistência.



Assim como um casamento sólido está baseado na plena confiança que marido e mulher têm um no outro, uma genuína parceria com Deus também está baseada na plena confiança.

Seis anos atrás, fomos abençoados com a chegada de Sandy e Craig Kinart. Eram membros da igreja de papai em Phoenix, onde serviam ativamente no ministério de rua. Hoje, são líderes em tempo integral em nosso trabalho. Servem como pais que recebem em casa crianças para cuidar no programa de discipulado de homens e supervisionam o ministério de distribuição de roupas. Vieram originalmente até nós como que emprestados para nos ajudar durante a enchente resultante do furacão Katrina. Depois de passar algumas semanas ajudando, sentiram que este era o lugar para o qual foram feitos para estar. Mas seu envolvimento no Centro dos Sonhos foi coordenado através de sua parceria com Deus na realização da sua causa. Sandy se maravilha com o modo como Deus trabalha em suas vidas:

Pouco antes de virmos para cá, Deus colocou em nosso coração o dever de deixar o emprego, vender a casa e entrar no ministério em tempo integral. Parecia um grande passo, então fiz um jejum de vinte e um dias. Não contei a ninguém, exceto para Craig. E Deus disse: “Simplifiquem a sua vida”. Fiquei imaginando o quanto mais simples nossa vida poderia ser. Naquela época trazíamos moradores de rua em nossa casa para morar conosco. Então as coisas começaram a ficar mais claras. Em vez de ter vendas de garagem, comecei a dar tudo. Depois disso, a mensagem foi: “Quero que vocês confiem em mim. Quero que saiam dos seus empregos”.

Eu disse que sentia que Deus nos mandava vender a casa e viver no local onde servimos, para que pudéssemos estar no meio do trabalho. Procuramos contornar a situação. Craig sugeriu que eu pedisse a conta, mas acrescentou que ele ficaria empregado por medida de segurança. Enquanto isso, fui em frente e pedi a conta. Em seguida, o Senhor moveu Craig, que disse:

— Você está certa. Vamos vender a casa também. Vi você seguir a direção de Deus, e fiquei me sentindo excluído. Deus me disse que a única pessoa que me detinha era eu mesmo. Então, deixei o emprego também.

Alguns de nossos amigos ficaram preocupados com isso. Disseram que devíamos alugar a casa, apenas por precaução. Falei:

— Como assim? Se queremos confiar em Deus, o fracasso não é opção. Se vendermos tudo, formos embora e fizermos o que Ele está nos chamando para fazer, é responsabilidade dEle cuidar de nós. Enquanto estivermos andando com integridade e fazendo o que devemos fazer, não precisamos nos preocupar com isso.

Por isso, não nos preocupamos. Temos materialmente menos do que já tivemos na vida. Estou na casa dos cinquenta, mas este é o momento mais agradável que já tive em minha vida. Meus filhos não entendem. Acham que somos loucos. Mas este é o lugar onde Deus quer que estejamos, e Ele tem cuidado de nós a cada passo no caminho. Faz quase seis anos que estamos aqui, e amamos o que estamos fazendo. Mas uma coisa é certa: não conseguiríamos fazer se não fôssemos capacitados pelo Espírito Santo. Ele nos orienta e nos conduz. Ele nos dá o discernimento e a sabedoria nas decisões que tomamos. Isso é fundamental, porque tomamos decisões de vida ou morte no nosso trabalho. Temos que sempre ter a certeza de que o nosso relacionamento com Deus é bom. Sem isso, estaríamos arruinados.

Sua equipe será composta por dois tipos de parceiros: outras pessoas que adotam a mesma causa que você, e o Deus que lhe deu a causa. A equipe que não tem nenhum desses parceiros é uma equipe que ainda não está pronta para trabalhar em equipe.

O QUE APRENDI

Se você pode realizar o seu sonho sem parcerias, o seu sonho não é suficientemente grande.

Se a sua causa é maior do que o seu relacionamento com Deus, então você não alcançará todo o potencial da causa.

Quando não importa quem recebe o crédito, você e sua equipe po-dem realizar coisas incríveis.

O tempo de Deus é o tempo certo. Não fique preso ao seu crono-grama das coisas.

O investimento em seu relacionamento com Deus é o melhor inves-timento que você pode fazer na realização da sua causa.

Capítulo 10

A HORA CERTA DE DESISTIR

VOCÊ SABE QUAL É a palavra mais comum que usará quando estiver realizando a causa que está dentro de você?

Desisto.

Alguns anos atrás, o Centro dos Sonhos organizou um evento de arrecadação de fundos no qual eu fazia lances livres de basquetebol no nosso ginásio de esportes. Como a corrida de papai pelo deserto, as pessoas prometeram certa quantia de dinheiro com base no número de lances livres que eu encestava dentro de um período de vinte e quatro horas. Gosto muito de basquetebol e costumo jogar competitivamente. Por isso, imaginei que seria uma aventura agradável, bem como lucrativa.

Encestei lances livres após lances livres durante horas. No momento em que encestara mais de cinco mil lances livres, meu pulso e ombro direito se entregaram. O corpo humano não foi feito para esse tipo de desgaste excessivo, mas eu estava determinado a continuar encestando lances livres enquanto não se completasse o tempo aprazado. Restavam ainda cerca de seis horas, que representavam potencialmente milhares de dólares para o Centro dos Sonhos. Por isso, recusei-me a desistir.

Observando-me de longe, um dos nossos doadores pensou que eu estivesse cansado e ia desistir. Não tinha como saber das minhas lesões e dores que eu estava sentindo. Com a intenção de me incentivar a continuar, ligou-me no celular. Fiz breve pausa para atender e o ouviu dizer as palavras mágicas:

— Pastor, estou aumentando o valor prometido. Deste ponto em diante, cada lance livre que você encestar vale quinhentos dólares.

Pedi que repetisse o que pensei que tinha dito. Agradeci-lhe profusamente, desliguei e comecei a chorar.

Naquele momento eu não conseguia levantar o braço e meu pulso estava inchado e latejante. Depois de encestar mais de cinco mil lances livres, não acho que alguém teria pensado menos de mim se eu desistisse. Ademais, se não mostrassem a devida preocupação, eu poderia conseguir uma munhequeira e uma tipoia para extorquir o voto de simpatia e salvar a cara!

Mas no meio do meu joguinho de pena instantânea, comecei a pensar no valor prometido: Quinhentos dólares por cada lance livre convertido! Puxa, eu poderia chegar ao nível de pagamento da NBA em poucas horas se conseguisse levantar o braço e mover o pulso. Fiquei ali implorando a Deus sobre o que fazer. Sabia que não poderia continuar do jeito que estava.

Um minuto depois, enquanto explicava a Deus a razão por que eu não podia me aproveitar desse momento, Ele me fez entender que o acovardamento não era opção. O aumento da doação fornecia o sustento pelo qual eu orava. Não era o momento de encerrar o combate. A coragem e determinação eram grandes, mas eu estava em agonia crescente. Disse a Deus que se Ele estava tão decidido que eu continuasse essa batalha já não me dizia respeito. Cabia a Ele resolver o impasse de alguma forma. Lembrei-lhe, como se precisasse ser lembrado, de que eu estava fazendo isso em benefício das pessoas que ele amava e me chamara para servir; as pessoas que aprendi a amar. “Se é o que queres que eu faça, Senhor, toca o meu corpo e faze acontecer.”

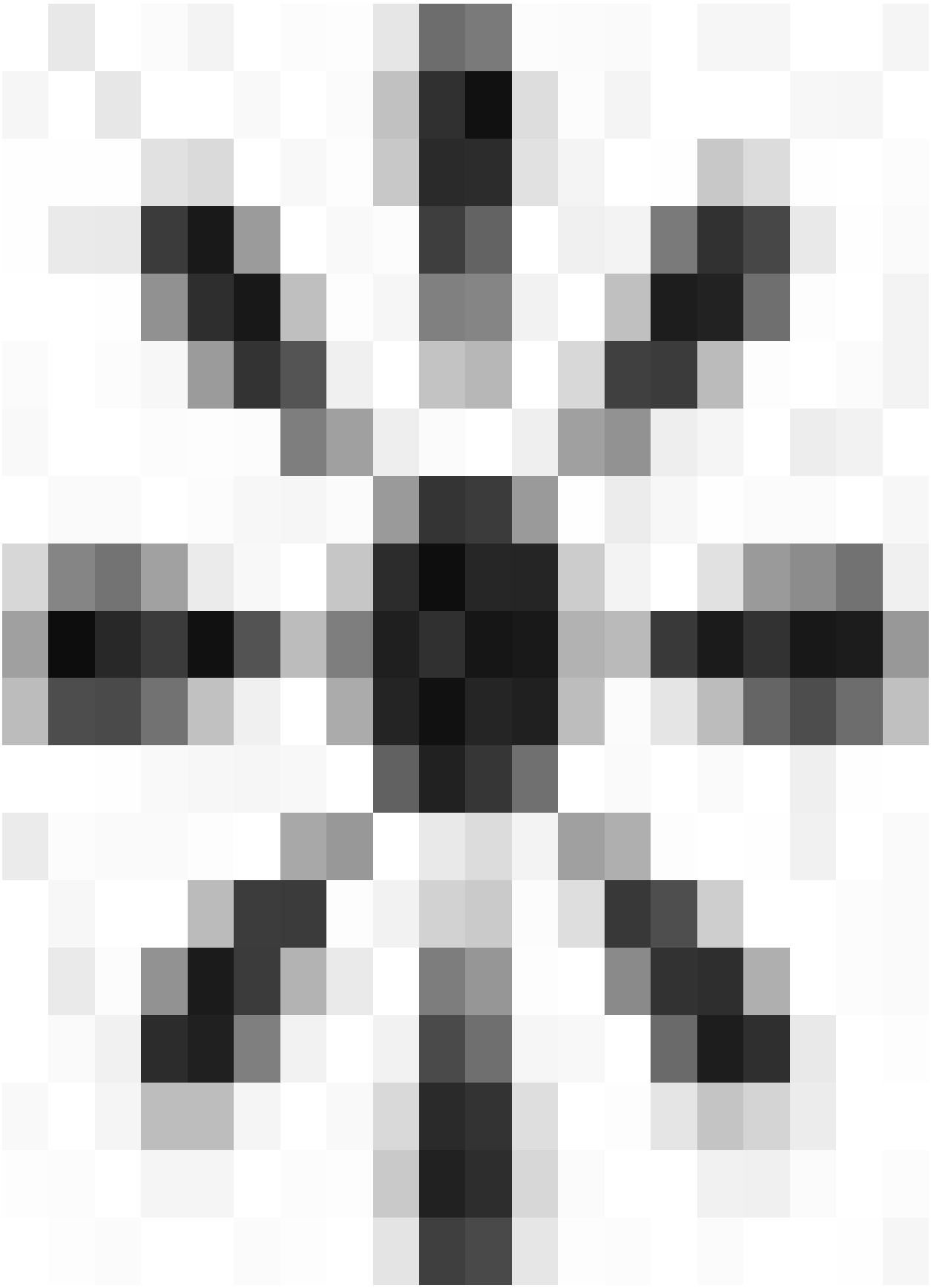
Se já senti vontade de desistir? Não tenho dedos das mãos e dos pés para contar as vezes.

Retornei bravamente à linha de lances livres, esperando um milagre. Depois de quicar a bola algumas vezes, alinhei-me e lancei-a em direção à cesta. No momento em que a bola saiu da minha mão, girando instavelmente para fora da borda da tabela, à direita do aro da cesta, uma tempestade de dor percorreu o lado direito do meu corpo e explodiu em meu cérebro. Eu estava pegando fogo por dentro. Devo ter soltado um grito de dor, transportado para outro mundo, um mundo não sei. Fui subitamente transportado para outro mundo, um mundo de tortura e agonia.

Apesar de todas as verdades sublimes que temos considerado a respeito da bênção de ser uma bênção, a dura realidade é que viver para a sua causa é uma tarefa muito difícil. Às vezes, fornece prazer acima do esperado. Às vezes, será extremamente doloroso. Causar impacto exige perseverança, e é o que torna a desistência tão atraente. Você chega a um estágio na jornada em que já teve o suficiente, por inumeráveis razões, e está pronto a dizer que é um jogo.

Se já senti vontade de desistir? Não tenho dedos das mãos e dos pés para contar as vezes. A reação de papai a esses momentos de fraqueza é útil: “Não é errado pensar em desistir. Errado é desistir”. Tendo pensado em desistir sem ter feito tudo que devia fazer, posso afirmar com certeza que vale a pena você empenhar-se para realizar todo o potencial da sua causa, mesmo que às vezes seja uma barra fazê-lo.

Ao que parece, há dois tipos de situações que nos dão vontade de desistir. O primeiro são tarefas que fazemos que são importantes para a continuação da causa. O segundo tipo são situações que nos levam à beira de deixar a causa por completo. Vamos explorar esses dois tipos separadamente.



Quando eu era criança, meus pais tinham todos os tipos de expressões para moldar o pensamento sobre escolhas e comportamentos. Uma dessas expressões que parecia tão boba era: “Quem desiste nunca vence, e quem vence nunca desiste”. Soa tão simplista e infantil. Mas o maior problema com esse ditado é que é verdade.

Ao longo do caminho na realização da sua causa, você encontrará mais do que alguns daqueles dias. Sabe o que quero dizer por “aqueles dias”? Aqueles dias em que tudo parece dar errado, quando todos os seus colegas desapontam você, quando as pessoas que está tentando servir mostramlhe desprezo e desdém, quando está fisicamente extenuado e não tem forças para continuar progredindo, quando uma bolinha de neve vira um problema gigantesco, quando falta um simples recurso que promoveria um enorme avanço, quando alguém importante interpreta você de modo incorreto e, por causa disso, cancela dias de trabalho árduo e delicado. Quando dias como esses surgem inesperadamente, você sequer lembra por que, lá no início, pensou que esta causa era uma grande ideia. Tenho tido minha cota desses dias.

Quando esses dias ocorrem, você precisa dar um passo para trás, respirar fundo e relaxar. Desistir não resolve o problema. Tudo faz parte das provações que passamos que nos preparam ou nos desqualificam para maiores desafios e avanços que estão no horizonte. Lembre-se, você está realizando a causa dentro de você como parte de uma equipe. Durante esses momentos, convoque a equipe para reunir os recursos que precisa para manter o movimento para frente. Seu supremo companheiro de equipe, Deus, certamente terá a resposta que precisa; talvez não a que deseja, mas a que precisa.

Para ser honesto, quando eu estava na linha de lance livre na noite do arrecadamento de fundos, com a dor percorrendo-me o braço e o pulso, mesmo depois de orar por alívio, eu estava muito aborrecido com Deus. Senti como se estivesse jogando toda precaução médica ao vento. Estava fazendo a minha parte, mas onde estava Deus? Quase sem demonstrar determinação e raiva, disse-lhe que pretendia continuar encestando os lances livres, e o que quer que acontecesse era com Ele. Lancei outra bola à cesta e dores ardentes me percorreram o corpo.

Fiquei muito chateado. Não estava a fim de desistir. Fiz algumas abordagens

criativas. Ensaiei alguns lances com a mão esquerda. Tentei encestar, quicando bola à rede. Tentei encestar, esmurrando a bola com a mão esquerda. Lembrando dos meus tempos de futebol, tentei encestar, cabeceando algumas bolas ao aro de ferro.

Então, a coisa mais incrível aconteceu. Peguei a bola e a lancei com a mão direita. Foi menos doloroso do que antes. Lancei outra vez. Foi menos doloroso do que o lançamento anterior. Repetidamente, lancei a bola em direção ao aro, dando um peteleco na bola para que viajasse em um arco alto em direção à cesta, dobrando meu pulso inchado, mas agora sem dor. Os lances livres começaram a encestar. Impressionado, fui pegando rapidamente uma bola atrás da outra que estava no rack e lancei em direção ao aro. Záz! Záz! Záz! Onde estavam os olheiros da NBA quando eu precisava deles?

Delirava de emoção. Cesta! Cesta! Cesta! Cesta! Eu era como uma metralhadora, encestando os lances livres. Olhando para o lado, fora da quadra, vi o doador assistindo. Estava rindo. Falei com ele mais tarde e disse que eu era como um trem de carga em disparada, imparável.

— Inacreditável — disse ele, rindo. — Pensei que você ia me levar à falência.

Fiz bom proveito das seis horas finais. Até mesmo os meninos e meninas que recuperavam as bolas para mim estavam fascinados. Um pregador que acompanhava o evento, vendo tudo acontecer pessoalmente, disse mais tarde:

— Você estava arrebatado. Absolutamente concentrado. Gostaria de ter filmado esse desempenho. Ninguém acreditaria.

Foi a primeira vez que experimentei um milagre em meu corpo. Já lia respeito. Já orei por cura milagrosa para os outros. Já preguei sobre o poder de cura de Deus. Contudo, estava impressionado pela transformação física. Já não me sentindo exaurido ou preocupado com minha saúde em longo prazo, fiquei na linha de lances livres, encestando lances livres após lances livres, milagrosamente livre de dor.

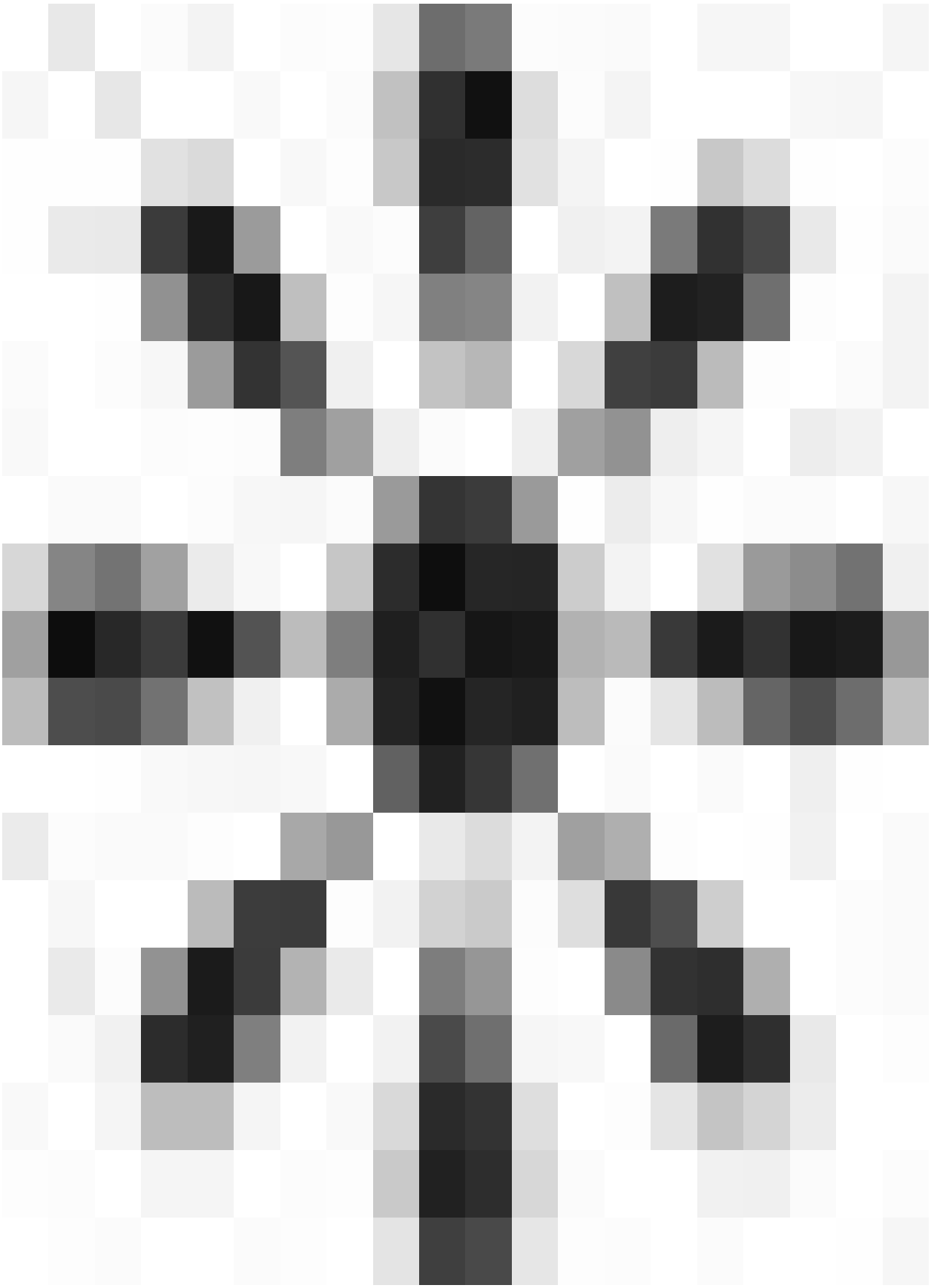
Se você estiver trabalhando no poder e autoridade de Deus, realizando a causa dEle para os propósitos dEle, então tem de

confiar que Ele fará você superar as dificuldades.

Houve milagres naquele dia: não só a cura física, mas também o aumento do valor prometido por nosso doador. Quando tudo acabou, encontrei-me com ele. Brincando (espero), disse que se sentiu como se tivesse sido enganado por um vigarista. Então, preencheu um cheque de 1,3 milhão de dólares. Devolvi-lhe o cheque, dizendo que não precisava. Ninguém poderia ter sabido que teria subido a tanto. Mas ele disse que queria cumprir a palavra. No geral, esse evento maluco levantou dois milhões de dólares para o Centro dos Sonhos.

O mais importante, Deus me ensinou lições duradouras naquele dia. Talvez a mais importante foi o quanto é necessário avançar nos momentos de dúvida e dor. Durante esses tempos de dificuldade, Deus tem milagres reservados para você, quer sejam corporais quer circunstanciais.

Foi uma experiência extraordinária que emerge de um acontecimento comum. É por isso que você não pode desistir, nunca. Se você estiver trabalhando no poder e autoridade de Deus, realizando a causa dEle para os propósitos dEle, então tem de confiar que Ele fará você superar as dificuldades.



Se você está enfrentando uma tarefa aparentemente impossível, ou está apenas estupefato pela magnitude ou constância da causa em si, há alguns princípios fundamentais que podem ajudá-lo a avançar nos tempos difíceis.

O que me permitiu perseverar mais e mais é a noção de dar à causa mais um dia. Ocasionalmente, minha equipe me vê voltar ao escritório, sentindo-me espancado e ferido pelas realidades da causa depois de um dia longo e contundente, só para me ouvirem dizer: “Darei mais um dia para a causa”. Nesse momento, é tudo que sinto que me resta: vale mais um dia de energia, confiança, habilidade e interesse. As provações da causa por vezes apagam o brilho dos meus olhos. Mas volto no dia seguinte e percebo que posso lidar com isso.

Um exemplo do episódio de “mais um dia” ocorreu anos atrás, quando fui convidado a falar na Universidade Oral Roberts, em Tulsa. Fazia pouco tempo que havíamos comprado o hospital, e eu já estava sentindo a pressão dos pagamentos vencendo e de todo o trabalho que precisava ser feito para converter a ruína de quinze andares em um reduto ministerial viável. No voo de Los Angeles a Tulsa entreguei a Deus minha demissão. Disse-lhe que era o fim. Percebi que eu não ia conseguir e, quando voltasse para casa, entregaria minha carta de demissão formal à igreja e me retiraria do ministério. Lembro-me de temer estar entrando para a história como o mais jovem pastor da história ministerial a aposentar-se. Na época, tinha apenas vinte e três anos.

Meu consolo era que, pregando na Universidade Oral Roberts, eu sairia em grande estilo. Antes de chegar a Oklahoma, já tinha desistido. Em minha mente, a renúncia era algo decidido. Quando cheguei a Tulsa, dei entrada no meu quarto no Hilton, que ficava do outro lado da rua do centro da Universidade Oral Roberts, onde eu estava agendado para pregar. Nostalgicamente, percebi que este seria meu canto do cisne, meu último sermão. Mentalmente, já tinha fechado a conta e saído do hotel. Minha carreira como pastor, pregador, líder cristão foi tão boa enquanto durou. Tinha apenas esta obrigação restante a cuidar. Para acalmar a culpa, fiquei tentando me convencer de que eu não estava desistindo, mas que a causa era grande demais para mim. Foi realmente muito sábio de minha parte bater em retirada antes de bagunçar as coisas para Deus.

No Hilton, entreguei a bagagem ao carregador, e fomos em direção ao meu quarto. Era um afro-americano de meia idade, um dos homens mais bonitos que

já vi na vida. Perguntou como eu estava. Menti e disse que estava bem. Como ação reflexa, perguntei como ele estava. Abriu um grande sorriso e disse:

— Sou abençoado. Estou muito bem.

Quando entramos no elevador, perguntou-me porque eu estava em Tulsa. Por mais agradável que ele fosse, não estava com disposição para falar sobre o meu último ato ministerial, de modo que mencionei vagamente que iria pregar no outro lado da rua. Olhou para mim com novo interesse e ânimo.

— Então você é Matthew Barnett?

O reconhecimento me assustou.

— Como sabe disso?

Pensei que talvez o Senhor tivesse falado com ele. Respondeu:

— Seu nome está no cartaz do outro lado da rua.

Ri. Há dias em que não fazemos a menor ideia de nada.

Continuou a conversa. Depois de alguns momentos, perguntou:

— Você se importaria se eu lhe contasse meu testemunho?

Não era o que eu queria no meio da minha festa de comiseração. Mas não querendo desrespeitá-lo, disse-lhe que fosse em frente e contasse. Para minha surpresa, sorriu e apertou o interruptor de emergência para parar o elevador entre dois andares. Contou, então, a sua história.

— Eu era sem-teto, vivia nas ruas e estava longe de Deus — começou. — Estava deprimido e me drogava. Estava praticamente à espera da morte, porque eu era viciado em heroína. Certo dia, um grupo de pessoas apareceu, vindo de um lugar chamado Centro dos Sonhos de Tulsa. Pastor, já ouviu falar de um lugar chamado Centro dos Sonhos?

Não queria lhe dizer que Deus me usara para iniciar todos os Centros dos Sonhos que foram surgindo em todo o país e que eu era o pastor do principal centro em Los Angeles. Grunhi algo e pedi-lhe que me falasse a respeito.

— Vieram e me resgataram. Importaram-se comigo e ajudaram-me a refazer a vida. Restauraram a minha vida e, depois, cuidaram dela. Hoje, tenho esse trabalho, sou abençoado e minha vida é ir em frente.

E ficou ali com um enorme sorriso no rosto. Continuei ali com uma má atitude e um olhar de culpa. Justamente quando me convencera de que ninguém apreciava o meu sonho e que tudo se levantava e caía sobre os meus pequenos ombros, este homem misterioso entrou em minha vida há cerca de dois mil e quatrocentos quilômetros de casa e testemunhou sobre como o Centro dos Sonhos lhe salvara a vida e agora as coisas eram animadoras.

Assim que pôs o elevador em movimento, chegamos ao meu andar e empurrou o carrinho de bagagem para o meu quarto. Conduziu-me para dentro e, depois de retirar minhas malas do carrinho, destacou as características do quarto. Foi então que a estranheza passou para outro nível. Ficou me olhando por alguns segundos e disse:

— Pastor, percebo que você tem um olhar um pouco cansado. Você se importaria se eu orasse por você?

Ainda estava me recuperando do testemunho no elevador, mas como poderia dizer: “Não, obrigado”, para alguém que acabara de me contar uma bela história de determinismo como essa? Concordei, fui até uma das cadeiras do quarto e me sentei. Ele disse:

— Vou orar por você agora.

E antes que eu percebesse, tirou do bolso o maior vidro de óleo de unção que já vi na vida. Abriu o vidro e começou a andar em volta de mim, orando em voz alta e passando óleo na minha cabeça a cada volta ao redor da cadeira. Orava coisas como: “Agora você é homem Espírito Santo de Deus. Isso mesmo. Você é homem de Deus! Deus tem grandes coisas para a sua vida”. E o tempo todo em que orava por mim, andava em volta da minha cadeira e passava óleo na minha testa. Mas enquanto fazia, senti como se estivesse bombeando vida em mim. Em certo momento, parou em frente de mim, olhou-me nos olhos e perguntou:

— Você quer o dobro da unção, pastor? — Não consegui sequer formar palavras para responder. Chorei de emoção e balancei a cabeça afirmativamente. Continuou orando mais um pouco e depois perguntou se eu queria o triplo da unção. Ainda que nunca tivesse ouvido falar e tinha certeza de que não constava

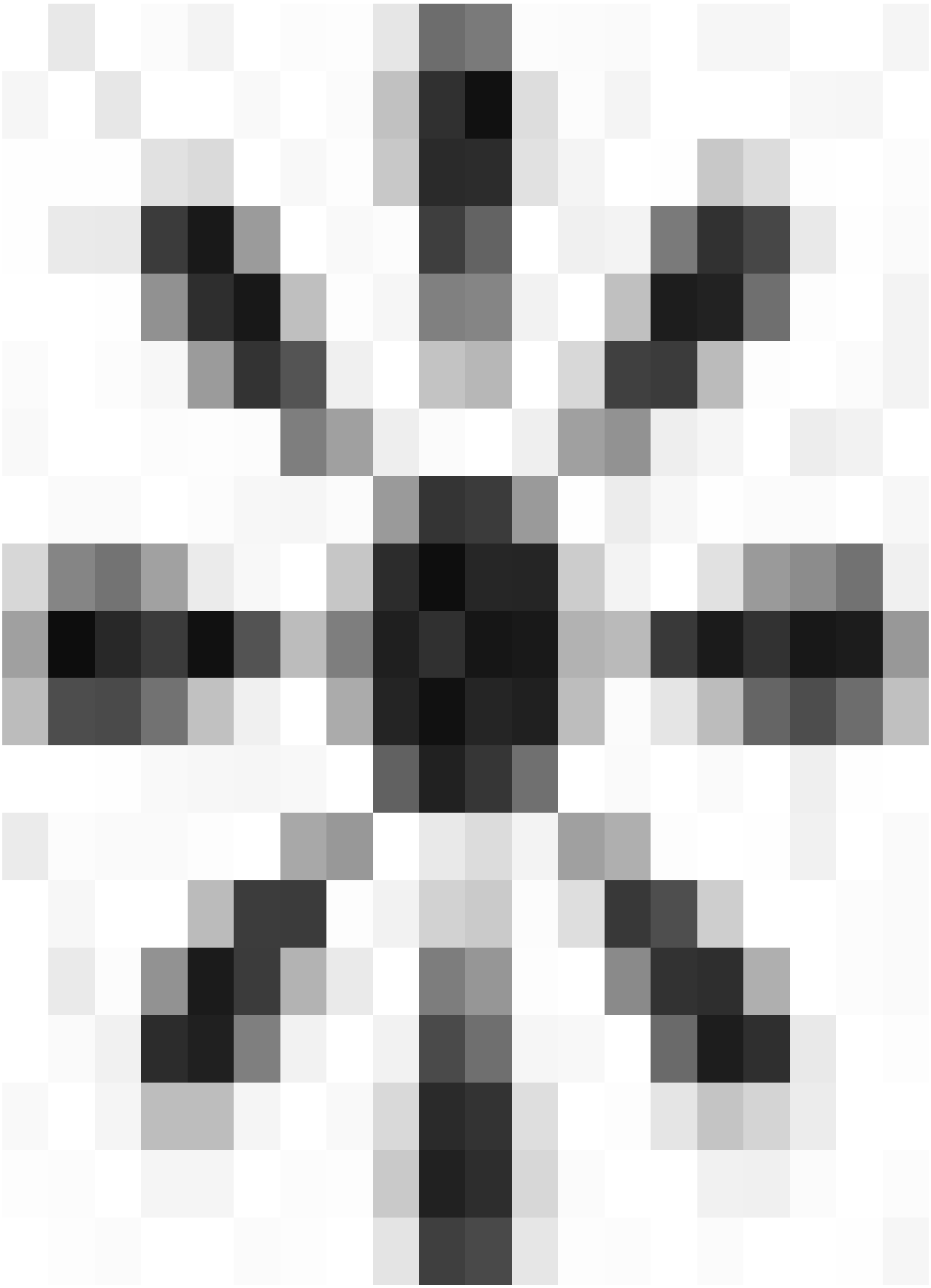
na Bíblia, respondi que me parecia bom.

Concluiu a oração ungindo-me com mais óleo e me perguntando se eu queria tudo. A essa altura, eu estava me sentindo vibrante outra vez. Respondi-lhe que, claro, queria tudo o que Deus tinha para mim. Foi como uma injeção de ânimo e vitalidade, pois ambos estávamos ficando bastante empolgados. Assim, estávamos nós naquele quarto no Hilton, celebrando e louvando a Deus. Finalmente, terminou. Saiu do quarto, enquanto fui ao banheiro para limpar o excesso de óleo. Poucos minutos depois, ouvi uma batida na porta. Abri. Era o carregador.

— Oi, pastor, fiquei tão ocupado orando que esqueci de receber minha gorjeta.

A experiência me ensinou lições importantes. Há vida depois da desistência! Você pode ficar pouco inspirado, mas o sonho não morre. O chamado permanece firme. Sua tarefa de dar esperança e vida nova às pessoas não terminou. Só termina quando Deus diz que termina.

No decorrer dos anos, tenho percebido que, por vezes, somos mais duros conosco mesmos do que Deus. Aprenda a soltar-se; se dê uma folga. Você tem motivos de sobra para continuar. Afinal, Deus o chamou para a tarefa. Você não está liberado até que ele libere você. Um dia ruim, uma semana ruim ou mesmo um mês ruim é o preço que pagamos pelo privilégio de fazer as coisas que mudam o mundo. Claro que não é fácil. A Bíblia está cheia de exemplos de grandes homens e mulheres que sofreram para servir a Deus. Passaram pelo fogo purificador do sofrimento, e depois alcançaram o reconhecimento eterno porque perseveraram. O apóstolo Paulo, que sabe melhor do que ninguém sobre trabalhar em meio a provações e tribulações, fala que as dificuldades enfrentadas ao longo do caminho nos ajudam a desenvolver paciência, o que nos fortalece o caráter e nos constrói esperança interior.[15] Se você aprender as lições desses momentos de decepção e desânimo, será mais eficaz por causa deles.



Um dos mais importantes insights sobre perseverança é que a pressão para desistir ocorre, muitas vezes, pouco antes de um grande avanço. Esse avanço pode ser um passo importante para a causa. Pode ser uma mudança radical na vida de alguém que não tinha esperança. Na minha experiência, a mais forte insistência em desistir sempre ocorreu justamente antes de algo extraordinário e inesperado acontecer.

Anteriormente, descrevi a compra do prédio do Hospital Rainha dos Anjos por 3,9 milhões de dólares. Foi uma pechincha, excelente oportunidade de compra. Só que não tínhamos nem dez por cento desse montante. Mas logo de cara, Deus abençoou e trouxe doadores importantes para nos dar enormes presentes financeiros, que nos permitiram pagar pelo prédio sem ficar com dívidas.

Mas como eu estava prestes a descobrir, ser proprietário de imóvel não é tão fácil quanto parece. Lembre-se de que eu estava em meus vinte anos e nunca tinha possuído outra coisa senão um carro usado barato. Logo descobri que os custos de manutenção mensais para o campus excediam em muito nossas expectativas. Ministramos para os pobres. Mesmo que triplicassem os dízimos, eu estaria endividado num piscar de olhos. Nossa igreja também não tem um fundo de construção com dinheiro reservado. Quando levantamos dinheiro, gastamos, porque os fundos foram providos para ajudar os necessitados, e recebemos um fluxo interminável de tais indivíduos. Mas porque confiamos em Deus que proverá o dinheiro e de todo o coração cremos que esta é sua provisão para influenciarmos mais pessoas, nos esforçamos ao máximo pela reforma do edifício do hospital, assim como dos outros oito prédios do campus de 90.000 m².

Deixe-me dizer que ninguém jamais teve o mais profundo arrependimento de compra do que eu nas semanas seguintes ao fechamento da venda. Quando papai e eu percorremos o hospital pela primeira vez e cada vez que andávamos pelos corredores até ao fechamento do negócio, tudo que eu via era o potencial de mudança de vida. Assim que compramos o prédio, tudo que eu via era uma desordem aterrorizante de 120.000 m2, que representava o maior erro cometido na história da humanidade. Em vez de o potencial de mudança de vida, vi uma montanha de dívida, uma quantia mensal intransponível a levantar, anos de reconstrução necessários para tornar o edifício habitável e incontáveis horas de discussões com o município sobre normas de construção. Tinha certeza de que

assinara um contrato para o maior laço que jamais fora posto em volta do pescoço de um homem. A cada noite sentia que a corda ficava um pouco mais apertada.

Enquanto estava deitado na cama, certa noite, sem poder dormir por causa da monstruosidade que eu acabara de comprar, a pressão era tão intensa que senti como se o Diabo estivesse deitado ao meu lado na cama. Sussurrava, direto no meu ouvido, coisas como: “Você é um fracassado”, e: “Este monumento que você comprou vai levá-lo à ruína”. “Será o alvo de chacota do mundo ministerial, Matthew Barnett. Será negativamente lembrado por um longo e infindável tempo”. Era como se duzentos quilos estivessem em cima de mim, e o peso da situação estivesse espremendo a vida para fora de mim.

Mais tarde, naquela mesma semana, entrei no prédio novamente e examinei o papel de parede descolando, os pisos quebrados, os buracos nas paredes e as luminárias penduradas, e senti o vento que entrava pelas janelas quebradas. Fui ao canto mais próximo da sala, caí no chão com as costas contra a parede, coloquei a cabeça nas mãos e me balancei para trás e para frente com os olhos fechados. “O que foi que eu fiz? No que eu estava pensando?” Esses pensamentos ficaram se repetindo em minha cabeça. Soltei todas as emoções reprimidas e perdi o controle. Eu possuía o edifício, mas a dúvida e o medo me possuíam.

Deus me encontrou naquele canto. Fez-me sentir que cada coisa estaria bem se eu confiasse nEle e desse o primeiro e pequeno passo na direção de usar os recursos e fazer o que tinha de ser feito para tornar este lugar um local que curaria vidas quebradas. Papai e eu tínhamos orado por horas buscando a orientação de Deus antes de fechar o negócio. Sentíamos que Ele estava conosco nessa empreitada. Víamos o edifício como meio de tocar a vida das pessoas com amor e esperança. Nada havia mudado, exceto o meu coração. O coração pode nos enganar e frequentemente engana. Era o que estava acontecendo naquele momento. Deus estava me corrigindo. Tudo o que eu tinha de fazer era confiar nEle, manter-me firme ao grande sonho e dar os primeiros e pequenos passos à frente.

Recordando as palavras de Deus para mim algumas noites antes, respirei fundo e andei até ao perímetro do campus. Parava a cada poucos metros e olhava panoramicamente a propriedade de um novo ângulo. Cada vez mais eu me forçava a dizer: “Olhe para este complexo de edifícios. Imagine todas as coisas

que Deus fará aqui. Pense em quantas pessoas terão a vida curada pelo amor de Deus bem aqui, no centro de Los Angeles. Que bem Los Angeles tem feito nos últimos anos? Pois a partir de agora, coisas boas sairão deste lugar". À medida que minha confiança crescia, senti a renovada paixão que fora destruída pelo medo. Lembreime dos primeiros milagres que Deus realizara para nos ajudar a adquirir o edifício. Com certeza, esta não era uma piada sobrenatural. Deus estava no negócio de curar vidas, e me chamou para fazer isso com Ele. Ele era sério. Eu também precisava ser.

Como ato inicial de confiança, tornamos o primeiro andar habitável e, logo depois, mudamos trinta e cinco pessoas. Não foi fácil. A primeira vez que ligaram a água, os canos estouraram e o chão ficou inundado. Tive outra crise de choro. Não muito tempo depois, fizemos um cálculo aproximado de quanto custaria instalar extintores de incêndio por todo o edifício de acordo com as normas municipais. Quase tive um ataque cardíaco.

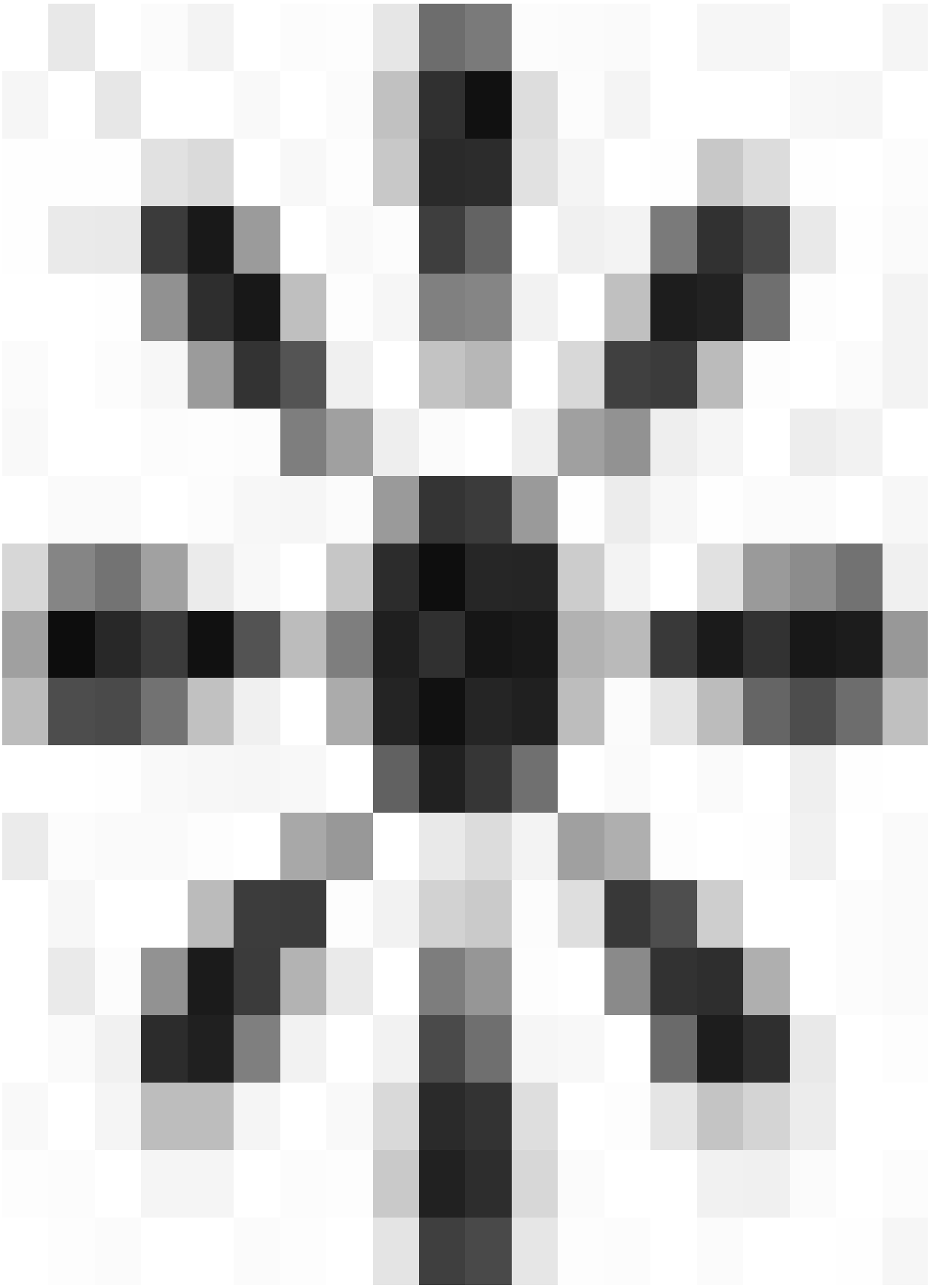
Nesse meio tempo, estávamos reformando os outros oito edifícios que faziam parte do campus. Quando os recebemos, não estavam exatamente prontos para uma matéria de capa da revista Architectural Digest, especializada em design de interior, arquitetura e paisagismo. Em algum ponto ao longo do caminho pensei em mudar o nome do Centro dos Sonhos para o Poço do Dinheiro.

Para manter o dinheiro entrando para o aspecto mais importante de nossa vida (servir às pessoas) e como ferramenta que acreditávamos que acabaria ampliando nossa capacidade de fazê-lo (reformar os edifícios), passei a aceitar toda oportunidade para pregar que eu recebesse. Entrávamos em contato com conferências e igrejas em toda parte, perguntando se me deixariam falar sobre a grande obra que Deus estava fazendo no Centro dos Sonhos. Era muito honesto sobre a situação, porque estava essencialmente pedindo para me ajudarem a lidar com esse rochedo financeiro que eu estava carregando todo dia. Oferecia-me para pagar minhas despesas e pregava de graça, se me permitissem ficar com a oferta. Estávamos desesperados. Minha certeza era que Deus faria uma grande obra por meio de todas essas coisas, mas sabia que não podia ficar sentado esperando que Ele fizesse outro milagre. Se éramos parceiros nesta causa, eu tinha de fazer a minha parte. Então fiz.

À medida que a notícia se espalhava, muitas igrejas enviavam pessoas para serem voluntárias com a gente, e muitas dessas igrejas nos davam dinheiro. Começamos a receber cheques inesperados de pastores e igrejas com quem

nunca interagimos, os quais procuravam nos incentivar. Aferramo-nos à ideia de descrever o Centro dos Sonhos como “a igreja que os Estados Unidos estão edificando”, na esperança de inspirar as pessoas em todo o país a sentir certa responsabilidade sobre o que estávamos fazendo em Los Angeles e, talvez, copiar nosso modelo em suas cidades. Igrejas começaram a nos enviar dinheiro para sustentar a missão. Grupos de jovens vieram para ficar por períodos prolongados e, quando voltavam, espalhavam a novidade e mais recursos financeiros chegavam. Eu telefonava para todos que conhecia: amigos, parentes, colegas e perguntava-lhes se poderiam dispor de cinquenta dólares, ou cem, ou mesmo dez para nos ajudar. Vinha, então, uma onda de pequenas fontes de receita gotejando que nos possibilitava progredir na reforma do prédio.

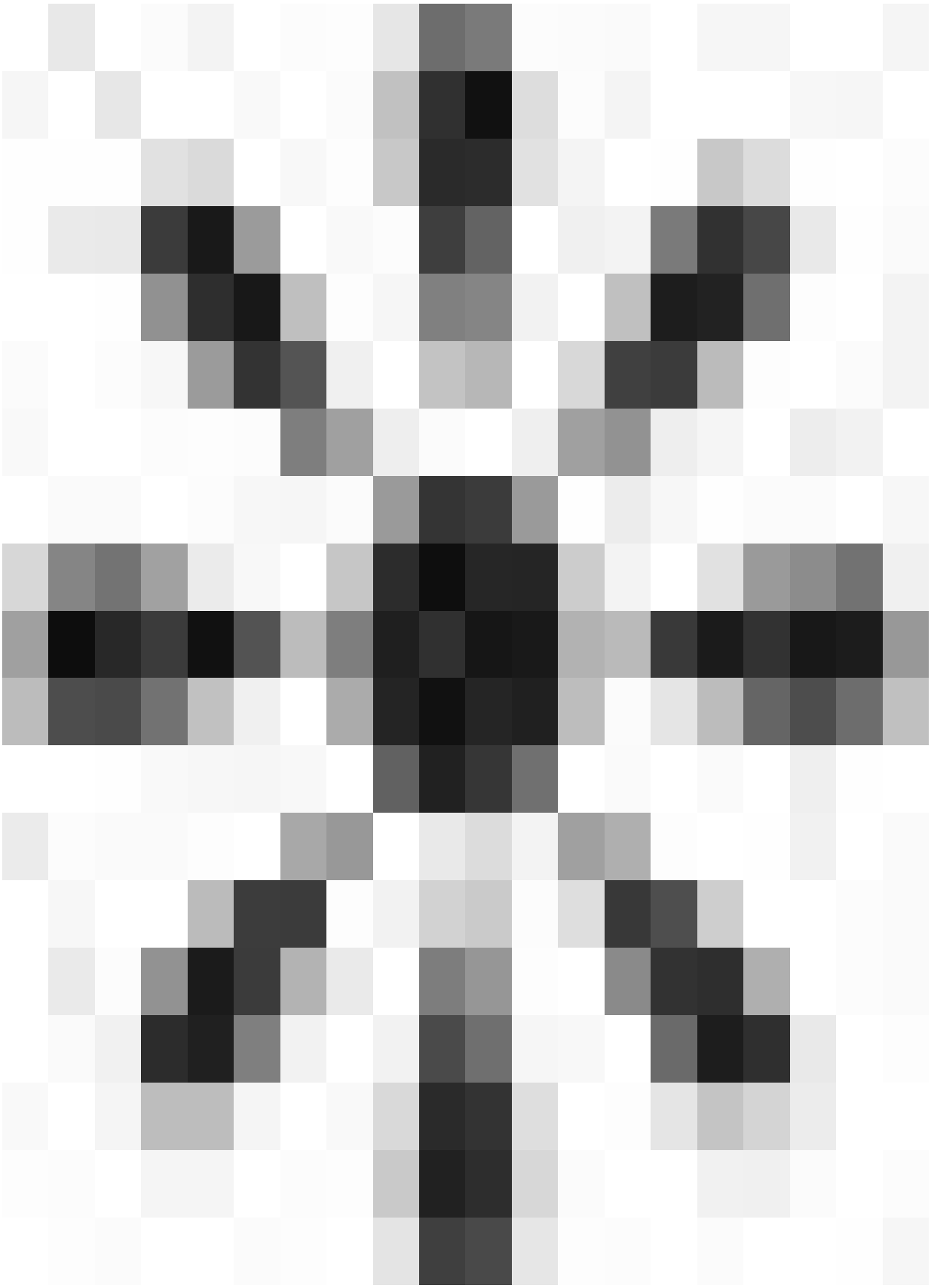
Pode ser que você sinta o desejo de desistir em qualquer um dos centenas de pontos ao longo do caminho. O Senhor sabe como desejei! Mas você tem de manter-se firme ao sonho e dar-se conta de que expandir sua influência é como escalar uma montanha: quanto mais perto do topo você chega, mais difícil é avançar. Ocasionalmente, atinge um platô, onde fica por um tempo. Não há nada de errado com isso, pois permite que você se aclimate e se reorganize para as próximas etapas. Nem sempre avançará na mesma velocidade, e haverá dias em que o melhor que você pode fazer é manter o terreno já conquistado. Quanto mais se apaixonar pelo empreendimento que está fazendo, em vez de ficar obcecado por resultados, mais agradável e produtiva a jornada será.



Meu bom amigo e colega de causa Aaron Jayne fala sobre como aprendeu a perseverar tendo alegria. Lembra-se de algumas palavras de sabedoria que meu pai nos deu quando estávamos começando, um bando de meninos que não sabia de nada na cidade grande. Alertou que, se não aprendêssemos a nos divertir e curtir o passeio, ficaríamos esgotados emocionalmente. Podemos trabalhar oitenta horas por semana por tanto tempo até perdermos a paixão e desperdiçarmos o potencial.

Além de trabalharmos horas inusitadas e enfrentarmos coisas sobre as quais nada sabíamos, procuramos ter uma vida fora da nossa causa. Isso não diminui a nossa paixão por ela Em muitos aspectos, nos manteve revigorados e avivados para permanecermos focados nela. Com certeza, nos divertimos e temos prazer em servir às pessoas. Mas servir pode ser mental, emocional, física e espiritualmente fatigante, pouco importando quanto amemos ou sejamos bons nisso.

Todo mundo tem diferentes formas de extravasar energia. Você tem de ter algo que lhe permite recuperar-se das pressões para realizar a sua causa. Há pessoas que se referem a isso como ter equilíbrio na vida. Tendemos a pensar nisso como viver a vida. Muitos incorporam o esporte como válvula de escape. No Centro dos Sonhos oferecemos uma série de atividades e competições esportivas organizadas, como softball, volei, volei de praia, basquete e outros esportes internos. Procuramos tirar vantagem das atividades de entretenimento disponíveis em toda a cidade, e temos uma série de eventos musicais em nosso campus. Fazemos viagens para os jogos dos Dodgers e Lakers. Você entendeu o princípio. Precisa de diversões saudáveis para limpar a cabeça e manter o corpo em forma para os estresses e desafios da causa.



Um pensamento final sobre como perseverar: nunca perca de vista as vitórias e experiências memoráveis que Deus lhe concede.

Vitórias? Gosto de andar pelo campus, parar alguém que não vejo há um tempo e perguntar o que Deus está fazendo em sua vida. Fico radiante quando me deparo com a adolescente que se juntou a nós como viciada em drogas pesadas, e que agora voltou a ter o brilho nos olhos quando animadamente mostra-me o braço, curado das marcas de agulha. Gosto de ouvir o testemunho do rapaz de vinte anos, que acabou nas ruas antes mesmo da adolescência. Antes envolvido na vida de gangues, hoje sonha em salvar seus colegas do crime. Penso na bela jovem que estava a caminho da autodestruição durante a adolescência, fato mantido em segredo de seus pais, só para perder a vontade de viver, assim que se tornou viciada em oxicodona. Mas agora, na fase final do nosso programa de recuperação, está no caminho certo e está apressada em contar sobre o seu sonho de ir para a África como missionária. Estou ansiosa para rever as pessoas do meu quarteirão adotado e saber como estão. Olho para o mar de rostos que conheci e aprendi a amar no Templo dos Anjos e penso em todas as pessoas que ali deram a vida para Cristo e que agora estão se dando aos outros em serviço. Observo Alena Strickland que ama as crianças mental e fisicamente deficientes e cuida delas. Sei que nesta quarta-feira e sábado, Emilio e Karina Cervantes estarão compartilhando o amor de Cristo no projeto de habitação, onde era mais provável que fossem mortos do que recebidos antes de começarem o notável trabalho que fazem.

Nunca perca de vista as vitórias e experiências memoráveis que Deus lhe concede.

Sem muito esforço, posso encher uma tarde revivendo lembrança após lembrança de pessoas cujas vidas foram tocadas e mudadas pelo Centro dos Sonhos. Não sou responsável pela reviravolta e impacto de suas vidas, mas o Senhor me deu o privilégio de ser seu parceiro no ministério de tocar vidas.

Marcos? Relembro os dias tristes que vieram depois de minha desastrada

experiência de pregação com a idade de dezesseis anos e como esse fato me impeliu para outro nível de ministério. Penso nas dificuldades de instalar-me em Los Angeles e na experiência no Parque Echo, que me quebraram e me curaram. Recordo as longas noites de preocupação com o novo campus e como Deus veio e me corrigiu. Repito mentalmente a noite que passei no submundo, onde aprendi coisas novas sobre a vida nas ruas e senti minha paixão subir a novas alturas. Penso no que Deus fez na vida de um menino apaixonado, mas nada extraordinário, morador no deserto que veio para a cidade grande ouvir e obedecer a Deus. A transformação na minha vida é de tirar o fôlego.

Quando reflito nessas vitórias e pontos de referência, o a questão não é que fiz algo grande. Não fiz. O ponto é que Deus permitiu e me convidou para fazer parceria com Ele e com muitos outros em uma jornada de proporções inimagináveis. Ele tem proporcionado resultados surpreendentes que tornam os meus ocasionais medos, dúvidas, sacrifícios e dificuldades valerem a pena. Quando toco essas lembranças, não consigo fantasiar algo melhor. Estas lembranças e a perspectiva de poder criar outras como estas por um longo tempo por vir são suficientes para animarme nos tempos difíceis.

Quais são os marcos e as vitórias que podem tirá-lo da depressão e do desespero das lutas de todos os dias? Em sua modéstia, não deixe de catalogar esses marcos na mente e no coração. O propósito de relembrá-los não é para inflar o ego. É para que não se esqueça que a causa ainda está viva dentro de você. Desistir dessa causa não é opção.

O QUE APRENDI

Você sentirá muitas vezes o desejo imperioso de desistir. Supere esse sentimento. Desistir não é opção. Sempre esteja preparado para dar mais um dia.

A vontade de desistir é mais forte pouco antes de avanços ocorrerem.

São os momentos em que é mais importante ficar focado e comprometido. Realizar uma causa é difícil. Permita-se dar uma folga ao longo do caminho; Deus se permite.

Se você acredita mesmo que está trabalhando em parceria com Deus, confie nEle.

Evite a exaustão. Trabalhe duro para buscar e realizar a sua causa, mas tenha uma vida também.

Quando estiver passando por períodos de desânimo, reveja os marcos e as vitórias que fazem com que a causa valha a pena ser realizada.

Capítulo 11

OS PRAZERES DE REALIZAR A SUA CAUSA

VIVER A VIDA SEM ter o sonho de Deus no centro não é vida. Alguém que sabe muito mais que eu é Jim Bakker, o televangelista que passou cinco anos na prisão e viu toda a sua vida, família e ministério desmoronarem em uma queda notória da fama e influência para a aflição e desespero.

Menciono Jim porque ele faz parte da família do Centro dos Sonhos. Muitos não sabem que logo depois de ser solto da prisão, foi convidado a ir à igreja de meu pai para ver a formatura do seu filho, Jamie, em um dos programas oferecidos por essa igreja. Jim estava relutante em fazer a viagem da Carolina do Norte, onde vivia uma vida simples e solitária em uma fazenda isolada, a Phoenix, onde estaria sentado no meio de uma conferência de pastores.

— Não queria envergonhar Tommy — confessou Jim. — Ele me visitava regularmente na prisão e me incentivou ao longo do caminho. A última coisa que eu queria era causar-lhe mágoa ou constrangimento. Tommy é um sonhador. Sempre me exaltava e me animava. Eu parara de sonhar. O menino dentro de mim morreu, e não havia mais sonhos. Eu não tinha nada pelo que trabalhar.

Papai convenceu Jim a fazer a viagem para ver o filho formar-se no programa. Jamie fez um discurso emocionante que levou Jim a copiosas lágrimas na parte de trás do auditório. Em uma visita que Jim fazia a Phoenix, papai conversou com ele sobre um grande hospital abandonado em Los Angeles, que ele e eu estávamos analisando para o nosso ministério. Papai mencionou que um destes dias Jim deveria acompanhá-lo até lá para conferir as coisas pessoalmente. Jim arquivou o convite mentalmente e, depois, voltou para sua vida isolada na Carolina do Norte.

Quando Deus manifesta a sua presença, não há como deter o que

Ele produz.

Algum tempo depois, um ministério de Los Angeles convidou Jim para falar a um grupo que ajuda mulheres jovens, cujas vidas estão em desordem. De alguma forma, papai ficou sabendo da viagem e convidou Jim para passar por aqui e ver o Centro dos Sonhos. Por essa época, já tínhamos comprado o hospital e estávamos expandindo nosso trabalho. Jim chegou a tempo de participar do culto noturno de quinta-feira no ginásio. Sem aviso, papai chamou Jim à plataforma e pediu para Jim ainda era um homem extremamente desesperançado, falar com o grupo. Jim ainda era um homem extremamente desesperançado, que fora devastado pelos anos degradantes na prisão e a rejeição generalizada pela igreja.

— Quando saí da prisão, eu era um homem estraçalhado. Os guardas e os outros me apelidavam a fim de me colocar para baixo e fazer com que me sentisse inútil — explicou Jim. — As palavras desagradáveis ficavam se repetindo em minha cabeça. A prisão não faz nada pela autoestima. Só ensina que não somos nada, que não temos futuro. Quando fui solto, tinha planos para nunca, nunca mais pregar. Não sabia o que faria, mas sabia que não me ocuparia com pregação.

Se o tempo que Jim passou na prisão foi tão baixo quanto o mais profundo vale, diria que o tempo em que ficou no nosso culto de meio de semana estava perto do topo da montanha. Com muita relutância, concordou em falar à nossa congregação. Foi uma daquelas noites extraordinárias que ninguém espera e ninguém planeja. Quando Deus manifesta a sua presença, não há como deter o que Ele produz. Jim se lembra:

Na prisão, eu não podia pregar. Tinha um Clube do Mestre de Cerimônias, em cujas reuniões eu participava, mas não podia falar. Toda a minha vida eu estivera comunicando, mas durante o tempo em que fiquei na prisão, não conseguia juntar as palavras. O trauma de ir para a prisão foi demais. Mas naquela noite, quando estava visitando o Centro dos Sonhos, Tommy me chamou para pregar. Quando preguei, uma unção veio sobre mim. Foi incrível. Pensei que nunca mais pregaria, mas naquela noite foi especial. A multidão estava batendo palmas de pé e dando brados de “amém”.

Estava lhes contando sobre a vida na prisão e sobre como Deus me tirou de lá. Era para eu morrer na prisão. Minha sentença era de quarenta e cinco anos. Mas saí depois de cinco anos. Olhei para a multidão no Centro dos Sonhos, e perguntei:

— Alguém de vocês já esteve na prisão?

Três quartos da multidão levantou a mão! Eu disse:

— Ah, então estou em casa. Vocês são minha gente!

Veja bem, quando se é presidiário, é como uma fraternidade à qual nos unimos. Há uma língua que aprendemos. Palavras como dawg. Eu não sabia o que era dawg. No primeiro dia de prisão, um dos presos me entregou algo para autografar e disse: “Assine assim: ‘Para o Meu RoadDawg’”. Eu não fazia ideia do que isso significava. Perguntei-lhe: “Não é um palavrão, é?” Mas no Centro dos Sonhos conheci muitos dos meus dawgs, que aprendi que significa “bom amigo”. Essa noite foi simplesmente fora de série.

O amor que Jim sentiu das pessoas reunidas naquela noite foi um passo decisivo para receber a cura que Deus queria para ele. Passou a noite com a gente e, na manhã seguinte, papai o levou para um giro pelo nosso ministério. Encontrou todos os tipos de pessoas, com todos os tipos de formação e sentiu-se à vontade. No dia anterior, Armondo o apanhara e o trouxera para o nosso campus. Aos sete anos, Armondo fizera parte de uma gangue, e hoje é o único indivíduo conhecido que deixou a Gangue da Rua 18 sem morrer de causas naturais ou por violência infligida pela gangue. Quando Armondo viu Jim no campus no dia seguinte, dirigiu-se até ele, deu-lhe um grande abraço e disse-lhe o quanto o amava. Foi o que bastou para trazer lágrimas aos olhos de Jim. Na verdade, muitas das pessoas do Centro dos Sonhos com quem topou durante o giro disseram a Jim que o amavam e o apreciavam. Ele disse que nunca se sentira tão querido e amado, um sentimento que, como a pregação, acreditara que nunca mais experimentaria na vida.

No final do giro pelas instalações do Centro dos Sonhos, Jim calmamente perguntou a papai se ele podia ficar mais um dia. Claro que o pedido foi concedido. Então, saiu e serviu às pessoas com a equipe Esperança para os Sem-Teto. No dia seguinte, pediu para passar a noite, o que fez, dando-lhe no dia

seguinte a oportunidade de servir com mais algumas equipes. Voltou para perguntar se poderia ficar mais uma noite. Ficou, e depois serviu com mais outras equipes no dia seguinte.

Uma coisa levou a outra, e Jim acabou ficando conosco por muitos meses. Liderou grupos de estudo bíblico, falou com vários grupos de pessoas em recuperação, envolveu-se no ministério de rua e participou ativamente no Adote um Quarteirão. Muito mais aconteceu durante o tempo que permaneceu no Centro dos Sonhos. Foram dias maravilhosos sobre os quais ele e a esposa têm escrito. Mas o que quero dizer é que o simples ato de servir às pessoas facilita a causa de Deus dentro de você. Se você não sabe qual é a sua causa, servir faz com que ela apareça. Se estiver realizando a sua causa, mas a vida a esmagou, servir tem o poder de reacender a chama da paixão. Talvez você pense que ela não existe ou que acabou, mas quanto mais você imitar Jesus e amar as pessoas, atendendo-lhes às necessidades, mais probabilidade terá de descobrir a causa borbulhando sobre a superfície. Foi exatamente o que aconteceu com Jim Bakker, e ainda hoje, mais de uma década depois do tempo que passou com a gente, ele está realizando apaixonadamente a causa.

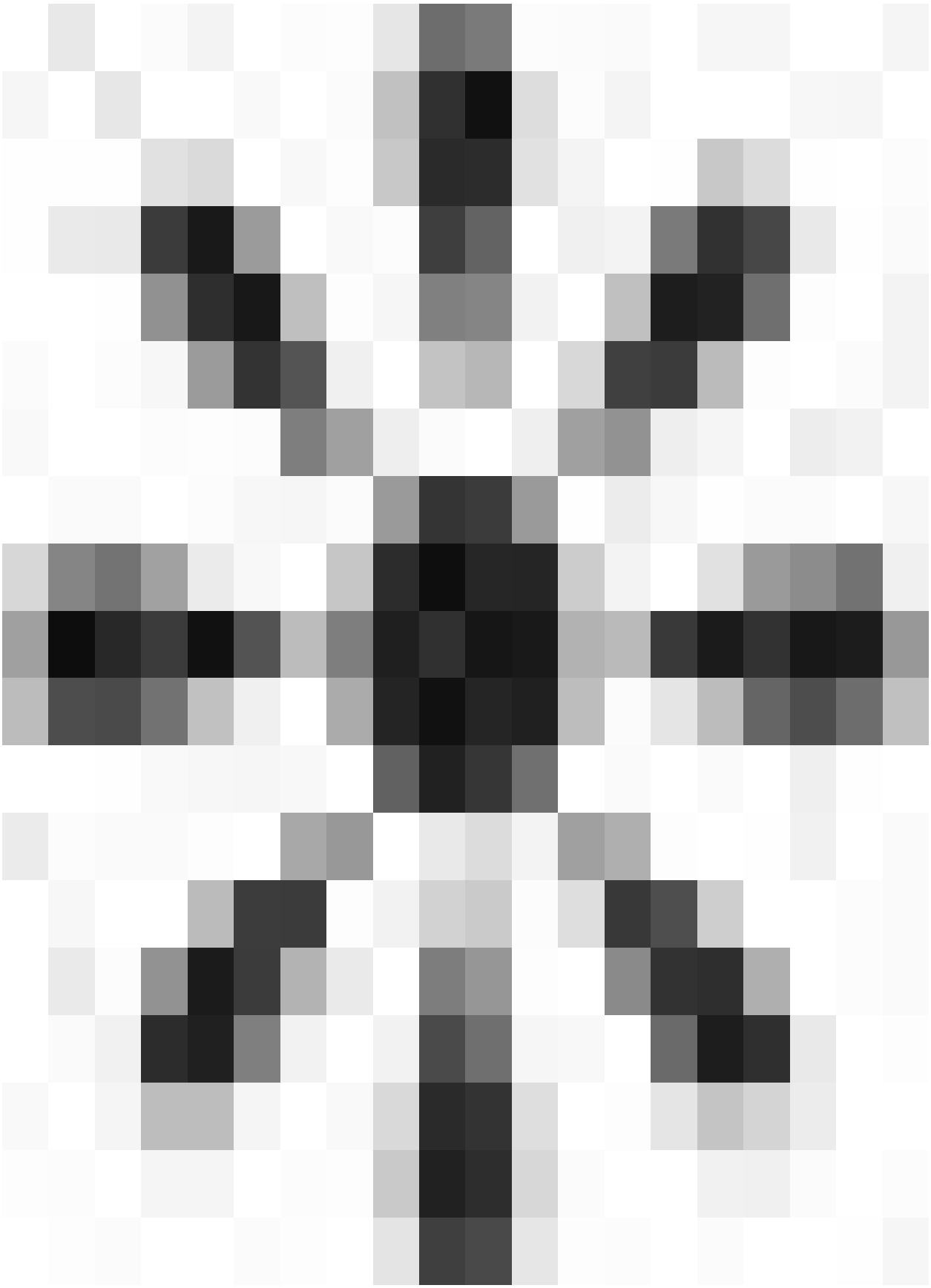
A propósito, Jim Bakker é um dos pioneiros da teledifusão cristã. Na década de 1960, deu início ao programa de entrevistas Clube 700, que Pat Robertson depois assumiu. Foi um dos fundadores do Trinity Broadcasting Network (TBN), rede de televisão cristã. Foi fundamental no lançamento de outros importantes ministérios de comunicação, além dos seus bem conhecidos programa de televisão Praise The Lord (PTL) e rede de televisão a cabo. Todos esses esforços refletem o sonho que Deus originalmente colocara no coração de Jim usando a mídia para alcançar o mundo para Cristo. Seus anos de dificuldades massacraram o sonho. Depois de ter sido amado fazendo-o voltar a servir, a causa reapareceu em sua mente e coração. Hoje, está realizando o sonho de todo o coração por meio da organização Morningside Media Masters Commission, localizada em Ozarks, Missouri, que treina os jovens a usar o poder da mídia para alcançar as novas gerações para Cristo.

Como Jim, milhares de outras pessoas experimentam o poder restaurador de uma causa. Papai certa vez fez um comentário que nunca esquecerei. Depois que o Centro dos Sonhos estava funcionando, agradeceume por eu estar realizando esse tipo de ministério. Fiquei confuso com as palavras e perguntei o que ele queria dizer.

— Estar ligado a esta causa tem adicionado anos à minha vida. Aqui estou, na casa dos sessenta, e me sinto vivo. Começar este trabalho tem instilado nova vida em mim.

Desde então, tenho notado quantas pessoas nas últimas fases da vida (pessoas em seus sessenta, setenta e oitenta anos), ganham vida quando se envolvem em atividades de assistência social. Servir às pessoas dá maior motivação para continuar vivendo.

A causa que Deus coloca dentro do seu coração nunca morre. Você pode passar por períodos difíceis na vida, mas a causa continuará a fazer parte do seu DNA espiritual. Sempre estará presente para guiá-lo a um lugar de significado, direção, impacto e alegria. Realizar a causa pode inspirar a vida de volta ao seu coração e alma. É mais um dos presentes especiais de Deus para você.



Uma maneira de saber se você está realmente vivendo para a sua causa é imaginar se a vida está produzindo felicidade ou alegria. Há uma grande diferença. Uma das recompensas de viver para a sua causa é que ela o libera de estar vinculado apenas ao que faz você feliz. Veja bem, a felicidade diz respeito a cuidar de você mesmo. O que faz você feliz? Para a maioria dos americanos abrange viver no conforto, pertencer aos grupos certos, participar de eventos especiais, ter muitos recursos à disposição e construir uma boa reputação. Essas coisas criam seu próprio tipo de escravidão, que proporciona uma forma temporária de felicidade. É temporário, porque você tem de continuar se ocupando com isso para reproduzi-lo e manter sua posição.

A alegria vem de saber que as pessoas estão numa melhor situação, por causa do valor que você lhes adicionou à vida.

Mas o desejo de Deus é que você tire os olhos de si mesmo e os ponha nos outros, não nas coisas que elas tenham que você quer, mas nas necessidades que elas têm que você pode atender. É o que Deus fez por você através de Jesus. Quando se investe inteiramente na sua causa, o fim resultante é alegria, a sensação duradoura de paz e consolo que redefine a sua vida.

A alegria vem de saber que as pessoas estão numa situação melhor por causa do valor que você lhes adicionou à vida. Você pode ter orado por elas, ou dado um milhão de dólares. O que importa não é como o mundo mede a magnitude do que você dá, mas que você sacrifica algo de sua vida pelas delas.

Katie Holloway conhece a alegria de servir através da sua causa. É jovem, na casa dos vinte, mas já estabeleceu histórico de fazer o que for necessário para servir o tipo de pessoas que Deus colocou em seu campo de ação, as quais, no caso dela, são crianças carentes. Quando veio para Los Angeles, ainda não estava ciente dessa chamada, mas ao longo dos últimos anos as coisas ficaram claras, e ela não perdeu tempo nessa busca:

Quando vim para Los Angeles de minha casa na Flórida, minha intenção era terminar a faculdade na Universidade Estadual da Califórnia (CSU) e depois conseguir um emprego. Depois de meses à procura de uma igreja, minha mãe sugeriu que eu fosse ao Centro dos Sonhos. Apaixonei-me pela igreja na primeira vez que participei. Depois de estar no Centro dos Sonhos por cerca de um ano, comecei a receber um coração e encargo pelas crianças sem-teto enquanto servia no Adote um Quarteirão e em alguns dos diferentes ministérios jovens.

Comecei a visitar os abrigos e ver o quebrantamento entre as crianças. Elas corriam para mim, me abraçavam e não me deixavam ir. Era uma completa desconhecida, mas queriam atenção e alguém para dizer-lhes que tudo ia ficar bem. Queriam que as pessoas olhassem para elas e não as vissem como as esquisitas da sociedade. Depois de ver estas crianças e ouvir suas histórias, meu coração se partiu. Tornei-me absorta ante meus pensamentos e as imagens das crianças que eu tinha visto. A paixão formou-se em mim para ver essas crianças e garotada mudarem.

Meus pais tinham começado um acampamento para crianças de rua em minha cidade natal. Senti o Senhor me chamar para iniciar um acampamento semelhante na Califórnia. Apesar do meu desejo de começar um acampamento, no início achei que era algo que eu não podia fazer por causa da minha idade. Mas depois de ver todos esses jovens servindo, conhecer o coração do pastor Matthew e saber que ele chegou a Los Angeles, quando tinha vinte anos, já com esta grande visão de fazer algo que nunca ninguém pensou que pudesse acontecer, fiquei inspirada. Eu sabia que tinha de sair nesse mesmo tipo de fé.

No primeiro ano, quando comecei, encontrava-me com quase dezenove anos. Compartilhei a visão com uma amiga, que foi extremamente favorável. Mas não conhecia muitas pessoas no Condado de Orange ou em Los Angeles, e estava petrificada, porque pensei: Quem sou eu para telefonar aos abrigos e igrejas, e convencê-los de que isso é algo que vamos fazer? Senti que as pessoas ririam na minha cara, quando eu dissesse que ia fazer alguma coisa em relação às crianças que estavam em abrigos que ficavam na vizinhança.

Muitas e muitas vezes as pessoas diriam: “Você é muito jovem. Mal começou a faculdade”. Ou: “Você não conhece ninguém”. Ou: “A estabilidade financeira que você precisa é algo que você não sabe lidar. Você mal se sus-tenta”. Até meus pais, que me apoiam em tudo, às vezes perguntavam algo como: “Katie, é

isso mesmo que você quer fazer? Acredita mesmo que pode fazer isso?" Mas em meu coração eu sabia que era algo que Deus estava me chamando para fazer. Acredito que quando você dá os primeiros passos de fé, o Senhor coloca as pessoas em sua vida, as quais realizam o que precisa ser realizado e ajudam a orientá-lo e direcioná-lo.

Lembro-me de no início telefonar para cinco abrigos, explicando o acampamento e perguntando-lhes: "É isto mesmo que vocês gostariam de fazer?" Não acreditava no que eu estava dizendo, porque o início do acampamento estava a apenas três meses e eu não tinha dinheiro, nem voluntários, nem igreja por trás e, mesmo assim, eu afirmava a estes abrigos que íamos fazê-lo. Lembro-me de desligar o telefone e pensar: O que foi que eu fiz? Nunca fizera nada igual. Sempre tenho um plano, pouco importando o que estou fazendo. Mas as pessoas destes abrigos estavam me agradecendo efusivamente. Alguns diretores choravam ao telefone, dizendo: "As pessoas não entendem as necessidades, a importância. Ninguém ajuda". Ficavam tão animados.

Dei um passo de fé e contatei uma igreja no Condado de Orange, que possuía uma área de camping. A igreja não só permitiu que utilizássemos suas instalações, mas sequer nos cobraram. Entrei em contato com outras igrejas e grupos universitários, e logo muitas pessoas estavam se oferecendo como voluntárias ou fornecendo apoio financeiro. Após esse primeiro passo de fé, encontrava alguém no estudo bíblico ou na lanchonete, e era como designação divina após designação divina, onde Deus estava abrindo as portas para nós. Ainda assim, recebi muitas rejeições e ouvi pessoas me dizerem que não era possível, mas isso só avivava as chamas do meu fogo.

Começamos então o Acampamento da Alegria em 2006, quando eu tinha apenas dezenove anos. Pegamos as crianças de Los Angeles e do Condado de Orange, que moram em abrigos emergenciais ou estão em casas secretas ou transitórias longe de pais ou mães abusivos. Nós as levamos para um acampamento de três ou quatro dias, quando cada criança recebe um mentor particular. Durante esses quatro dias, as crianças são amadas, servidas e cuidadas. Em cada noite temos um grande evento ou um culto de jovens.

Essas crianças não têm nada na vida. Costumam dormir em berços ou tatames nos quartos enormes dos abrigos. Damos a eles, então, sacos de dormir, sacos de roupas de frio, mochilas e material escolar, e tudo o que podemos imaginamos que as abençoará. Quando voltam para os abrigos, relacionamos determinadas

crianças com um mentor por um ano para que não apenas venham ao acampamento e depois voltem para casa e vivam a vida sozinhas. Queremos que encontrem a sua causa. Queremos que saibam que podem vencer a falta de moradia de gerações, e as ajudamos nessa lida. Procuramos ajudá-las a encontrar uma solução para superar suas condições circundantes e descobrir a sua própria causa. A sociedade anuncia que elas acabarão na mesma situação problemática que seus pais. Queremos que vejam que podem quebrar o ciclo.

Foi o que fiz durante meus anos de faculdade, além de terminar a faculdade e trabalhar. Havia declaradamente tempos em que me sentia impossibilitada de continuar ou que não conseguiria fazê-lo. Mas, veja bem, Deus sempre forneceu o necessário e abriu a próxima porta. Formei-me na faculdade em maio passado, e ainda estamos fazendo acampamentos e progredindo cada vez mais. Nas férias de meio de ano de 2010, aumentamos para dois acampamentos com sessões de três dias e quatro noites chamadas Avenida para Adolescentes. Novamente, as pessoas nos diziam que era rematada sandice de nossa parte, visto que significava levantar sessenta mil dólares. Sei pelos padrões do Centro dos Sonhos que é quantia pequena. Mas algumas vezes olhei para essa cifra e quase tive um ataque cardíaco. Em fins de 2010, porém, tínhamos servido centenas de crianças e adolescentes provenientes de dez abrigos de sem-teto em Los Angeles e no Condado de Orange.

Tem sido um grande processo de aprendizagem. Sempre fui uma pessoa impaciente e agressiva, mas o Senhor me freou para fazer estes acampamentos. É um desafio diário confiar nEle. Mesmo tendo me formado, seria normal eu desejar ter o meu futuro devidamente providenciado, mas não estava. Isso me deixou paralisada de pavor, mas aprender a depender do Senhor é minha principal lição. Esta é a lição de constantemente me voltar para buscar os seus conselhos e estar aberta e disposta a obedecer-lhe. Deus sempre está falando e nos ensinando sobre a causa para a nossa vida. Se ouvirmos e obedecermos, dando passos na fé, faremos coisas que nunca imaginamos que poderíamos fazer.

Quando olho para quatro anos atrás, fico muito feliz por ter ouvido e dado os passos de fé que pareciam ridículos. A experiência tem me ensinado muito e me levado a um lugar pelo qual sou muito grata. Pensei inicialmente que faria este acampamento apenas uma vez no verão, mas isso afetou a minha vida em todos os aspectos. Afetou até o meu futuro. Meu desejo era trabalhar no mundo empresarial. Mas quando estava na metade do meu curso, mudei de ideia. Sinto-me chamada para o ministério e o mundo sem fins lucrativos, imaginando o que

posso fazer para afetar a comunidade. Isso mudou minha vida.

Katie também mudou a vida de muitas outras pessoas. Como ela mesma admite, sua esperança de mudar as pessoas acabou mudando-a. Ela experimenta alegria muita acima de suas expectativas.

Essa alegria de cumprir a sua causa é algo que tenho o privilégio de experimentar com mais frequência do que você acredita. Lembro-me do dia em que quis fazer algo para abençoar os filhos das famílias semteto que moravam no Centro dos Sonhos. Telefonei para a diretora do programa que temos para essas famílias e pedi-lhe que reunisse todas as crianças e me encontrassem no Build-A-Bear* em Hollywood. Esperava talvez quinze ou vinte crianças, que seria um grupo de bom tamanho. Cheguei poucos minutos depois que chegaram e me perguntei de onde tinham saído todas essas crianças. Havia cerca de cinquenta crianças de nossas famílias desabrigadas. Cinquenta! Não sabia que tínhamos tantas. Fiquei pensando: Meu Deus! Vejamos, cinquenta crianças vezes quarenta dólares cada são... Mas isso não importava para mim. O fato maravilhoso foi quantas crianças seriam abençoadas por esta aventura improvisada.

Veja bem, os cálculos matemáticos saíram de minha mente no instante em que comecei a prestar atenção a essas crianças. Viram-me e, de repente, foi uma confusão. Abraçavam-me e diziam em voz alta: “Oba! Vamos ao Build-A-Bear! Oba! Vamos ao Build-A-Bear!”. Para muitas delas, era a primeira vez. Meus filhos já foram tantas vezes. Faz tempo que já não é algo que os deixa impressionados. Mas para essas crianças, seria uma lembrança eterna para a vida em formação.

A moça da loja chamou e começou a receber as crianças para que escolhessem as opções e montassem os ursos. Observar seus rostinhos e ouvi-las vibrarem não tinha preço. Escolheram o urso, as outras partes do bichinho e seguiram as instruções da moça sobre a forma de montá-lo. Então, ela esfregava o coração do urso para que ele “vivesse”, e as crianças saíam esfregando com alegria. Dançavam e davam pulinhos. Era bom demais para descrever. Eu não queria que a montagem dos ursos terminasse. Chegou a hora de limpar os ursos e dar nome para eles. Encontrava-me circulando entre as crianças, conversando com elas sobre seus ursos e os nomes que queriam e me divertindo como nunca.

Abordei uma menininha afro-americana, de uns seis anos de idade, e notei que ela tinha um urso macho.

— Ei, você tem um urso macho. Não quis fazer uma princesa ursa especial? Que tipo de urso você está fazendo?

Olhou para mim e disse:

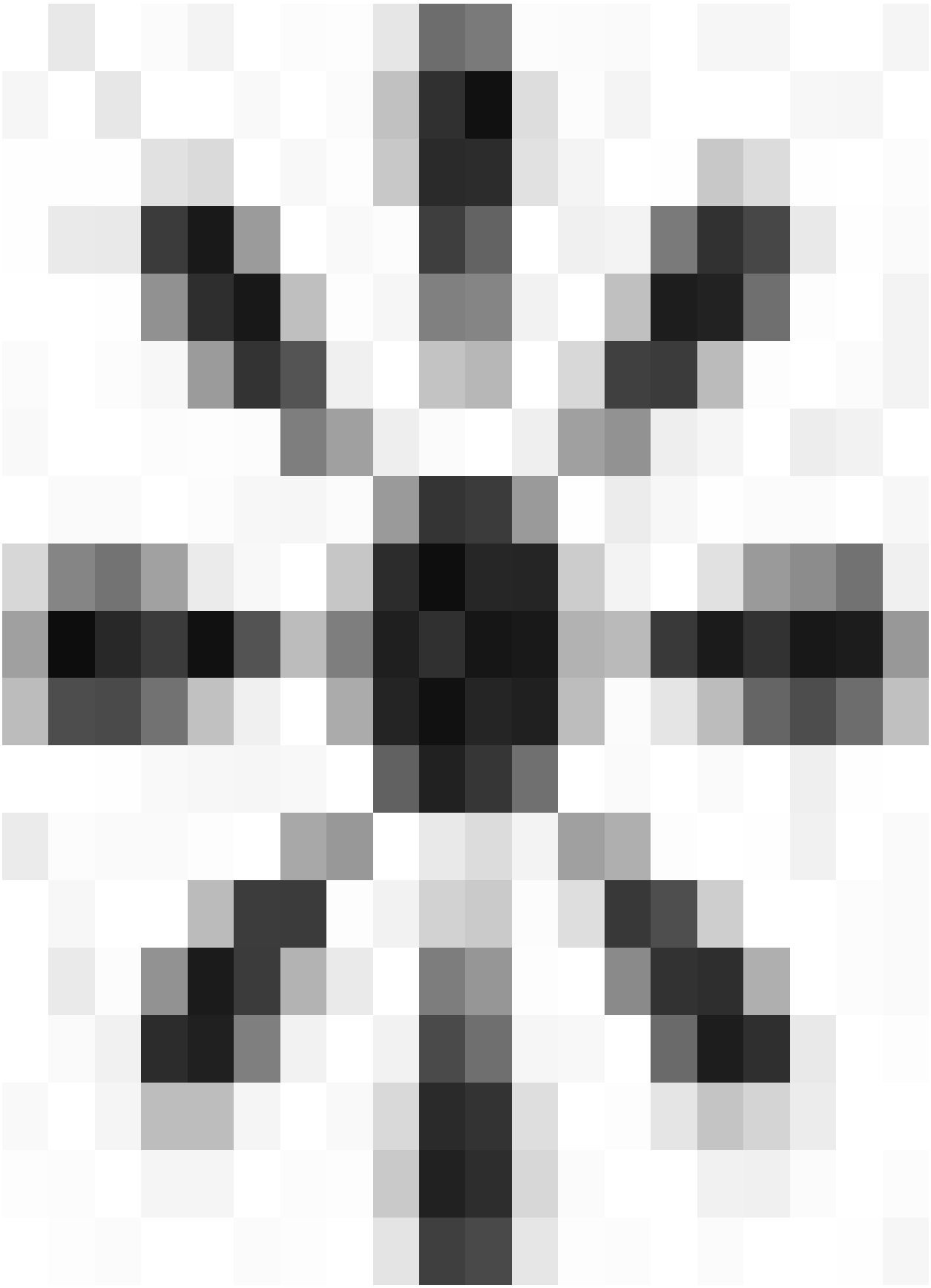
— Estou fazendo um Urso Super-herói Pastor Matthew.

Comecei a chorar ali, na frente dela, e disse-lhe que era maravilhoso. Abracei-a e agradeci-lhe. Deu-me aquele urso e disse:

— Fiz para você, pastor. O Urso Super-herói Pastor Matthew.

De onde veio essa inspiração no coração daquela menina? Meu Deus, fiquei profundamente sensibilizado! Mais uma vez percebi que preciso dessas pessoas mais do que precisam de mim e que me levaram a um nível de alegria e realização que jamais experimentaria em outro lugar. E o que é preciso para tanto? Ouvir o Espírito Santo, ser-lhe obediente e amar essas pessoas. É difícil? E como obter um melhor retorno do seu investimento? Quero dizer, veja bem: um Urso Super-herói Pastor Matthew feito à mão? Não tem como ser melhor que isso.

Você terá a alegria que vem através da sua causa quando se desinteressar de si mesmo e estiver focado nos outros. O mundo descreverá seus esforços como sacrificiais e dirá que seus motivos são altruístas. Não verá as coisas dessa maneira. Para você, sempre será fazer o que for preciso para realizar a causa que define quem você é e que o impulsiona a continuar a cada dia. Os bons sentimentos que tem não vêm da atenção pública ou das recompensas que recebe. Vêm de você ser consistente com o que Deus o criou para ser e de colher a alegria de ver Deus honrado e as pessoas amadas.



Você nunca exaurirá a sua causa. A sua causa não acabará antes de você. Se parece estar chegando ao fim, pode ter certeza de que ela se transformará em uma nova forma de servir às pessoas que tem por base o que você já experimentou. A sua causa foi feita para consumi-lo. Quando acontece, se torna como o sol, uma bola de energia em chamas que ilumina e traz vida a um mundo de corações e almas congeladas.

A sua causa foi feita para consumi-lo. Quando acontece, você se torna como o sol, uma bola de energia em chamas que ilumina e traz vida a um mundo de corações e almas congeladas.

Uma paráfrase de Provérbios 29.18 diz: “Se as pessoas não podem ver o que Deus está fazendo, elas tropeçam umas sobre as outras; mas quando atendem ao que ele revela, são mais que bem-aventuradas” (A Mensagem). Outra tradução observa que, sem a revelação de Deus, as pessoas vão à loucura, ignorando todos os limites ou limitações. Fazem as próprias regras e desenvolvem os próprios caminhos.

Olhe ao redor. Você verá que a sociedade de hoje está repleta de pessoas que, na cultura hodierna, não têm senso de Jesus ou do seu papel redentor dentro deste mundo. Há milhões de pessoas que não se importam em identificar a razão por que Deus as colocou no mundo. Optaram por não investir tempo ou energia em determinar que propósito especial e efeitos benéficos Ele tem para elas. Se duvida, basta examinar as prisões, as ruas, as salas de reuniões e as salas de aula. Você verá uma constante realidade: inúmeras pessoas perambulam pela vida em uma busca desesperada, mas mal definida, de significado e impacto. Felizmente, outras descobriram significado e impacto duradouros por meio da causa que Deus colocou dentro delas.

Está vendo o que Deus está fazendo ou, talvez, o que quer fazer em sua vida? É a sua vida suficientemente disciplinada pela consciência do grande propósito para o qual você foi criado? Você está cada vez mais empenhado em realizar esse sonho?

Pense na sua causa como um dom santo que Deus lhe deu. Afinal, é a causa de Cristo. Quando você for absorvido por essa causa, estará no ponto ideal da vida, preocupado em honrar a Cristo, amando ou outros para a maior felicidade deles. Quando eu era pequeno, os pregadores dos velhos tempos costumavam nos exortar a entregar a vida à causa de Cristo. Mesmo antes que entendesse completamente o que isso significava, eu sabia que era grande e especial. Era algo que queria. Eu não conseguia definir concretamente, mas sabia que tinha que ver com viver uma vida transformada e emocionante. Era uma vida maior do que meramente receber um cartão de “Saída Grátis do Inferno”.

Hoje, estando na mais plena realização dessa causa por quase três décadas, posso garantir que a causa de Cristo oferece uma vida de aventura e emoção. É uma vida vivida no limite, uma existência que é destemida no sentido certo. A causa de Cristo é grandiosa e sublime, e sua magnificência é imperfeita sem que você se comprometa de todo o coração. Sua participação na causa de Cristo catapulta você muito acima do sucesso levando-o ao significado eterno. É uma causa que está muito acima da sua capacidade mortal, mas, ao mesmo tempo, lamentavelmente incompleta sem a sua contribuição. A causa de Cristo é incomparável, e você é parte vital dela.

Há dois caminhos, mas apenas uma escolha.

Que caminho você escolhe?

---

* N. do T.: Rede especializada em ursos e outros bichos de pelúcia, onde a criança monta o seu a seu gosto.

Qual É a Única Grande Causa para a qual Você Foi Criado?

LER A CAUSA DENTRO DE VOCÊ pode ser o começo de uma nova jornada devida. Dê o próximo passo e partilhe este livro com seus amigos, família ou grupo em sua igreja, e analise para qual causa você foi criado.

Visite o site www.thecausewithinyou.com para se inteirar de recursos (em inglês) que o ajudam a continuar e compartilhar a jornada. Você encontrará:

A versão para impressão do Guia de Debate deste livro.

Um guia para debates mais extensos dividido em seis sessões para uso nas igrejas e grupos pequenos.

Oito vídeos de curta duração que trabalham com os guias de debate, apresentados pelo pastor Matthew Barnett:

– Um convite do pastor Matthew para participar no debate do livro (apropriado para recrutar pessoas ao debate).

– Vídeos para apresentar cada uma das seis sessões do debate em grupo.

– Vídeo de conclusão.

Notas para uma série de sermões com duração de seis semanas dedi-cada aos pastores.

Perguntas de avaliação pessoal e passagens bíblicas para orar e estudar.

Ideias para causas que você pode contribuir a partir do Centro dos Sonhos em Los Angeles.

Links para o fórum do Facebook de A Causa Dentro de Você, onde você compartilha sua história e experiências, além de ver as histórias dos outros.

Link para baixar gratuitamente uma canção exclusiva do Centro dos Sonhos ao Vivo, escrita para A Causa Dentro de Você.

Link para baixar gratuitamente o arquivo de áudio do pastor Mat-thew lendo versículos bíblicos relacionados a encontrar a causa dentro de você.

Para saber mais, visite o site www.thecausewithinyou.com

Guia de Debate

CAPÍTULO 1: Uma Noite nas Ruas

1. Matthew disse: “Senti-me desconfortável interiormente. É assim que Deus muitas vezes prende a minha atenção” (p. 19). Por que Deus usaria a sensação de desconforto para chamar a nossa atenção? Como Deus chama a sua atenção? Como você reage?

2. Por que Matthew passa uma noite no submundo? Que insights ele ganhou com a experiência? O que você faz para “demonstrar solidariedade com aqueles a quem [você serve]” (p. 20)?

3. Relembre uma ocasião em que Deus o chamou para fazer algo fora da sua zona de conforto. Como foi a experiência? Como você se sentiu? O que Deus o ensinou com essa experiência?

CAPÍTULO 2: Achados e Perdidos em Los Angeles

1. Como o fracasso de Matthew no Templo Betel o deixou aberto à voz de Deus? Como Deus fala com você em seus fracassos?

2. Pense nos “novos olhos” (p. 27) com que Matthew passou a ver o Parque Echo. Como o seu ponto de vista em relação às pessoas desta região da cidade e aos seus motivos para estar em Los Angeles mudou? Você já teve tal experiência surpreendente? Explique.

3. “Às vezes você precisa ser radical para acertar, para voltar a ter contato com os batimentos do coração da causa que está dentro de você” (p. 28). Já descobriu

que esta declaração é verdadeira? Explique usando exemplos pessoais, se possível.

CAPÍTULO 3: Comemoração na Calçada

1. Matthew disse: “O medo não pode dominar você quando uma grande causa rege o seu coração” (p. 31). Como esta declaração é vista na experiência de Matthew com o submundo? Você já viu exemplos disso em outros lugares, quer em sua vida quer na vida dos outros? Em caso afirmativo, liste-os.

2. Na página 32, Matthew refere-se à inconveniência como um dom.

Você já viu a inconveniência desta forma? Explique. Como ver a inconveniência como dom muda a sua perspectiva em tempos difíceis?

3. Lawrence insiste que Matthew leve a Bíblia com ele para o submundo, e a Bíblia muda a forma como os outros percebem e interagem com Matthew. Na sua opinião, por que isso aconteceu? Por que a Bíblia que ele levou abriu oportunidades para compartilhar a fé?

4. Descreva a experiência de mendicância de Matthew. Como você se sentiria em circunstâncias semelhantes? Esta narrativa afeta a forma como você vê aqueles que pedem dinheiro? Explique.

CAPÍTULO 4: A Razão para Sair da Cama

1. Qual é o benefício de servir aos outros em vez de a nós mesmos? Como é colocar os outros em primeiro lugar?

2. “Quando você carrega o fardo de Deus, ele é leve, sobretudo em comparação com as cargas que você cria para si mesmo” (p. 49).

Quando foi que você carregou o fardo de Deus no passado ao atuar nas áreas dos seus pontos fortes?

3. O que Matthew quer dizer por “nossos pequenos atos de amor têm um efeito cascata” (p. 52)? Concorda? Explique com exemplos.

4. Qual é a importância de identificar a causa dentro de você agora?

5. Qual sua opinião sobre a meta que Matthew dá à vida: “Consuma-se, fazendo o bem onde quer que você puder, até que não lhe reste nada mais a dar” (p. 57)? Qual é a sua reação inicial a este objetivo? O quanto a sua vida mudaria se trabalhasse para alcançar este objetivo?

CAPÍTULO 5: Descobrindo a Causa para toda a Vida

1. O que significa “entregar a sua vontade a Deus” (p. 61)? Conhece pessoas que entregaram? Que características compartilham?

2. “Muitas vezes, a sua causa é revelada quando você está no ponto mais baixo do vale, e não no pináculo da montanha” (p. 64). Concorda? Por que acha que é assim? Como a história de Alfred apoia o ponto de Matthew?

3. Caroline disse: “Perguntei a Deus nas minhas orações por que isso estava acontecendo e senti que sua resposta foi... [ele me perguntar por que] eu estava permitindo que isso acontecesse” (p. 70). Ver o sofrimento dos outros como sua responsabilidade causa impacto na forma de servi-los?

4. Matthew sugere estar aberto a convites para servir, visto que “esse convite pode ser o início da aventura que identifica os meios de encher o vazio em seu coração” (p. 72). Até que ponto você é aberto a convites para servir? O que é necessário para estar mais aberto a essas oportunidades?

CAPÍTULO 6: Não Deixe nada em seu Caminho

1. “Existem coisas que você tem de fazer para viver [...]. Mas os atos que o impelem para fora do âmbito da sobrevivência e lhe proporcionam um maior sentido de alegria são os que tornam o mundo um lugar melhor” (p. 76). Quais são as “coisas que você tem de fazer para viver”? Sente que tem tempo para uma “causa” no meio de suas atividades necessárias? Explique.

2. Qual a sua opinião sobre a ideia da “revelação progressiva” de Deus (p. 77)? Você se relaciona com a experiência de Matthew acerca da revelação progressiva no trabalho que ele faz com o Centro dos Sonhos? Dê exemplos.

3. O que Matthew entende por “espaço do milagre”? Quais são seus exemplos de espaço do milagre? Que outros exemplos você poderia adicionar?

4. Você já foi criticado por obedecer ao chamado de Deus? Como reagiu à crítica? Como tirar vantagem das críticas negativas levantadas contra você?

5. Lembre-se das histórias de Barry, Matthew e Alena narradas neste capítulo. Que obstáculos enfrentaram para realizar a causa deles? Como venceram os obstáculos?

CAPÍTULO 7: O Poder de uma Atitude Adequada

1. Matthew disse: “Se eu permitir que as circunstâncias ditem meus sentimentos, estarão, antes que eu perceba, ditando minhas ações” (p. 95). Qual sua reação a essa declaração? Já teve experiências com isso em sua vida? Dê exemplos.

2. Qual é a vantagem de aprender a gostar do estágio em que você está? Por que Matthew considera crucial desenvolver uma atitude correta para o serviço?

3. Analise a história de Max registrada nas páginas 102 a 104. Como Max chega ao ponto de acolher a família sem-teto para ficar com ele?

4. Qual é a diferença entre ambição e missão? Por que a missão é o melhor fator de motivação?

5. Qual é a importância de se “fazer a lição de casa” (p. 107), enquanto se está envolvido em uma causa? Por que Matthew sugere dedicar-se “à diligência e não à perfeição” (p. 107)?

CAPÍTULO 8: Faça Acontecer

1. O que Matthew quer dizer com “pensar grande e agir pequeno” (p. 110)? Quais são os seus pensamentos sobre este princípio?

2. Porque a urgência em atender às necessidades é fundamental na realização da sua causa? Como a urgência muitas vezes nos força a agir antes de estarmos “prontos”? Isso é bom? Explique.

3. Reflita sobre a resposta do Centro dos Sonhos diante da necessidade criada pelo furacão Katrina. Como puderam agir tão rapidamente? Imagine como você agiria nessa situação e compare e contraste a sua reação com a deles.

4. Como a história de Nikki ilustra a necessidade de ganhar o direito de ser ouvido? Como Nikki ganhou esse direito?

5. Como a mudança de ambiente afeta a produtividade do ministério? Use como ilustração as histórias de Jake ou de Emilio e Karina, ou a sua própria história.

CAPÍTULO 9: Forme sua Equipe para Mudar o Mundo

1. Por que “a parceria é o elemento crítico na busca do seu sonho” (p. 131)?

2. Como a declaração “é incrível o quanto pode ser feito quando você não se importa com quem recebe o crédito” (p. 133) é exemplificada no papel de Matthew e de seu pai no Centro dos Sonhos?

3. Aaron compara a realização da sua causa a um vício. Esta comparação faz

sentido para você? Já experimentou uma causa como esta? Que outras ilustrações pode usar para ilustrar a realização da sua causa?

4. Descreva os seus pensamentos sinceros sobre a oração. Qual é o propósito da oração na sua vida? Que regras e limitações (se houver) você impõe sobre a oração?

CAPÍTULO 10: A Hora Certa de Desistir

1. Descreva uma ocasião em que você teve vontade de desistir. O que o levou a esse ponto? O que aconteceu?

2. Na sua opinião, por que Matthew aconselha aos desanimados quanto à causa a "[darem] mais um dia" (p. 152)?

3. Você já teve um avanço logo depois de sentir desejo de desistir? Relembre o acontecido. Até que ponto foi tentado a desistir antes de o avanço ocorrer?

4. Por que é importante ter equilíbrio na vida, "ter uma vida fora da nossa causa" (p. 159)? Como você procura descansar e acalmar as ideias em tempos estressantes?

5. Como concentrar-se nas vitórias o ajuda a perseverar na sua causa?

CAPÍTULO 11: Os Prazeres de Realizar a sua Causa

1. Como a história que Matthew conta sobre Jim Bakker ilustra a importância de ter e realizar uma causa na sua vida?

2. "Servir às pessoas dá maior motivação para continuar vivendo" (p. 166). Concorda? Explique.

3. Como a alegria se relaciona com a causa dentro de você? Por que a alegria é

indicador-chave de uma causa?

4. Quais são as consequências de não buscarmos uma causa? Quais são as recompensas de realizá-la?

5. Qual é o mais forte argumento ou exemplo que Matthew dá em favor de buscar e realizar a sua causa?

Passagens Bíblicas Relacionadas

A BÍBLIA ESTÁ CHEIA de passagens que tratam da importância e do processo de encontrar a causa dentro de você. A lista a seguir apresenta algumas passagens bíblicas que me foram úteis. Cada passagem vale por si só, mas a leitura de todas elas, a partir da primeira até a última, pode ser uma viagem informativa e motivadora! Dedique alguns minutos para ler as passagens, refletindo sobre a relevância que tenham com a sua vida e pensamento no que tange ao que Deus está dizendo para você.

1 SAMUEL 10.20-23

Fazendo, pois, chegar Samuel todas as tribos, tomou-se a tribo de Benjamim. E, fazendo chegar a tribo de Benjamim pelas suas famílias, tomou-se a família de Matri; e dela se tomou Saul, filho de Quis; e o buscaram, porém não se achou. Então, tornaram a perguntar ao SENHOR se aquele homem ainda viria ali. E disse o SENHOR: Eis que se escondeu entre a bagagem. E correram e o tomaram dali. E pôs-se no meio do povo e era mais alto do que todo o povo, desde o ombro para cima.

PROVÉRBIOS 1.7

O temor do SENHOR é o princípio da ciência; os loucos desprezam a sabedoria e a instrução.

PROVÉRBIOS 3.5-7

Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas. Não sejas sábio a teus próprios olhos; teme ao SENHOR e aparta-te do mal.

PROVÉRBIOS 29.18

Não havendo profecia, o povo se corrompe; mas o que guarda a lei, esse é bem-aventurado.

ISAÍAS 1.17

Aprendei a fazer o bem; praticai o que é reto; ajudai o oprimido; fazei justiça ao órfão; tratai da causa das viúvas.

ISAÍAS 55.8,9

Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o SENHOR. Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos.

JEREMIAS 17.9

Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?

JEREMIAS 29.11-13

Porque eu bem sei os pensamentos que penso de vós, diz o SENHOR; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que esperais. Então, me invocareis, e ireis, e orareis a mim, e eu vos ouvirei. E buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração.

MATEUS 6.33,34

Mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas. Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal.

MATEUS 7.12

Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas.

MATEUS 11.28-30

Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.

MATEUS 12.30,31

Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha. Portanto, eu vos digo: todo pecado e blasfêmia se perdoará aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens.

MATEUS 19.26

A Deus tudo é possível.

MATEUS 23.11,12

Porém o maior dentre vós será vosso servo. E o que a si mesmo se exaltar será humilhado; e o que a si mesmo se humilhar será exaltado.

MATEUS 25.21

E o seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel,

sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.

MARCOS 12.30,31

Amarás, pois, ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes.

LUCAS 5.10,11

E disse Jesus a Simão: Não temas; de agora em diante, serás pescador de homens. E, levando os barcos para terra, deixaram tudo e o seguiram.

LUCAS 12.48

Mas o que a não soube e fez coisas dignas de açoites com poucos açoites será castigado. E a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá, e ao que muito se lhe confiou, muito mais se lhe pedirá.

LUCAS 16.10

Quem é fiel no mínimo também é fiel no muito; quem é injusto no mínimo também é injusto no muito.

LUCAS 19.11-27

E, ouvindo eles essas coisas, ele prosseguiu e contou uma parábola, porquanto estava perto de Jerusalém, e cuidavam que logo se havia de manifestar o Reino de Deus. Disse, pois: Certo homem nobre partiu para uma terra remota, a fim de tomar para si um reino e voltar depois. E, chamando dez servos seus, deu-lhes dez minas e disse-lhes: Negociai até que eu venha. Mas os seus concidadãos aborreciam-no e mandaram após ele embaixadores, dizendo: Não queremos que este reine sobre nós. E aconteceu que, voltando ele, depois de ter tomado o reino, disse que lhe chamassem aqueles servos a quem tinha dado o dinheiro, para saber o que cada um tinha ganhado, negociando. E veio o primeiro dizendo: Senhor, a tua mina rendeu dez minas. E ele lhe disse: Bem está, servo bom, porque no mínimo foste fiel, sobre dez cidades terás a autoridade. E veio o segundo, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu cinco minas. E a este disse também: Sê tu também sobre cinco cidades. E veio outro, dizendo: Senhor, aqui está a tua mina, que guardei num lenço, porque tive medo de ti, que és homem rigoroso, que tomas o que não puseste e segas o que não semeaste. Porém ele lhe disse: Mau servo, pela tua boca te julgarei; sabias que eu sou homem rigoroso, que tomo o que não pus e sego o que não semeei. Por que não puseste, pois, o meu dinheiro no banco, para que eu, vindo, o exigisse com os juros? E disse aos que estavam com ele: Tirai-lhe a mina e dai-a ao que tem dez minas. E disseram-lhe eles: Senhor, ele tem dez minas. Pois eu vos digo que a qualquer que tiver ser-lhe-á dado, mas ao que não tiver até o que tem lhe será tirado. E, quanto àqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e matai-os diante de mim.

JOÃO 5.1-9

Depois disso, havia uma festa entre os judeus, e Jesus subiu a Jerusalém. Ora, em Jerusalém há, próximo à Porta das Ovelhas, um tanque, chamado em hebreu Betesda, o qual tem cinco alpendres. Nestes jazia grande multidão de enfermos:

cegos, coxos e paralíticos, esperando o movimento das águas. Porquanto um anjo descia em certo tempo ao tanque e agitava a água; e o primeiro que ali descia, depois do movimento da água, sarava de qualquer enfermidade que tivesse. E estava ali um homem que, havia trinta e oito anos, se achava enfermo. E Jesus, vendo este deitado e sabendo que estava neste estado havia muito tempo, disselhe: Queres ficar são? O enfermo respondeu-lhe: Senhor, não tenho homem algum que, quando a água é agitada, me coloque no tanque; mas, enquanto eu vou, desce outro antes de mim. Jesus disse-lhe: Levanta-te, toma tua cama e anda. Logo, aquele homem ficou são, e tomou a sua cama, e partiu.

ATOS 20.24

Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus.

ROMANOS 5.3-5

E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência; e a paciência, a experiência; e a experiência, a esperança. E a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado.

ROMANOS 8.28

E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto.

ROMANOS 8.31

Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?
ROMANOS 12.1,2

Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

ROMANOS 12.9

O amor seja não fingido. Aborrecei o mal e apegai-vos ao bem.

1 CORÍNTIOS 12.7

Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil.

1 CORÍNTIOS 12.28-31

E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente, apóstolos, em segundo lugar, profetas, em terceiro, doutores, depois, milagres, depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas. Porventura, são todos apóstolos? São todos profetas? São todos doutores? São todos operadores de milagres? Têm todos o dom de curar? Falam todos diversas línguas? Interpretam todos?

Portanto, procurai com zelo os melhores dons; e eu vos mostrarei um caminho ainda mais excelente.

1 CORÍNTIOS 15.58

Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor.

GÁLATAS 5.22,23 (ARA)

Mas o fruto do Espírito é: o amor, o gozo, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão, o domínio próprio; contra estas coisas não há lei.

FILIPENSES 4.6

Não estejais inquietos por coisa alguma; antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus, pela oração e súplicas, com ação de graças.

COLOSSENSES 3.23

E, tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor e não aos homens.

TIAGO 1.27

A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo.

TIAGO 3.13

Quem dentre vós é sábio e inteligente? Mostre, pelo seu bom trato, as suas obras em mansidão de sabedoria.

1 JOÃO 4.18 (ARA)

No amor não há medo antes o perfeito amor lança fora o medo; porque o medo envolve castigo; e quem tem medo não está aperfeiçoado no amor.

Notas

[1] 1 João 4.18.

[2] João 3.16.

[3] Mateus 11.30.

[4] Marcos 12.30,31.

[5] Hebreus 2.6,7.

[6] Veja, por exemplo, Salmos 34.8.

[7] Romanos 8.31.

[8] Mateus 6.33.

[9] Lucas 19.17.

[10] Veja 1 Samuel 17.

[11] Mateus 5.28.

[12] Hebreus 13.5.

[13] Veja Jeremias 1.5.

[14] 1 João 4.18 (ARA).

[15] Romanos 5.3-5.

Sobre os Autores

MATTHEW BARNETT assumiu o pastorado do Templo Betel em 1994 com a idade de vinte anos. Depois de um encontro transformador que teve com Deus, ele ajudou o Templo Betel a passar de uma igreja de estilo tradicional para um ministério voltado a servir, que cresceu no que hoje é conhecido por Centro dos Sonhos. Compelido pela visão de impactar toda a Los Angeles, tratando das necessidades físicas, materiais e espirituais das pessoas de forma única e prática, o Centro dos Sonhos tornou-se um fenômeno que já alcança mais de trinta mil pessoas por semana, através de seus múltiplos cultos e de mais de duzentos ministérios voltados a atender os necessitados.

Barnett também é o pastor titular do histórico Templo dos Anjos, que em 2001 combinou forças com o Centro dos Sonhos em uma unificação histórica de importantes ministérios de duas denominações (Quadrangular e Assembleia de Deus). Os cultos dominicais no Templo dos Anjos hoje recebem mais de seis mil pessoas por semana.

O pastor Barnett é palestrante requisitado em igrejas, convenções, conferências, reuniões de acampamento ao redor do mundo. Presta consultoria a grandes empresários, celebridades e atletas, e seus esforços têm sido publicamente elogiados por presidentes e grandes meios de comunicação. Apresenta um programa semanal de televisão chamado The Church That Never Sleeps (A Igreja que nunca Dorme), que vai ao ar nacional e internacionalmente. É autor do livro The Church That Never Sleeps (A Igreja que nunca Dorme), e já ganhou inúmeros prêmios, inclusive o Religious Heritage Award (Prêmio Patrimônio Religioso).

Matthew conheceu Caroline Olsson, que servia como voluntária no Centro dos Sonhos. Casaram-se em 1999, têm uma filha (Mia Aimee) e um filho (Caden West). Residem em Los Angeles. Visite o site www. matthewbarnett.com.

GEORGE BARNA publicou seu primeiro livro já na adolescência e, desde então, não parou de escrever. Trabalhou como jornalista esportivo, escritor de discursos para funcionários públicos, redator de publicidade e campanhas de marketing direto e aclamado escritor de livros e artigos. Como fundador do Grupo Barna, empresa americana de pesquisa de mercado focada na intersecção entre fé e cultura, George já tem mais de cem artigos baseados em pesquisas que constam em revistas e jornais. É autor de mais de quarenta e cinco livros, inclusive os best-sellers A Rã na Chaleira (Abba Press), O Poder da Visão (Abba Press), Transformando Crianças em Campeões (Náos) e Revolução (Abba Press). Seus livros já ganharam diversos prêmios e foram traduzidos para mais de uma dezena de idiomas. Seus boletins e blogs pela Internet são lidos por milhões de pessoas.

George serve como pastor de ensino em uma grande igreja no sul da Califórnia. Apresenta dezenas de programas transmitidos pela Church Communication Network (CCN), e leciona nas universidades de Pepperdine, Biola, Dallas Baptist e Asuza Pacific. Fundador da organização Metaformation e também diretor fundador do Grupo Strategenius, mora com a esposa e três filhas em Ventura, Califórnia. Visite o site www.georgebarna.com.